

# Uma Primavera Adiantada

Barbara Ganizev Jimenez  
Ilustração Renan Marcondes  
**Prólogo**

O sol estava alto, não havia vento algum, e a areia seca trincava sob os pés daqueles comerciantes, que desesperadamente tentavam vender suas imitações de artefatos baratos.

Aquele calor a estava irritando, desde a hora que fora obrigada a sair da piscina do hotel. Não sabia nem ao menos porquê de estarem fazendo aquilo. Não eram férias em família? Por que tinham que deixar a mãe e o Charles no hotel? Mas a resposta de seu pai era que Charles ainda não estava pronto para ver o que ele iria lhe mostrar, logo sua mãe teria que ficar com ele.

Andavam a pé já fazia uma hora, e a única coisa que seu pai sabia fazer era apontar monumentos e dizer o quanto eles já significaram para humanidade. Mas ela não queria saber de nada disso, só conseguia pensar onde ele estava a levando e se podia tomar um sorvete.

- Chegamos. - Anunciou ele.

A decepção foi clara no rosto da menina; mais monumentos históricos.

Começaram a entrar em um tipo de sítio arqueológico e quanto menos pessoas havia e mais escuro ficava. Menos ela entendia.

- Por aqui. - Ele mostrou.

Por fim estavam dentro de uma caverna escura. Ela sentiu um frio percorrer-lhe a barriga, olhou para o pai; alto com seus cabelos castanhos, nada aconteceria á ela na presença dele, apertou-o no braço e choramingou.

- Eu não vou levar nenhum susto, certo pai?

- Não, claro que não. - Sorria ele. Mas querida, você vai ter que entender que nem tudo pode ser agradável aos seus olhos.

Olhando com confusão para o pai, decidiu que havia achado aquela frase esquisita, mas decidiu não comentar nada naquele momento, só respirou fundo e entrou. Dentro havia algumas tochas colocadas pelos espeleólogos, contudo o que o pai queria lhe mostrar estava nas paredes.

Pinturas Maias. Eram assustadoras em sua opinião. E quando foi entendendo o que elas significavam mal pode conter o gemido, não podia acreditar no que eles estavam fazendo.

Já havia largado da mão de seu pai e estava com o nariz colado em uma parede. Era uma gaiola. Ao olhar para a cara do pai com horror, ele apenas assentiu á ela.

## **Capítulo I**

### **A Viagem...**

*“Ela abraçou com lágrimas nos olhos, um Charles confuso...”*

As pessoas nunca param para imaginar todas as coisas que estão acontecendo no nosso mundo, ao mesmo tempo. Algumas chegam até, pensar em outro mundo, outra dimensão, mas logo desviam o pensamento achando que é besteira. E então que eu digo, que é incorreto afirmar que ninguém conhece outra dimensão, pois para fazer esta afirmação você tem que pelo menos conhecer todas as pessoas do mundo, e para isso você tem que dispor de algum tipo de magia ou ter pelo menos tantos anos quanto todos os mundos. Eu, particularmente só conheci um ser que dispunha ter tantos anos quanto todos os mundos.

Então não teime em discutir comigo, pois se não vou chegar à conclusão que você tem uma mente crua e sem esperança de um adulto, cujo já tem toda a sua vida programada, pois já não riem mais e não acham graça nas pequenas coisas. Alguns não têm mais fé ou confiança, como é o caso das tristes crianças Valeinstain.

Quando você é criança tudo é mais fácil, não é? Ou é. Ou não é. Ou você gosta. Ou não. Ou você faz. Ou não. Não há a existência dos “poréns”, nem das más conseqüências, muito menos dos “e se...”. É literalmente tudo muito simples, e às vezes os próprios adultos se questionam sobre o porquê de não terem continuado assim.

Ainda por cima, quando se é criança há a razão de se acreditar e confiar em quase tudo. E quando tudo é possível; coisas maravilhosas tendem a acontecer.

Mas eles haviam se esquecido.

- Então, eles podem ficar um mês? Claro mãe, eu levo a comida, e depois da segunda semana eu faço uma visita á vocês. Ok... Obrigada mãe, obrigada.

Charles mal acabou de ouvir e já saiu correndo para o quarto da irmã. Sabia que talvez nem conseguisse entrar, mas ela tinha que saber. Ele corria. Ele batia. Uma, duas, três vezes. O alívio.

- O que você quer? - Perguntou Valquíria quase gritando em meio do som alto, que vinha de seu quarto.

- Você não faz idéia Val... - E foi logo entrando.

- - Você precisa mesmo entrar para falar? - Perguntou ela com desgosto. Ignorando-a ele continuou.

- Val, - Dizia ele incomodado pelo som. Nós vamos passar as férias na casa da vovó e do vovô.

- O quê? Da onde você tirou essa idéia absurda? - Já fechando a porta e desligando o som, o que deixou seu irmão muito mais calmo por perceber que estava sendo levado a sério.

- Ouvi a Roberta no telefone, falando com a vovó.

- De novo essa história... É mãe, não entendeu?

- Eu vejo as mães de todo mundo na escola e ela não. Acho que ela não se encaixa neste conceito.
  - Meu deus. Ela é sua mãe! ... Pode não ser exatamente o que se espera, mas... Ah! Deixa pra lá, então é verdade?
  - O que?
- Valquíria já estava sem paciência.
- Que vamos passar as férias na casa da Vovó?
  - Ah! É sim.

Os dois pararam de falar, e pensaram se seria de total verdade aquela notícia, porque se fosse, não havia nada que os desse mais desespero.

Charles conheceu muito pouco do pai e da mãe. Hoje com sete anos ele é extremamente inteligente para sua idade, e posso lhe dizer que os seus óculos só dão mais nome ainda para sua aparência. Confuso em relação à atitude da irmã para com ele, nunca recebeu muito carinho, mas sente falta deste. Isso tudo o torna um menino fraco, contudo inteligente.

Você pode pensar que isso foi uma conversa muito estranha para dois irmãos, mas desde sempre eles eram assim; tinham uma relação aparente superficial, apenas um momento que exigisse importantes e imediatas prioridades, uniria os.

E assim não demorou muito para eles receberem aquela notícia oficialmente, pela sua mãe

Roberta era uma mãe muito carinhosa e atenciosa, pelo menos até sua primeira filha Valquíria ter oito anos. Pouco depois ela aceitou um emprego numa transnacional, de grande importância para o mercado. A empresa fabrica aquelas coisas pequenas, prateadas e que de nada servem.

Assim que ela recebeu a oferta, viu que o salário era interessantíssimo, pois a renda do marido já não era suficiente para os três. Logo, ao passo que pensava em todo o conforto que ofereceria para ele, Val e o bebê, Roberta aceitou. Mas infelizmente ela se tornou uma mãe ocupada e ausente, e nem para o seu filho Charles, que acabara de nascer, deu necessária atenção.

Os dois irmãos não estavam conseguindo ver um lado bom naquilo tudo, como iam sobreviver duas semanas com os avós, se não viam eles há anos já.

As malas já estavam guardadas, e eles já estavam no carro, olhando com um olhar suplicante que ia da mãe para a casa. E quanto mais olhavam, mais se torturavam. Então logo partiram.

- Não! Espera. Meu computador!
- Aí filho... Você quer mesmo levar o seu computador?
- Ora, mas é claro Roberta.
- Ta, mas pode me chamar de mãe? – Já abrindo a porta do carro.

- Como quiser. - Disse Charles enquanto saltava do carro, rumo a casa.

Lá dentro ele olhou para aquela casa, não sabia o porquê, mas estava com lágrimas nos olhos e uma dor dava pontadas no seu peito, alguma coisa lhe dizia que não a veria mais. Então ele decidiu-se por pegar uma sacola e enfiar diversas coisas lá dentro.

- Como você demorou, pirralho.
- Não fale assim com seu irmão, Valquíria!
- Eu não me importo. Um dia aquele sentimento que se denomina amor, vai se propagar por ela.

Valquíria girou os olhos.

Eu sei que você deve estar estranhando um menino de sete anos falar assim, mas era assim que Charles era. Muito mais inteligente do que uma criança comum da sua idade, ou ainda de muitos de quatro graus acima, posso dizer que uma das explicações para isso foi o fato de praticamente toda a sua atenção durante a infância foi voltada para o estudo, e nada para o afeto.

Valquíria Valeinstain era uma menina espontânea e divertida, até seu pai morrer. O que a fez colocar toda a culpa, inconscientemente, no irmão que fez três anos no mesmo mês da morte do pai. Alguns médicos pensaram que fora devido á fortíssima ligação que ela tinha para com o pai, e como não tinha quase a presença da mãe, ela usou o irmão, uma figura mais presente, para depositar a culpa.

Todos tinham que admitir que a paisagem durante a viagem fora muito interessante. Para a Sra. Valeinstain havia muitos prédios e cidades, com pessoas fazendo demasiados afazeres, mas ainda sim todas felizes e satisfeitas. Já para Valquíria havia casarões que pareciam castelos, e árvores gigantescas onde ela se via deitada lendo um bom livro. Para Charles havia plantas e animais totalmente exóticos, que mereciam, com toda certeza serem pesquisados.

Por que cada um deles via algo diferente? Não há uma explicação racional, ou exata, apenas que a vida deles estava prestes a mudar. A magia já estava interferindo.

Eu não sei você, mas eu acho que qualquer criança, velho ou adulto que sabe muito da vida, acredita ou suspeita que exista magia, mas os irmãos Valeinstain estão longe de acreditar e é por isso que eles terão que passar por essa experiência. Ah! Claro, e não se preocupem, eles não vão descobrir que viram caminhos diferentes pela viagem, acho... Que nunca chegaram a descobrir.

O pânico estava dominando á cabeça das crianças, exatamente com a mesma duvida. Até que depois de se segurar muito, ela explodiu:

- Mãe! Exatamente *o que* nós vamos ficar fazendo lá?
- Ora, ora Valquíria Valeinstain! São seus avós!
- Você não respondeu a minha pergunta! - Retrucou Val furiosa.

- Já é tarde demais... - Alguém sibilou.
- Por quê? - Exclamaram mãe e filha ao mesmo tempo para Charles.
- Que foi? - Perguntou Charles ao perceber que elas estavam dirigindo-se á ele.
- Porque você disse isso... Pirralho...? - Sussurrando cuidadosa com olhar da mãe.
- Eu não disse nada. Foi você quem disse.
- Filho, nós sabemos que foi você.
- Roberta! Eu não disse nada, tenho certeza disso.
- Chame-me de Mãe! - Enquanto ela gritava, não viu uma árvore.

A estrada não tinha carro algum, pois estavam indo para o interior do estado, numa época nada propícia. Depois da primeira hora passada da viagem, ela diminuiu a velocidade, pois surgiram ao decorrer do caminho muitas curvas. E foi em uma delas que Roberta virou-se para brigar com o filho e perdeu por poucos segundos á direção.

Podemos dizer que não foi uma batida muito feia. Saíram todos bem, fora alguns arranhões no carro, que Roberta logo arrumaria assim que voltasse para casa. Nada de interessante aconteceu no resto da viagem, exatamente como havia sido toda a vida daquela família.

Eles chegaram á casa dos avós sem trocar nenhuma palavra e a voz misteriosa fora esquecida, para o alívio de todos, mas não por sorte.

A casa dos avós Valeinstain era muito bela, como um castelo antigo da própria Inglaterra; jardins magníficos com um bosque onde se tem vontade de passar o dia inteiro, e ainda se esforçar para pensar em voltar para casa. Uma estufa com as mais diferentes espécies de flores. Do lado de dentro havia escadas, salões, uma biblioteca, quartos e torres. Era o tipo de casa que você poderia passar a vida toda nela, sem conhecê-la intimamente, acabando por descobrir sempre algo novo todo dia. Mas infelizmente Val e Charles só viam uma casa antiga, da qual casa os dava calafrios. Talvez fosse simplesmente porque eles não queriam ver, ou já não conseguissem mais acreditar nessas coisas.

- Bem eu já vou indo mãe. - Disse Roberta pegando suas chaves.
- Já? Mas está tão cedo!

Todo mundo sabe que esse diálogo precisa haver em qualquer encontro.

- É, eu vou. Charles venha aqui. Me dá um abraço filho. - Aproveitando o beijou. Saiba que a mamãe te ama muito, e voltarei em breve ok?
- Eles vão ficar bem, querida.
- É, Robe... Quer dizer mãe. Vou ficar. - Disse ele desvencilhando-se da mãe.
- Eu sei que vai... Val?
- Oi mãe. - Respondeu aborrecida, odiava coisas melosas.

- Venha aqui. - Roberta a puxou para um canto. Olhe bem Val, eu estou indo embora, porque sei que fará bem para vocês ficarem um tempo aqui nesta casa...
  - Como a senhora pode saber? - Perguntou Valquíria com os olhos cheios de lágrimas.
  - Filha, eu apenas sei. E sei também que o seu irmão precisa de você... Não o culpe, por nada... Está bem?
- Val já chorando muito, sem saber porquê.
- Co-como assim? Cu-ulpar?
  - Bom, você sabe, não é... Já esta bem grandinha para continuar achando que foi por culpa dele que seu pai morreu. Mas ele não tem nada a ver com isso e como todos sabem...

Aquilo á fisgou no fundo de seu peito e puxou até sua garganta. Sabe quando a gente sente uma pontada de dor, de algo já esquecido? Pois foi isso que Val sentiu. Ela ficou tão indignada com a audácia da mãe falar aquele "absurdo" e citar o pai tão indignamente, que dali ela saiu correndo e subiu as escadas.

- O que houve com ela? - perguntou a avó.
- Ah mãe, ela vai ficar bem, principalmente porque você vai tomar conta dela, não é Charles?

Ela disse isso dando um beijo em uma das suas bochechas. E Charles só dera um sorriso tímido, pois não tinha certeza se sua irmã o queria muito próximo, muito menos tomando conta dela.

- Ah mãe queria tanto ver o papai antes de ir! - Suspirou Roberta arrumando as coisas.
- Filha, eu já lhe disse que ele foi caçar ontem, e você sabe que depois que ele volta das caçadas, ele só dorme.
- É... Bem, dêem um beijo nele por mim. Te amo filho, comporte-se. Mãe qualquer problema me ligue.

A Sra. Valeinstain só assentiu com a cabeça.

Enquanto Roberta ia se afastando com o carro, Charles e a avó iam sendo deixados para trás...

- Bem Charles querido, eu vou lhe mostrar onde você vai dormir.
- Vou dormir sozinho ou no mesmo quarto que a Val? - Perguntou ele receoso.
- Vocês vão dormir separados. Sabe, será melhor para ela, pois ela já está quase uma moça, certo?

Ao ver a cara triste do neto, ela se apressou a dizer.

- Mas é claro, que também será melhor para você! É sempre bom ter um pouco de privacidade, certo querido?
- Claro. É muito melhor vovó... Mas não me importa se Val está virando ou não uma moça, se todos nós já pensamos como adultos tolos. - Disse com um olhar distante.

Foi naquele instante que a Sra. Valeinstain percebeu tudo. Agora sabia como a situação estava e era pior do que ela imaginava. O tempo se esgotava e ela tinha que comunicar ao seu marido o mais rápido possível, porém sabia que ele só acordaria amanhã de manhã;

Ela abraçou com lágrimas nos olhos, um Charles confuso.

Enquanto todos estavam se instalando, Valquíria havia chegado em um cômodo muito estranho, não sabia como havia chegado ali, nem onde estava, pelo fato de estar tudo escuro e ela muito desequilibrada. Só sabia que era ali que ficaria escondida, chorando.

O Sr. Valeinstain conseguiu cobrir a ausência da esposa durante três anos. Garanto á vocês que bibliotecário não exigia muito dele. Sempre fora muito alegre e atencioso. Era o tipo de pai que quando sua mãe sai, ele faz todas as suas brincadeiras preferidas e no fim vocês preparam um doce para quando ela voltar.

Contudo após ter ficado alguns meses doente, o Sr. Valeinstain morreu, sem nem ao menos descobrirem sua doença.

Assim, todas as lembranças com o pai, tão ignoradas, voltaram com toda a disposição de serem lembradas. Ela nem lutava para esquecê-las, estava tão exausta que só ficou as revivendo... Uma por uma... Até que chegou a uma, que a congelou.

Lá estava o enterro de seu pai, havia muitas pessoas, Valquíria não as reconhecia, até que viu seu irmão em plenos três anos, correndo alegre entre as flores. Ela quase chegou a sorrir ao ver aquela imagem, e disso ela se lembrava muito bem, mas então apareceu algo de que ela não se lembrava. Um homem de branco, brincava com o seu irmão e o girava no alto, deitava na grama com ele, o abraçava, mas ninguém parecia notá-lo, ninguém ligava a mínima para o que estava acontecendo ao lado. Nem ela mesma, aos seus onze anos, estava concentrada demais chorando no túmulo de seu pai. Mas que ela tinha certeza que o homem estava ali, ela tinha. Até, que o homem lhe pareceu familiar... O jeito, o modo de andar, os beijos que dava em Charles, os sorrisos lembravam alguém... Ele vinha com Charles de mãos dadas, se aproximando da pequena Val, até que este se debruçou sobre ela, abraçando-a e depois beijou-a. Charles rira na hora. Um riso tão gostoso, que a Val na sala riu também. Mas ela não entendia porque a pequena Val, não via o homem, aquela Val nem havia se importado com os carinhos do estranho, pelo contrário, ela tinha expressão de ódio em seu rosto. Foi quando tudo ficou claro. A antiga Val não percebia, nem ninguém, exceto Charles, a presença do homem ali, pois aquele homem era o seu pai. E foi então que ela entendeu porque odiava tanto Charles, exatamente naquela hora ele havia rido dela, e a antiga Val sendo apenas uma criança interpretou como um deboche da situação, mas não, era por causa do seu pai. Assim que seu pai beijou sua mãe, ele sussurrou algo no ouvido do filho, que fez Charles rir muito mais alto, por causa das cócegas. Então desapareceu, levando junto à lembrança de Val na sala.

Valquíria parou de respirar durante alguns segundos, e então entendeu a injustiça que havia feito, o quão ridículo era tudo aquilo, sentindo o silêncio pesar á sua volta, ela escondeu o rosto nas mãos... E chorou.

A sua sensação era exatamente igual á aquela quando culpamos nosso melhor amigo em quem confiamos tanto, por algo que ele não fez, e assim que percebemos o erro, vem àquela dor da injustiça junto com a humilhação e a vergonha.



Val se sentiu enojada consigo mesma, como poderia ter sido tão cega? Tão burra? Tão infantil?

Alguns minutos mais tarde ainda coma vontade de ficar ali para sempre, parou de chorar e abriu os olhos, logo se deparou com seu avô na sua frente, a observando.

- Pronto Charles, o que acha?

Ele e a avó haviam arrumado todo o seu quarto, colocando o computador no seu lugar, tirando o pó...

- Está bom, vó.

- Estou vendo que não gostou muito, querido. Mas não se preocupe com o passar do tempo ele ficará mais aconchegante e familiar. Qualquer coisa é só me chamar no meu quarto.

- Ok. Mas vovó, onde é o seu quarto?

- Oras Charles! - Ela se dobrou para rir. Já estou vendo sua melhora de humor!

Mal sabia ela que ele realmente não sabia onde ficava o seu quarto, pois aquela casa era extremamente grande. Ele colocou o pijama, sentou sobre a alta cama, com seu computador aos pés, e olhou em volta.

- Pelo visto esta será minha casa, durante um longo tempo... - Pensou alto. Mas não tem problema. Amanhã eu o deixarei bem melhor.

E mergulhou nas suas pesquisas no computador.

Val não pode deixar de se surpreendeu ao ver o seu avô sentado ali. Achou que tivesse a ouvido chorar, e de tão alto se levantou para ver o que era.

O fato de ter conseguido acordar seu avô após uma caçada, antes da hora que ele costuma se levantar, a encheu de vergonha. Mas a verdade, era que ele estava ali desde antes de Val entrar correndo na sala. Ela no fundo sabia que não tinha do que se envergonhar, pelo menos em relação ao choro, já sobre o que tinha feito, era outra coisa. Ergueu os olhos para ele.

- Minha querida, quanto tempo não a vejo.

- Vô me desculpe se o acordei...

- Desculpar? Mas desculpar de que? De certo que não me acordou, eu estava aqui o tempo todo.

- Não quando eu cheguei.

- Ah eu estava sim, já havia dormido o suficiente e vim resolver umas... Coisas pendentes aqui na biblioteca. - Ele havia dito isso com um sorriso cuidadoso, que mais tarde quando Val contava-me esta história, disse parecer um tanto proposital.

- Biblioteca? - perguntou Val despertando de um pequeno transe.

- É, aonde anda a sua cabeça Val?

E rindo, seu avô acendeu a luz. Foi então que Val viu onde estava, e quanto era magnífico aquele lugar. Era a maior biblioteca

que ela já havia sonhado em ver, havia livros por todas as partes, luzes e diversos objetos curiosos.

Então também pode ver melhor o avô, um tanto mais alto que Val e corpulento, entretanto tinha uma aparência serena, porém respeitável. Seus óculos davam esse ar para ele, e era um ar que ela adorava, pois quando imaginava receber uma bronca do seu avô, ele surpreendentemente ria junto á ela. Mas tinha que admitir, que ele já estava um tanto mais velho.

Vendo a surpresa da neta, Sr. Valeinstain não conseguiu fazer outra coisa, á não ser explodir-se de rir, como sempre fazia.

- Ora vamos Val! Você vem nessa casa há pelo menos dez anos e ainda me faz essa cara de surpresa! Se fosse outros cantos dessa casa, que talvez você... Nunca tivesse visto, mas ao ver um dos lugares que você mais freqüentou.

Val nem percebeu a referência cuidadosa de seu avô, á outros lugares que ela nunca havia estado. O que foi uma falta de sorte.

- Eu havia me esquecido... - Logo, ela já começou a andar pela biblioteca, como há muito não fazia, mas antes que ela se encantasse por completo, seu avô decidiu pará-la.
- Vamos Val, sua avó deve estar preocupada já.
- Vô, tem uma coisa que eu preciso te contar, - Val, pensou que seria muito justo começar a se redimir desde já em relação ao que fez com seu irmão todos esses anos.
- Val, deixe o passado no passado. Tudo acontece por um motivo, e a hora das revelações aparecerá por si só.

Ela olhou surpresa para ele, e assim que ele percebeu o seu olhar disse.

- Assim disse algum profeta por ai. - Ele ria novamente. Não seja ingênua querida.

Val não fazia a menor idéia de como o seu avô podia saber sobre o que ela ia falar, e mais tarde ela se questionou se não teria falado durante o choro. Mas deixou isso de lado e só assentiu, pois de qualquer forma era um alívio não ter que se confessar tão cedo, ou tão tarde já devia estar dormindo.

Ela se instalou, e não teve coragem de ir ver como o irmão estava. Adormeceu num sono tão profundo que nem sonhou, nem ouviu, muito menos sentiu a mudança que estava ocorrendo na casa. Se ela e o irmão estivessem um pouco mais descansados, poderiam ter sentido um cheiro diferente, um ar diferente, algo realmente diferente no ar.

Uma ultima observação para você; os mundos foram criados com um objetivo e uma intenção por trás de tudo. Se cabe aos que estão vivos descobri-la, não vem ao caso.

## Capítulo II

### O Estranho

*“...com fantasias que foram resultados de uma noite mal dormida...”*

O dia seguinte não poderia ter amanhecido melhor, com chuva. E desde quando isso é bom? Pode ter certeza que nada poderia ter sido mais perfeito para eles, pois o que os aguardava naquela casa, era muito mais emocionante do que um breve passeio no jardim, que um dia com Sol teria proporcionado.

Charles se levantou e foi direto para o banheiro, quer dizer, ele pelo menos tentou chegar lá. Depois de bater numa parede cinco vezes, tentar abrir varias portas trancadas, entrar em salas vazias, salas apenas com mesas, outras apenas com quadros, que se Charles tivesse observado melhor e não estivesse com os olhos tão embaçados, talvez visse que se tratavam de espelhos. Até que sua avó apareceu para ajudá-lo.

- Oh meu querido, você se esqueceu onde é o banheiro?
- Oras Vó, - Aborrecido pela incompreensão desta. Não é tão fácil de se locomover nesta casa!
- Claro meu amor, pronto venha por aqui. - Disse ela rindo e assim percorreram um caminho do qual Charles se lembrava da volta. Aqui, muito bem, já estou velha, mas me lembro muito bem! Agora você só precisa descer duas escadas caracóis, não se preocupe são pequenas, depois virar á esquerda, depois à direita, então chegará ao banheiro.
- Obrigado vó. - Querendo se livrar dela logo, pois não há o que incomode mais, do que alguém querendo conversar com você, antes de você ter se lavado pela primeira vez na manhã.

Quando ele saiu do banheiro, viu-se num corredor escuro e estreito. Ele tentava se lembrar das coordenadas da avó. Uma irritação começou a se precipitar nele, odiava ficar perdido, e já começava a indagar o porquê dos seus avós terem uma casa tão grande. Mas recuperou a calma. Então ele virou alguns corredores e começou a ouvir passos, ele correu. O outro também. Ele parou. O outro também. Sombras. Esquinas. Ofegantes. Se encontraram, era Val.

- O que você esta fazendo aqui? - Exclamaram os dois juntos.
- Eu, estou perdido.
- Eu também.
- Acabei de acordar, já fui ao banheiro. Se você quiser ir, ele fica logo...
- Não, eu já fui... Estou procurando a cozinha.

Charles ficou feliz pela sua irmã não querer saber aonde era o banheiro, não sabia se iria conseguir explicar para ela como chegar lá

novamente. Mas logo que percebeu o que ela havia dito, decidiu acompanhá-la.

- Então, vamos logo. Por onde acha que devemos ir Cha?

Houve um momento de silêncio e surpresa. Charles nunca tinha ouvido sua irmã chamá-lo assim. Quando tinha esbarrado com ela no corredor, ele tinha observado um aspecto diferente nela, mais leve, mas achou que era o susto. Agora já era fato que alguma coisa havia acontecido. Assim que ele percebeu a cara de vergonha de Val, logo imaginou que sua expressão não deveria estar sendo muito convidativa para ela, então decidiu fingir que nada aconteceu, mas nunca esqueceu aquele momento.

- Olha, não devemos ir por ali, nem subir aquela escada, eu já fiz tudo isso. - Disse ele tentando disfarçar.
- Então só sobrou aquela outra escada que desce para a ala oeste.

Decidiram se encaminhar naquela direção.

- Impressionante como a gente já vem aqui há um bom tempo, e ainda não conseguimos conhecer tudo, não é? - Disse Charles.
- Nossa é, quem sabe nós conheceremos este mês, - Disse a irmã com um sorriso. Mas andemos logo.

Eles desceram uma escada de degraus curtos e escuros, não havia corrimão e pela escada ser muito larga, eles nem o usariam se tivesse. Ao pé da escada sentiram um cheiro delicioso, e logo perceberam que haviam acertado. Atrás de uma grande porta de madeira estava a cozinha. Charles rapidamente, por questões de segurança, memorizou um quadro ao lado da porta; ele tinha uma cesta de frutas pintada, com uma pêra muito madura que se sobressaía.

- Com licença. - Foi logo dizendo Val, ao entrar na cozinha.

Para a surpresa de ambos não havia ninguém, apenas o barulho das panelas que estavam todas no fogo, frutas que estavam sendo picadas foram deixadas sobre a mesa, a batedeira funcionando... Mas, não havia ninguém. Por mais que na casa deles, eles nunca precisassem cozinhar, eles sabiam o quanto era estranho, todos aqueles aparelhos ligados, de uma vez, e ninguém por perto.

Então a porta que dava para o quintal bateu, mas já não havia mais ninguém lá.

- Rápido, procure alguém lá fora! - Foi logo dizendo Val, que sempre fora muito rápida nestas situações.

Ela já estava correndo pela cozinha vestindo um avental que achara na mesa quando viu o irmão estático ao seu lado.

- Vai logo! Antes que fuja, Charles!

Charles saiu correndo e desapareceu pela porta. Val começou a tomar o controle da situação, mexendo as panelas e segurando bem a batedeira, mais por questão de segurança do que por culinária, pois esta parecia estar muito bem sozinha. Não sabia o porquê, mas algo a excitava, e logo foi percebendo que seja lá quem estivesse cozinhando, estava preparando um esplêndido banquete. Ela

começou a usar o que havia aprendido na escola sobre cozinha, para finalizar tudo aquilo.

De repente a porta se abriu violentamente, dando um susto em Val.

- Meu deus! Você é louco? O que aconteceu? - Perguntou ela para um Charles ofegante.
- Eu... es... tava... indo... ver o que... a... conte...ceu, ai ... eu...
- Calma, respira.

Depois de uns dois minutos de espera, Val já estava muito impaciente.

- Vaaaaiiii!
  - Calma! Nossa, eu corri muito sabia? - Charles disse isso com uma voz de quem estava ofendido. Eu sai correndo para ver o que era, como você me mandou, - Ele foi logo acrescentando. Quando me dei com o quintal, a claridade atingiu com muita força meus olhos, eu tive que fechá-los por um tempo e quando dei por mim estava sozinho no quintal. E vamos e convenhamos Val, aquilo não é um quintal e sim uma floresta! Mas então, eu não vi ninguém, por sorte estava chovendo até agora pouco e... - Ele ficou calado olhando-a.
  - Por quê? Que sorte isso nos trás? - Val não estava entendendo o sorriso de Charles.
  - Val, você sempre foi tão boa em desvendar mistérios o que aconteceu? - Vendo a cara impaciente de sua irmã que nenhuma graça estava achando, ele achou melhor continuar. Bem, seja lá quem ou *o quê*, que tentou se esconder deixou... Pegadas.
- Val parou de mexer a panela e olhou diretamente para o irmão.
- Como assim *o quê*?
  - Vem comigo. - Foi apenas o que ele conseguiu dizer, por trás do seu sorriso, que era mais de nervoso do que de outra coisa.

Charles sempre fora muito cético, mas nunca deixou de ler livros de contos de fadas e nunca como qualquer outra criança se impediu de sonhar com eles.

Assim que chegaram do lado de fora, Val foi atingida pela claridade. Depois de alguns segundos pode ver melhor, e entendeu o que Charles havia dito sobre o quintal. Era realmente uma floresta, e ela o teria achado lindo se tivesse tido tempo de analisá-lo com mais calma, mas seu irmão já estava apontando para outra coisa.

Ele apontava para o que Val pensou ser uma pegada de cavalo.

- Hã? - Perguntou ela com impaciência
- Aqui estão as pegadas! - Ele tinha um brilho nos olhos.
- Isto são pegadas de cavalo.
- Olhe bem.

Val olhou-as novamente, não conseguiu saber o que era, mas havia algo de estranho e algo de familiar nelas, e foi então que ela viu.

- Meu deus... - Ela já agachara na grama. São apenas dois cascos!

- Exatamente! – Disse ele com um ar triunfante. Se fosse um cavalo, ele curiosamente estaria andando apenas sobre as suas duas patas traseiras! O que é impossível.
- Tem certeza que essas pegadas são de quem estava na cozinha?
- Claro! Eu o segui. Só não pude vê-lo.
- Então, nós tínhamos um cavalo fazendo o nosso café?
- Não era um cavalo! Aliás, não é.

A mudança na conjugação do verbo de Charles fez com que eles pensassem que a criatura ainda poderia estar ali. Um medo soprou sobre eles. Não era nada agradável pensar que algo parecido á um cavalo, pudesse estar ali os observando.

Ficaram em pé.

- O estranho é que eu acho que já vi essas pegadas em algum lugar. – Mas ela não conseguia se lembrar de onde.

De dentro da cozinha a avó os observava com todo o cuidado, tudo estava acontecendo e já era tarde demais para parar. Eles já haviam decidido, e seus netos inconscientemente aceitaram. Mas ela não deixara de pensar...

- Mas eles são tão jovens!
- Então não podia estar mais na hora, minha querida. – Era a voz, a voz que sibilou para eles no carro, que agora sibilava para a avó, fazendo-a se sentir segura.
- Crianças, vamos tomar café. – Disse ela saindo da casa.

Os dois deram um pulo para trás, quase caindo na grama quando ouviram aquela voz.

- Vovó?
- Oras Charles, eu creio que eu ainda não esteja tão velha para você se assustar assim.
- Oh Não vovó, nós só não tínhamos te visto ai antes. – Disse Valquíria, confusa.
- Então vamos, meus amores.

Eles entraram novamente na cozinha e Val já estava pronta para explicar para a avó o porquê daquela bagunça. Mas ao entrarem levaram um segundo susto, muito pior que o primeiro. Como se um cansaço tivesse caído sobre ela, ouviu o irmão dizer.

- Mas a cozinha está toda arrumada!
- E por que ela não estaria, querido?
- É que antes... – Mas Val foi logo tampando-lhe a boca e o substituindo.
- Nada não vó, ele não sabe o que diz, não é Cha? – E ela logo lançou um olhar significativo para o irmão.
- Ah... É... Nem sei o que eu ia dizer Vó, deixa pra lá.

A Sra. Valeinstain não sabia se impressionava mais com o fato de Val ter dito “Cha” ou pelo fato de seus netos terem agido de forma tão inesperada. Ela jurava que a partir do momento que o primeiro acontecimento ocorresse, eles iriam correr e pedir socorro para ela. E de fato eles não fizeram isso, e mais, posso afirmar para você que eles nem sequer pensaram em fazer isso. Porém é totalmente

compreensível a Sra. Valeinstain ter ficado impressionada, pois até para mim mesma foi difícil de acreditar nesta nobre atitude das crianças. E ousou dizer novamente que até eles mesmos se assustaram com o que fizeram, só sabiam que estavam ansiosos por algo que não conheciam.

A avó foi indo à frente, Val segurou o irmão um pouco e este disse.

- Por que você não me deixou falar pra ela?
- A ultima coisa que agente precisa é assustar a vovó, com fantasias que foram resultados de uma noite mal dormida!
- Valquíria Valeinstain! Você sabe que não são fantasias.
- Não, não sei não.

A verdade é que ela sabia que não era fantasia alguma, como ela também sabia que os dois tinham dormido muito bem. Mas Val ainda não estava preparada para acreditar em um mundo novo, do qual ela nem sabia se existia ou se poderia chamar de mundo.

Eles passaram por uma porta do outro lado da cozinha e se viram numa copa. Havia uma janela muito grande que iluminava tudo, tinha uma grande mesa com seis lugares, o que intrigou muito as crianças, pois antigamente vinham dezenas de pessoas na casa dos seus avós, o que questionava o fato da mesa só ter seis lugares.

- Bom dia, crianças! Vamos logo. Sentem-se porque eu estou com muita fome. - As crianças não haviam notado, que o seu avô já se encontrava em uma das pontas da mesa.
- Bom dia vô. Eu também estou morrendo de fome, quanta coisa... - Val se estatelou numa cadeira durante alguns segundos.

Todos, menos seu avô, olharam para ela com curiosidade.

- Esta-ta comida, quem fez?
- Por que Val? Não está do seu gosto?
- Não! Esta ótima. É que eu pensei...Nada.

Foi então que Charles percebeu o que havia ocorrido, toda a comida que estava na mesa ou pelo menos boa parte dela, tinha sido feita até certo ponto por Val. E se ela estava ali, queria dizer que a avó sabia que eles estiveram na cozinha e se sua avó sabia... Tudo ficava muito mais confuso e desnecessariamente curioso.

O café procedeu-se maravilhosamente, eles comeram bolos quentes, torradas, cafés, chocolate quente, pães, manteiga que parecia ter acabado de ser feita, geléias, mel, queijos frescos, frutas. Era o tipo de banquete que antes de você começar a comê-lo, sente dó de estragar á comida, mas assim que experimenta a primeira torrada não se arrepende e não para mais de comer. E com certeza o ambiente não poderia estar mais agradável com tantas risadas, até Charles estava bem solto e nem fez questão de mencionar nenhuma espécie exótica de planta que havia estudado. Até que ele perguntou ao avô, mesmo sabendo que sua irmã desaprovava.

- Quem cozinhou tudo isso, vô?
- Bem, eu e sua avó já estamos velhos, logo contamos com a ajuda de alguns amigos para manter essa casa. Então, se eu

me lembro bem, quem cuida das nossas refeições matinais é o Sr. Guminus.

- Senhor o que? – Perguntaram os dois ao mesmo tempo.
- Senhor Guminus, sim senhores. - Disse o Sr. Valeinstain em meio de risadas.
- Um excelente chef, - Comentou a vó. Podemos dizer até, um chef á moda antiga.

E nisso, os dois senhores caíram na risada. Já os outros dois apenas sorriram tentando entender o que tinha acabado de se passar naquela mesa.

## Capítulo III

### Duas descobertas e uma aventura

*“Se ela não vinha de nenhum lugar, como ela poderia vir?”*

- Bem, eu vou fazer algumas coisas que ficaram pendentes. Vocês não se preocupem com a mesa, ela vai ser tirada.
- Pode ir querida, eu irei mostrar a biblioteca para as crianças com mais calma. Não é Val?
- Claro! Por favor.
- Bem vô, eu adoraria ir com você e a Val na biblioteca, mas eu preferia dar uma volta no jardim.
- Sem problema Charles. Sabe o caminho?
- Ah, sei sim.
- Ótimo, vamos Val?

Assim que o avô se colocou um pouco mais á frente, Charles murmurou para Val.

- Eu vou investigar as pegadas e você tenta achar algo na biblioteca.
- Hum hum,- Foi apenas o que Valquíria disse, sem muita certeza se queria desperdiçar uma tarde na biblioteca, com uma preocupação do tipo.

Ela seguiu seu avô por vários corredores, tanto escuros quanto claros. Os escuros geralmente davam em salas com lareiras e vários porta-retratos de anos e anos atrás. Como eles passavam muito rapidamente Val não conseguia distinguir as pessoas, mas ela jurou, mais tarde, ter visto sua mãe e seu pai em uma delas.

- Como eles estavam? – Perguntei eu, mais tarde.
- Felizes como nunca. - Respondeu ela.

As salas claras tinham coisas variadas, uma continha dezenas de quadros, que sua avó pintara quando mais jovem. Outra continha esculturas e outra com sofás e mesas - o que Val julgou ser uma sala de estar e chá da tarde.



Depois de uns cinco minutos Val reconheceu a porta da biblioteca que havia estado no dia anterior. Entraram, todas as janelas estavam abertas, iluminando a sala inteira. Valquíria não pode se impedir de pensar como seus avós faziam para abrir e fechar as janelas daquela casa no amanhecer, no fim do dia, e nos dias de chuva, se a casa era tão grande. Mas aí Val lembrou-se dos *amigos*.

Era um ambiente muito agradável, todas as paredes eram forradas com estantes cheias de livros, havia vários candelabros que seriam acesos apenas de noite, dando um ar mais fúnebre para o local. Havia poltronas e uma imensa mesa. Mas o verde, do pouco que aparecia, das paredes e do teto dava uma aparência simples para o local.

- Ela sempre fora assim? - Perguntou Val com um ar deslumbrado.
- Ela quem?
- A sala... Ela sempre fora assim, desde quando eu vinha aqui, há anos?
- Sim, sempre, como você acha que ela é hoje?
- Encantadora, eu diria.
- Não seria mais apropriado dizer encantada?

Val não entendeu a intenção de seu avô ao dizer aquilo, mas fazia total sentido.

- É, acho que encantada, seria perfeito.

O Sr. Valeinstain sentou-se numa poltrona e começou a ler um livro que já estava em cima dela. Valquíria imaginou que o avô apenas estava continuando algo que ele devia ter parado um tempo atrás, - se possível no dia anterior - então não quis atrapalhá-lo com mais perguntas bobas.

Ela continuou a andar pela sala, de vez em quando puxando alguns livros, que não continham significado algum para ela, mas só por ninguém a estar incomodando, ela já se sentia á vontade. Até que parou no fim da sala e olhou para a grande estante - a maior da biblioteca -, ao olhá-la sofreu de alguns relâmpagos da sua memória, como no dia anterior sentada na sala, lembrando-se do enterro de seu pai. - Por algum motivo aquela sala exercia uma influência, muito forte sobre Valquíria -. Ao olhar para a estante, lembrou de anos atrás quando vivia trancafiada naquela biblioteca, sem saber como, seus pés a levaram para determinados locais da estante onde suas mãos tocaram determinados livros, ela os puxava e sorria lembrando-se das suas histórias. Todas sobre contos de fadas, pois Val até os oito anos ainda os lia, e estava os relembando naquele dia aos seus quinze anos.

Até que ela puxou um último livro. Não era nem um conto, nem uma fábula. Não era nem uma história, mas sim um manual. Não tinha o tamanho de um livro de bolso, mas também não tinha mais que um palmo e meio de comprimento. Tinha a idade suficiente para ser respeitado, poderia ser um ano, uma década ou até um século, mas ainda sim era especial. Ela soprou o pó de cima dele. Tinha uma capa azul escuro, bordado com fitas bordô nas pontas, e continha

desenhos de seres estranhos na capa. Seu nome era; “Manual de criaturas da Idade Antiga e Média”. Val só de tocá-lo se sentiu diferente, como se um calor a envolve-se.

Ela abriu e começou a folhá-lo, até que parou na letra F que correspondeu a Fauno. Qualquer um que já tenha lido contos de fadas sabe que Fauno é uma criatura com pernas de bode, corpo de homem, com pelos em volta da cabeça e chifres. E lá estava escrito que eles tem o costume de dançar em clareiras, seja o motivo; o nascer do sol ou apenas um bom banquete, e é claro que Faunos são ótimos cozinheiros.

Enquanto Val lia sobre Faunos, ela viu uma foto que chamou muito sua atenção, mostrava os pés deles e suas pegadas atrás. Ela parou. Surpresa. O receio. Fechou o livro e o abriu novamente. Sem ar. Abriu e fechou os olhos com força. Não podia ser. O ambiente fechado da biblioteca devia estar lhe fazendo mal, mas logo se sentiu patética ao ver, de novo, as janelas abertas.

Assim que ela viu as pegadas dos Faunos, as reconheceu instantaneamente. Eram as mesmas que ela e Charles haviam encontrado do lado de fora da casa naquela manhã. Mas o fato de seus avós terem um Fauno como cozinheiro, soava muito improvável para Val. Não ridículo, apenas improvável.

- Vô, o que você acha dos Faunos? - Ela havia esperado uns cinco minutos depois da sua descoberta para lhe perguntar e ainda sim, se surpreendeu com o feito.
- Faunos? Bem, eu acho que são divinas criaturas, querida. Simpaticíssimas. - Assim que ele percebeu que a neta havia desviado o olhar, arriscou em dizer. Aliás, ótimos cozinheiros... A moda antiga, se é que você me entende.

O ultimo comentário de seu avô surtiu um efeito de choque em Valquíria. Por que o avô dissera aquilo? Eram uma brincadeira? Essas idéias batiam com força na cabeça de Val.

- Vô, eu posso ficar com este livro? Acho que vai me ser útil.
- Que livro? Ah... Este. Tem certeza? Suspeito que você já o saiba de cor.
- Sei? Acho que O Sr. deve estar se confundindo.
- Não. Não estou, você leu ele pelo menos três vezes há uns anos atrás.
- Bem, acho que preciso refrescar minha memória então. - Ela tentou dizer isso com algum senso de humor.
- Claro Val... Vai ser bom você lê-lo. Pode levá-lo. - Disse o avo sem tirar os olhos do seu livro.

Bem, imagino que você deve estar se perguntando o que aconteceu com Charles. Pois é o que vou lhe contar agora.

Assim que Valquíria e o avô saíram para a biblioteca, Charles fez o caminho de volta para o jardim, porém assim que ele chegou ao local aonde imaginava ver as pegadas, para a sua surpresa não havia nada lá, apenas o barro liso e assentado.

- Nada? Não é possível! - Ele já lambuzara as mãos no barro á procura de algo. Elas estavam aqui. Ninguém veio pra cá depois. Droga.

Ele foi tomado pela frustração e logo todo o seu rosto havia ficado vermelho. Mas logo parou de gritar e sentou-se numa pedra. Desta vez a vergonha havia tomado conta dele. Sua garganta doía.

- Como eu pude ser tão burro a ponto de deixá-las aqui? Sem tirar nenhuma foto, sem ter tomado qualquer precaução?

Ele se torturava pensando em mil maneiras de ter prevenido que tudo aquilo acontecesse e que ainda por cima, ele poderia ter feito na hora sem problema algum. Ele sabia no fundo, que não devia ficar fazendo aquilo consigo mesmo, mas era mais forte que o próprio bom senso. E quando chegou á um ponto que ele mesmo já havia se convencido que sua atitude deixando as pegadas lá, fora imperdoável, ouviu uma voz.

- Quem você pensa que é para fazer isso consigo mesmo?

A voz havia gritado. Ela tinha um som alto de quem já está farto, mas ao mesmo tempo era como se ela fosse um sussurro, uma mera respiração, pois ele tinha certeza que só ele havia a ouvido. E ainda havia surtido o efeito correto em Charles. Ele parou, e percebeu o que estava fazendo, não podia se culpar daquele jeito, as coisas aconteceriam simplesmente porque tinham que acontecer, e agora ele é que não haveria de chorar por isso. O melhor á fazer era continuar, se ele tivesse que descobrir alguma coisa, ele iria descobrir e o destino se encarregaria disso.

Era difícil de acreditar naquelas coisas.

Então ele começou á olhar em volta, era realmente uma floresta, logo ao Norte ele podia ver os reflexos da luz do sol na estufa e mais atrás algumas colinas, que já não deviam ser da propriedade de seus avós. Ao Leste e ao Sul a floresta se estendia, mas ela parecia praticamente duas florestas, não uma. Pois para o Sul ela era densa e escura, parecia meio morta, devastada, como se ninguém andasse nela há anos. Ou melhor, era como se tivessem congelado uma floresta há muito tempo, para que ela parasse no tempo e assim ele estivesse olhando para ela ali e agora.

- Sua aparência era muito antiga para ser deste tempo. - Pensou por fim.

Já à parte Leste, parecia cheia de vida e cor. Ouvia-se ruídos saindo dela, o que dava mais tranqüilidade do que a floresta morta, que causava á Charles, uma certa tensão.

Ele não queria encontrar Val sem ter nada de emocionante para contar. Apesar do fato das pegadas sumirem também ser muito intrigante, poderia ser explicado de maneiras nada emocionantes e muito céticas. Ele se levantou e resolveu analisar onde estava sentado, para se certificar que não era um formigueiro ou qualquer coisa do tipo.

Uma pedra alta e lisa. Servia exatamente como um ótimo assento. O que o intrigou muito, pois seria muito difícil, uma pedra ser assim naturalmente, então ele começou a limpá-la, até que ele viu algo, parecia... Parecia... A letra L. Ele desesperadamente começou a

limpa-la, a arrancar a grama em volta e á cada nova palavra que aparecia uma adrenalina maior corria dentro dele.

Depois de em torno de dez minutos de muito trabalho, um Charles muito sujo de lama, se estirava aos pés de uma pedra, que agora ele descobrira ser uma lápide caída no chão. Sujo e suado, ele havia remexido todo um perímetro em volta da pedra. Descansou um pouco, limpou seus óculos na manga da sua blusa que era única parte limpa da sua roupa.

Na lápide, dizia o seguinte:

*“Um livro que originou outros  
Outros que criaram este  
E este quer se libertar  
Isso tudo procede ao que  
Aquela dos dedos de mel  
Desenhou um dia, sob o verde*

Charles leu aquele poema quatro vezes, para ele começar á fazer algum sentido na sua cabeça, mas ainda sim chegou á conclusão que ou Val ou o seu próprio computador o ajudariam melhor, pois ele não conseguiria entender adequadamente o que aquilo queria dizer sozinho. Ao passo que começou a copiar o poema num bloquinho que sempre trazia no bolso.

Quando acabou, sentia que precisava continuar a pesquisar o local, mas de repente sentiu uma dor de deixar sua descoberta ali depois do que aconteceu com as pegadas. Ele olhou á volta e viu umas folhas grandes caídas não muito longe. Correu até elas, e as usou para cobrir á pedra, disfarçaria um pouco.

- Bem, pra onde irei agora? – Respirando forte, ele perguntou em voz alta para si mesmo, e com isso levou um susto, pois fazia já muito tempo que ele não ouvia a própria voz. Que venha o Norte então!

Ele começou á caminhar em direção á estufa. Na verdade ele não havia escolhido a estufa ao acaso, é que olhando á sua volta, Charles sentiu que ela seria o local mais seguro. Onde ele imaginou só ter plantas, o que eram coisas que ele conhecia muito bem.

Sua respiração já começava a se estabilizar, devido á sua falta de esforço diário, demorava a se acostumar. A porta da estufa era pequena e começava quase um metro acima do chão, o que obrigou Charles á segurar nas laterais para poder tomar impulso e subir no degrau.

A estufa tinha todas as suas paredes e o teto feito com vidraçarias quadriculadas, permitindo que do lado de fora mesmo embaçado você poderia ver seu interior.

Quando ele se viu dentro dela, ficou maravilhado, era um espetáculo de cores e beleza. Como se as flores estivessem competindo, para ver qual era a mais bela de todas. E podemos dizer que ele também estava aliviado, o que deixava tudo ainda mais

bonito, pois o fato de ele entrar em um outro lugar desconhecido, sozinho, não era nada animador. Ainda mais depois do que aconteceu naquela manhã quando estava com a irmã. Logo, a estufa lhe pareceu o melhor lugar do mundo.

Havia flores nas prateleiras, nos vasos, no chão, penduradas no teto, nas paredes - ou melhor, nos vidros. Algumas, como as trepadeiras o obrigavam a saltar de vez em quando, pois estas se estendiam pelo chão. Ele desenhou várias espécies em seu caderno, algumas ele nunca havia visto.

Não se sabe quanto tempo ele passou lá, mas anotou e viu tantas coisas, que ele não se importaria se passasse dias ali. Até que ele finalmente viu uma planta que lhe chamou a atenção, não era uma flor e sim uma planta. Não havia cores nela, não havia nada nela, e por isso mesmo que ela lhe prendeu a atenção. Pois no meio de toda aquela beleza, havia uma mera planta, verde e sem nada, a única planta que não estava competindo com as outras. Charles chegou até achar por um momento, que era um insulto às outras plantas, algo tão comum e sem vida estar por ali, definitivamente era uma provocação.

Aquilo o estava incomodado tanto, que ele sentiu uma necessidade imensa de tocá-la. Ele a pegou e a ergueu um pouco no ar, e foi então que ele viu.

Ele viu um tipo de alçapão embaixo dela, rapidamente a colocou de lado e foi abri-lo, mas...

- Não Charles!

Ele largou tudo o que estava fazendo, pois além de ter levado um susto muito grande com o aparecimento repentino de sua avó, o grito dela havia deformado o seu rosto.

- Vó?

Ela já havia corrido até o alçapão e colocado a planta no lugar, o impedindo de dar uma última olhada.

- O que está fazendo aqui? - Foi logo acrescentando. Querido?

- Eu... Eu não sei. - Ele parecia meio atordoado.

- Como assim você não sabe? Certamente, se você está aqui, você tem um porquê, pois até mesmo quem...

Ele foi aos poucos tomando conta de si, e parou de ouvir a avó.

Há muito que Charles não tinha crises de ar, que chegaram aos seus três anos, mas logo após o seu curto tratamento, do qual seu pai havia se empenhado muito, ele melhorou. Naquele momento elas pareciam estarem querendo voltar, mas só de imaginar os transtornos que elas causaram a ele da última vez, manteve a calma e a dominou de novo.

- Charles? Você está passando bem querido? - Assim que ele recuperou os sentidos, viu que a avó já tinha recuperado o tom rosado do seu rosto e já tinha uma expressão mais amável, porém ainda sim descontrolada.

- Ah sim... Eu tive apenas uma tontura vó.

- Bem, e o que você veio fazer aqui? - Ela estava muito preocupada com o neto, mas o fato dele ter quase... Bem, deixe pra lá, o que importa é que tudo a estava preocupando.
- Bem vó, você sabe que eu gosto muito de flores e todos os tipos de plantas. Aliás, eu tenho que admitir que a senhora tem espécies incríveis aqui.

O modo como ele levou os elogios á avó fora ótimo. E saiba que Charles é péssimo em agradar as pessoas. Ao passo que ela por alguns momentos deixou o lado racional de lado e deixou seu lado afável, que tinha orgulho do neto, á dominar.

- Oh! Foi do seu agrado, Charles?
- E como foi! Há espécies que eu nunca vi vó! E que cores. Eu nunca tinha visto azuis como estes. - Ele já estava começando a exagerar e ela percebeu.
- Oras, assim você deixa sua avó sem jeito. Mas estou inclinada a admitir que também fico orgulhosa deste lugar. Quantos dias eu me dedico a isto aqui! Principalmente noites, porque a evolução e o desenvolvimento de diversas plantas acontecem de noite, como você deve saber querido. E sabe, tudo para ficar o mais parecido... - Foi então que ela percebeu o rumo que a conversa havia tomado, e se interrompeu.
- Ficar mais parecido com o que vó?
- Com um lugar que eu não vejo há muito tempo.
- Hum... E da onde veio estas flores? Eu nunca tinha visto, nada como elas. - Charles mostrava algumas flores, que estavam penduradas em um vaso, no teto.

Lembravam orquídeas, mas, no entanto eram azul Royal por fora, de um laranja forte por dentro, e elas também pareciam ser, como Charles dissera depois; mais gordas que orquídeas.

- É, é desse lugar que elas vieram. Eu as criei aqui para me lembrar de lá. - Ela dizia isso, com um ar de quem tinha lembranças fantásticas passando pela cabeça.
- Bem, se você tem tantas saudades, por que não volta?  
Tomada por uma grande onda de emoção, que a obrigou a ficar olhando para o teto, como quando não queremos chorar.
- Bem, posso dizer que ainda não chegou a hora. - Disse ela com um sorriso forçado.
- Não por nada vó, mas quando a saudade deixa de provocar sorrisos na gente, para nos fazer chorar de dor, é hora de irmos rever o que nos causa esta saudade. - Ele não sabia como aquelas palavras saíram de sua boca, era como se alguém as tivessem soprado em seu ouvido.
- Oh Charles! - Ela apenas o abraçou.

Depois de alguns minutos, eles voltaram a conversar sobre as flores. E assim foram seguindo rumo á casa, para o almoço.

A conversa seguiu-se tão animadamente que Charles nem viu que eles demoraram quinze minutos, para chegarem na casa. Acabaram entrando pela cozinha e se dirigiram a copa, onde o Sr. Valeinstain já se encontrava sentado.

- Hei ei! Como passaram a manhã?
- Muito bem vô. Andei pelo jardim, e pela estufa.
- Hum, pela estufa? Suponho que sua avó o tenha acompanhado então? – Ele tinha um ar mais preocupado do que interessado.
- Não, na verdade a vovó só apareceu uns quinze minutos depois de eu ter entrado.

A Sra. Valeinstain lançou um olhar significativo para o Sr. Valeinstain, que logo o entendeu, se levantou e disse.

- Charles, você não se importa de ficar um pouco sozinho, não é? Eu preciso mostrar um problema no encanamento da cozinha para sua avó.
- Não, tudo bem. Onde está Val?
- Ela foi até o quarto dela, guardar um livro que achou na biblioteca. Não deve demorar também.
- Ah, ok.

Eles saíram da sala, e assim que entraram na cozinha, a avó trancou a porta e se certificou que ninguém estava os escutando. O Sr. Valeinstain estava estranhando tudo aquilo, pois ele sabia que sua mulher não era de fazer tempestade em copo de água.

- Por deus, o que está acontecendo, Lílian?.
- Passou dos limites Henrique! Isto não pode encaminhar para esse lado! Não pode! Ele nos garantiu que não ia envolvê-los dessa forma! Ele garantiu para nós! Que seria talvez... Quase irrelevante. – Ela já se encontrava aos prantos.
- Calma! Respire, e me conte o que aconteceu.

Ela não conseguia responder, foi então que ele gentilmente, tomou as rédeas da situação.

- Ele viu a planta?
- Viu. – Respondeu ela aos soluços.
- Ele viu o alçapão?
- Viu.
- Queria abri-lo?
- Sim.
- Hum, certo. Ele gostou das plantas? - Ele perguntou isso com um ar mais brincalhão, que Lílian conhecia há muito tempo.
- Oh Henrique! – Ela o abraçou, em meio de soluços e risos. Ele as adorou! Elogiou-me tanto, você tinha que ver!
- É querida, você realmente tem trabalhado muito bem naquela estufa.
- Mas a questão não é essa! – Ela já se desvencilhara dos braços dele, como se estivesse acordado de um sonho, ela gostava de elogios, mas não podia se desviar. Ele prometeu que não os envolveria com isso! Eu tirei de lá para salvar os mundos, e nunca imaginei que meus netos o colocariam de volta.
- Querida, você sabe que se tiver escrito isso, ele vai agir assim, e todos agiremos também, e eles por fim vão conseguir dar conta. Eu tenho certeza, e nós os ajudaremos se for preciso.
- Mas, não podemos...

- Mas, creio que já esta na hora deles conhecerem o Sr. Guminus.  
- E ele piscou para ela.
- Seria ótimo! - E perguntou ela. Como Valquíria foi hoje?

Val entrou na copa e não demorou mais de um segundo para uma onda de excitação subir em seu irmão, quando a viu.

- Val! Você não sabe o que me aconteceu!
- Nem você comigo. - Ela já estava sentada ao seu lado.

Mas nesse momento seus avós entraram na copa e eles foram obrigados á se conter.

Mesmo com a ansiedade correndo pelas veias das crianças, o almoço correu muito bem. Se fosse possível, melhor que o café. Eles se deliciaram com outro banquete e contaram tudo sobre a vida deles na cidade, para os avós. Riram, e até citaram o Sr. Guminus uma vez, em referência a ótima refeição. Para então o almoço terminar com sorvetes e uma promessa feita pelo avô, de irem até o lago, assim que fizesse um bom tempo.

Porém a ansiedade das crianças teve que se estender um pouco mais, pois passaram o resto da tarde junto aos avós vendo fotografias, em uma nova sala, - que Val já tinha visto, quando foi à biblioteca com seu avô -. Só foram deixados a sós depois do jantar.

Valquíria estava no seu quarto, quando alguém bateu. Era Charles.

- Até que enfim! Achei que você já tinha ido dormir.
- Nunca! - Ele já tinha entrado e sentado na cama. Feche a porta, bom quem começa?
- Você, me conte tudo o que lhe aconteceu hoje.

Então Charles começou a narrar todo o seu final da manhã, desde o momento que ele havia “perdido” as pegadas. Val até chegou a cogitar que ele não tinha olhado direito, e as pegadas continuavam lá, o que deixou Charles furioso, então ela rapidamente consertou dizendo que não sabia o porquê dela dizer aquilo, acabou o tranquilizando dizendo que ninguém devia ter as visto e que o barro assentara naturalmente.

Ele prosseguiu contando sobre a voz que tinha ouvido. O que deixou Val muito intrigada, pois ela lembrou que era a segunda vez em dois dias que uma voz misteriosa aparecia.

- Mas da onde ela vinha?
- De nenhum lugar.
- Se ela não vinha de nenhum lugar, como ela poderia vir?
- Hum, - Ele havia ficado meio confuso. Bem, então ela deveria vir de todos.
- Todos? Como um eco?
- É, acho que sim, mas muito mais alto ou quem sabe muito mais baixo.
- Entendi... Como no carro. Muito bem, prossiga.

Prendendo totalmente a atenção de Val, ele lhe contou sobre o poema, deixando-a muito mais agitada, porém ela pediu que ele não o mostrasse á ela, antes de acabar a história, pois ela poderia se



distrair facilmente. Ele então prosseguiu, contando sobre a estufa e tudo o que tinha visto nela. Contou sobre a planta, o que gerou indiferença á ela. Sobre o alçapão, que gerou curiosidade. Sobre a avó, que a deixou meio inquieta.

Depois de ouvir toda a história de Charles e fazer perguntas, Val se questionou, como era estranho pensar que se aquelas coisas tivessem acontecido, um mês antes, ela não teria acreditado em uma palavra que o irmão teria dito, já seria de mais se ela tivesse o ouvido. Mas naquele momento não havia motivos para ela duvidar.

Ela começou a narrar a sua manhã para o irmão. Falou sobre as diversas salas que havia passado, porém sem comentar o fato de ter achado que viu a foto de seus pais.

Ela comentou sobre a localização da biblioteca, depois tentou explicar da melhor forma as recordações que tivera, e para a sua surpresa ele compreendeu perfeitamente, - na verdade, ela sempre fora muito boa em explicações -. E então dominando toda a sua empolgação, contou sobre o livro.

Contou sobre tudo, e enquanto o descrevia ela o tirou de uma gaveta surpreendendo o irmão. O efeito que o livro surtiu em Charles não foi tão intenso como em Val, pois a ligação que este tinha com a menina era de outras vidas, mas mesmo assim ele o adorou. Ela mostrou a parte sobre Faunos. Mostrou, as patas deles, fazendo total referências às pegadas mostradas nas figuras, como são bons cozinheiros, falou sobre o comentário do avô também. Porém não falou sobre o avô ter contado á ela, que ela já tinha lido o livro três vezes, como da primeira vez que ela omitiu um fato dele, á alguns instantes atrás, pois achou que o irmão a acharia idiota. Sabemos que Charles jamais acharia isso, mas Val ainda não estava totalmente mudada, ela ainda tinha partes da antiga Valquíria, que você pode conhecer no início da história.

Charles ainda fez uma referência sobre o que estava escrito no livro, que Val não tinha notado, “Geralmente os Faunos, possuem nomes que tem sua primeira sílaba tônica, isso acontece porque eles gostam do som que eles produzem. Tendo assim sempre o final dos seus nomes como; ‘uminus’, ‘umunus’ ou ‘umius’...”.

- Veja Val, como o cozinheiro, Sr. Guminus!.

Então eles tiveram certeza de que o cozinheiro de seus avós era um Fauno. E por mais esquisito que fosse, eles agiram normalmente.

- Agora mostre-me o poema Cha.

- Hum, ok. Está aqui, eu não entendi nada, mas se você...

Mas Valquíria já tinha parado de escutá-lo, ela havia mergulhado intensamente na leitura. Sendo muito boa em enigmas, começou a se esforçar para entendê-lo. Depois de longos minutos, que foram quase entediantes para Charles, ela disse.

- Entendi.

- Entendeu?

- Entendi, o que é para nós entendermos.

- Como?

- Bem, é claro que para entender cem por cento dessa poesia tem que ter conhecimento de coisas que não temos, para ser mais exata, de fatos. Ou nós temos, porém ainda não os reconhecemos. De qualquer forma, tem que conhecer uma história da qual não conhecemos. Logo, até a parte que cabe a nós, ou a mim, - Ela fez-se uma referência profunda na hora. Entendi.
  - Pois então me conte! E pare de se gabar assim.
  - Certo. O primeiro verso, "Um livro que originou outros" óbvio! Alguém um dia de alguma forma, criou o primeiro livro sobre alguma coisa, e deste livro foram criados muitos outros derivados. Depois, "Outros que criaram este. E este quer se libertar". Óbvio de novo! Esses outros livros criaram alguma coisa, que eu julgo ser uma idéia, e está idéia quer se libertar, que na minha interpretação seria das mentes de hoje em dia. Como se as pessoas as julgassem de forma errada. E os últimos dois versos, são mais uma vez óbvios! - Charles chegou por um momento até achar irritante os "óbvios" de sua irmã. Quer dizer que alguém, uma mulher, já tinha profetizado tudo isso um dia, ou seja, seja lá que idéia é essa, eles sabiam que poderia acontecer.
  - Nossa... - Charles estava sem fôlego e sem argumentos.
  - E o mais importante é que o poema não acaba aí.
  - Não?
  - Não.
  - Mas, eu anotei tudo o que estava lá! Olha Val, se você por acaso está insinuando que eu não fiz outra coisa certa. É ridículo. Pois, eu estava...
  - Charles! Calma... Eu sei que você anotou tudo.
  - Então, por que...
  - Eu quero dizer que com o tempo, o resto foi apagado. Veja as aspas que tem no começo, não estão no fim.
  - Mas não pode ser que o desgaste da pedra tenha apenas afetado as últimas aspas? O poema não poderia acabar aí?
  - Eu pensei nisso. Mas é muito improvável, pois se alguém profetizou isso, logicamente isto é uma profecia. Então teria que ter uma consequência do que vai, ou melhor, poderia acontecer.
  - Faz sentido.
  - É. E essa caligrafia não lhe é familiar?
  - Não sei... Estranha sei que não é. Bom, mas deixe isso pra lá, vamos fotografar a pedra, então?
  - O que? Fotografar? Isso faremos com certeza...
  - Agora, eu digo. Eu é que não vou perder outra prova de tudo isso que está acontecendo.
  - Tá, você tem razão, mas antes teremos que fazer um plano.
  - Muito bem, primeiro iremos ao meu quarto.
- Valquíria logo percebeu, que se deixasse seu irmão traçar todo o plano, seria muito arriscado. Apesar dele ser muito inteligente, ele

ainda era muito pequeno, e podia muito bem se esquecer de algumas coisas importantes.

- Charles... Deixe-me organizar isto pra você.
- Tudo bem. - Disse ele com um ar desapontado, detestava ser impedido de fazer coisas que ele gostava.
- Bem, primeiro farei minha mochila, - Ela colocou uma lanterna, um prendedor de cabelo, e ao ver o olhar do irmão pra ela assim que o colocou na mochila, logo acrescentou envergonhada. Ué, eu preciso oras. - Voltou e colocou o livro na mochila, ganhando um novo olhar admirado de seu irmão.

Ela colocou alguns travesseiros de baixo da sua coberta, para parecer que ela ainda estava dormindo, e com uma arrumada certa, ficou relativamente real.

- Mas a vovó nunca vem aqui à noite. - Disse Charles, sem entender o motivo pelo qual ela estava fazendo aquilo.
- Esse é o seu problema Charles, você não se previne das coisas mais simples, e depois é obrigado a remediar.
- Ah, você que é muito neurótica. - Porém ele já estava feliz por ela estar planejando tudo, e não ele.

Ignorando totalmente o que o irmão havia falado, ela continuou o plano. Eles apagaram todas as luzes e seguiram para o quarto dele, e a sua sorte, é que o chão no caminho estava em perfeitas condições, logo eles não tiveram que pular algumas tábuas, para não fazer barulho. Quando chegaram ao quarto, colocaram na mochila a máquina fotográfica de Charles, e o computador. Para então começarem a seguir para a cozinha, desceram a escada que segue para a ala oeste, porém surgiu um problema, pois aquela escada tinha degraus muito curtos, ou seja, para passos lentos e silenciosos, não era nada vantajoso. Charles tivera alguns tropeções, mas com sorte sempre se segurava bem em Val. No final da escada a última tábua estava solta, o que fez Val tropeçar e cair em cima de um enorme candelabro.

O barulho foi muito alto, provocando tensão nas crianças. Elas passaram alguns minutos sem se moverem. Valquíria estava com as duas mãos no chão ainda estirada sobre o candelabro, numa posição muito desconfortável, mas ela nem ousava se mexer. Como seu irmão estava de pé, ele tinha uma visão mais ampla de tudo, assim fez então um sinal para Val se levantar.

Val estava com raiva de si mesma, por ter quase estragado tudo, mas logo passou quando eles avistaram o quadro. Assim que Charles o viu, logo olhou para a pêra que nele estava. Ela parecia muito viva, ele foi se direcionando para ela, quase podia sentir o gosto dela, quando fora tocá-la, sentiu alguém sibilando em seu ouvido.

- Não é hora de apreciar arte, Charles. - Era Val, que já estava entrando na cozinha.

Depois, quando as crianças contavam essa aventura, diziam que a parte mais difícil, fora abrir a porta da cozinha para o jardim, pois esta era muito velha e apenas com um toque, poderia acordar a casa

inteira. Bem, talvez não toda a casa, pois ela é muito grande, mas pelo menos toda a ala oeste.

Com alguns panos, segurando as dobradiças da porta, eles impediram que a porta fizesse muito barulho. Apesar de alguns rangidos, assim conseguiram e deixaram os panos ali, pois seria mais fácil para quando voltassem.

Estava tão escuro, que eles não viam nem um palmo á frente, não havia nem estrelas naquela noite. Mas Charles sempre teve um ótimo senso de direção, logo conseguiu localizar a pedra com a lanterna. A folha que ele tinha colocado ainda estava lá.

Enquanto Charles tirava algumas fotos dela, de cada ângulo possível, Val analisava encantada, a pedra, surpreendendo-se muito, pois esta não tinha uma aparência velha, nem desgastada. Era como se alguém a tivesse esculpido naquele mesmo dia, e simplesmente estivesse esquecido de acabá-la. E até podia parecer loucura, mas para ela aquilo nem era uma pedra natural, mas sim uma lápide esculpida, certamente com a intenção de deixar aquela mensagem.

Assim que percebeu as coisas que estava pensando, parou repetindo para si mesma que aquilo era loucura, sim. Eles cobriram a pedra, e sem trocar uma palavra, se dirigiram com Charles como guia, para a estufa.

Ao chegarem, tinham a barra de suas calças jeans encharcadas pela lama e pelo orvalho das plantas. Valquíria ao ver a porta se colocou na frente para entrar, mas bateu as coxas em algum lugar.

- Ai! Mas o que...
- Psiu! A porta começa mais em cima. - E ele logo tomou a frente e subiu, apoiado nas paredes.
- Mas que estranho...

Logo que ela subiu, e viu o irmão alguns metros acima tateando as paredes, percebeu o que ia fazer, e muito rapidamente o impediu.

- Não!

Charles levou um susto muito grande com a altura da voz da irmã.

- Não acenda nenhuma luz Cha, se não eles podem ver da casa!
- É verdade. Essa foi por pouco.

Então ele os guiou para a planta. Val não estava tão impressionada com o esplendor do local, pois como estava escuro e eles só tinham uma lanterna, ela não via nada a não ser os vultos das flores. Mas pela primeira vez desde quando saíra da casa, ela pensou nos bichos que poderia haver ali, o que acabou causando vários arrepios nela. Então viu Charles fazendo sinais para ela... Ele dizia para ela segurar a lanterna.

Assim que a pegou, ele tirou uma planta que Val pode ver, sendo apenas verde, como ele descrevera no quarto. E a colocou de lado. Ele foi à direção de algo, que assim que ela iluminou-o pode ver que era o alçapão. Val entendeu do que se tratava, e uma onda de esperança para que não estivesse trancado, os invadiu. Charles o abriu com muita facilidade, para a alegria deles.

Então eles viram.

Eles não sabiam o que esperar de lá de dentro, imaginavam que poderia sair uma luz tão forte, que poderia até cegá-los, ou seriam sugados para uma nova aventura, porque era exatamente isso que acontecia nas histórias, mas não.

Um cálice. Era isso que viam. Dentro daquele alçapão havia exatamente um cálice, ele era de vidro permitindo que se visse através dele, tinha duas fitas pratas que davam á volta nele, e entre elas haviam desenhos, era como se fosse uma floresta e nela havia varias criaturas, ás vezes em roda, ás vezes sozinhas. Eram, Faunos, Dríades, Anões, animais, Centauros, Bruxas, Druidas e diversos seres mais. Algumas como as Dríades, as crianças não sabiam o que eram, pois nunca tinham as visto. Porém o mais intrigante era a base do cálice, era o infinito como um oito deitado. Assim desta base subia a estrutura do cálice, tendo uma espécie de vidro retorcido.

As crianças ficaram fascinadas, Charles foi o primeiro que o tocara, o ergueu e Val o iluminou com a lanterna. Assim que ela o iluminou, este ficou mais brilhante ainda. Logo ele também refletia luz nos olhos das crianças. - Para que vocês saibam, Charles tinha olhos verdes, e Val olhos azuis como de seus pais -. A luz iluminou a estufa inteira fazendo produzir vários efeitos maravilhosos por todas as prateleiras e vasos. Val pediu para segurá-lo, assim com todo o cuidado ele passou o cálice para a mão de Val, e ela passou-lhe a lanterna. Uma troca de objetos arriscada, pensaram eles depois.

Não se sabe quanto tempo eles passaram ali admirando o objeto. Mais tarde Charles disse que poderia ter sido horas ou minutos, não sabia dizer. E com certeza na hora não saberia contar.

- É melhor voltarmos. - Disse Val, lutando contra os seus desejos de ficar.
- É, mas antes deixe-me tirar uma foto dele. - As crianças, sabiam que seria tolice levá-lo, pois se depois a avó fosse procurá-lo e não o encontrasse, eles teriam problemas.
- Claro.
- Pronto, consegui. Agora me deixe colocá-lo do jeito que o encontrei.

Então Val passou o cálice para ele, e pegou a lanterna que ele havia apoiado no balcão, para tirar a foto. Rapidamente Charles colocou tudo de volta em seu lugar.

No caminho de volta pelo jardim, tudo estava correndo bem, até que eles ouviram algo.

- O que foi isso? - perguntou Val.
- Um guizo acho. - Um guizo é o que fica pendurado em carruagens, parecidos com sino.
- Abaixese. - Não importa o que fosse Val estava com medo que os vissem.

Os dois estavam estirados na grama, prestando o máximo de atenção, até que se ouviu de novo, e de novo. Então eles viram um vulto, ele ia para o leste da casa. Depois de alguns minutos eles tinham certeza que o barulho vinha do vulto. Então eles se olharam.

Val mesmo sem enxergar o rosto do irmão, por causa da penumbra só via seus contornos, ela conseguia ver um sorriso. E ela sabia o que aquilo significava, então sorriu de volta, como um sinal de confirmação. Charles entendeu. Colocando-se á frente dela, começou a seguir o vulto. Valquíria podia ser dez vezes mais silenciosa que Charles, mas ele tinha muito mais senso de direção.

Apesar de Val estar carregando a mochila, ela estava se dando muito bem. Iam muito agachados, mas ainda sim não encostavam no chão, o que causava dores nos joelhos.

O vulto parecia estar sempre longe, pois tinha apenas um metro de altura, então Charles achou que estavam numa distancia apropriada. O vulto começou a mudar de direção, dessa vez ia para o Sul contornando a casa, pela lateral. Ele começou a apertar o passo, Charles sabia que esse era um sinal de que eles deviam parar, pois era provável que o vulto tivesse os visto, mas ele continuou.

Val vendo que o irmão apertou o passo, ela fez o mesmo, pois ela não via o vulto, por estar uns metros atrás de Charles já via o irmão com dificuldade, ao passo que nunca veria o outro. Alguns momentos ela começava a questionar se realmente estavam seguindo algo, mas ai ela ouvia o guizo, e sentia um arrepio.

Quando Valquíria pensou o que poderia ser, lhe veio uma rena, achava isso porque guizos a lembravam do Natal. Mas quando ela lembrou do Fauno, sentiu um pouco de medo.

De repente Charles sumiu da sua vista, o que lhe causou um certo pânico, ela começou a andar mais rápido, mas só podia ouvir passos á distância, então ela começou á correr. Já estava totalmente erguida e não o via mais. Mas o ouvia. Ela começou a pensar o quão idiota tinha sido á idéia deles seguirem a coisa...

O pânico tomava conta dos três no jardim, e eles corriam, corriam como nunca. Val estava com medo, á sua esquerda a floresta e a á direita a casa, logo estava sozinha sem poder saber de onde exatamente, ela ouve um grito.

- Val! Acenda a lanterna! Aqui!

Ela rapidamente parou de correr e acendeu a lanterna, que estava apagada até agora, por questões de segurança, quando ela mirou na direção do grito, ela viu.

Charles estava atirado no chão.

- Ali! Na direção da casa! - Ele apontava freneticamente.

Val mirou a lanterna, então ela pode ver uma criatura, algo que parecia um homem. Só que só tinha um metro de altura, então ela deduziu que ele devia estar longe, tinha uma cabeça comprida e pontuda, e as pernas eram grudadas. Val nunca vira algo de aspecto mais repugnante. E a coisa entrou na casa, por uma porta lateral.

Quando ela se deu por si, algo entrou na casa atrás da coisa, era Charles, que já se levantara. Ele havia gritado para Val segui-lo, antes dele entrar, mas como ela não tinha o ouvido ele continuou á correr. Fazendo ela só o ver, quando entrou na casa, passando pela luz da lanterna.

A menina saiu correndo em direção á casa e entrou, pela porta que era como a da cozinha. Assim que entrou viu as pegadas do

irmão, e umas um pouco menores, ela as seguiu correndo, virou alguns corredores, até que se deparou com uma cena curiosíssima. Era um corredor com algumas portas, de ambos os lados, porém seu irmão encontrava-se aos pés de uma, em um posição tão estranha, que ela não pode deixar de sorrir.

- Charles o que aconteceu?
- Val depressa, pare de rir que nem boba e me desamarre!
- O que houve? - Ela começou a desamarrá-lo, estava preso de alguma forma, que ela não entendeu, á maçaneta de uma porta.
- Ele me amarrou aqui. Trombei com ele no jardim! Eu achava que ele estava longe, por causa da altura! Mas estava na minha frente! Eu corri, mas quando o alcancei ele me prendeu nessa maçaneta! Os guizos o atrapalham!

Val não estava entendendo nada do que ele estava falando, ele apenas gritava e dizia coisas sem sentido para ela. Mas de uma coisa ela sabia, seu irmão estava preso e ela precisava soltá-lo de uma... Maçaneta? Que estranho.

- Onde a coisa está? - Ela perguntou, depois de soltá-lo totalmente.
- Ali. Entrou naquela porta.
- Vamos! - Val tomou á frente, decidida á entrar.

Ela abriu a porta lentamente e acendeu a luz, se deparou com o que menos esperava, uma sala cheia de espelhos.

Os dois já estavam dentro da sala. Havia todo o tipo de espelhos, com formatos e tamanhos variados, até que Charles gritou.

- Ali!

Val se aproximou da onde ele gritou, então ela viu.

## **Capitulo IV**

### **Uma história que não explicava tudo**

*“Tão impossível quanto eu suponho?”*

Agora podia entender o quão cega tinha sido em relação á criatura. Esta, na verdade tinha um chapéu comprido e pontudo, porém de tão pontudo ele envergava um pouco na ponta, e as pernas na verdade haviam sido prezas por um tipo de corda na qual havia os guizos, por isso o barulho. Porém o que mais a impressionou não foi como a criatura era, mas sim o que era.

Val não podia gritar, pois não lhe saia voz, mas ela estava tão chocada, que ficou imóvel durante alguns segundos com os olhos arregalados para a criatura, que depois de um tempo, acabou saindo de trás de um espelho.

Quando a criatura apareceu por inteiro na frente das crianças, Val voltou á si própria.

- Você é um *Duende*?

- Há! Ora essa agora! Eu mereço ouvir uma coisa dessas? - Ele tinha uma voz irritada, como de quem estava ofendido. Depois de tantos anos! As pessoas ainda teimam! Que insolência da parte delas! Mas ainda sim, um dia, ah um dia nós faremos uma boa guerra contra todos vocês! E então vocês aprenderão á dobrar á língua!

- Desculpe-me senhor, mas eu não consigo compreendê-lo.

Ele nem sequer olhou para ela, continuava de braços cruzados, com o queixo levantado. Apesar, de aquela criaturinha ter um ar insolente e até perigoso, quem sabe, Val percebeu que a única maneira de comunicar-se com ele seria se ela se dobrasse um pouco.

- Se eu disse algo que o aborreceu, me desculpe. Eu não queria fazê-lo.

- Hum... Nas horas mais surpreendentes, os bons modos aparecem hein? Bem, eu aceito suas desculpas menina.

- Fico agradecida, bem agora deixando de lado toda a minha ignorância senhor, poderia dizer-me o que você é? - Ela tentou fazer a pergunta da maneira mais educada e inocente possível, que acabou soando até estranho.

- Bem, eu sou um Anão, oras. O que mais eu viria á ser?

- É que você é muito diferente dos anões que conhecemos.

- É que eu tenho o puro sangue, dos verdadeiros Anões. Dos quais deixaram de existir no seu mundo, há muito tempo eu lhe garanto! - E ele disse esta ultima frase como quase um berro e levantou o dedo para eles.

- Impossível! - Disse Charles.

- Se deixaram de existir, como você está aqui? - Perguntou Val ignorando o irmão.

- Logicamente, eu não sou daqui não é? Acabei de chegar. Mas cada pergunta...

Val estava muito confusa.

E assim que estava pronta para fazer-lhe mais perguntas, o Anão havia tomado á frente. Pelo menos nas palavras, pois este não se movia devido aos guizos.



- E você rapaz? Não vai me ajudar com este infortúnio? – Ele se dirigira á Charles, que havia permanecido sentado de boca aberta este tempo todo, tendo apenas uma exclamação.
- Eu não sei se deveria, – Charles não sabia da onde havia tirado coragem para aquilo, mas ao ver a cara de incompreensão do Anão foi logo acrescentando. Pois não faz nem um minuto que o senhor me prendeu naquela maçaneta!
- É claro! Você estava me seguindo, *sem* a minha permissão. E quando chegamos aqui, você quase me agarrou.
- E desde quando quem segue alguém, precisa pedir permissão? Se a pessoa pedisse, não estaria mais seguindo e sim acompanhando á outra!
- O que seria muito mais educado da sua parte, por falar nisso. Charles sem acreditar no que ouvia, ficou parado.
- Charles, desamarre-o. – Val decidiu tomar as rédeas da situação, pois ainda tinha perguntas á fazer.
- Bem, vamos começar de novo. Meu nome é Valquíria Valeinstain, e este é o meu irmão Charles Valeinstain. – E com isso ela estendeu a mão para o Anão, que ficou muito feliz em apertá-la.
- Grinbelone, ao seu dispor madame.
- Pronto! – Era Charles que havia acabado de desamarrá-lo, por má vontade. Se me permite perguntar, como você fez isso? – E apontou para a corda com guizos.
- Não, não permito. – Era visível á antipatia que um tinha pelo outro.
- Ah é? Pois se você quer saber, Grinbelone não é nome de gato?
- Pois eu não quero saber. – Disse o Anão expondo a maior indiferença possível.
- Por favor, Grinbelone conte-nos.
- Atendendo ao pedido da senhora – E olhou significativamente para Charles, que com isso mostrou á língua para ele, deixando o Anão muito desconcertado. Vou contar minha história.

E assim os três se acomodaram na sala entre os espelhos, para Grinbelone começar á sua história.

- Eu vivo com meus cinco irmãos, numa casa em Glastonbury, – Val sentiu uma enorme vontade de interrompê-lo, mas ela sabia que não se deve interromper história alguma, então se conteve. Meu irmão Grinch é um dos poucos habitantes de toda Glastonbury que conhece toda á região e seus arredores muito bem. Isto devido ás grandes viagens que ele fez, pobre Grinch não consegue parar em nenhum lugar... Desde então ele ficou muito conhecido, claro. Em Glastonbury, nós temos uma organização política bem democrática, mas apesar de tudo ainda temos uma rainha, chamada Nisama. É a mais bela criatura que pode existir, se ela pisa na grama brotam-se flores, onde ela está o ar é banhado por harmonia, não há alguém em todos os mundos que irradie mais luz do que ela! É alma mais solidária que existe. – E com isso ele deu um suspiro, o que

deixou suas observações mais sentimentais do que já estavam, na opinião de Val -. Durante todo o seu reinado só tivemos paz e alegria, e garanto que se houvesse qualquer indício de guerra, ela logo tomaria as providências necessárias para acabar logo com aquele. Até que um dia, sua irmã enquanto caminhava por uma floresta á noite, se perdeu. E depois de muito andar ela viu uma luz, por pura inocência achou que estava salva. Garota tola...

As crianças já estavam com vontade de fazer várias perguntas fazia já um tempo, mas haviam se proibido. Contudo agora, já estavam confusas demais. Foi Val que questionou.

- Por que tola? Ela poderia muito bem ter visto uma casa, ou alguém para ajudá-la, não é?
- Claro que não madame! Permita-me lembrá-la dos Hinkypunks.
- Do quê? - Val não estava entendendo nada.
- Mas isso é impossível! - Desta vez foi Charles que falara.
- Ah é! Você e essa sua mania de impossível. Creio que tão impossível quanto eu, suponho? - Debateu o Anão.
- Como assim? Do que vocês dois estão falando?
- Val, - Charles falara com uma voz de quem estava falando com uma criança. Hinkypunk é uma criatura... Aliás, um demônio para ser mais exato, inventado por europeus há muito tempo, para evitar que as crianças entrassem nas florestas sozinhas. Mas não passa de uma lenda.
- Essa é boa! - Disse ele com uma grossa risada. Lenda? Oh, eu acho que não, meu caro. Acho que eles são bem reais, principalmente para a rainha Nisama e sua irmã. - Falava o Anão rindo.
- Reais? Você tem certeza disso Grinbelone? - Charles já não estava mais tão irritado com o Anão e sim preocupado.
- Tão reais como eu e você. É tão verdade, quanto eu ser um Anão legítimo. De puro sangue, um exímio guerreiro! - Como todo Anão, Grinbelone adorava falar das suas verdadeiras raízes.
- Minha nossa... Então como ela morreu? Pois que eu saiba Hinkypunks só gostam de pregar peças.
- Pregam peças? Demônios que gostam de pregar peças? Pelo amor de deus, vocês beberam? - Val estava ouvindo a conversa do irmão e do Anão de boca aberta, mas quando ela ouviu o que Charles tinha acabado de falar, explodiu.
- Ok Val. Calma, vou te explicar. Esses Hinkypunks são demônios, que vivem em florestas e que se aproveitam de pessoas perdidas. Como? Ele espera você ficar muito perdido na floresta, então acende uma tocha para que assim você a veja e pense que esta á salvo, mas enquanto você caminha na direção da tocha, ele preparou um buraco para você cair. E ao cair, você só tem tempo de ouvir as risadas dele, e seus passos saindo correndo dali.
- Meu deus.

- É, mas eu achei que isso era só uma lenda...
- Mas não é! – Grinbelone voltara á conversa. E foi assim que a irmã da rainha Nisama morreu, só que o problema era que o buraco que este Hinkypunk fez, havia grandes espinhos no fundo, o que matou nossa princesa tragicamente.
- Que horror! – Disse Val.
- Pois é, posso continuar a história?
- Por favor! – Disseram as duas crianças juntas.
- Muito bem madame, com a morte de sua irmã a rainha ficou muito triste. Ela não via mais nenhum sentido na vida, pois seu amor sempre fora muito direcionado para a irmã, já que ela nunca havia se apaixonado durante a juventude. Então ela passou a caminhar pela cidade com olhares tristes, não se via mais vida nela. E não demorou muito para logo começar a freqüentar lugares horríveis da cidade, como os pubs. Um dia enquanto estava em um pub da cidade, uma senhora pediu para ler a sua mão, Nisama não queria, mas depois da senhora tanto pedir acabou deixando. Ninguém sabe o que foi dito á ela, só posso contar á vocês que desde então Nisama nunca mais foi à mesma. Dali uma semana, foi anunciado que o cálice havia sido roubado! Então, meu irmão foi chamado para se apresentar no palácio imediatamente, e ajudar na busca. Porém ele não podia ir, pois tinha recebido... Bem ele tinha recebido... Não importa! O que importa é que meu irmão não podia ir, porém se ele não se apresentasse naquele dia, poderia ser morto...
- Mas essa Nisama não era boazinha? – Uma das crianças perguntou, não me lembro agora qual, se esquecendo da promessa que fizera para si mesmo de não interromper mais.
- Sim, sim a rainha Nisama era muito boa. Mas lembrem-se que desde o último acontecimento ela não era mais a mesma. Pois bem, como meu irmão não era visto há um tempo, eu fui ao palácio imediatamente, pois sou o mais parecido com ele. Apresentei-me lá como se fosse ele, recebi devidas instruções de onde poderia procurar e interpretei meu papel muito bem, sem despertar desconfianças. Até que eu disse que teria que passar uma noite no palácio antes de começar a busca, é claro que eu só o disse para meu irmão ganhar tempo. – Acrescentou ele, uma piscadela para as crianças. E durante esta noite, enquanto eu ia até o banheiro... Oras, não me olhem com essa cara! Depois de vinho á noite inteira, não seria de surpreender que eu fosse ao banheiro! Bem, voltando, então eu ouvi uma conversa de Nisama com uma de suas amas, e pude ouvir o seguinte, “... Você sabe que não está aqui! Foi levado para o outro mundo!”. – Charles sentiu vontade de rir, vendo Grinbleone imitar uma mulher -. Então, como eu já estava realmente determinado a achar o cálice como qualquer outra criatura em sã consciência, pois sei o quão ele é importante para todos. Decidi que não iria esperar pelo meu irmão, e

correria em busca do cálice! Foi então, que consegui chegar aqui. E estou o procurando.

- E os guizos? – Era apenas nisso que Charles conseguia pensar agora.
- Ah sim! Já havia me esquecido da parte mais importante! Para conseguir passar do meu mundo pra este, eu tive que pedir ajuda á uma amiga, mas como tive que sair às pressas de sua casa, ela fez essa brincadeira comigo. Antes, porém, ela me disse que ao chegar aqui, eu deveria procurar os dois guardiões, pois só com a ajuda deles eu conseguiria levar o cálice de volta.
- E como você iria saber quem eles são? – Val estava entretida e confusa.
- Eles teriam a marca.

Os dois estavam muito confusos em relação á alguns pontos daquela história, não conseguiam entender o mistério que envolvia o irmão de Grinbelone, não entenderam por fim a história dos guizos, e muito menos como seus avós estavam envolvidos naquela história, pois sabiam que o cálice da estufa, sem dúvida era o mesmo que Grinbelone procurava.

- Bem, eu agradeço a ajuda que vocês me deram em relação aos guizos, mas agora eu tenho que ir.
- Não! Grinbelone, nós ainda temos algumas perguntas para fazer.
- Ora, madame. Fico feliz, pois quando chegar o dia que ninguém tiver mais pergunta alguma a fazer, vai ser muito entediante.
- Sim, então responda-nos... – Charles estava muito impaciente.
- Se eu quiser meu caro. Se eu quiser!
- Mas veja só! Eu o libertei dos guizos!
- E eu contei a minha história.
- Ok, Charles chega. Em primeiro lugar por que seu irmão não pode se apresentar no palácio?
- Receio que isso não lhe diga respeito madame, muito menos á você. – E olhou para Charles.
- Ah... – Valquíria estava muito desapontada, com isso. E por que essa sua *amiga* lhe amarrou os guizos?
- Bem...

Mas de repente ouviu-se um estrondo muito grande vindo de algum lugar da casa, e foi só então que eles perceberam que já havia amanhecido. E se não fosse pelas roupas ou pela dor nas pernas, nenhum deles seria capaz de afirmar que passaram uma noite ali sem dormir.

- Vovó! – Charles gritou.

Valquíria olhou assustada para trás, mas não viu nada, foi então que percebeu que seu irmão só havia pensado alto como uma reação do estrondo, que por sua vez o lembrou da avó acordando.

- O que vamos fazer Cha?
- Já vi que eu não seria bem vindo... – Grinbelone que observava as expressões de apreensão das crianças.

- Não, é que... Bem acho que isso seria um pouco inapropriado no momento.
- Certo madame. Eu vou me embora então, foi bom ter...
- Não! Val, ele não pode ir. Se alguém o ver, poderia ser o fim.
- Ou o começo!

As crianças não entenderam o que Grinbelone tinha acabado de dizer, então levaram como uma simples empolgação e o ignoraram.

- Bem, esta sala parece abandonada já faz um tempo, acho melhor ele ficar aqui. Traremos comida para você, e depois do café o levaremos em segurança de volta para... Sabe lá onde. - Ela decidiu planejar tudo novamente.
- Tudo bem. - Grinbelone não tinha gostado muito do fato dela ter imposto que ele iria voltar ao seu mundo tão cedo, mas como ela tinha citado comida, ele decidiu apenas assentir por hora.
- Vamos então Val?
- Vamos.
- Só não demorem muito...

Charles e Valquíria pararam em ambos os quartos para guardar a mochila, e vestir novas roupas, e imediatamente desceram para a cozinha.

Estava muito cedo, pois seu avô ainda nem acabara de levantar, mas mesmo assim as crianças se colocaram em seus lugares na copa, e assim que verificaram que a avó não estava por perto...

- Minha nossa! O que foi essa noite? - Valquíria explodiu.
- Nem me fale. Você acredita em tudo que ele disse?
- Acredito. Mas acho que ele está omitindo muitas coisas...
- Você acha que aquela história do irmão...
- Está muito mal contada.
- Eu também acho, o irmão deve ter tido que fazer algo de extrema importância, que Grinbelone não pode nos contar.
- Lógico, e por que será que o cálice é tão importante?
- Não faço a menor idéia, mas que ele é um objeto mágico não resta nenhuma dúvida. Quando o toquei pela primeira vez senti...
- Como se não precisasse de mais nada. Era como se eu estivesse caindo, e caindo em um buraco sem fim.
- É! Foi isso. Você também se sentiu assim? - Valquíria assentiu com a cabeça. Eu não sei se isso é bom ou ruim.
- Nem eu, e aquela história dos guardiões?
- Estranho... Mas acho que não demorará a nós a entendermos.
- Por quê?
- Não sei, - Ele realmente não sabia, mas ele sentia. E isso é um fato, um fato meio incerto talvez, mas ainda sim um fato.
- Ah... - Ela sentiu um pouco desapontada, ou talvez confusa.
- E o que a vovó tem haver com isso?
- Por quê?
- Oras é ela que guarda o cálice.

- Olha Cha, eu realmente não sei. Agora quanto ela ser uma guardiã eu acho que não.

E essas foram as últimas palavras ouvidas por Charles, e as últimas ditas por Val, pois no mesmo instante eles adormeceram. Entretanto isso já era de se esperar, pois passaram uma noite inteira em claro, correndo pelo jardim, e quando não corriam sofreram muitas emoções. E todos sabem que quando o nosso emocional sofre mudanças rápidas, nós nos sentimos muito cansados.

Eles acordaram com a Sra. Valeinstain os chamando.

- Mas o que está acontecendo aqui?
- Ham? - Era Charles.
- Por que meus dois netos se encontram dormindo na mesa da copa, às nove horas da manhã? Alguém me explique!

Nove horas? Pensava Val, meu deus, dormimos pelo menos três horas aqui, e esse pensamento foi logo confirmado por uma dor na coluna que ela sentiu ao se endireitar na cadeira.

- Então? - Era a Sra. Valeinstain.
- Hum desculpe vó... Agente acordou meio cedo, e viemos pra cá.
- Então, como não sabíamos para onde ir, sentamos aqui para esperá-los e nem fomos para nenhum outro lugar. - Val foi logo complementando a informação inicial do irmão, ao perceber que seu avô entrou na sala. Mas acho que o sono voltou e acabamos adormecendo.
- Esses meus netos! - O Sr. Valeinstain entrara rindo na conversa.
- Espero que isso não aconteça de novo crianças. Ou serei obrigada á...
- Oh querida, não se preocupe eles não fizeram por mal, só vieram até aqui e nos esperaram.
- Mas parece que eles deram uma volta no jardim, não é? Encontrei o jardim todo remexido!
- Ah sim! Fomos primeiro só olhar como estava o tempo.
- Então vocês passaram pela cozinha?

Val percebeu o quanto específica foi à pergunta, e achou melhor contorná-la.

- Não...
- E o que são esses panos na porta da cozinha?
- Hum, eu não sei vó... Nós nem os vimos.
- Quem os colocou aqui então?
- Pode ter sido o Sr. Guminus.

A surpresa foi gigantesca na sala, a Sra. Valeinstain congelou, o Sr. Valeinstain parou de rir, e Charles estava boquiaberto. Nenhum dos avós sabia explicar o porquê daquela insinuação, nem da coragem, muito menos do descaso que Valquíria teve ao citar o Sr. Guminus.

- Então, - A Sra. Valeinstain tentou continuar a situação. A senhorita pode me explicar, como vocês foram até o jardim sem passar pela cozinha?
- Pela porta lateral! - Dessa vez, foi Charles que tomou á frente.

- Lateral? Minha nossa vocês andaram bastante. – Disse o Sr. Valeinstain meio surpreso.
- É, um pouco. – Disse Val meio sem jeito.

## Capítulo V

### Sr. Guminus

*“...acharia que eles eram velhos amigos reunidos numa tarde quente para se divertir.”*

As crianças foram para seus quartos logo no fim da manhã, dizendo que tinham a intenção de arrumar algumas coisas, mas se conseguissem tirar um bom cochilo, ai sim estariam com intenções satisfeitas.

Por trás disso tudo havia um verdadeiro motivo. Baseava-se em alguns guardanapos cheios de comida e algumas taças de suco para Grinbelone. E foi Charles que ficou encarregado de levá-los até ele.

Valquíria foi para seu quarto descansar um pouco, acabando por decidir ler um pouco do livro que tinha achado na biblioteca. Algumas partes lhe eram familiares, às vezes ela até chegava a achar que isso era coisa da sua cabeça, mas quando chegou o momento em que ela completou uma frase na sua cabeça, antes de acabar de lê-la, teve certeza que já havia lido o livro alguma vez.

Até antes mesmo de acabar de ler sobre o Manticore, Valquíria caiu no sono.

Ela sonhava profundamente com muitas coisas misturadas e que juntas faziam menos sentido ainda, mas quando chegou á um ponto do sonho que se encontrava conversando com um sapo e um texugo, e eles começaram á sacudi-la.

- Val acorde! Vamos! – Era o sapo.
- Ora essa, menino! Não é assim que se acorda uma dama.

Valquíria não entendia o porquê de o texugo ter chamado o sapo de menino, nem porque eles estavam falando aquelas coisas.

- Valquíria Valeinstain, acorde imediatamente! – O sapo havia ignorado totalmente o que o texugo havia dito, e continuou. Eu vou contar até três!

Imediatamente Valquíria acordou, pois a ameaça da contagem lembrou muito á sua mãe, o que a assustou.

- Mas o que... Está acontecendo? – Ao abrir os olhos, ela percebeu que o sapo e o texugo na verdade eram Charles e Grinbelone.

Ao estar totalmente acordada Valquíria se colocou de pé no quarto. Algo parecia estar diferente, e ao ver seu irmão e o Anão ali parados, percebeu o que era. O quarto parecia estar cheio devido ao fato de que ele naturalmente não tem muitas coisas, fora uma cama, a janela, o guarda-roupa, a escrivaninha com uma cadeira e um abajur. Ela não sabia o porquê de não ter reparado nisso antes, e nem por ter reparado justo agora.

- Se vocês soubessem o sonho que eu tive.
- Você se assustou com a contagem, não é? Ficou igualzinho a da mamãe. - Ele disse com um sorriso divertido.
- Por que você fez isso? Me assustou mesmo.
- É, a Roberta assusta mesmo...
- Não, não foi nada disso que eu quis dizer. E você ainda não parou com essa mania idiota? Chame-a de mãe...
- Ela não me parece uma mãe!
- Você não entende nada, não é?

Mas antes que eles continuassem a discussão, Grinbelone os interrompeu.

- Eu sei que eu estaria atrapalhando a madame a dar umas boas lições de moral neste insolente, - Ele disse isso dando um olhar de superioridade á Charles, e recebeu uma imitação cômica deste de volta. Mas com sua licença vocês poderiam me dizer como chegar ali? - Ele apontou para um lugar fora da janela.

Val teve que se envergar muito pra ver onde ele mostrava, pois sua janela dava para uma outra casa, não para as florestas.

- Bem, ali são algumas colinas que ficam logo ao Norte atrás da estufa, acho que não são propriedades dos meus avós.
- Certo, e como eu chego lá? Pois acho que devo começar á procurar os guardiões imediatamente por ali.
- Levaremos você. Deixe-me só pegar algumas coisas.

Charles entendeu o que a irmã quis dizer com aquilo, ela nunca mais sairia para o jardim sem estar realmente preparada, mesmo sendo uma manhã. Então ele começou a fazer uma pequena bolsa também.

Os três tomaram o máximo de cuidado para chegar ao jardim sem serem vistos por ninguém, e o conseguiram com sucesso.

Ao chegar ao jardim, primeiro foram de encontro com a floresta do Leste, pois indo pela sua orla não seriam vistos pelos avós e seguiriam em direção á estufa por dentro da floresta.

As crianças nunca haviam andado por ali antes. A floresta era cheia de vida, havia muitos animais, mas nenhum maior que um esquilo foi visto inicialmente, e o cheiro era muito gostoso, as crianças não sabiam exatamente do que era, mas era ótimo. Até que eles chegaram perto de um arbusto onde havia algumas frutas do tamanho de peras, só que vermelhas. Charles foi o primeiro a vê-las e imediatamente ele as associou com a pêra do quadro da cozinha. Elas eram iguais á não ser pela cor, e transmitiam a mesma sensação para ele, então sem pensar apanhou uma e a mordeu.



Val enquanto conversava alegremente com Grinbelone sobre doces, ela ouviu um barulho meio oco a trás dela, então ela se virou...

- Charles! – Ele se encontrava no chão, estendido.
- Meu deus, o que aconteceu com ele? – Grinbelone já estava ajoelhado ao seu lado.
- Ele está duro como uma pedra, porém ainda está quente! Aliás, ele está ficando cada vez mais vermelho, Grinbelone! – Ela continuava fora de si.
- Aqui está o culpado. – Grinbelone pegou a fruta das mãos de Charles e a ergueu no ar. É uma Plantu. É típica do meu mundo, muito venenosa atrai muitos Espeleólogos com sua aparência.
- Grinbelone pelo amor de deus ela é mortal?
- Sim. – Disse ele friamente sem emoção. Porém, essa fruta é plantada por Faunos, visto que ela traz sorte, apesar de tudo, logo os únicos que tem o seu antídoto são os próprio Faunos. Mas creio que não tenha nenhum por aqui, já me impressiona ter uma fruta dessas aqui.

O pânico que o irmão morresse, foi tomando conta de Val. Ela não podia deixar isso acontecer, ela nem tinha contado o porquê de todos esses anos ela ter sido tão dura com ele. Ela não queria. Ele não podia. Ela não... Apenas chorava, em um pânico terrível. Até que...

- Faunos?
- É.
- Você disse Faunos?
- Sim.
- Sim! Tem um por aqui! O nome dele é Sr. Guminus!
- Então não percamos tempo madame, onde ele mora?
- Eu... Eu não sei.
- Ai ai... Bem, de acordo com o que eu imagino não pode ficar muito longe daqui, se ele plantou essas Plantus. Há! Que engraçado, “se ele plantou essas Plantus!”.
- Ah não... – Val desabou em choros, por um segundo achou que podiam salvar o irmão, mas agora não via como.
- Oh minha madame, pare de chorar. Nesse caso lágrimas não curam.
- Pegadas! – Ela deu um salto tão inesperado que até ela mesma se assustou. É isso! Grinbelone, procure pegadas do Fauno!
- É assim que se fala madame.

E imediatamente eles começaram a procurar qualquer vestígio do Fauno, até que Val sentiu um cheiro diferente, Grinbelone também o sentiu e foi tomando á frente de Val. Ele saiu correndo e desapareceu na mata.

Ela não podia acreditar que ele havia a deixado, tudo bem que ele não gostava do irmão... Bem, ela também não podia chorar mais agora. Tinha que continuar. Até que de repente duas figuras se colocaram na frente de Val, uma era Grinbelone e a outra era um Fauno.

Val tomou um susto tão grande quando o viu que caiu sentada, mas imediatamente ele começou a falar.

- Onde está o menino? – Sua voz não era muito grossa, mas sim doce.
- Ali atrás.

Ele passou correndo por ela, e imediatamente se colocou de joelhos na relva. Ele continha um líquido branco na mão, com uma aparência não muito agradável. Tirou os tênis de Charles e as meias, e começou a passar muito do líquido nos pés, mas ele realmente passara muito, até que Val jurou ter visto uma expressão de confusão no rosto dele quando ele jogou todo o vidrinho nos pés de Charles.

- Pronto, você deve ser a irmã dele certo? – Disse o Fauno se dirigindo a Val.
- Sim, Valquíria Valeinstain e ele é o Charles.
- E eu sou Grinbelone, e eu não me lembro de você lá em...
- Sim, claro que não. Sai de lá há muito tempo, desde quando a princesa foi morta.
- Por quê? – Grinbelone estava confuso, não imaginava o motivo de alguém do seu mundo e vir morar neste.
- Vim ajudar alguns amigos.
- Bem, então você deve ser o Sr. Guminus.
- Sim certo, pode me chamar assim.
- O meu irmão, ele vai ficar bem?
- Sim, a cor vermelha já sumiu. Não deve demorar, vamos levá-lo para a minha casa aqui perto.

E sem mais perguntas, Val enxugou o rosto e colocou um braço do irmão dando á volta no seu pescoço, Sr. Guminus fizera o mesmo, para assim conseguirem levar Charles até a casa. Mas claro que Val só conseguiu carregar seu irmão depois de uma longa discussão, pois Grinbelone falou que isso não era coisa para uma dama e que era ele que devia fazer. Mas depois do Sr. Guminus dizer muito polidamente que ele era pequeno demais para carregá-lo, deu-se por vencido.

Assim que chegaram a uma pequena clareira, Sr. Guminus apontou para vários arbustos e árvores que pareciam muito entrelaçados. Val não entendeu porque ele queria passar justamente por ali, parecia tão perigoso e de certa forma, impossível de passar os três de uma vez com Charles. Mas ao olhar para Grinbelone e ver que ele agia normalmente ao se encaminhar para o local, imaginou que ela não devia estar entendendo algo.

Quando quase chegaram no local, Charles já estava acordado, ele apenas não sentia suas pernas e braços.

- Calma, isso faz parte do veneno da fruta, você ingeriu muito pouco dela, isso dificulta um pouco. – Disse o Fauno.
- Então seria melhor eu ter ingerido ela toda? – Charles estava perplexo.
- Claro.
- Não ligue Guminus. Esse menino não sabe bem o que diz. – Disse Grinbelone mais á frente.

- Depois, quando chegarmos em casa, eu explico melhor. - Sr. Guminus quis interromper logo, pois era visível que aquilo talvez virasse uma discussão.

Val continuou quieta, pois queria ver exatamente para onde estavam seguindo. O local apontado pelo Fauno um tempo atrás parecia cada vez mais longe, ela não entendia o porquê daquilo, mas precisava continuar, mesmo com o peso do irmão.

Quando chegaram aos arbustos, Val pode ver um tipo de fenda logo no meio deles. Guminus se colocou na frente e foi o primeiro a desaparecer dentro da fenda, ela olhou para Grinbelone que assentiu dizendo para ela continuar. Ao entrar nenhum deles viu nada, até que Guminus acendeu alguma luz.

Devia ser a casa do Fauno, tinha um aspecto muito aconchegante, eles acharam que era porque ela parecia ser feita de improvisado, porém com alguma intenção. Era escura primeiramente, porém havia diversas luzes nela e também objetos como, quadros, poltronas, enfeites, vasos, e dezenas de plantas que pareciam estar ali antes dele chegar, como se ele as tivesse encontrado nos mais diferentes lugares e as colocado em vasos.

- Coloque ele aqui. - Disse o Fauno. Bem vindos á minha casa, ela está meio desarrumada, mas é que andei meio sem tempo.
- Oh obrigado, você deve ser o Sr. Guminus?

Ele ficou muito impressionado por Charles saber o seu nome, pois quando ele se apresentou, este estava desacordado. Mas então ele pensou melhor e lembrou que ele nunca chegara a falar o nome dele, á menina também adivinhara.

- Como vocês sabem?
- Meus avós já comentaram de você. E logo imaginei que não haveria muitos Faunos por aqui.
- E eles disseram que eu era um Fauno?
- Não, acabamos por deduzir, quando vimos suas pegadas fora da cozinha.

Guminus se sentia extremamente confuso, pois teve o total cuidado de limpar suas pegadas nessas ultimas horas.

- Quando vocês disseram que chegaram mesmo?
- Não dissemos. - Disse Charles.
- Mas chegamos há duas noites e dois dias! - Val foi logo acrescentando, achando muito sem educação da parte do irmão o ultimo comentário.
- Duas noites? Entendo - E agora ele realmente entendia, lembrou-se da manhã em que alguém entrou na cozinha, e não era um dos senhores e ele fora obrigado á fugir. Ah sim, agora me lembro bem.
- Lembra? O senhor nos viu?
- Eu? Claro que não... Bom, mas eu suponho que agora você meu caro rapaz, queira explicações sobre o antídoto?
- Certamente.
- Você ingeriu uma fruta que não é típica daqui. Logo, eu lhe digo que há diversas outras frutas muito venenosas, que quanto

mais você ingerir delas, menos veneno terá em seu corpo, e se as ingeridas inteiras nenhum ficará, pois na primeira mordida todo o veneno da fruta se espalha pelo seu corpo, a segunda anula um pouco do veneno. Ao passo que de tão forte que é esse, ele próprio se anula, e na terceira mordida anula mais um pouco e assim por diante. Como você só deu duas mordidas, ficou com quase todo o veneno em seu organismo.

- Nossa isso não faz sentido nenhum... - Charles estava cada vez mais confuso.
- Claro que não! Você é um tonto mesmo! - Era a primeira vez que Grinbelone falará alguma coisa desde que entraram na cabana, o que causou um grande susto em todos.
- Um tonto? Por que isso agora? - Charles não estava com a menor vontade de começar uma longa discussão com Grinbelone.
- Quem mandou comer uma Plantus? Todo mundo sabe que elas são venenosas.
- Uma o quê?
- Plantus. Tem gente que tem uma certa ignorância...
- Ok chega Grinbelone. Ele não tem culpa, nunca vimos esse tipo de planta aqui no nosso mundo, e Charles, você sabe muito bem que não se deve ficar colocando tudo que se vê na boca! Quantos anos você tem?!

Guminus ficou muito surpreso ao ver a referência que ela fez sobre aquele mundo, dando a entender que existiam outros. Então ficou claro que o Anão já havia contado tudo.

Bem, os dois ficaram muito chateados por terem levado uma bronca assim, sem cerimônias. E principalmente por ter sido na frente do Sr. Guminus, pois eles não queriam que ele pensasse que eram tão fúteis, claro que os dois tinham motivos diferentes, mas tinham.

- Agora, - Prosseguiu Val. Se Charles ingeriu tanto veneno não seria certo, de acordo com seu raciocínio, que você tivesse aplicado só um pouco de antídoto?
- Oh não! A aplicação vem do quanto da fruta foi ingerido e como ele só deu uma mordida, logo tem que ser aplicado muito antídoto, e o antídoto não se anula como o veneno. - O Fauno tentou explicar da maneira mais simples para ela.
- Nossa que confuso. E por que você passou o antídoto nos pés dele e não o deu para beber?

Só então que Charles foi ver que estava sem sapatos e com uma meleca horrível em seus pés.

- Ugh que nojo!
- Não se preocupe, ela já vai sumir. Mas respondendo a sua pergunta Valquíria, isso já é novamente contrário, se ele ingeriu o veneno pela boca, eu tenho que passar o antídoto no lugar mais oposto possível.

Valquíria ficou muito impressionada por ele a ter chamado pelo nome, mas depois se fez parar de pensar naquilo, pois do que mais ela queria que ele a chamasse? Disse para si mesma. E também

decidiu não perguntar por onde mais o irmão poderia ter ingerido o veneno, pois já era adulta o bastante para saber disso.

- Sumiu! - Era Charles que gritara.
- O que sumiu Cha?
- A gosma, sumiu como ele disse.
- Se eu disse não haveria porque duvidar. - Lembrou Guminus.

O que se seguiu foi muito agradável, pois Guminus fez um almoço muito bom, e disse que avisaria os avós deles que passariam o início da tarde lá. Ele achou que isso era o melhor a fazer já que as crianças já tinham total noção que um Fauno preparava seus cafés da manhã.

Grinbelone vasculhava a casa inteira, olhando e tocando nos objetos, pois eles o lembravam muito Glastonbury, e querendo ou não ele já estava com saudades.

- Você não acha muito mal educado ficar mexendo em todos os meus objetos, sem a minha permissão?
- Oh! - Grinbelone havia sido pego de surpresa, e agora que se deu conta do que estava fazendo, ficou muito sem jeito. Desculpe-me Guminus, eu não pretendia...
- Tudo bem meu caro, foi só uma brincadeira. Pode continuar a vê-los, e se você olhar naquela estante ali trás na terceira gaveta, aquela entalhada a mão. Isso. Tem um pouco de tabaco, porém receio que eu não tenha um cachimbo...
- Oh não, eu tenho um aqui. Muito obrigado. - E Grinbelone já ia começar a fumar, quando se lembrou. A senhora permite?

Valquíria se surpreendeu ao ver que ele falava com ela, então decidiu retribuir a educação.

- Claro, só peço que não se aproxime muito de Charles, ele já teve algumas crises de ar.
- Como a madame quiser.

Guminus por fim não teve dúvidas, que o Anão realmente pertencia á Glastonbury devido á suas palavras.

- Quer dizer que a relação de vocês com seus avós vai muito bem? - Ele fez essa pergunta de uma maneira muito inesperada.
- Não entendi, Sr. Guminus. - Val já tinha combinado com seu irmão, enquanto Guminus e Grinbelone iam até a cozinha, que não forneceria muitas informações, até eles mesmos saberem o suficiente.
- Creio que para você e seu irmão saberem que eu cozinho para seus avós. Seus avós demonstram muita confiança em vocês dois.
- Ah... Claro. - Val se sentiu pela primeira vez, meio desconcertada por terem descoberto sobre ele, sem seus avós saberem, então começou a achar um tanto desrespeitoso.
- A não ser, que vocês tenham descoberto por si próprios... - Guminus sabia que infelizmente para tirar alguma coisa das crianças, teria que mexer com o emocional delas, ou irritá-las e certamente ele não queria a segunda opção.

- O que você julga errado, suponho? - Charles entrara na conversa, sua irmã seria muito melhor que ele nessa situação, mas as sua vaidade falava mais forte.
- Oh não, eu acharia até astuto quem sabe.
- Acharia? - Insistiu ele.
- Quem sabe, depende da situação.
- Curiosidade?
- Um pouco. - Guminus tinha que tomar cuidado com as rápidas perguntas.
- Defesa? - Valquíria voltou à ativa.
- Muito astuto!
- Por algum motivo, que não se sabe explicar? - Fora à vez de Grinbelone, ele estava achando aquelas perguntas e respostas tão divertidas quanto seu fumo, então não conseguiu se impedir de fazer a sua.
- Uma intuição você quis dizer? - Perguntou Valquíria, como se Grinbelone fosse uma criança.
- É, acho que sim... - Ele já começava a se questionar, se não deveria ter pensado mais na sua pergunta, já que estava a fim de impressioná-los.
- Acho perfeitamente astuto. - Arrancando uma salva de palmas empolgadas de Grinbelone, que sorria alegremente.

Valquíria não pode segurar o riso ao ver aquela cena do Anão, e assim que explodiu de tanto rir provocou risos em todos na sala, inclusive em Grinbelone que nem sabia o porquê de estar rindo, mas este logo teve que parar de tanto engasgar com a fumaça do cachimbo.

Quem visse aquela cena, acharia que eles eram velhos amigos reunidos numa tarde quente para se divertir. E eu posso garantir á você, que se você os tivesse visto também cairia nas risadas. Acredito que o riso é uma das melhores coisas já inventada, mas quem a inventou? Pode ter sido a pessoa mais triste do mundo, como o único intuito de se proteger, mas como ela sabia que era triste se o riso nem existia para mostrar a felicidade? Essas e mais perguntas, eu ainda não posso responder, mas se o famoso inventor dessa maravilha um dia ler isso, por favor, me mande uma carta dizendo quando e onde ele criou a sua sem dúvida, melhor invenção.

O ambiente estava muito bom, nem o Fauno nem as crianças tinham a intenção de ser mais inteligente ou astucioso que os outros ali, os quatro já eram grandes amigos. Então os dois Valeinstain enquanto almoçaram, contaram como tinham descoberto, que ele cozinhava para os avós e ele afirmou tudo se lembrando muito bem daquele dia. Grinbelone contou para Guminus sua história e assim que ele citou que cálice tinha sido roubado, o efeito surtido no outro foi muito inesperado.

- Só agora descobriram? - Exclamou Guminus.
- Como? Acho que não entendi o que você disse. - Grinbelone estava confuso.

- Como? Ham... Desculpe-me, acho que eu me expressei mal, eu quis dizer, só agora descobriram que o cálice precisava de mais segurança?!

Bem, o resto seguiu-se normalmente, até os guardiões serem citados.

- E quando eu voltar, você pode vir comigo Guminus!

- Oh não, prefiro ficar por aqui. E eu prefiro que você nem comente que me encontrou aqui, pois eu não sei como eles andam compreensivos com aqueles que deixaram lá, para viver com um povo diferente em um mundo diferente. E quando você pretende voltar para Glastonbury? - Quiz saber ele.

- Oras! Quando eu achar os guardiões e o cálice! Não adianta fazer as coisas de trás para frente, não estamos através do espelho meu caro.

- Então só falta o cálice?

- Hã? - Perguntaram os outros três juntos.

- Pois creio que você já tenha os guardiões.

- O que tinha na sua bebida, Sr. Guminus? - Disse Val sarcasticamente.

- Crianças! - Exclamou ele rindo. Vocês ficaram cegos? Os novos guardiões estão nesta sala.

Os três deram um salto de susto. Charles quase caiu do banquinho, de onde estava sentado, e Grinbelone olhava freneticamente para os lados como se alguém fosse se materializar na frente deles a qualquer instante.

- Ok, já vi que vou ter que ser mais explícito.

- Por favor! - Exclamaram os três.

- Bem Valquíria, Charles, vocês são os guardiões que o nosso querido amigo, - Ele olhou ironicamente para Grinbelone. Está procurando.

Os dois não disseram que Guminus estava louco, pois não duvidaram em nenhum momento sequer dele. Primeiramente porque o Fauno não tinha uma aparência de quem brincava com uma coisa dessas, pois essa deixaria Grinbelone muito nervoso. Segundo porque depois de tudo o que eles já tinham passado, aquilo não seria muito inesperado. Aliás, seria até que muito, talvez um pouco só, estranho.

- Como? Você acha mesmo? - Grinbelone também não havia considerado aquilo tão impossível.

- Sim. Não apenas considero, como afirmo. Vejamos, **se** eles são irmãos de sangue certo?

- Certo. - Foi Charles que concordou.

- Então, uma das marcas será totalmente aparente, mas o outro terá uma marca interna, ou seja, não poderemos vê-la.

Val ficou muito nervosa quanto á isso, pois ela teve um pouco de receio que aquilo significasse que ela teria que relembrar o dia de quando ela descobriu de maneira desagradável, o porquê da antiga antipatia pelo irmão. Mas para disfarçar seu nervosismo, ela se espreguiçou fazendo de tudo aquilo algo muito casual, e sem perceber sua manga da blusa caiu um pouco sobre seu braço.

- Mas... Você... Imagina... Qual de nós tenha a marca interna? - Disse ela bocejando. Pois eu acho que sou eu.

- Não querida. Você tem a marca aparente. E ela esta ai, na sua mão.

Ela começou a procurar freneticamente algum sinal em suas mãos, até Grinbelone segurar sua mão esquerda.

- Permita-me madame.

- Hum, claro.

Ele virou um pouco a mão de Valquíria, e logo apontou um sinal, que ficava logo abaixo do ossinho do lado de fora da mão. O sinal era uma palavra. Claro que não continha uma escrita muito comum e sim mais estilizada, mas Val só conseguiu perceber que era uma palavra depois de passar alguns minutos analisando-a, pois ela tinha um tom um pouquinho só mais claro que sua pela.

- Ana. A-N-A.

- Tem certeza? Leia também de trás para frente. - Pediu Charles.

- Ana, oras... Definitivamente é Ana! - Val se sentia um pouco desapontada, esperava que logo o seu sinal fosse algo mais intrigante, que ela talvez levasse até uns dias para decifrar, algo como a lápide.

- Muito interessante... - Disse Guminus contrariando os pensamentos dela.

- Acha mesmo? Um nome. Meu sinal é um nome, não vejo nada de interessante nisso. Aliás, acho mais desinteressante ainda o fato de nunca ter conhecido muito profundamente uma Ana.

- Mas madame, Ana não é apenas um nome. Ana na língua élfica significa Criadora, ou seja, esse nome é dado para alguém que é provido do poder de criar, e geralmente de criar algum dom para outra pessoa.

- Logo, é alguém que possui um dom e passa ele adiante, certo? - Foi Charles que tentou sintetizar o que Grinbelone disse.

- Errado.

- Ah... - Charles não gostou muito de como Grinbelone foi seco e decidiu não dizer mais nada para não desencadear uma briga, novamente.

- Grinbelone você poderia nos dar mais uma ótima explicação, sobre a língua élfica?

O Anão olhou alguns segundos diretamente para o Fauno, não tinha certeza se ele fora ou não irônico, mas logo ao ver que ele não transmitia nenhuma reação, entendeu que falara sério.

- Claro. Porém eu espero que vocês saibam que eu não tenho prazer nenhum de falar em Elfos, contudo eu explicarei á vocês, - E disse isso fazendo um ar muito pomposo. Bem é que a explicação do nosso amigo, - E olhou para Charles como Guminus havia feito com ele, algumas horas atrás. Não foi nada certa, uma Criadora para os Elfos é alguém que nasceu com um dom de criar outros dons enquanto cura outro. Logo assim que ela cura alguém, ela transmite um outro dom que servirá em prol da outra pessoa futuramente. Por isso ela não transmitirá o seu próprio dom, como nosso amigo havia dito. E ela também não sabe que dom transmitiu para essa pessoa. Agora, o que nos resta saber, é se a madame tem esse dom de cura.



- Mas as crianças élficas com esse dom têm essa marca? - Perguntou Val interessada.

- Não e não. Não é só as crianças élficas que têm esse dom, e elas não nascem com marca alguma.

- Acho que descobriremos se Val tem mesmo esse dom no seu determinado tempo, e eu receio que como ninguém tenha mais informação alguma á acrescentar, estou certo? - Finalizou Guminus.

- Está. - Concordaram.

- Bem, agora tratando de Charles, eu acabo de descobrir parte de seu dom. Que logo sabemos que é interno, e seria muito comum se ele se propagasse em você numa forma, desconhecida para este mundo. Na forma de uma deficiência.

- Meus olhos... - Murmurou Charles.

- Sim, sua marca é sua visão. Sei que vocês devem estar intrigados com isso, pois qualquer um poderia ter essa marca. Mas quando se trata de irmãos de sangue, tudo fica muito mais claro e simples.

- Mas o que eu faço tecnicamente com esse dom?

- Não faço a menor idéia, você também descobrirá no seu devido tempo. Mas deve ser algo que não seja visível á olhos nus. E para confirmar ainda temos a prova que seus antecessores eram guardiões.

- Há-há, então ta Sr. Guminus, eu tenho que admitir que você estava indo muito bem com as suas conclusões, mas de uma coisa eu tenho certeza, a ultima coisa do mundo que meus pais eram, é guardiões de um outro mundo. - Disse Valquíria em um tom de deboche,

- Porque com certeza, isso teria mudado o modo que eles viveriam a vida, os transformando em pessoas muito diferente do que realmente são, ou eram. - Completou Charles confuso.

- Eu nunca quis dizer seus pais, Valquíria e Charles. Mas sim, seus avós.

Os dois mal podiam acreditar no que acabaram de ouvir. Como foram tão cegos naquele momento e se esquecido? Tudo se encaixava plenamente. Era por isso que os avós eram meio estranhos, era por isso que eles conheciam Guminus, e era exatamente por isso que a avó guardava o cálice. Mas isso queria dizer que seus avós haviam traído a... Como era mesmo o nome? Ah! Glastonbury? Esses pensamentos não paravam de palpitar na cabeça das crianças, foi então que Charles pensou.

- Os guardiões... O que eles tem que fazer com o cálice?

- Eles protegem o cálice. - Respondeu passivamente Grinbelone.

- E quem escolhe quem serão os guardiões?

- Ele.

Guminus estava muito satisfeito, pois as crianças entenderam até o ponto que ele queria, mas ainda era muito cedo para se falar do Ele.

- Ele? - Continuou Charles.

- Quem é Ele? - Disse a menina por sua vez.

- Isso fica para uma próxima conversa. - Foi logo adiantando Guminus.

- Mas...

- É hora de vocês irem para casa, Grinbelone você pode ficar aqui comigo se quiser.

- Sim, vou aceitar, muito obrigado. Mas vou ainda acompanhá-los até a orla da floresta se me permite.

- Claro, até amanhã crianças. – Foram as últimas palavras de Guminus, que as crianças ouviram naquele dia, ou era pelo menos o que elas achavam.

Logo os três se viram sós na floresta, à vontade para discutirem tudo o que haviam presenciado naquela tarde, mas os dois tinham que agüentar mais um pouco. Pois apesar de tudo, não sabiam ainda o quanto Grinbelone entenderia a parte deles.

- Eu não sei dizer o quanto esse Guminus é confiável.

- Por que você diz isso Grinbelone? – Perguntou Val de uma maneira calma, para não demonstrar sua curiosidade.

- Ah, vocês não viram quando ele se referiu à demora de terem descoberto que o cálice foi levado? Era como se ele já soubesse que o cálice, não estava mais em Glastonbury, há muito tempo.

Todos continuaram em silêncio durante alguns minutos, nenhum deles sabia como seria mais adequado continuar aquele comentário. Por fim Grinbelone disse.

- Fora isso, ele é muito bom. Aquilo deve ter sido apenas um deslize mesmo. – Disse ele contradizendo-se.

Eles chegaram à orla da floresta em poucos minutos, se despediram e viram o Anão sumir entre as árvores, o que não demorou muito devido ao seu tamanho.

Imediatamente se dirigiram para a casa, estava quase na hora do jantar.

## **Capítulo VI**

### **Uma visita durante a noite**

*“O bastante para que ela lançasse diante dos olhos dessa pessoa...”*

O mais estranho foi quando os avós não comentaram nada sobre a ausência deles naquela tarde. É claro que eles sabiam que os avós tinham total conhecimento de onde eles estavam, mas diante do conhecimento deles, os avós não sabiam como eles haviam tido o primeiro contato com Guminus, e nem do que eles faziam por lá naquela hora da manhã, ou seja, de uma forma ou de outra, Charles estava muito preocupado sobre eles saberem ou não da estupidez que ele fez à tarde.

O jantar correu muito bem, mas todos alegaram estarem muito cansados e preferiram ir direto para seus quartos, não sem antes Charles e Valquíria poderem colocar tudo o que aconteceu durante à tarde no seu devido lugar. Acabaram chegando á conclusão que não

demoraria muito para Grinbelone começar a levantar hipóteses de eles irem com ele para Glastonbury, ou de eles começarem a procurar junto a ele o cálice, o que seria muito complicado, pois eles já sabiam onde ele estava. Decidiram tomar todas estas decisões na manhã seguinte, e também resolveriam se iriam revelar onde o cálice estava. Mas de uma coisa eles sabiam e nem questionavam, não contariam nada disso para os avós. Pelo menos por enquanto.

A casa da família Valeinstain pertencia, curiosamente, á aquela família há séculos, mesmo que os seus primeiros integrantes só tenham comprado ela há algumas décadas. Eles se chamavam Lílian Pensiven e Henrique Valeinstain, ninguém na vizinhança os conhecia, nunca tinham ouvido falar em suas famílias, nem sabiam da onde vinham, muito menos de onde vinham suas rendas. Logo eles tiveram uma filha chamada Roberta, para então entrarem nos costumes daquele mundo, dando o nome da família, e da propriedade, de Valeinstain.

Lílian havia aceitado aquela propriedade sem duvida nenhuma, pois seu espaço era grande o suficiente para construir um jardim enorme - que hoje é a floresta - e uma estufa, para ela se lembrar.

A casa com certeza tinha uma atmosfera muito diferente de vários lugares que Charles e Valquíria já haviam estado. Apenas depois eles puderam perceber que essa sensação era devido a casa ser realmente mágica. E definitivamente essa era a palavra certa para descrevê-la.

Mágica.

Por mais que tentasse não se fazer nada naquela casa, era impossível. Uma única tarde deitada no sofá não se realizava. Uma manhã sem fazer nada diante a TV, nem pensar. E por que disso? Simplesmente porque era impossível. Era como se a casa tivesse personalidade própria, e o fato de ter alguém sem nada para fazer dentro dela á irritasse o bastante. Digo, o bastante para que ela lançasse diante dos olhos dessa pessoa, uma incrível estante de livros, uma tapeçaria que precisava ser limpa, ou um armário jamais visto, fazendo com que a pessoa imediatamente começasse a fazer algo. Isso era uma das coisas que Lílian e Henrique se arrependiam nela, pois não fazer nada é algo necessário numa rotina, querendo ou não. É claro que eles tinham tempo para descansar, mas sempre estavam fazendo algo enquanto isso, ou teriam que fingir que estavam dormindo, era inevitável.

Charles estava sonhando, não sabia bem o que era, mas estava. Ele sempre gostou dessa sensação...

Raríssimas pessoas conseguem isso, como Charles.

Quando dormia ele conseguia se dividir em dois, uma parte dele embarcava no mundo dos sonhos, dormindo muito profundamente. Já a outra parte ficava de fora, olhando para a primeira parte enquanto ela sonhava, e uma sensação diferente de tudo que ele já experimentara acordado o invadia. Algumas pessoas se assustariam ao “fazer” isso, achariam até que estão mortas, chegam até a odiar esta sensação. Porém ele sempre a achou deliciosa, dava poder á ele.

Ela era doce, mas mesmo assim não sabia o que era. Já havia dedicado dias á pesquisar alguém que já teve uma experiência parecida, mas nunca achou nada a respeito. Ele também procurou algum gosto ou algo do tipo que chegasse perto da sensação, mas nunca achou nada. Agora ele estava mais uma vez se deliciando com ela, ela estava ficando muito intensa, era difícil ela ficar assim, estava quase apalpável, até que quando ele podia sentir...

- Charles? Charles?

- Hum? Aham... - Alguém havia o acordado.

Era Guminus.

- acorde agora! - Ele parecia bravo. Ou desesperado? De qualquer forma, Charles estava muito cansado para ser acordado no meio da noite.

- Jogue essa água nele! - Havia mais alguém no quarto.

Era Grinbelone.

- Aaah! - Alguém havia jogado a água da uma jarra que estava na cabeceira, em sua cabeça. Mas o que esta acontecendo?

- Ou você acorda, ou o deixaremos aqui. - A frase era muito precipitada para Guminus, mas ele parecia estar muito apavorado. Escolha.

Charles levantou-se, imediatamente se vestiu conforme foi mandado, e mostrou onde estavam todos os seus equipamentos, conforme também lhe fora mandado. Grinbelone tinha uma sacola devidamente grande e colocou tudo que pertencia á Charles dentro, inclusive algumas roupas, e pares de meias.

Charles tentou perguntar mais de uma vez o que estava acontecendo, mas ao receber alguns olhares muito assustadores dos outros dois, voltou a ficar calado e só fazia o que eles pediam. Logo foram até o quarto de Val. Ela demorou muito para acordar, pois ainda não havia conseguido descansar da noite mal dormida. Mas assim que acordada foi muito mais compreensiva que o irmão.

Ao ver os três reunidos ao pé de sua cama, logo pode entender o quão importante aquilo devia significar.

Saíram do quarto para que ela pudesse se trocar, mas ao ver que ela demorava muito, Guminus começou a ficar um pouco preocupado com a hora. Então depois de se controlar um pouco foi bater novamente na porta do quarto, claro que á contragosto de Grinbelone.

- Isso falta com respeito perante as damas.

- Grinbelone, você não faz idéia da importância disso tudo, se soubesse me apoiaria. - Sussurrou o Fauno.

Grinbelone se calou, pois logo que voltou de acompanhar as crianças até a orla da floresta, ele teve uma séria conversa com Guminus e percebeu que ele seria um dos últimos seres de qualquer mundo para se desconfiar.

Quando Guminus foi bater na porta da Valquíria, ela abriu a porta já vestida, em uma das mãos trazia o livro, duas lanternas e fósforos, na outra trazia, duas capas, uma coberta muito fina e um pequeno sino.

Quando ela estava se preparando dentro do quarto, percebeu que ficaria fora durante um longo tempo, então abriu os armários e gavetas e foi pegando o que lhe pareceu ser útil. E ao espiar pela janela para ver o jardim, o que não conseguiu, pois ainda estava escuro, pode apenas ver no parapeito de sua janela, um sino. Ela o pegou. Era pequeno e dourado, não teve tempo de ler o que estava escrito por fora, nem de analisá-lo, mas decidiu levá-lo. Podia vir a ser útil.

Assim que eles a viram, parada diante deles com todas aquelas coisas mais que pronta, perceberam que ela já havia crescido, fazia jus ao nome de Guardiã. Prática e rápida lançou-se sobre eles colocando as coisas na sacola de Grinbelone e pendurando as capas na mochila de Charles, quando acabou parou diante deles e sorriu.

Charles se sentiu desconfortável pelo modo que se comportou quando eles foram acordá-lo. Podia ter se comportado melhor! Dizia a si mesmo. Mas logo parou com esse martírio convencendo-se que prestar atenção nas coisas a sua volta e ajudá-los, ia ser mais útil, do que aquele seu dileminha particular.

Eles estavam indo na direção da escada da ala oeste que descia para cozinha, Val ia à frente. Mesmo sendo Charles o com melhor senso de direção, ela já sabia o caminho e enxergava muito bem, sem contar o fato de ser muito silenciosa podendo conduzir o grupo pelos degraus mais seguros, pulando as tábuas soltas e tudo mais. Por sorte a avó tinha deixado os panos que encontrara na porta, ali na cozinha mesmo para então Valquíria poder fazer o mesmo que na noite anterior.

Quando já estavam do lado de fora da casa, Guminus informou-os que eles teriam que chegar agora até a sua cabana, então ou ele ou Charles deveriam conduzir, já que Grinbelone ainda não sabia muito bem o caminho.

Acabou por ser Charles na frente, logo atrás Guminus, Grinbelone e por último Val. Assim que chegaram na cabana, eles se sentaram na sala e Guminus só acendeu uma pequena lamparina, fazendo com que eles só visse determinadas regiões das faces, um dos outros - como o nariz -. Então Charles com toda a calma iniciou.

- Muito bem, o que ocorre?

- Vou explicar tudo a seu devido tempo Charles, e o que você e a sua irmã precisam saber agora é que vamos fugir na calada da noite para Glastonbury. Não se preocupem, seus avós sabem, eles eram guardiões de lá há muito tempo, estavam lá quando a rainha Nisama perdeu a irmã. Seu avô era um dos guardas do palácio e sua avó a principal ama da rainha, tinha total acesso a todo o palácio. Um dia quando Nisama voltou diferente para casa, sua avó percebeu o que se passava e comunicou ao Ele. Ele deu uma ordem a sua avó, dizendo que ela e seu avô precisariam fugir com o cálice, para este mundo. E que um dia, antes de tudo acabar seriam os seus sucessores que o ajudariam. Acreditem seus avós estão com medo por vocês, mas eles os amam, por isso não poderiam vê-los partir. O que o Ele falou para a sua avó eu não sei Valquíria, se é o que você ia

perguntar, eu não sei de praticamente mais nada, só que eu vou ter que ir com vocês.

- Na verdade, eu queria perguntar se Grinbelone não está bravo com a gente, por sempre soubermos onde estava o cálice e nunca termos lhe contado.

- Oh não madame. Você agiu muito nobremente, pois você não sabia de nada, e quando nada se sabe o melhor a fazer é saber que não... Oras! Estou confuso demais, deixe pra lá.

- E onde está o cálice? E o que faremos quando chegarmos em Glastonbury? - Charles ainda não estava muito interado ao que fariam.

- O cálice está na bolsa, - Disse Guminus. E quando chegarmos em Glastonbury, procuraremos o palácio e eu direi o que faremos em seguida.

- E a nossa mãe?

- Seus avós conversarão com ela.

- E outra coisa, se nossos avós e nossa mãe sabem aonde vamos. De quem estamos fugindo? - Não que Valquíria estivesse desconfiada, mas...

- Este é o problema, não sabemos. - Guminus se sentia envergonhado por ter sido exposto o fato de que ele não tivesse total controle da situação.

- Vamos logo! O tempo está se passando. - O Anão estava sendo movido à sua própria ansiedade.

Valquíria não gostou da resposta que havia recebido, nem da interrupção de Grinbelone, mas achou melhor esperar. Afinal havia provas, como sua cicatriz - a qual ela antes nunca tinha visto -, que não tinham como serem negadas.

- Agora temos que fazer um juramento, - Disse Guminus ignorando totalmente o Anão. Que nunca deixaremos de confiar uns nos outros, independente da situação que seja. Que jamais deixaremos de acreditar nos talentos de cada um aqui. E que iremos rir nas horas mais difíceis e chorar nas mais fáceis. Eu juro.

Assim todos falaram o juramento em voz alta, o qual mais parecia apenas palavras de conforto e antes que atmosfera da sala se estabelecesse novamente Guminus tomou na palavra novamente.

- E agora Valquíria e Charles prometam que não dirão a ninguém que são guardiões nem nada sobre o cálice sem a minha permissão.

- Prometemos.

Apesar do pequeno incidente anterior ao juramento, Val acreditava plenamente em Guminus.

Definitivamente a sala agora mais do que nunca ficara como um lugar mágico, alguém em algum lugar sorria pela união deles, e eles sabiam que isso era só o começo. Eu estaria mentindo se eu dissesse à você que eles não estavam com medo, mas nunca ficaram tão felizes por o sentirem. Pois tudo indicava que finalmente algo de extraordinário iria acontecer e eles sabiam o que fazer quando acontecesse, ou pelo menos esperavam que soubessem.

- Bem... - Disse Val quebrando o silêncio. Só por curiosidade, como chegaremos em Glastonbury, se é outro mundo? Em outra dimensão.

- Acho que agora vocês irão gostar... - O Fauno tinha um sorriso misterioso, seus olhos brilhavam e quando as crianças viram isso, uma onda de excitação ás percorreu novamente. Grinbelone? Você acha que já esta em condições de nos ajudar?

- Elementar!

Eles saíram da casa do Guminus na mesma formação que chegaram, só que Charles desta vez trocara de lugar com Guminus, pois não sabia para onde deveriam ir. Até que eles chegaram em uma clareira, que por pura contradição estava muito escura. Não se via um palmo na frente do nariz, mas mesmo assim todos permaneciam calmos e ansiosos. Logo Grinbelone assumiu o comando.

- Agora prestem atenção, - Eles estavam em roda com as mochilas nas costas, e só sabiam que estavam em roda, visto que estavam de mãos dadas -. Atravessaremos um portal e para que isso ocorra teremos que mentalizar o local que queremos chegar, e dizer seu nome alto em vossas mentes. Então cairá uma gota dos céus em nosso centro. Imediatamente vocês tem que ver a cor desta gota, pois assim que ela cair no chão vai acontecer um tremor em toda a terra, não se assustem. Em seguida acontecerão vários outros tremores por toda parte, um de cada cor, temos que entrar no que for da cor da gota. Vocês não podem pisar de maneira alguma em outro portal, se não as conseqüências serão devastadoras... O tremor é parecido quando temos águas calmas em um lago e uma gota cai, acaba produzindo uma espécie de onda. Muito bem, eu sei que está meio confuso, mas na hora entenderão. Boa sorte! E agora pensem em *Ao redores de Glastonbury!*.

Conforme foi mandado, todos começaram a pensar em Glastonbury e seus ao redores, as crianças não faziam idéia de como era lá, mas se esforçaram ao máximo, pois os dois conheciam, por causas diferentes, a Glastonbury do mundo deles, um condado na Inglaterra.

Depois de alguns segundos de mentalização eles viram uma luz surgir logo acima das cabeças deles, do nada, no céu. Ela descia em direção á eles, e quando ela estava já na altura de seus rostos eles puderam ver uns aos outros. Foi engraçado por um pequeno momento ver os rostos de todos estupefatos e até com um pouco de medo. Mas logo viram que a luz era uma gota, assim como Grinbelone havia dito. Então todos imediatamente se puseram a ver a cor da gota.

Era laranja.

Enquanto ela mais se aproximava do chão a tensão aumentava e todos se tornavam mais ansiosos. Quando aquela tocou a grama, houve um tremor como o esperado, porém muito mais forte do que as crianças imaginavam. Todos precisaram se segurar uns nos outros para não caírem no chão. Charles se desequilibrou de uma tal forma que seu nariz ficou poucos centímetros do chão antes que Guminus o puxasse.

Assim que o tremor foi se afastando eles perceberam que ele formava um tipo de onda, e que por onde ele passava as coisas tendiam á cair ou estremecer, mas logo depois voltavam em seus

lugares. Todos os animais corriam para fora dali - aliás, foi só então que eles virão à quantidade de animais por ali -.

- Muito bem, esse foi o primeiro agora virão os outros. Fiquem de olho e preparem-se para correr. - Alertou Grinbelone.

- Não podemos mesmo tocar em nenhum outro tremor? - Perguntou Charles rapidamente.

- Não teime comigo, menino!

Todos assentiram e se preparam para os próximos. Não demorou nem um minuto desde o último para aparecer o segundo, ele era azul turquesa e se propagou a uns dez metros à esquerda deles. Quando ele chegou até eles, já haviam vários outros aparecendo, eles o pularam e logo viram que poderiam o fazer com sucesso. Até que Valquíria avistou algo laranja logo adiante deles e não demorou para ela ter certeza que se tratava do tremor que eles precisavam, ela olhou para Guminus que já o tinha visto também e já mostrava-o para Charles, alertou Grinbelone. Logo eles se viram correndo em direção à onda laranja.

Antes de eles conseguirem entrar, ainda tiveram que pular de uma onda cor de mostarda.

Quando pularam todos finalmente para o tremor laranja sentiram como se fosse um soco. Como se tivessem entrado no vácuo, esqueceram de tudo que existia à sua volta, não se ouvia som, nem se sentia cheiro algum, não se via nada, por mais que algum deles quisesse olhar à volta e procurar os outros não conseguiria, pois os movimentos era demasiadamente lentos. Por mais que a mente mandasse a cabeça virar, ela não viraria, talvez demorasse um século para virar toda.

Grinbelone achava uma sensação de pura paz aquilo tudo, ao contrário de Charles que sentia um pouco de pânico, talvez o seu cérebro trabalhasse até mais rápido naquele lugar e isso o assustava. Guminus tinha a impressão que aquilo o lembrava de algum lugar que ele não sabia a onde. Já Valquíria, sentia-se muita curiosidade em relação aquilo tudo, mas ao mesmo tempo diversas lembranças já esquecidas vinham à tona.

Eles não sabiam se já estavam lá há duas horas, dois dias, dois anos ou apenas dois segundos, não faziam nem idéia. Mas de repente foram sentindo-se mais pesados, mais rápidos, mais reais. Até que sentiram o chão em seus pés.

Eles se olharam e viram uns os rostos um dos outros, todos sem expressão alguma, mas ao passo que olharam à adiante, estavam numa floresta muito diferente da qual tinham saído.

- Podemos nos mexer? - Perguntou Charles, dando um grande impacto em todos, eles não ouviam uma voz há um bom tempo, talvez até tivessem esquecido de como falar.

- Claro, seu tolo. - Era Grinbelone levantando-se da relva.

- Aqui é Glastonbury? - Charles perguntou ignorando o Anão.

- Não. Aqui são os arredores de Glastonbury, creio que seja onde Grinbelone esteve pela última vez. - Guminus tinha um ar esquisito e pensativo.

- É, eu diria que eu estive perto daqui...



- Você está bem Sr. Guminus?
- É que... Eu não venho aqui há mais de... Bem, trinta anos? Sabe menina, acho que eu estive com saudades o tempo todo e não percebi. Tinha quase me esquecido do cheiro daqui... Nada comparado ao seu mundo, nada! E olha vocês ainda verão muito das plantas daqui e terão que admitir que a sua avó faz um ótimo trabalho naquela estufa!
- Então as plantas e flores da vovó são daqui?
- Sim senhora! Todas, e elas estão todas iguais. Maravilhosas, toda vez que eu tinha algum indício de saudade ia até lá e logo depois se dissipava.
- Ouviu isso Cha? É por isso que você não as reconhece... Mas o que está acontecendo?

Valquíria e o Fauno se viraram para trás e viram Charles do lado do saco puxando-o e o Anão do outro puxando o saco com ainda mais força.

- O que foi agora?
- Val! Eu queria abrir a sacola para pegar meu computador... Ai esse... Esse estúpido! Isso mesmo, esse es-tú-pi-do, não me deixou!
- Estúpido? Ora menino, você vai pagar por isso!

Assim para o horror de Val, ela viu o Anão correr em direção ao irmão com os punhos erguidos, e o irmão correr para longe. Charles seguiu correndo até a árvore mais próxima e começou numa tentativa desesperada de subir nela, mas como ele nunca teve grandes proezas físicas, todas as suas tentativas, de um modo ridículo, foram em vão. Causando apenas gargalhadas em Grinbelone.

Tudo aquilo subiu ao sangue de Valquíria, ela ainda não tinha se colocado contra ao Anão, mas aquilo foi de mais para ela. Ela não podia... Ela...

Grinbelone enquanto se dobrava de tanto rir á alguns metros de Charles sentiu seus pés perderem o chão por alguns segundos, depois se sentiu arremessado contra uma árvore, ele se levantou imediatamente em posição de luta, achando que eles tinham sido atacados por inimigos um pouco mais cedo do que o esperado. Mas logo ele lembrou, que eles ainda não tinham nenhum inimigo, e foi então que ele viu uma mulher perante ele, com os cabelos jogados na cara e um olhar muito intenso. Era Valquíria.

- Madame?
- Sim? - Ela tinha uma voz tremida.
- Você poderia me dizer quem foi o covarde cavalheiro que me atacou pelas costas?
- Como? - A voz dela estava mais forte.
- Sim, o covarde cavalheiro...
- Covarde? Covarde? O que é covarde para você? Ham? Atacar um pobre menininho de sete anos é covarde para você?

Ele não estava entendendo aonde ela queria chegar.

- Agir por meio de socos e não de palavras é covarde para você? Rir de um amigo que você jurou lealdade é ser covarde para você? Se recusar a compreender o outro, visto que um dia ele errou com você

é ser... Vejamos, COVARDE PARA VOCÊ? É Grinbelone? Diga-me, eu lhe peço.

- Olha, acho que eu não estou compreendendo muito bem. A madame está defendendo o irmão?

- E por que não haveria de estar? É meu irmão! Eu lhe jurei lealdade!

- Mas a senhora também jurou lealdade á mim! Eu a trouxe para cá! Você deve-me o seu apoio.

- Há! Você me trouxe para cá? Pois bem, se não fosse eu e o meu irmão você nem aqui estaria!

- Guminus? Meu velho, diga para mim que a madame perdeu o juízo por alguns minutos.

- Eu sinto lhe dizer que o único errado aqui é você meu caro. - Apesar dele não ter gostado inteiramente do discurso de Val, achando-o um pouco sem controle, ela tinha razão e vendo a cara de indignação do Anão, ele prosseguiu. Você guarda mágoas demais, Grinbelone! Pare, Charles nunca lhe fez mal algum com intenção.

- Está bem, eu te perdôo menino,

- Como assim? - Charles parecia não acreditar no que ouvia.

- Ham, Grinbelone? Acho que quem deve perdoar alguém aqui é o Charles. - Ele falou o mais delicadamente possível.

- Ah... Bem, me desculpe.

Então Charles assumiu o ar mais cordial que achou, - o que impressionou muito, todos os presentes -, e disse.

- Anão Grinbelone, apesar de todas as insolências que teve comigo ou perante mim. Apesar de todo o jeito rudimentar. Apesar de uma força maior nos impedir de nos darmos bem. Eu estou disposto á te dar o perdão.

- Eu aceito. - Disse ele entre dentes, pois não tinha gostado nem um pouco das palavras de Charles, mesmo ele tendo falado impecavelmente, o que é uma coisa muito admirada em Glastonbury, sabia que havia um tom de sarcasmo.

- Bem, agora que estamos todos bem, o melhor á se fazer é nos informar de tudo o que está acontecendo por aqui. - Disse o Fauno.

- Se me permitem dizer, acho que aquela minha amiga, seria a pessoa ideal para fazer isso.

## **Capítulo VII**

### **Uma surpresa egípcia**

*“...talvez eu seja imortal, se é o que estão pensando.”*

Eles acabaram seguindo, - na mesma formação de antes - por uma trilha que Grinbelone indicou. Ela era bem espaçosa permitindo que eles caminhassem lado a lado até de três, e isso foi um pouco confortante para todos, pois não seria muito agradável se entrassem em algo realmente emocionante logo no início da viagem e sua primeira visão fosse estar só em uma floresta escura, mesmo sabendo que os outros estariam atrás ou na frente.

Só foram avistados, folhas amareladas, raízes mortas, e galhos tão secos que se estalavam quando um deles pisava. Logo as crianças deduziram que estavam no outono em Glastonbury.

Valquíria sempre amou o outono, achava que era uma estação de renovação, onde seria o momento ideal para mudar o que tem que ser mudado, acabar ou começar novas coisas. Então logo ela se sentiu muito confortável, ao contrário de seu irmão que sempre odiou estações medianas, pois sempre ficava doente.

Grinbelone alertou-os que já estavam quase chegando, para só então todos se depararem mentalmente com a mesma pergunta, quem eles estavam indo visitar? Grinbelone só havia dito que era uma amiga, isso ainda deixava muitas possibilidades. Mas assim que eles foram fazer a pergunta ao Anão, este ressaltou.

- Estamos realmente muito perto, só precisamos passar por aquele salgueiro.

E a voz dele foi abafada por um baque surdo atrás deles, como se alguma coisa tivesse aterrissado ali. Imediatamente todos se viraram para trás, mas não viram nada, então outro baque á esquerda, outro a direita e novamente á esquerda, foi então que se ouviu uma voz.

- Vim de longe, há séculos surpreendo viajantes, guardo segredos nunca revelados, aqui estou só em espírito, pois meu corpo de lá não sairá. Maravilha é o que sou. E se não adivinhares quem sou, decapitarei vossas cabeças.

Totalmente alarmados, destoados e perdidos os quatro entraram em um só pânico. Começaram á apalpar o nada, em busca de achar o dono da voz. Já outros mais céticos como Charles, achava que não passava de um simples engano.

- Há! Vocês realmente acham que será fácil assim? Francamente, saibam vocês têm direito de fazer apenas uma pergunta, pois em dois minutos matarei vocês, como fora dito.

- Mas quem é você? - Perguntou em começo de um desespero, Charles.

- Diga-me por favor que você não perguntou isso! - Era Val. Eu não acredito. Ele quer que a gente adivinhe quem é, e você me pergunta á ela exatamente isso? Qual é o seu problema?

- Ah... - Murmurou Charles.

- É melhor adivinharmos logo isso, antes que seja tarde demais. - Concluiu Val.

- Mas como nós vamos saber se isso é verdade?

- Meu caro, eu acho que não estamos em posição de duvidar nada.
- Muito esperto da sua parte Fauno. – Era a voz da criatura. Só não é tão esperto quanto deveria, pois vocês têm apenas um minuto e meio.
- Você poderia repetir o enigma para nós? – Perguntou Val, tentando exprimir o máximo de respeito pela criatura.
- Vim de longe, há séculos surpreendo viajantes, guardo segredos nunca revelados, aqui estou só em espírito, pois meu corpo de lá não sairá. Maravilha é o que sou. E se não adivinhares quem sou, decapitarei vossas cabeças.
- Oh céus... – Val murmurava.
- Escreva!

Todos olharam perplexos para Charles, sem entender porque ele tinha mandado a criatura fazer algo tão banal, mas logo tudo ficou claro diante dos olhos de todos. E tudo o que havia sido recitado anteriormente pela criatura, apareceu no ar em letras grandes e flamejantes.

- Meu deus! Eu já havia me esquecido disto. Estou me sentindo péssimo, logo *eu* que sempre amei e preservei tanto os costumes de Glastonbury esqueci-me disto. – Lamentou o Fauno.
- E eu que estive aqui há bem menos tempo que você? Que ultrajante para mim! – Dramatizou de forma desnecessária Grinbelone.
- Val, acontece assim, – Disse Charles ao ver a expressão de total confusão no rosto da irmã. Qualquer pessoa que faz uma charada ou enigma para alguém, como um costume antigo ela é obrigada, se solicitado, a escrever o enigma.
- Ah... Bom, mas não percam tempo! Comecem a pensar e eu vou olhar no meu livro.

Logo todos andavam rapidamente de um lado para o outro, enquanto Val sentada na terra lia compulsivamente o seu livro. Até que Charles do nada pegou o seu computador e começou a digitar sem quase poder respirar.

- Vou fazer a pergunta! – Por fim ele disse.
- Até que enfim! – Falou a criatura com um ar de impaciência. Pois vocês têm apenas alguns segundos.
- Bem, – Charles viu que ninguém se opunha á isso, e sua irmã ainda lia o livro. Se nós adivinharmos quem você é, o que acontece á você?

Obviamente ocorreu uma onda de raiva dentro de todos - menos á Val -, pois a pergunta de Charles não mostrava ter nenhuma utilidade. Mas antes que alguém dissesse algo, a pergunta foi respondida.

- Eu me jogo de um penhasco.

Foi mais surpreendente ainda para todos, pois a conversa parecia não ter nem pé nem cabeça. Então uma onda de excitação percorreu o menino, ele sentia seu corpo todo formigar, desde a ponta de seus pés até o ultimo fio de cabelo. Já estava na hora de ele colocar em prática todo o seu conhecimento sobre o mundo, á vista de todos.

Charles sempre teve esses momentos para se deliciar e nunca se cansou deles. Pelo muito contrário, cada vez que acontecia de

novo e de novo, ele se deliciava mais com o fato de só ele saber de alguma coisa.

- Bem, eu quero dizer á todos que, estamos lidando com uma rara e legítima... - Ele saboreava. Esfinge.

Ouviu-se de repente um barulho, como se fosse uma rajada de vento muito forte passando por eles, tão forte que tiveram que se segurar uns nos outros e lutar para permanecer em pé, com exceção de Val que já estava sentada.

Então, de um modo mais atrevido ainda do que como veio, a rajada se foi. Dando espaço para uma nova atração, uma enorme Esfinge se encontrava perante as faces espantadas deles.

- Eu tenho que me dobrar em aplaudir este cavalheiro. - Curiosamente eles estranharam em ver que o dono da voz, com qual falavam anteriormente, era algo tão fascinante e surpreendente.

- Bem, obrigado. - Disse Charles polidamente.

- Pois sim, acredite que foram poucos os quais conseguiriam desvendar o meu enigma. Isso no decorrer de séculos e séculos!

- Mas me responda uma coisa, antes que se vá, - Grinbelone havia se restabelecido do susto. Se houve outros que desvendaram sua charada, apesar de poucos claro, como é que você ainda se encontra vivo?

- Bem...

- Se você for nos dizer que mente para todas as fábulas, sempre dizendo que se mata assim que descoberto, mas na verdade nunca fez isso. Por favor, não diga, pois isso seria totalmente decepcionante e desonroso á todos nós. - Guminus se mostrava muito imponente, mesmo perante tão fascinante criatura.

- Ora não meu caro Fauno! A minha resposta poderá até ser decepcionante talvez, mas nunca desonrosa. Na verdade, eu lhes digo que sempre me jogo do penhasco de Delfim, mas eu não morro exatamente. Eu passo algum tempo desacordado nas profundezas do purgatório e acreditem é muito incomodo, mas logo volto à *superfície* entendem? Bem, talvez eu seja imortal, se é o que estão pensando.

- Então você não acha que é muito injusto com as pessoas que não adivinham o enigma?

- E o esplendido cavalheiro, poderia refrescar minha memória me dizendo o que exatamente eu faço com quem não adivinha o enigma?

- Pois você as mata.

- Hum e eu faço isso mesmo, mas não literalmente. - Vendo a expressão de incompreensão no rosto de todos, a Esfinge achou melhor se explicar, mas foi interrompido, por alguém que ele não tinha notado ainda ali.

- Ela tira a vida delas, mas sem as matar por completo. Ele arranca de suas vidas algo muito precioso, não um bem material, mas sim algo que a pessoa tenha amor. E assim que ele leva isso da pessoa, tira quase toda a memória desta sobre a existência do que ele levou, deixando apenas um pouco, para que a pessoa saiba que algo está lhe faltando, porém sem saber ao certo o que é. Assim o infeliz nunca poderá substituir aquilo e sofrerá por nunca se sentir completo. E não há registros de ninguém que já conseguiu se lembrar do ocorrido. Ou

seja, em minha opinião era melhor que ele matasse literalmente o infeliz ou infelizes que seria o nosso caso.

Disse Valquíria.

Ela segurava com força o seu livro.

Desde que Charles fez a pergunta para Esfinge antes de eles a verem, ela achou no seu livro a resposta sobre com quem estavam lidando. Apesar de ela amar o contato com todos esses novos seres, aquele ela não havia simpatizado nem um pouco. Então imediatamente se colocou a devorar páginas, e páginas, sobre ele. Assim que aquela imagem assustadoramente grande se apresentou diante deles, Valquíria teve a certeza de que realmente não gostara dela. Realmente tinha uma familiaridade com a Esfinge egípcia, mas era viva demais para o gosto de Valquíria. Enquanto a criatura dizia coisas aos outros três companheiros, Val ia olhando em seu livro, para ter certeza se tudo era verdade, tinha que aproveitar do fato de não ter sido notada, coisa que ela odiava. Então quando viu a última pergunta que o irmão fez, ela percebeu que chegara a sua hora de deixar claro quanta antipatia e desconfiança exercia sobre a Esfinge recém chegada.

A Esfinge se encontrava boquiaberta - o que a deixava com uma aparência bem exótica - diante daquele discurso, então achou que o mais sensato a se fazer, era uma rápida e solene despedida.

- Bem, foi muito bom conhecer vocês, porém meu destino aguarda-me!

- Espero que nos encontremos uma próxima vez!

- Se o destino é justo e tolerante, não encontraremos. - Disse Valquíria amargamente.

- Receio que a *recente* dama tenha razão, uma esfinge nunca aparece duas vezes em um mesmo local nem com as mesmas pessoas.

E com isso ela desapareceu, deixando para trás outra atrevida rajada de vento.

- Grandíssima madame, queira por favor, nos explicar o porquê de ser tão amarga quanto um gloco azedo, com a Esfinge.

- Grinbelone, eu não sei nem o que é um gloco, quanto o mais o porquê de meu comportamento. Só sei que não gostei nem um pouco dela, a achei... Injusta.

- Acho que no fundo todos nós a achamos, querida. - Confortou inesperadamente Guminus.

Então, eles seguiram pelo caminho que Grinbelone já havia indicado e quase anoitecendo chegaram numa parte muito mais quieta da floresta, mas só então começaram a ouvir um estranho barulho familiar.

Eram panelas.

Logo à frente eles avistaram uma casa muito rústica e camuflada. Ela tinha musgo nas paredes e telhas de madeira, palha nos cantos e pedras em outros. Não era das mais convidativas, mas como já haviam deduzido no caminho, Grinbelone não era alguém de ter as mais honrosas amizades, ou seja, nada daquilo foi uma grande surpresa.

Bateram na porta. Ouviram alguém correr de um lado para o outro dentro da casa, depois abrir várias trancas e então uma voz os atendeu.

- Quem é o infeliz que veio buscar seu próprio fim? - Era uma voz rouca e fina, mas dava para perceber claramente que vinha de uma mulher.

- Rubia! Sou eu, Grinbelone! Abra por favor, trouxe uns amigos para uma visitinha - E com isso ele virou para trás e deu um sorrisinho nervoso para os três.

Charles não pode deixar de pensar, o quão cansados já estavam de ouvir vozes sem ver os seus donos.

- Grinbelone? Achei que já tinha me livrado de você! Era só o que me faltava... Amigos de ex-amigos!

- Ela não me parece muito convidativa. - Arriscou Charles.

- E também não parece gostar de visitas. - Arriscou também com cautela Valquíria.

- Tem certeza que ela é sua amiga? - Arriscou, definitivamente, Guminus.

- Oh, mas é claro! Tudo isso é só charme. Vamos Rubia! Eu já voltei do outro mundo, e trouxe notícias que você vai gostar de saber.

Grinbelone recebeu olhares dos outros de desaprovação, sobre seu comentário. Mas logo se ouviu um barulho, convidativo. Ela abriu a porta.

Todos, com exceção do próprio Grinbelone, prenderam a respiração ao o abrir da porta, pois não sabiam exatamente o que veriam. Guminus começou a ter um mau pressentimento sobre aquilo, assim que chegaram na casa.

Ele começou a suspeitar que saiba que tipo de amiga o Anão teria. Mas tentava tirar isso da cabeça á qualquer custo, pois ele não gostava nada, nada daquela idéia.

Em questão de segundos, Guminus viu que estava infelizmente certo, Grinbelone tinha uma Bruxa como amiga, mas bastou um olhar pra ela para Guminus ter certeza que não era tão ruim assim. Não deveria passar de uma pobre mulher que herdou seus poderes de Bruxa, mas acabou uma fracassada, sozinha na floresta.

Ao contrário do Fauno, as crianças definitivamente levaram um enorme susto. Tremiam da cabeça aos pés, pois estavam de frente a uma criatura que habitou praticamente todas as suas histórias, lidas quando criança. Alguém que foi responsável pelos seus primeiros pesadelos, por dormidas na cama dos pais. Mas ainda sim era fascinante ter uma "vilã" em sua frente.

Ela era uma Bruxa pequena, encurvada, com um manto preto sujo jogado por cima dos ombros, pela branca como porcelana, mas muito suja. Dentes grandes e deformados. Dedos longos e assustadores, unhas compridas e encardidas. Lábios finos e olhos muito grandes, pretos. Cabelos brancos e compridos iam até seus pés. Definitivamente podiam se dar ao luxo de ter medo dela, mas ela tinha uma coisa que suavizava tudo isso. Mas eles não conseguiam entender o que era...

Valquíria pensava se não era a situação que a deixava assim, o simples acaso de abrir uma porta. Mas não.

Charles por fim entendeu. Ela tinha algo que poderia ser tanto bom, quanto ruim. Mas só o fato dela o dominar já suavizava toda aquele quadro que ela representava. Ela tinha humor.

Rubia apenas abriu a porta, deu uma boa olhada em cada um deles e virou de costas. Grinbelone parecia muito animado e fez sinal para eles entrarem, e rapidamente todos começaram a olhar em volta para analisar com precisão o local. Era totalmente igual ao lado de fora da casa, tudo com cores camufladas, com um pouco mais de bordô e vermelho. Mas tudo muito igual. Por fim, Val definiu como uma casa empilhada, pois havia centenas de coisas não identificáveis.

- Vocês poderiam parar de medir minha casa de cima a baixo sem o mínimo de descrição! - Foi à primeira coisa que Rubia disse á eles, o que logo os fez deduzir que ela não faria cerimônias alguma com eles. Mas veja só que insolência com uma pobre velha como eu! - E ela seguiu com uma fina gargalhada, que as crianças classificaram como aterrorizante.

- Pobre velha? Essa é boa! Não se preocupem, Rubia não tem nada de pobre e velha seria um elogio para ela. - Foi Grinbelone que disse isso, com total descaso para os outros três.

- Pois saiba você Grinbelone, que estão na minha casa e me devem respeito, - Ela o ameaçou a menos de meio metro dele, mesmo sendo ele bem robusto, ela era um pouco mais alta e pode enfiar o dedo na cara dele, sem problema algum.

Isso alarmou um pouco Guminus, mas ela logo voltou as suas feições naturais, mostrando ser alguém com um temperamento bem conturbado, o que ele também já esperava.

- Bem Rubia, - Disse Grinbelone meio constrangido. Eu quero que conheça; Guminus, Valquíria e Charles Valeinstain que são...

- Sim, sim eu sei. Os guardiões.

Ninguém moveu um músculo, ao ouvir o que ela acabara de dizer.



## Capítulo VIII

### Conselhos de uma Bruxa

*“Vocês saberão como agir diante destas incríveis personalidades...”*

- Por que a cara de espanto seus imbecis? Ora, eu sou uma Bruxa, logo eu creio que possa me dar ao luxo de ter algumas previsões, certo? Nada que uma velha bola de cristal não resolva.

- Oh sim, sem dúvida... - Concordava Grinbelone de forma confusa e teria sido melhor se tivesse permanecido calado.

- Então eu vejo que mesmo depois de Grinbelone ter ido embora, a senhora continuou com interesse nele? - Era a primeira vez que a voz do Fauno era ouvida na casa, e ela se propagou muito forte.

- Pois então você vê errado! - E o comentário seguiu-se de uma grande gargalhada, que pareceu a todos sem motivo - não que as outras tivessem tido -. Eu não tive interesse algum neste traste, mas posso lhes dizer que minha casa não é tão desprotegida quanto parece. Permitindo-me saber todos os que estão chegando para me fazer uma visita inoportuna, como sempre.

- Certo.

- Mas vocês devem estar mortos de fome eu suponho? - Ela dirigiu a pergunta às crianças.

- Oh sim! Muita. - Eles ainda não haviam comido naquele dia, e Charles já tinha o estomago dolorido de tanta fome. Porém Valquíria amaldiçoou o irmão por ter admitido isso para a Bruxa. Podia ser paranóia, mas ela sabia agora que estavam vulneráveis. E sabia aonde.

- Hum eu sabia! Vejo em sua cara de... Mulambento! Isso mesmo, mulambento! - Charles não ficou nada feliz com aquele elogio, ainda mais quando ela deu outra gargalhada e voltou a dizer. Mas saibam que eu só irei dar comida á vocês, quando me contarem tudo.

E assim Valquíria lançou um olhar de “bem feito” para o irmão, pois suas suspeitas estavam corretas.

Val sabia que ia ser a primeira vez que Rubia ouviria sua voz, logo decidiu fazer isso com total confiança. E então ao olhar para Guminus recebeu a autoridade que queria. Começou.

- Estamos aqui para saber o que há de errado com a rainha Nisama. O porquê de ela agir tão estranhamente nos últimos tempos. Então pra começar queremos saber, por que você mandou Grinbelone procurar-nos?

Rubia sabia que algum dos dois Valeinstain teria uma personalidade um pouco mais forte, a qual querendo ou não se

sobressaltaria sobre o outro, e mais, que no futuro faria este ter mais responsabilidades do que conseguiria suportar.

E ela sabia que estava olhando para aquele.

- Menina, - ela suspirou. Receio que a minha resposta dará seqüência a uma longa jornada de perguntas e incompreensões. E que se estenderão por toda a noite.

- E a senhora sugere...? - Provocou Val.

- *Eu sugiro* que sentemos á mesa, para que enquanto comemos, possamos colocar tudo em seu devido lugar. - E ela disse isso em um tom forte o suficiente para mostrar que não estava e nem pretendia se deixar intimidar, por mais que estivesse se contradizendo, ela estava em sua casa.

Tudo isso fez Valquíria pensar, que talvez ela merecesse um pouco mais de respeito, do que eles haviam lhe dado.

- Muito bem Rubia! O que você tem á nos oferecer?

- Eu? Achei que vocês tivessem trazido algo para comer! - E isso provocou certo pânico em Grinbelone, mas assim que ela soltou outra gargalhada, este se tranqüilizou e chamou Charles para ir até a mesa.

- Não se engane, querida.

- Oh Guminus! - Val falava como se tivesse em um transe profundo. Eu não me deixei enganar! acredite, arrependo-me por ter sido tão imponente para com ela, agora será mais difícil de obtermos respostas.

- Então coloque na sua cabeça, que apesar dos bons modos, e da sabedoria com a qual ela usa a voz. Ela ainda é uma Bruxa, e não merece todo o nosso respeito.

- Sr. Guminus você esta generalizando, é isso? A partir deste comentário, pode dar a entender que o senhor não acredita em perdão, em mudanças, nem em nada do tipo.

- Não minha querida, o que estou querendo dizer é que, uma Bruxa nunca tem raízes boas, pelo menos não nesta dimensão. Por mais que a distancia de outras a façam ficar um pouco mais... Graciosa eu diria. Aposto que até mesmo para Rubia é difícil saber a qual lado pertence, tendo dúvida da própria índole.

Val não sabia o que dizer diante de tudo aquilo, será mesmo que Rubia ás vezes se perguntava como deveria agir em seguida? Isto ela não podia responder.

- Mas você não tem que se preocupar com isso, nem mesmo seu irmão. Afinal vocês pertencem à seqüência de guardiões, cavaleiros ou damas, como quiser chamar, do reino de Glastonbury. Vocês saberão como agir diante destas incríveis personalidades. Eu garanto.

- Eu deixei de acreditar em algumas coisas há muito tempo, Guminus.

- Eu sei... Mas nunca é tarde para voltar para suas raízes, - E ela sabia que ele havia dito isso tanto para ela, quanto para Rubia e Val havia entendido. Mas ora essa minha cara! Depois de atravessar um portal, conversar com um Anão, um Fauno, uma Bruxa e uma Esfinge, estar em outra dimensão e ver mais dezenas de coisas, você ainda não voltou a acreditar? - Ele sorria novamente.

Val não sabia muito bem a resposta, mas de uma coisa entendia, aquilo tudo estava começando á fazer sentido.

Grinbelone chamou Val e Guminus para se juntar á eles na mesa e foi só então que os dois se deram conta que os outros já haviam começado á comer. A menina e o Fauno tiveram um pouco de dúvida se estavam sendo ouvidos, o tempo todo, mas ao chegarem para sentar-se à mesa esqueceram daquilo e imediatamente se colocaram a comer.

Não era uma refeição muito farta, nem muito bonita. Havia alguns queijos, presunto seco, pão duro e chá que Grinbelone havia tirado da sacola. E ainda havia as coisas que obviamente Rubia dispôs á eles, um bolo, uma bebida que eles não faziam idéia do que era, mas recusaram como se soubessem do que se tratava, logo só Grinbelone e a Bruxa beberam. E algumas carnes com batatas, muito apimentadas.

- Bem, eu não sei o que há de errado com a princesa Nisama. Pois garanto á vocês que se eu soubesse eu estaria numa situação muito melhor. Mas ainda sim posso dizer que eu mandei este imbecil, - E dirigiu-se a Grinbelone que fumava o seu tabaco na ponta da mesa. Procurar vocês, pois eu sabia que o cálice estava com os guardiões e obviamente eu sabia que os guardiões estavam em outro mundo. O que eu acho na verdade que seria a obrigação do Feiticeirozinho...

- A Sra. se refere ao Ele? -Guminus estava chocado.

- Ele? É assim que alguns o chamam também, mas para mim não passa de um Feiticeiro muito criativo!

- A Sra. Nunca ouviu falar nas histórias dele? Tudo o que... - Guminus engasgara com a carne e parou para beber água. - Tudo o que ele já mudou?

- Oh, Fauno. É este o seu nome certo? - Disse ela sorrindo. Eu sei de tudo o que já ouviram e não ouviram sobre o Feiticeiro, mas para mim, como eu já disse, não passa de um velho que se aproveita das descobertas de outros para fazer os seus próprios feitos!

Vendo que o amigo ia ficando vermelho, Valquíria decidiu interromper.

- Se me permite...

- Permito. - Interrompeu ela divertidamente.

- Como à senhora sabe que o cálice estaria com os guardiões e tudo mais?

- Pela profecia, é claro.

Valquíria deixou cair os talheres no prato, fazendo barulho, acabou atraindo a atenção da mesa para ela. Ela não conseguia respirar. Não sentia seus pés, nem suas mãos. Tudo ficou escuro e foi obrigada a fechar os olhos.

Charles ao ver a cena da irmã, se desesperou por completo, e sem saber como, ele leu, como se alguém tivesse exposto um livro á ele, o que acabara de acontecer á irmã.

Não entendendo como aquilo acontecia, ele só sabia que precisava pegar seu computador agora.

Val não entendia.

Ao abrir os olhos pode ver, o olhar divertido da Bruxa caindo sobre ela, enquanto os olhares preocupados dos amigos a cerravam. Ela não acreditava, como foi se esquecer. Ela se esqueceu de citar

isso para Guminus e Grinbelone! Agora não podia nem sequer fazer um sinal para eles entenderem, não podia dizer uma palavra que eles não entenderiam, pois ela não havia lhes contado! Faltava ar... Faltava... Charles. Ele sabia! É lógico, precisava dizer ao irmão para não... Mas ao procurá-lo, tudo piorou novamente, e ela foi invadida pelo medo. Ela viu seu irmão já sentado na poltrona procurando dentro de sua mochila. Oh não! Eu preciso avisá-lo... Ar... O que estava acontecendo? Foi como se alguém tivesse dado um soco nela, alguém... Ela já não podia mais agüentar. Mas quem... Então ela pode ver novamente. Rubia era quem estava fazendo isso com ela. A Bruxa olhava fixamente para a garota com o seu olhar divertido. Ao passo que Val percebeu que era o contato visual, reuniu todas as forças e esbarrou em um pote de pimenta que havia sob a mesa, arremessando-o contra a outra.

Não foi difícil para Rubia se desviar, mas ela teve que tirar o contato visual da menina, fazendo com que todo o ar que faltava para Valquíria voltasse, e logo depois a fazendo cair no chão frio da sala. Os dois amigos e o irmão correram até ela, e tentaram a colocar sentada no chão. Ela tentava puxar ar, mas seus pulmões doíam.

- Val! Vamos Val respire.

- Oh madame! Vamos!

- A garganta dela deve estar bloqueada!

E Guminus tinha razão. É como se uma placa de metal fechasse sua garganta e você só pudesse respirar pelo nariz, mas ainda assim é muito difícil e você acaba entrando em pânico.

Até que ela inesperadamente começou a tossir, e gritou.

- Ahh... Ahhhh! Não!

Todos imediatamente pararam. Até Rubia estava surpresa com a reação da menina, pois até agora ela não havia entendido o que se passava. Em um instante a menina estava bem, no outro estava roxa quase morrendo. Não entendia, mas achava muito curioso, isso sim.

- Charles pare! Não ligue o computador! - Ela afinal conseguiu dizer.

- Tudo bem, eu já o desliguei quando a vi cair... - E com isso ele deu uma piscadela para a irmã.

Será que ele havia se lembrado também? Val perguntava-se. Porque mesmo se ele tivesse lembrado, ele não veria problema em mostrar a todos, pois ele não sabia o que Val tinha acabado de entender. Ou sabia? Será que ele também havia entendido, tão rápido quanto eu? Um barulho.

- Ótima hora para se receber visitas! Que inferno! - E então a Bruxa foi atender a porta. Quem é o infeliz?

- Rubia sou eu... Trevor.

- Oh sim. Eu já volto. E se eu encontrar algo fora do lugar ou faltando eu trago de volta seus piores devaneios!

- Pode ir Rubia, ficaremos bem. - Foi Grinbelone que se deu ao trabalho de respondê-la.

Ao passo que Rubia saiu da casa, todos os olhares foram depositados em Valquíria, que se esforçava para entender a situação.

- Eu perdi o ar, - Iniciou ela. Não vi mais nada durante um tempo, meu pulmão doía. Até que eu percebi que era Rubia que fazia isso comigo. Foi ela. Com contato visual, então a única coisa que pensei foi que eu precisava acabar logo com aquilo. E arremessei algo sobre ela, mas logo perdi as forças de novo. - Ela dizia tudo de uma maneira rápida, como se a cada palavra seu peito levasse uma pontada.

- Estranho, mas eu ousei em dizer que foi por acaso, pois quando duas pessoas de forças totalmente opostas se encontram, elas são capazes de exercerem grandes poderes umas sob as outras.

- Guminus, você está querendo me dizer que madame tem o poder oposto de Rubia?

- Sim, por que o espanto Grinbelone?

- Não por nada, mas eu achei que quem teria o poder oposto de madame, fosse alguém mais grandioso. Não que eu esteja desvalorizando Rubia, eu gosto dela, mas ela não me parece ter tanta força assim...

- As aparências enganam meu caro.

- Mas o que vem ao caso, não é nada disso! - Val era movida pela sua ansiedade. E sim o porquê de tudo isso acontecer comigo. Eu fui uma tola, e Charles também. Esquecemos por completo de contar algo muito importante á vocês...

- A lápide. - Murmurou Charles.

- Sim, quando ouvi Rubia falar sobre a profecia eu pude entender.

Então Val e Charles se revezaram contando a história da lápide da casa dos avós, e de como ela foi achada, da interpretação que Valquíria fez dela. Além do mais, Charles até tinha fotos, e o texto dela na sacola. Ao tirá-los da sacola, Valquíria se exaltou.

- Cha, você percebeu no mesmo instante que eu? Como pudemos ter lembrado ao mesmo tempo?

- Eu não sei, eu só sei que em um segundo eu te vi apagar, e sem entender nada corri até você. Depois se abriu tudo na minha frente, como em um livro, - Guminus ouvia atento. Que me mostrou tudo claramente, como se fosse você me dizendo, lembrando-me sobre a lápide. Logo corri a minha mochila para pegar as fotos, textos e mostrar á eles, só que de súbito me veio outra visão, desta vez me mostrando que Rubia não poderia ver aquilo, talvez aquilo pudesse dar um poder maior para ela, que não ficasse ao nosso benefício, então parei.

- Acho que acabamos de descobrir o dom deste menino.

- Faça as honras então Grinbelone. - Encorajou o Fauno.

- Bem, sabíamos até então que ele tinha um dom interno, um dom que tivesse á ver com sua visão. Pois bem, aqui está. Charles lê pensamentos!

- Quase isso Grinbelone, - Guminus se adiantou. Charles lê a mente de quem quer que ele a leia, então tudo se mostra diante dele.

- Ah! Mas isso não é muito útil, - Disse o menino, depois de um suspiro de espanto pela descoberta. Pois talvez, fosse melhor para nós, eu conseguir ler os de quem não quer que eu leia.

- Mas há varias maneiras de você conseguir induzir alguém, de desejar que você leia o pensamento dele. É só uma questão de cuidado, observação e palavras certas. - Disse o Anão de uma maneira sóbria demais para o gosto de todos.

- Muito bem, mas nós não podemos perder tempo. Rubia pode chegar a qualquer instante. O que vocês dois acham? É realmente uma profecia?

Charles não pode evitar um olhar de desanimo, ao ouvir a irmã falar aquilo daquela forma. Soou tão egoísta da parte dela, pensava ele. Sabia que ela queria muito saber o que os outros haviam achado da interpretação dela, mas era o momento dele. Era o dom dele. Era melhor deixar pra lá, decidiu. Talvez tenha sido apenas um xiste. Mas se era um xiste, era porque ela queria.

- Valquíria, você realmente teve uma ótima interpretação do poema. Sem dúvida é uma profecia, o que mais me incomoda é o fato dela estar lá nos jardins da casa, e eu não ter visto nada. Aliás, eu posso afirmar á vocês, que isso é recente.

- Você enlouqueceu Guminus? Recente? Nunca! Se vê o desgaste da obra, ela foi escrita há muito tempo.

- Na verdade Grinbelone, eu não vejo desgaste algum. O que eu vejo foi que alguém simplesmente parou de escrever a profecia em si.

- Sr. Guminus você fala sério?

- Com toda certeza menina. Mas vocês têm que levar em consideração que eu ainda posso estar, muito bem errado.

- Mas de uma coisa eu sei, temos que descobrir o resto da profecia. Porque pelo menos pra mim está claro, que ela interferirá não só no nosso destino, mas como no de todos. - Grinbelone olhava para o Fauno.

- Temos que chegar no...

- Aonde vocês tem que chegar?

Todos foram surpreendidos pela figura de Rubia entrando na casa, e logo seguindo ela entrou algo, ou melhor, alguém que nenhum deles esperava. Grinbelone e o Fauno não se surpreenderam tanto ao ver, mas as crianças mal podiam respirar.

Um Texugo.

Ele se apoiava em suas patas traseiras. Bem maior que qualquer Texugo que eles já haviam visto. Ele era quase da mesma altura que Val, - que por sinal não era nada baixa -, exibia uma figura longe de transmitir respeito, mas sim de causar medo e receio aos outros do recinto. A cor cinza predominava por todo o seu corpo, deixando espaço apenas para as patas pretas e duas faixas pretas que caíam-lhe sobre os olhos. Tinha longas garras. O Texugo fazia poucos movimentos, mas parava sempre com os ombros arqueados para frente, e a cabeça girando para os lados, e via-se de longe que sua cauda deveria servir-lhe de equilíbrio, mas apenas o atrapalhava.

Val e Charles se viram diante daquela figura, que passou á ser patética, pois nenhuma proporção tinha em seu corpo. Mas nem questionaram a possibilidade de rir, pois era visto que ele era muito forte. Devia ser o tal *Trevor*, que antes batera na porta.

- Acho que não ouvi a resposta para minha pergunta.

- Rubia, nós precisamos ir...
- Oh, espero que não seja por minha causa. – Disse Trevor com uma voz cortante e rouca, que expressava um sentimento totalmente oposto á suas palavras.
- É claro que não, – Disse o Anão de forma educada. Só precisamos... Ham... Mas Rubia, acho que nós precisamos de uma direção.
- Nem vocês sabem o que querem ainda, mas eu lhes digo que vocês têm que ir até o palácio. Lá façam suas perguntas, para as pessoas certas. Ah! Trevor, estes são Valquíria e Charles, guardiões de algumas propriedades da realeza de Glastonbury.
- Há sim... Logo pude ver.

Guminus não gostou muito do fato da Bruxa ter fornecido aquela informação ao Texugo. Não demoraria muito á começarem a falar por ali.

- Ham, Rubia?
- Charles?
- Só por curiosidade, por que você amarrou Grinbelone á alguns guizos quando ele foi para... Bem, nos procurar?
- Digamos que eu e Grinbelone estávamos tendo uma divertida noite, não é querido?
- Ham-ham. – Pigarreou ele constrangido por se deparar com os olhares incrédulos e surpresos dos amigos, ao ouvirem a Bruxa empregar a palavra *querido*. Vamos embora, obrigado por tudo Rubia.

E os quatro saíram da casa, sentindo como se um peso fosse tirado das suas costas, logo puderam sentir a brisa da noite passar-lhes pelo rosto. Porém Grinbelone saiu com três olhares concentrados nele, de seus amigos, olhares que podiam ser de surpresa, ou de até... Nojo.

- Então... Temos um galã entre nós. – Charles sorria para as costas do amigo.

Grinbelone continuou a caminhar ignorando o comentário do menino. E ainda de costas, ele gira os olhos e suas faces coram.

## Capítulo IX

### Apertos estreitos

*“...pois ele por si só já impunha e exigia o respeito necessário...”*

Já fazia em torno de uma hora que eles andavam, sem parar, sempre guiados por Grinbelone. A lua iluminava ainda o caminho, logo Valquíria não precisaria assumir o grupo, o que não deixava de ser um alívio para ela. Encontrava-se muito cansada, seus pés a levavam e ela nem sabia por onde.

Por alguns momentos os dois irmãos se esqueceram de se manterem alertas, e não lutavam contra os olhos fechados diante da floresta. O cansaço era maior e o sono vencia-os facilmente, tanto que Guminus e Grinbelone acharam melhor parar por aquele dia.

- Não devemos estar muito longe do palácio. - Disse Grinbelone  
- Certo, onde dormiremos? - Murmurou Charles lutando para continuar em pé.  
- Há uma clareira, logo ali... Quem sabe se...

Mas Grinbelone foi interrompido por uma pequena confusão. Charles havia literalmente dormido em pé, obrigando Val a correr para segurá-lo.

- Oh meu deus, vamos logo! Quem está começando a ficar com sono aqui sou eu. - Disse o Anão atrapalhado.

Alguns minutos mais tarde, Charles já estava largado em cima de uma pequena colcha trazida por eles e Val já se achava em profundos sonhos. Os outros dois se sentaram na clareira. Colocaram-se á esperar um pouco, até que seus olhos já estivessem totalmente acostumados com a escuridão, para poderem analisar a vegetação em volta.

- Acha que está tudo bem? - Perguntou o Anão.  
- Acho que sim, parece tranquilo...  
- Bem meu caro, - Disse ele, dando um tapinha no braço do outro. Eu irei dormir.  
- É claro que está tudo bem. - Pensou Guminus. Como algo pode estar indo mal, se nem sabemos de quem precisamos ter medo.

No dia seguinte, Charles acordou incomodado com a luz do sol e com dor nas costas. Tinha esquecido o quanto era real tudo aquilo, e que não seria como nas histórias onde dormir numa floresta seria cômodo e convidativo.



Levantou-se e se colocou a olhar o local, estava sozinho, os três deviam estar por ali em algum lugar. Havia um salgueiro numa extremidade, onde começava a floresta e alguns arbustos que começavam a perder suas folhas.

- Devemos estar em uma região característica de salgueiros, não é a primeira vez que os vejo... - Pensava ele alto.

Ele não viu nem uma espécie de planta que chamasse sua atenção e então acabou por decidir procurar os outros.

- Val! Val! Onde estão vocês?... Sr. Guminus?... Grinbelone?

Como que uma resposta quase que imediata, Guminus e Val apareceram saindo da mata, trazendo algo em suas mãos.

- Com fome maninho?

- Muita!

- Há! Então eu lamento meu caro, mas para o café hoje só temos frutas... - Disse Guminus rindo.

- Oras, e as carnes de ontem?

- Ficarão para o almoço. É melhor assim.

- Mas eu pensei que á essa altura, já estaríamos no centro de Glastonbury, no palácio!

- É o que pretendemos, mas não sabemos o que podemos encontrar, não é?

Dali a pouco, Grinbelone voltou, com todos os cantis cheios de água, o que tirou grandes sorrisos dos rostos de todos.

- Bem, - Disse Guminus, logo depois de um grande e demorado gole. Temos que fazer um apanhado geral da situação.

- Certo. - Todos confirmaram.

- Iremos ao palácio, e lembrando mais uma vez, ninguém deverá saber que vocês são guardiões, seremos apenas a equipe que Grinbelone precisou para procurar o cálice.

- E lembrando que meu nome também não é Grinbelone e sim Grinch.

- Por falar nisso, onde se encontra seu irmão Grinbelone?

- Minha senhora, eu creio que quando for à hora certa ele nos comunicará.

E agora Val tinha certeza que nem ele mesmo sabia, onde o irmão estava, e nem o porquê de ter desaparecido.

- Bem, - Guminus tentou recomeçar. Nós ainda não achamos o cálice, mas já temos uma suspeita de onde está. E o mais importante crianças, vocês não devem se deixar levar pelas aparências.

O ambiente ia mudando conforme eles se adiantavam, em meio às trilhas da floresta. Sons iam desaparecendo e outros vinham surgindo, parecia que eles sempre estavam prestes a ver um sinal de civilização, mas sempre depois das próximas árvores, ou através do próximo morro, só se via mais floresta, a qual já ia perdendo suas folhas. Eles encontraram algumas famílias de animais no caminho. Val e Charles ainda se assustavam, fazendo com que Guminus tivesse que arrastá-los em frente, antes que eles se demorassem muito á conversar com alguns coelhos, ou esquilos.

Passada as duas primeiras horas ao chegarem em uma caverna, Valquíria se irritou.

- Ah! Grinbelone! Não é por nada, mas eu já estou cansada e ainda nem tivemos sinal do palácio. Se vamos andar mais dez horas, era bom que você nos avisasse. - Exclamou ela, provocando um acesso de riso em Guminus e Charles.

- Bem, eu confesso que eu estou um pouco espantado com as observações de madame, mas eu tenho a alegria... Eu acho... De avisá-la que chegamos.

- Como?

- Bem, deixe-me tentar, - Era Charles. Você vai dizer que por trás desse túnel ou caverna, depois de andarmos horas no escuro e passarmos por perigos inimagináveis, veremos uma saída, onde a luz do sol nos guiará. E quando sairmos pelo buraco, já sujos e cansados da nossa aventura na caverna, um após o outro veremos uma vista fantástica da cidade de Glastonbury. Certo?

- Corretíssimo! - Exclamou Guminus.

- Sério?

- Não! - E com isso ele deu um tapa na cabeça do menino. As coisas não são tão parecidas com os contos de fadas, Sr. Sarcasmo. Isso é só um túnel, a cidade estará logo depois, e não espere por nenhuma vista fantástica, sairemos ao nível da própria cidade.

- É Charles, acho que você ainda tem muito que aprender sobre ser engraçado... - Disse a irmã rindo, e com isso eles entraram no pequeno túnel.

Não passaram um minuto dentro dele e já viram o seu final, com a luz do sol engolindo a boca do túnel, eles tiveram que fechar os olhos ao se aproximarem. Logo após alguns instantes puderam ver a cidade, o movimento parecia estar começando, As casas ali eram das mais variadas formas e tamanhos, e Valquíria tentou estabelecer um padrão á elas, mas não conseguiu, apenas chegando á conclusão que elas deveriam se enquadrar na personalidade de seus moradores.

Era visto de tudo em suas ruas; animais, homens - um pouco diferentes, mas ainda sim homens -, e outros seres que eles nem sonhavam com seus nomes. Como uma criatura que lembrava inicialmente o oposto de Guminus, pois sua cabeça era muito parecida com a de um bode. Seu nariz - ou algo parecido - alongava-se uns trinta centímetros para frente do seu rosto, olhos pequenos e tinha dois chifres enormes que subiam ao longo de sua cabeça, em forma de caracol. Mas suas pernas e o resto do seu corpo lembravam muito uma lhama - foi ai que ele deixou de lembrar Guminus -, e o Fauno ao ver o medo nos olhos de Charles, disse que o nome da criatura era Brom e que também era muito inofensiva, só que com pouca paciência.

Um pouco mais ao norte, avistaram o palácio. Ele situava-se numa região um pouco mais alta que o pequeno centro da cidade e logo se direcionaram para lá.

Ao passarem pelas ruas chamaram muita atenção, mais do que a esperada. E Guminus tomado por um pânico momentâneo, jurou ter ouvido alguém dizer.

- Será que são eles?

- Os guardiões? Não! Eles devem ser bem mais altos...

As crianças tinham uma visão do palácio um pouco diferente, da que encontraram. Eles o imaginavam, mais imponente, intimidando seus súditos e visitantes. Um lugar que nem precisasse de um bom rei ou rainha, pois ele por si só já impunha e exigia o respeito necessário. Tenebroso.

Mas o que encontraram foi diferente.

Não havia portões, o que forçou-os a entrar mais e mais. Ao passarem pelo primeiro pátio, encontraram uma mulher. Suas feições não eram tão delicadas, quanto á princípio pareciam ser. Seus lábios eram roxos, e seus cabelos escuros. Ela própria usava um vestido roxo, e um longo pano em formato de V caia-lhe sobre as costas. Antes de se aproximarem, Grinbelone adiantou á eles, que aquela era uma das varias amas que moravam no palácio.

- Mas o que elas fazem aqui? - Perguntou alguma das crianças.

- Poeticamente? Zelam pela harmonia e pela segurança dos membros reais, mesmo elas fazendo parte deles. Mas posso dizer, que elas mais confundem, as opiniões da rainha, e organizam todas as besteiras e problemas que uma "casa grande" viria á... Ter.

E ele acabou de falar, já em frente á ama.

- Grinch? Esperávamos por você.

Sem dizer nada, o Anão só assentiu coma cabeça, e ela fez sinal para que eles a seguissem. Assim que ela virou de costas, ele fez um sinal para os outros três de que não havia entendido nada e comicamente voltou a sua postura imponente, alcançando a ama roxa. O palácio tinha uma temperatura um pouco fria, e parecia ser feito, em algumas partes, de plantas mortas, que estranhamente estavam longe de apodrecer, observou Charles.

Estavam na sala do trono, segundo o sussurro de Guminus. Mas não era preciso dizer isso às crianças, pois misteriosamente já sabiam onde estavam como se houvesse um mapa do lugar em suas mentes. Se a ama não estivesse ali, eles poderiam ter chego facilmente naquela sala. Mas isso era uma coisa que eles preferiram questionar depois.

- Grinch está entre nós! - Fora à ama roxa quem disse isso e ao passo que ela disse muitas outras amas apareceram, pelas laterais, fundos e á frente do salão, cada uma era de uma cor, o vestido, os lábios, os arranjos no cabelo, a tonalidade de sua pele, tudo muito melancolicamente puxado para a sua própria cor. Havia também alguns homens, com barbas, e cabelos na altura dos ombros, que deveriam ser os guardas do palácio. Ainda muito mais á frente, puderam enxergar o trono, onde uma figura de aparência alta e dura ficou de pé.

- Se aproximem! - Ordenou a figura.

Charles fora bloqueado por alguns momentos, sem conseguir tirar os pés do chão.

- Que foi? - Perguntou Val, todo o salão olhava para eles.

- Acha que é seguro?

- Charles, estamos em um lugar que não conhecemos nada, mas se a vovó e o vovô sabem que estamos aqui e ainda não vieram nos buscar, é porque... Vai ficar tudo bem, entende?

- O que aconteceu? Está tudo bem? - Era Guminus, ele não estava gostando da atenção que estavam chamando.

- Sim, está tudo bem. - Ela sorriu e fez um gesto para o irmão prosseguir.

Os quatro amigos caminharam em direção ao trono. E conforme iam se aproximando tiveram a mesma impressão, ela estava diferente. Mesmo Val e Charles que nunca haviam visto Nisama, sabiam que ela estava de certa forma estranha. Grinbelone achou que estava mais doente do que quando ele esteve ali. Mas aquilo fora realmente aterrador para Guminus. Ele não sabia se chorava, se corria, ou se a tomava em seus braços como se aquele simples gesto fosse salvá-la. Teve vontade de nunca ter ido embora dali. Esquecera por completo dos motivos que o realmente fizeram ir, talvez se nunca tivesse saído, as coisas não tivessem desandado desse jeito, pensava ele. O que será que havia acontecido? Por que ela estava assim, o porquê das olheiras, da magreza em excesso, por que da falta de cor, das unhas sujas, mas o que mais o incomodava, o intrigava, de uma maneira até fascinante, o porquê daquela expressão. O que significava? Ele precisava acordar... Precisava de ajuda.

- Lembre-se dele. O Ele - Charles havia lido todos os pensamentos do Fauno, assim que aquele havia pedido ajuda, e por algum motivo que ele não sabia qual, ele tinha que dizer aquilo para o amigo, mas para ele próprio não fazia sentido.

Grinbelone se ajoelhou a uns seis metros da rainha, seguido por Valquíria, Charles e por último um Guminus ainda cambaleando.

O trono era todo de vidro, e com traças de flores murchas, plantas mortas e cipós fracos. Como se a força que desse energia para as plantas, tivesse as deixado há muito.

- O que me traz Grinch? - Sua voz era grossa e alta.

- Oh majestade, eu trago boas notícias.

- Hum, eu espero que eu possa tocar essas boas notícias e espero que elas façam o nosso povo ficar, um pouco mais tranquilos. E, é claro, os de todas as outras dimensões, também.

Aquilo intrigou Valquíria. Será que eles deveriam ter mesmo trazido o cálice ali dentro? Será que Nisama conseguiria senti-lo?

- Bem, então eu lamento em dizer a majestade, que infelizmente não. Se tivéssemos tido sucesso com o feito, posso garantir-lhe que não teríamos passado tão despercebidos pela cidade... - E com isso ele soltou uma risada, acompanhado por Guminus, que não sabia exatamente o fazia.

Quando perceberam que a rainha não os acompanharia naquela brincadeira, o Anão voltou ao seu posto de informante e o Fauno abaixou a cabeça.

- Bem, mas nós temos uma pista certa de onde ele está e só passamos aqui, para avisar a vossa majestade que demoraremos mais sete sóis e oito noites para achá-lo. E então muito distantes

estaremos de Glastonbury, enviaremos uma mensagem a sua majestade para que esta possa enviar total segurança para transportar o cálice. - Vendo a expressão, não satisfeita com as referências, de Nisama ele acrescentou. E para que o cálice chegue mais rápido aqui, conforme as... Exigências.

Ele sabia que podia ter dispensado esta última frase, principalmente a entonação da última palavra, mas não pode resistir. E o olhar de desaprovação de Guminus havia o deixado mais certo ainda do feito.

Posso dizer, que ao verem Nisama levantar com muita calma do seu trono, os quatro amigos recuaram, com um terror nas faces.

- Oh Grinch... Acho que você e sua tão estimada *equipe* não estão entendendo a importância disso tudo, não é? - Ela estava descendo as escadas em direção a eles, fazendo, cada vez mais gestos enquanto assentava as informações, lembrando muito a ele Valquíria no dia anterior. O que me deixa muito intrigada, e poderia me deixar muito revoltada, pois sendo vocês desta dimensão, certo? Sendo vocês habitantes legítimos de Glastonbury ou de seus arredores, deveriam entender a IMPORTANCIA, - Ela gritava. Que o cálice TEM para todos os mundos! Onde você esteve Grinch? Você me deve explicações! E QUEM são estes aos meus pés, que eu nem sei o nome!

- Com sua licença majestade, - Val havia tomado as rédeas da situação, já que Grinbelone não era capaz de mover um músculo e Guminus estava se comportando de uma maneira muito estranha desde que haviam se deparado com Nisama. Quero ter as honras de me apresentar.

Não recebendo nenhum encorajamento da outra e sem suas costas, Valquíria respirou e prosseguiu, sem deixar ser vencida.

- Meu nome é Valquíria... - Ela foi tomada por um pequeno pânico, como se apresentaria? Certamente se dissesse seu sobrenome ela perceberia toda a armação.

Qual sobrenome seria certo para escolher? Olhou para Guminus em busca de ajuda, mas este não olhou para ela, foi buscar socorro em Grinbelone, mas este estava com a cabeça abaixada, e com ódio daqueles, olhou para seu irmão e antes de dizer nada, ele simplesmente por mímica labial, soletrou a ela *Alice*. Não fazia sentido... Alice, Alice, qual era mesmo o sobrenome de Alice...

- E então? Estou ino...

- Perdão minha rainha Nisama, meu nome é Valquíria Lewis, meu irmão Charles Lewis. E um amigo, Sr Guminus. Estamos aqui, acompanhando Grinch a busca do tão procurado cálice. Posso garantir-lhe que o procuramos muito, e nossos esforços não foram em vão, recebemos uma informação de onde ele está e o traremos de acordo com os meios citados por Grinch. - Ao perceber que havia ido um pouco longe demais, Val parou e se curvou, desnecessariamente também.

- Oh certo Srta. Lewis, obrigado por todas essas informações que eu não lhe pedi. Mas comentando-as, você tem que concordar que se vocês tivessem procurado muito, o teriam achado, ou seja, não

procuraram o bastante. E é bom que os esforços de vocês não tenham sido em vão, pois se não vocês se arrependerão. Agora chega! Não quero mais saber de nada, suponho que vocês vieram pedir hospedagem por uma noite?

- Oh seria esplendido majestade! - Era Grinbelone que havia retomado suas forças.

- Sim, mas eu espero que pela a hora do almoço de amanhã vocês já terão saído.

- Com toda a certeza, majestade.

- Grizabella! - E para a surpresa deles, a ama roxa se aproximou de Nisama. Ficando exatamente ao seu lado.

- Leve a Srta. Lewis ao seu aposento.

- Funi, leve o jovem Lewis para o seu devido aposento.

Uma ama, com os cabelos dourados, lábios cor de mel, olhos tons de mel, e seu vestido e todas as outras coisas puxadas para um dourado bem amarelado, se aproximou. Ela tinha uma aparência simpática e jovial, diferente de Grizabella. Parecia ter vida dentro dela. Charles ficou feliz, por ser ela que o acompanharia.

Então as crianças foram levadas por um mesmo caminho pelas duas amas, quando foram se separar, Val lançou um olhar a Charles e fez uso do seu dom.

- Qualquer, coisa você tenta entrar em contato comigo. Memorize os caminhos, Observe as coisas e cuidado. - Disse ela mentalmente.

Ele apenas assentiu com a cabeça, virando as costas para ela, e cada um foi para um corredor. Eles eram estreitos e as plantas "mortas" percorriam pela maior parte das paredes. Valquíria foi deixada em um quarto simples e aconchegante, muito diferente do ar abandonado que o palácio em si tinha. Assim que entrou a ama se dirigiu á ela pela primeira vez, desde que saíram do salão.

- Pode dormir aqui, trarei um lanche para a Srta. mais tarde, alguma preferência?

- Não, muito obrigada. Estou bem.

- Muito bem, eu trarei água quente caso á Srta. queira tomar um banho.

- Oh, por favor.

- Não quer antes de tudo, experimentar nosso mel?

Valquíria hesitou um pouco antes de provar da colher que havia em sua frente. Não era nada sensato sair por ai provando o que lhe viessem á colocar em sua frente, mas ela era só uma pobre ama.

- Vamos... Se não quiser, tudo bem...

Estava prestes á provar, quando se lembrou de algo que Guminus disse. O que fora mesmo? Não podia se lembrar, deveria estar sendo estranho para Grizabella observá-la, enquanto estava parada inclinada á colher. A ultima coisa que queria era parecer estranha para todas aquelas novas pessoas, então se inclinou definitivamente.

E Val provou do mel.

- Hum delicioso! Obrigada. - Disse ela depois de verificar que não havia mel em seus dentes. Grizabella apenas sorriu para ela, e fechou a porta.

- Que gracioso esse lugar! – Pensava ela. É claro, que eu não entendo o porquê de estar tão abandonado, e confesso que a personalidade, pouco amigável, de Nisama me surpreendeu um pouco, mas... Oras! O que é isso?...

Enquanto passeava pelo quarto, falando para si mesma, Val se deparou com um ponto de luz no meio do aposento. Decidiu se aproximar, mas quanto mais andava, mais longe estava. Achava que podia ser um novo ser daquele mundo, que ela ainda não havia visto. Não tinha algum ser, que morava no fundo do oceano de seu mundo que se parecia com aquilo? Não sabia, até que começou a ficar nervosa pelo fato daquilo apenas se afastar, então decidiu dar um passo para trás, se aquilo fosse mesmo um ser vivo, perceberia que ela não queria fazer mal á ele. Engraçado como tudo ali, parecia ser... Digamos, que polidamente curioso.

Um passo para trás. A apreensão da menina. A luz aumentou. Satisfação. Dois passos para trás. Outro sorriso. Agora três, quatro, cinco á mais! Já se encontrava encostada na parede, a luz era tão grande que já havia tomado conta da metade do quarto. Desfocou os olhos, para parecer que estava mais e mais longe, e ela aumentava, aumentava, ela havia perdido o controle da situação. Seria tudo aquilo seguro? Ah! Guminus havia dito aquela hora para não nos deixarmos levar pelas aparências. Ah não... Preciso de ajuda...

- O que faremos?

- O que tem se ser feito, oras!

- Oh pelo amor de todas as ninfas, Grinbelone! Eu lhe falo sério!

- Meu caro Guminus, o que podemos fazer? Dormiremos e iremos embora amanhã.

- Você perdeu o juízo? Ir para onde? Nós temos que fugir isso sim, você sabe que nós já confirmamos o que viemos confirmar. Ela está fora de si. E quando eu digo fora de si, deve ser literalmente fora de si! Você sabe que se fosse Nisama ela teria percebido a presença do cálice.

- Certo, iremos até a minha casa e lá pegaremos o que precisamos para o resto da viagem, mas sairemos quando?

- Eu estava pensando que por volta das cinco da manhã, antes da nossa suposta *rainha* acordar. – Disse Guminus elétrico.

- Bem, vamos esperar aqui, até depois do lanche. Para a madame e o garoto poderem comer. Então vamos ao quarto dos dois...

- E os deixaremos fazerem o que eles têm que fazer.

- Odeio fazer tudo isso sem um rumo! – Queixava-se Grinbelone.

- Aposto que são eles... – Eles pararam instantaneamente de falar, duas amas conversavam do outro lado da parede, elas não podiam vê-los, era uma de vermelho e outra de marrom.

- Como você sabe? – Perguntou a de marrom.

- Estão falando por toda Glastonbury que os guardiões chegaram, que já estão aqui... E você sabe quem fugiu há muito tempo não sabe?

- Não... Você não vai me dizer que eles...

- Sim.

- Eles são Lílian e Henrique? – Os olhos da de marrom saltavam.

- Não sua inútil! Eles são seus filhos! Não vê que o menino é a cara do pai! – Era a de vermelho.
- Oh!
- E aposto que eles vieram para roubar o cálice! Como uma vingança! Até hoje não sabemos o porquê de Lílian e Henrique terem fugido mesmo.
- Avisaremos a rainha?
- Só amanhã no almoço.
- Mas eles vão embora pela manhã.
- Não a rainha já mandou Grizabella e Fani darem o mel á eles.
- Ah sim... Hihhi... - A outra se deliciava com toda aquela agitação.

A ama marrom tinha o nome de Rebeca, era jovem e se irritava na maioria das vezes com a monotonia que aquele palácio andava já á alguns pares de décadas. Nem acreditava que algo realmente acontecia por debaixo dos olhos de Nisama, algo que pudesse acabar em força, ou quem sabe até em escândalo em praça pública! Ela deliciava-se imaginando tudo aquilo. A pequena possibilidade que os quatro forasteiros fugissem, quase á fazia perder a cabeça de tanta emoção.

Os dois pararam de ouvir por ai, e correram á um outro canto do salão. Eles não podiam acreditar no que acabaram de ouvir. Ficaram sem se falar, e se olhar durante alguns minutos, para poderem digerir e raciocinar sobre qual seria a coisa mais inteligente e cuidadosa á se fazer em seguida. Haviam então sido descobertos, é claro que aquelas duas amas não estavam totalmente certas em tudo, havia algumas confusões na história, mas desnecessárias, só o fato delas suspeitarem quem as crianças eram, e levantarem a hipótese que elas se colocariam diante á Nisama, já era gravíssimo. Isso os deixava com grande risco de vida! Os quatro. Mas o que mais assustava aos dois, era a citação do mel, eles sabiam o que aquilo significava. Se Charles e Val realmente o beberam, eles só conseguiriam sair dali na hora do almoço e então o plano das duas amas daria certo. A probabilidade de eles escaparem era quase nula.

- O que vamos fazer? – Grinbelone tremia um pouco.
- Temos que conferir se eles realmente o beberam, talvez eles tenham seguido meus conselhos...
- Talvez.
- Você esta com a sacola?
- Sempre! – Disse o Anão orgulhoso.
- Então vamos direto ao quarto de Charles! Não teremos muito tempo... O que você está fazendo?
- Já vi que não poderemos passar em minha casa, logo comida não ia ser mal. – Disse ele já fechando a sacola mais cheia. Mas Guminus, temos que pelo menos entrar em nossos quartos para disfarçar.
- Não temos tempo!
- Guminus, você acha que se lembra deste palácio? – Ele perguntava com um ar meio inseguro.
- É o que veremos... Ala sul primeiro.



Os dois caminhavam a passos rápidos pelos corredores. Não sabiam quando iam esbarrar com alguma ama, ou com um guarda, ou até mesmo com a própria Nisama. Apesar dessa hipótese ser muito improvável de acordo com a sua “nova” personalidade.

Pela primeira vez na viagem o peso da sacola se preceituou sobre Grinbelone. Corredores, esquinas, cômodos iam e vinham e nunca chegavam. Eles começaram a correr mais, para onde a mente de Guminus estava levando-os? Até que finalmente deram em um corredor largo, onde viram uma luz saindo de um quarto. Não podia ser de Nisama, era muito pequeno... Abra a porta.

- O que fazem aqui? - Era Charles, os outros dois entraram correndo no quarto com grande satisfação, e logo fecharam a porta.

- Você bebeu o mel Charles?

- Que mel Sr. Guminus?

- O mel que lhe fora dado! Pela ama, ao chegar ao quarto. - Disse ele com impaciência.

- Não foi me dado nada do gênero... Espere. O mel é um líquido viscoso, amarelo, que me ofereceriam em uma colher?

- Sim! - Gritaram os outros dois juntos.

- Ah, minha ama como era mesmo o nome? Ah! Funi! Ela estava para me oferecer, mas disse-me que achava que eu não precisava daquilo, mas que eu não contasse para ninguém.

- Ela era boa então? - Perguntou o Anão, sentando para relaxar sobre a cama.

- Sim, muito diferente das outras sabe... Mas o que aconteceu?

Os outros dois explicaram tudo o que havia ocorrido para Charles, inclusive que precisavam ir embora enquanto era cedo, mas tinham antes que pegar Val. Charles disse que talvez os conseguisse levar para perto de Val, mas tinha que saber pelo menos quais coordenadas seguir e Guminus assentiu á ele que com certeza, deveria se dirigir a leste. Charles os colocou á caminho.

Depois de poucos minutos andando e se esgueirando á cada corredor que ouviam novas vozes, chegaram ao quarto de Val e bateram. Uma, duas, três vezes e nada. Nenhum barulho vindo do lado de dentro, eles esperavam vê-la saindo preparada para uma nova fuga, como sempre. Levando ás coisas certas, mas ninguém abriu a porta. Isso só significava uma coisa, e os três sabiam, ela havia tomado o mel.

Grinbelone pegou uma pequena faca que trazia consigo, mexeu um pouco na porta e conseguiu abri-la. De primeira seus olhos percorreram o quarto, mas não acharam ninguém. Então quando todos já haviam entrado, Charles pode ver um braço estendido debaixo da cama. Era uma visão horrorosa, ele nunca conseguiria tocá-la.

- Oh! - Ele chorou.

Guminus correu para junto dele, e quando viu a cena se abaixou quase que imediatamente e puxou o corpo de Val para fora. Charles antes mesmo de vê-lo correu para o banheiro, para poder vomitar. Saber que a irmã poderia estar morta era horrível, mas ver o seu corpo era quase que... Aterrador.

Quando ele voltou, o corpo dela jazia sobre a cama e Guminus e Grinbelone se postavam ao seu lado.

- Não se preocupe menino, ela está só desacordada. - Garantiu Grinbelone.

- Mas precisamos de sua ajuda, - Guminus deu um tempo para o outro se situar e respirar. Você pode entrar em pensamentos. Precisamos que você a ajude.

- Como?

- Ela vai pedir.

## Capítulo X

### Nellie Long-Arms

*“...tive que ingerir um papel velho.”*

Era frio e nada estranho, aos olhos dela. Mas também, o que poderia ser julgado como estranho aos olhos de um adolescente, que como todos os outros está sempre disposto a aceitar alguém mais diferente, ou algo que provoque uma sensação mais próxima á adrenalina. Nada é julgado como estranho ou errado perante eles, á não ser a atitude de repreender algo ou alguém por ele não se encaixar á regra. Isso sim seria errado e muito estranho.

Aos olhos de Valquíria, estar ali era frio e nada estranho.

- Mas como ela vai saber o que é o certo?

- Calma Charles. Você sabe que o dom da sua irmã está totalmente ligado com a cura, então ela saberá qual é o antídoto da vez, para o mel.

- Como assim *da vez*? - Ele perguntou á Guminus.

- Esta é uma das armas mais poderosas das Amas. Elas podem mudar o antídoto de seus venenos, temporários ou não, quando quiserem. Uma vez, tive que ingerir um papel velho.

- Ah...

Charles não sabia se achava tudo aquilo esquisito, mas acabou decidindo tentar começar a entrar na cabeça de sua irmã.

Não gostava de pensar no que aconteceria a ela se estivesse completamente desacordada. Como ela sairia?

- Val... Va-al. – Começou ele com um pouco de constrangimento. Você pode me ouvir? Precisamos saber como fazer para acordá-la! Val por favor, é só pensar que eu vou conseguir saber, Val... – Ele mentalizava. Vamos Val, me diga qual é o antídoto.

No mais escuro lugar de sua mente, Valquíria começou a escutar alguns ruídos, porém não podia entendê-los. Não sabia nem ao menos da onde eles vinham, nem o porquê, mas de uma maneira estranha e surreal, ela sabia que só os ouvia porque no fundo queria ouvi-los. Esgueirava-se por toda aquela escuridão, e tentava escutá-los, agarrava-se em qualquer som que pudesse identificar com clareza, até que reconheceu a voz, era Charles. Precisava entendê-lo! Mas não conseguia. Até que lembrou de que ele podia ler os seus pensamentos.

- Mas o que isso adianta se eu não posso entendê-lo? – Gritou Val consigo mesma.

- Ela não pode me entender! – Ele gritou para Grinbelone e Guminus, como se tivesse acabado de emergir de um longo mergulho, assim que a ouviu pensar.

- Continue, é o único jeito.

Charles mergulhou mais uma vez na mente da irmã.

- Oh Cha, não posso entendê-lo! O que eu preciso fazer? – Até que ela teve uma grande idéia. Bem, Cha isso vai ser ridículo, mas eu sinto que é a cura, ouça, eu só entendo sons. Preciso que você cante uma música para que eu entenda.

- Ela quer que eu cante uma música, para ela entender o que estou dizendo! – Disse ele emergindo mais uma vez.

- É isso!

- O que Grinbelone? – Gritou o Fauno.

- A música que ele tem que cantar vai, sem dúvida alguma, acordá-la!

- Ele estava sem fôlego. Vamos menino não perca tempo, se não teremos que esperar até amanhã e sabe lá Merlim o que pode acontecer.

- Mas não deve ser qualquer música. – Disse Charles.

A situação pode parecer um pouco incrédula para você, mas era séria. Eles estavam desesperados, tentando entender como tudo aquilo os levaria para o lugar certo.

- Pense Charles, não é tão difícil assim... Ela precisa de...

- Ajuda. – Disse o menino, com o olhar distante, começando a entender o amigo.

- E a sua banda preferida é... – Guminus não sabia o porquê de ter dito aquilo, mas em uma dimensão mágica como aquela Glastonbury, fazia um pouco de sentido.

- The Beatles... Oh meu deus, eu sou um péssimo cantor...

- Vamos Charles! Não me deixe... - Valquíria estava já á alguns minutos sem resposta. Mas o que é...

Ela começou á ouvir um som que não era estranho, algo que ela podia identificar. O som correspondia com esta letra: "*Help! I need someone Help! Not just anybody Help! You know I need someone...*".

Tudo ficou turvo, ela sentia ânsia, queria vomitar até que...

Val acordou na cama, com o Sol já se pondo. Tudo lhe fora explicado com a mesma rapidez com que ela se arrumava para partir. Checaram tudo e como devia ser feito. Val guiaria o grupo com extrema cautela para os fundos do castelo, mas para isso ela abriu seu livro em Corredores, leu algumas páginas e conseguiu aprender um pouco sobre como memorizá-los e como familiarizá-los. Saíram.

Foram levados pela menina através de corredores e mais corredores, salas, aposentos e tudo mais. Chegaram a passar mais de uma vez pelo mesmo lugar, mas não a questionavam. Porém algo começou á atormentá-los, não haviam ouvido nenhuma voz, nem o ruído mais comum que fosse havia se propagado. Não havia respirações pelo palácio, só os leves passos deles que com muita dificuldade poderiam ser ouvidos. E já começaram a desaparecer.

Todo aquele silêncio era ironicamente um som. Um chamado. Guminus sabia muito bem disso, porém ainda não era hora de dizê-lo, eles se assustariam. Mas ele sabia que era, e sabia quem era...

O silêncio se tornou tão intenso, que ele já incomodava e por mais que qualquer um deles quisesse interrompê-lo, não conseguiam, pois era tudo muito denso, muito sólido. É como se tivesse um barulho tão alto que você não conseguiria ouvir, nem um amigo ao lado. Só que em vez de barulho era apenas um silêncio.

Um vácuo.

Val abriu a boca para falar, mas não conseguiu. Nada saiu. Ela entrou em um pânico profundo, sem saber o que ocorria. Ao vê-la, Grinbelone tomou nota do que estava acontecendo, e também teve sua vez de se desesperar, Charles gesticulava freneticamente e não conseguia soltar um único som. Val tentou falar por pensamento com o irmão, mas descobriu que estes também haviam sido calados, Grinbelone percebeu isto ao mesmo tempo em que a menina e começou a fazer vários sinais para Charles indicando á sua cabeça e a dele, fazendo sinal negativo, e depois se desesperando. Até que os três pararam e olharam para Guminus que permanecia estritamente calmo ao lado deles, com os braços parados sobre o corpo.

Ele fez sinal para que se acalmassem e que observassem. Ele começou a sinalizar algumas coisas. Primeiro apontou pra si mesmo, depois com as mãos e mímica labial disse que sabia o que aconteceria, então eles só deviam prestar atenção. Antes mesmo dele conseguir acabar a frase, tudo em volta deles desapareceu e reapareceu, só que com cores diferentes e em um ambiente um pouco diferente.

Eles ainda se encontravam no palácio, porém em seus jardins.

Os quatro perceberam que mesmo os jardins eram muito diferentes dos que eles tinham visto quando entraram, eram mais vivos, coloridos, como se todo o palácio houvesse acabado de ganhar um banho. Até que começaram a surgir novas amas, algumas eram tão sérias quanto as que eles já haviam visto, mas estas estavam em minoria, a sua maioria pareciam ser muito mais agradáveis e simpáticas. Havia crianças correndo, elas não eram muito humanas, mas ainda sim muito bonitas. Nas extremidades do jardim também dava para ver alguns guardas que usavam um uniforme igual ao que eles já tinham visto, mas pareciam mais limpos.

Foi então que no meio daquelas pessoas Valquíria avistou uma ama que lhe era familiar. Ela tinha cabelos castanhos acinzentados, era toda cinza. Mas seus olhos lembravam alguém, quem era... E quando ela olhou para o irmão ele apontou para a ama e sibilou "vovó e vovô". E olhando para eles, Val viu que certamente era sua avó e atrás dela um dos guardas deveria ser definitivamente seu avô. Queria tanto falar com eles, mas ao se aproximar viu que eles não podiam vê-la. Desistiu.

Tudo era mais bonito. E foi quando todos eles perceberam que deviam ter voltado no tempo, quanto eles não sabiam, mas tinham. Ao passo que quando Val olhou para Guminus, ele também estava muito surpreso com tudo, seus olhos estavam vidrados em tudo o que ocorria em sua volta, logo ela chegou à conclusão que ele não esperava que isso fosse acontecer, mas então o que ele esperava? Pois ele "disse" claramente que sabia o que ia acontecer...

Mas os pensamentos de raciocínio rápido e lógico de Valquíria tiveram que ser interrompidos, pois Grinbelone fazia sinal para eles ficarem juntos. Estava um pouco assustado com tudo aquilo, mas todos pensaram depois, que foi muito sábio aquele aviso dele.

Começaram a observar tudo o que ocorria à sua volta e se sentiram um pouco mais à vontade quando viram que realmente ninguém podia vê-los. E com isso uma cena chamou a atenção deles.

Uma árvore muito grande em espiral com cipós trançados, e que tinha sua copa cheia de folhas verdes e talvez ainda algumas flores. Ela brilhava se destacando em todo aquele jardim, Charles ficou fascinado, mas logo pode ver que quem brilhava não era a árvore, mas sim, uma menina sentada aos seus pés. Chegando mais perto eles puderam ver que a menina lhes era muito familiar. Até que muitos começaram a sentar-se em volta dela; amas, guardas, animais pequenos e grandes, Faunos surgiram, dois Anões, mais outras diversas criaturas que as crianças nunca haviam visto, como, Dríades, Espíritos, alguns homens e um Centauro magnífico, disse Charles uma vez mais tarde, impossível de se parar de olhar.

Eles se aproximaram mais do grupo, e de repente Grinbelone caiu no chão e chorou. Chorou como nunca havia chorado. Charles e Val ficaram tão assustados com aquilo que foram ajoelhar em seu socorro, mas foram segurados por Guminus que lhes lançou um olhar, para não o fazerem. Então ele indicou com a cabeça a mulher, e Charles e Valquíria se esforçaram ao máximo para entendê-lo, até que a reconheceram. Era Nisama. Uma Nisama mais jovem com uns

quinze anos, cheia de vida, alegre, e encantadora. Apesar de exibir uma delicadeza frágil, ela parecia ter algo que a sustentava, algo lindo pensou Charles. Eles, no entanto olharam para Guminus para mostrarem que haviam compreendido, mas havia algo de diferente em seu rosto que os encantou, eles ficaram vidrados, mas quando olharam um para o outro viram que também estavam assim. Charles buscou uma resposta na face de cada criatura do grupo, e todas exibiam aquela magnitude que havia visto primeiro no rosto de Guminus. E foi então que ele percebeu que Nisama estava cantando. O ar havia se enchido pela primeira vez com um som, era uma voz calma e limpa. Ela cantou algo que era longe de ser uma canção para se dançar, e seus primeiro versos fizeram total efeito de surpresa nos quatro.

*“Um livro que originou outros  
Outros que criaram este  
E este quer se libertar  
Isso tudo procede ao que  
Aquela dos dedos de mel  
Desenhou um dia, sob o verde  
Onde ela viu tudo se desenrolar  
Como uma fita, o ultimo fio da vida.”*

E ao chegar ao fim do quinto verso ela retirou um cálice de trás da árvore, que imediatamente eles reconheceram sendo o cálice deles, e fez o movimento de despejar o seu conteúdo no ar, porém antes de despejá-lo ela abriu um grande livro em seu colo, que continha todas as suas páginas em branco. Ao que ela virou o cálice por completo, nada caiu dele, mas começaram a surgir no livro, linhas prateadas, depois fruta-cor, e logo depois assumindo suas cores originais, desenhando e escrevendo sobre as páginas do livro. Imediatamente eles perceberam que ali estava o momento descrito na própria profecia, o cálice desenha as linhas de todos os mundos, dita o que acontecerá ou não. Não há nada que possa ser mais forte do que ele. E ali naquele momento ele estava desenhando no livro as reais histórias sobre todas as dimensões – inclusive aquela -, e sobre todos os contos de fadas com seus segredos. Seria um livro que todas as crianças de todos os mundos o desejariam, ali estariam segredos de tudo e todos, e os segredos dos próprios segredos. Qualquer homem teria tudo o que desejasse com aquele livro nas mãos. Mães entenderiam mais seus filhos, e tesouros descritos em lendas seriam achados.

Se aquele livro pudesse ser mostrado pelo menos para o nosso mundo, pensava Charles, ninguém mais diria que Contos de Fadas são apenas Contos de Fadas, acreditariam que eles realmente existem. As crianças seriam ouvidas e não se deixariam esquecer-se de quanto às histórias lhe eram reais, como eram quando pequenas. Isso tudo para que quando já tivessem crescido continuassem a acreditar nelas. O mundo seria muito mais certo.

Então é sobre isso que fala a profecia, confabulava Grinbelone, ela diz inicialmente que sempre existiu um livro que deu origem ao próprio ato de registrar os Contos de Fadas, só que então surgiram outros... Acho que no mundo de madame. E esses novos livros criaram o pensamento de que o meu mundo e de Guminus é tudo mentira, e a...

Nossa função é libertar esse pensamento. Pensou com lágrimas nos olhos Guminus.

As guerras, a miséria, a fome, a AIDS, as mortes, a corrupção, tudo tem um por que, sempre teve. Homens tolos nunca o perceberam. São todos demônios que se apoderam dos lugares, e eles se apoderam aos poucos sem ninguém ver, dando as idéias erradas para homens fracos. Temos que matá-los. Eles vão ganhando os seus próprios espaços e destruindo os mundos. Temos que acabar com tudo isso. Eles sufocam, pesam em nossos ombros, nos confundem, agem por nós. Somos mais fortes. Às vezes, recebem os mais diversos nomes, Hags, Obsessores, Demônios, Poltergeists, Duplos, são todos seres que nos mudam. Mudam o que acreditamos, o que fazemos, o que permitimos. Está na hora do nosso mundo, da nossa dimensão dar um jeito em tudo isso. Chega. Valquíria chorava com seus próprios pensamentos. Eu quero uma trégua...

Eu quero a paz... Dedicava-se o Centauro.

Eu quero que nos compreendam e não nos julguem... Uma Dríade.

Eu quero que aquele que irá nos salvar, apresse-se... Uma criança.

Eu quero que as diferenças se respeitem... O Fauno.

Eu quero que os homens achem a luz do caminho de casa... Disse Nisama, em tom suplicante. Pois é a única maneira.

Pois daqui a pouco, não dará mais tempo. Todos morrerão no que criaram, no que um dia acharam que acreditavam, mas não. Não adiantará dizer que se arrependem, que se enganaram. O mundo, nunca foi feito de arrependimentos. Mas as piores coisas são feitas com as melhores intenções... Proferiu Ele.

E eles viram o futuro de todos os mundos, sem acreditar.

Tudo voltou a ficar turvo e eles se encontravam no meio do corredor agora, não tinham forças, então seguiram sem falar nada. Mas já podiam.

Val nem sabia se estava indicando á eles o caminho certo, mas eles andaram pelo palácio, fracos e sem medo, como se mais nada fizesse sentido e mais nada valesse a pena. Saíram pelos fundos, sem o menor problema. Há quem diga que se eles estivessem tão cuidadosos como estavam antes, teriam sido pegos. Andaram mais uns cem metros e pararam á margens de um rio.

Caíram de joelhos, ou com todo o corpo na grama. Grinbelone chorou baixinho, Charles não abriu os olhos, e os outros ficaram estáticos. Val me descreveu mais tarde que parecia que haviam perdidos todos os seus ideais e objetivos, ao ver com clareza o ponto que os seus mundos iriam chegar.

- Minutos mais tarde, eles sentaram e olharam uns para os outros.
- Por quê? Por que estamos passando por tudo isso? – Era Val, fazendo sua voz soar rouca, devido ao tempo que já estava sem falar.
  - Eu não sei. Tivemos que ver se Nisama era realmente uma impostora, e vimos. Mas, minha irmã eu não sei o que fazer.
  - Tudo parece mais negro, e ainda nem é de noite se é que vocês me entendem.
  - Claro que sim, Grinbelone. Meus amigos, estou perdido. Gostaria que tivéssemos um rumo. – Disse Guminus.
  - Precisamos de alguma coisa... – Pensava Charles.
  - Sei lá! Tudo aqui não é movido por magia? Pois então, digam-me vocês, – Ela apontava para Guminus e Grinbelone. O que faremos?... Quero meus avós. – Disse ela com mais calma, mudando repentinamente de humor.
  - Pois eu vou dizer o que precisamos menina! – Guminus não estava muito feliz com a atitude pouco heróica de Valquíria, mas ela não podia ser totalmente culpada, pois em um dia ela era uma menina comum, hoje uma guardiã sem direção, sem nem ao menos uma idade madura pra isso, e ainda havia visto o futuro horrível que seu mundo teria, é de assustar qualquer um. Precisamos claramente de ajuda.
  - Precisamos de ajuda. – Repetiram o Anão e o menino.
  - Eu peço ajuda, á qualquer um! – Disse Val quase voltando á chorar, tudo era tão mais difícil do que nos livros.

Mas de repente, como acontecem os milagres nas próprias histórias, as águas do rio se levantaram.

- Ah ótimo! – Disse Val em tom sarcástico. Uhu! Um ser do mal pra gente enfrentar! – Ela estava quase se afogando em sua própria ironia.
- Ora, somos os mocinhos, você acha que pode surgir o que mais para nós? – Disse Charles rindo.
- Cha você esta rindo? – Disse ela olhando e já em pé se afastando do rio, com os outros.
- Sim minha irmã, eu estou! – Ele ria, e fazia ironia da sua cortesia fingida.

Todos acharam que ele tinha pirado de vez, mas ao ver o quão ridícula era à situação deles, todos se dispuseram á rir junto á ele. Você pode imaginar o quanto aquela cena foi curiosa, quatro amigos caem no chão, choram, sentam, monstro na água, eles riem...

Mas quase que um minuto depois eles pararam de rir, toda a água que havia levantado do rio obteve uma forma. Uma forma humana. Era um homem alto, magro, velho, porém esbanjava total vitalidade, suas vestes eram longas, cobriam seus próprios pés, era um tipo de capa, havia um chapéu pontudo que dobrava de uma forma quase graciosa e planejada na ponta. Sua barba branca, chegava quase aos joelhos, olhos verdes e vivos. Não havia nenhum óculos de meia lua como esperavam, apenas a luz dos olhos. A pele mostrava quantas décadas já havia sobrevivido, mas quanta vida ainda lhe vendia.

Todos eles o olhavam esperando um sorriso, mas este não veio.



- Oh, meu senhor... - Guminus se ajoelhou e Grinbelone também, seguido pelas imitações baratas e apressadas das crianças.

- Levantem, seus tolos! - Imediatamente Valquíria e Charles reconheceram sua voz, era a voz que eles já tinham ouvido varias vezes, como no carro indo para a casa de seus avós. - Valquíria Valeinstain, Charles Valeinstain, netos de Lílian Pensiven e Henrique Valeinstain. Guminus e Grinbelone.

Eles se levantaram.

- Meu nome é Naroselvan para os Elfos. Sou chamado de o Ele para vocês. Virgorion nas constelações. E poderia dizer mais quarenta dúzias de nomes que assumo em todas as histórias de todas as dimensões. Inclusive como chamam-me em seu mundo...

Porém um barulho o interrompeu, e ele direcionou o seu olhar ao castelo.

- Vamos ao que importa, como vocês se dão ao luxo de perder a vontade de prosseguir? Como assim vocês perdem seus objetivos? Que dons eu dei á vocês dois para serem jogados para o alto? E a missão que eu dei á vocês, que era apenas guiar essas crianças quando elas não puderem mais guiá-los por si só? Quem vocês acham que está dependendo de vocês a partir de agora? O que vocês carregam nessa sacola? Se vocês querem respostas, exigem provas, e o mais importante; querem achar um rumo...

Eles estavam arrepiados.

- Está na hora de vocês simplesmente pedirem ajuda, não é? - Sua voz era impetuosa.

Todos eles levantaram os olhos, que antes tinham se abaixado, para o Ele. Ficaram muito surpresos com aquela resposta.

- Queira vos perdoar. - Era Val. Mas não sabíamos que seria tão simples assim.

- Ora menina! Nada é complicado! Lembrem-se que tudo é possível, tudo é fácil. E Guminus sabia desde o início que era eu que tinha colocado vocês aqui, Grinbelone sabia que era eu que havia chamado seu irmão desde o início também! E por que vocês dois não pediram minha ajuda, sabendo que eu estava diretamente envolvido com tudo isso? E as lendas que ouviram sobre mim? Para que lhe serviram? Elas diziam com clareza, que eu existo para o auxílio e manutenção da ordem, não é? O que adianta repetirem algumas coisas como um mantra e não acreditar no que vossas palavras dizem!

Com todos os movimentos que Ele fazia Val pode ver que em seus pés havia sapatilhas finas e compridas, mas sem tempo suficiente para confirmar elas logo foram cobertas pelas vestes novamente. Se não fosse por golpes de sua mente, mais tarde, a menina poderia perguntar á Ele o porquê delas, contudo nunca chegou á fazê-lo.

- Pedimos desculpas. - Disse Charles.

- Menino, eu sei. Eu entendo, mas vocês foram muito tolos... Chega de conversa! Aqui dou algumas armas para vocês, isso Guminus guarde-as. Agora Escutem, já descobriram que vocês saíram, pois muito bem. Vocês têm que ir ao mais oeste possível. Até aonde seus pés não puderem mais levá-los, vocês continuaram se arrastando,

mesmo que os seus sonhos já tenham os abandonados e a sua sanidade já questionada, vocês continuaram. Saberão quando tiverem chego. Eu preciso que vocês transportem o cálice até um lugar, que é onde eu estou, em segurança. Respostas virão no caminho. Sigam a primeira placa que virem, ao atravessar o rio, não se preocupem em se secar... Agora corram.

E com isso, á tão formosa imagem desmoronou na água, encharcando-os. Atravessaram o rio, que não era muito fundo, o mais rápido que puderam, assim chegando à outra margem, começaram a correr.

- Por que para o oeste? – Perguntou Val, correndo muito bem, á Guminus que era o único fora ela, que tinha facilidade para correr.

- Oeste é sempre onde o mal se concentra, em qualquer lugar. Ali está a placa!

Subiram correndo uma pequena colina, onde se olhassem para trás veriam os primeiros guardas saindo palácio.

- Está em outra língua... – Murmurou Grinbelone.

- Mas eu posso ler. – Disse Charles.

- Ele sempre adorou estudar essas coisas sem sentido...

- Mas senhora, será uma dessas coisas sem sentido que nos ajudará.

- Disse Grinbelone sem acreditar que estava defendendo o menino.

- Tudo bem, tudo bem. Mas o que ele quis dizer com não se preocupem em se secar? Afinal ainda estou com frio.

- Minha irmã, acho que eu sei o que ele quis dizer. Aqui diz em inglês: Nellie Long-Arms. – Disse Charles com a voz tremendo.

- Isso não é nada bom. – Disse Grinbelone, pegando sua faca.

## **Capítulo XI**

### **Caretas gélidas**

*“Ela tinha os olhos escurecidos.”*

Antes de qualquer coisa um aviso; esta pode ser uma parte do livro onde é necessário você como leitor, pensar antes, se realmente quer lê-la. Pois você precisará de calma, coragem e de um ambiente

claro e aberto. Pois eu lhe garanto, que a ultima coisa que você vai querer, é ler este capitulo no escuro.

- Muito bem, alguém aqui não sabe o que é o demônio Nellie Long-Arms? – Perguntou Guminus de olhos fechados, desejando com todas as suas forças que todos já o conhecessem.

- Odeio minha ignorância se tratando de demônios!

- Madame, permita-me, pois não temos muito tempo. – Grinbelone tomou o dever de esclarecê-la quanto a situação. Enquanto isso, vocês dois de olhos abertos! Madame, Nellie Long-Arms, é um demônio que também pode ser conhecido como, Jenny Greenteeth ou Peg o'the Will, algum desses nomes lhe é familiar, certo?

- Não.

- E Grindylows? – Charles havia quase sussurrado.

- Vocês só podem estar de brincadeira... – Alegava ela incrédula.

- Olhe por você mesma. – E Guminus entregou o livro para ela.

Como se a sua vida dependesse daquilo, Valquíria folheou o livro com tanta ferocidade, que chegou á assustar os outros. Menos a Charles que entendia o porquê do pânico da irmã, Grindylows sempre fora o bicho ou demônio que ela mais teve medo.

Enquanto era muito pequena, caiu por acidente em um buraco de um lago congelado, passando quase dois minutos debaixo da água congelada até conseguirem tirá-la. Depois disso, sempre alegou que não havia caído, mas sim que haviam a puxado. Alguns meses depois de sua queda, ela procurou e pesquisou muito sobre aquilo tudo e então se deparou com a lenda dos Grindylows, e ao lê-la ficou tão assustada que não pode dormir durante um mês. Depois foi convencida que nada daquilo existia. Mas ali em Glastonbury, onde tudo havia se tornado realidade, ele não sabia como a irmã reagiria.

- Aqui. Grindylows. É verdade, eles têm realmente todos esses outros nomes e... Estes demônios são conhecidos fisicamente por ter cor verde-bile, chifres pontiagudos, - Sua voz ia aumentando. Dedos longos e afiados, e... Por fazerem *Caretas*. – Disse ela quase engasgando. Oh por favor, não diga que eles...

- Sim Val, você pode ver. Aqui diz que eles puxam as pessoas para o fundo dos lagos, para poderem vê-las... Hum, morrer. – Charles sentia pela irmã, ajoelhada na relva.

Grinbelone abaixou-se até ela.

- Eu lamento madame. – E colocou uma lanterna em sua mão. Podemos contar nos dedos quantos já conseguiram escapar destas pestezinhas nojentas! Gostaria de saber por que Zéfiros nos fez passar por aqui! – E vendo a cara de incompreensão de todos, ele explicou. Lá em casa pensamos em apelidar o Ele de Zéfiros, que é um deus Grego, um dos deuses do vento, pois assim como ele vem ele vai, não gosto muito de usar o Ele. É confuso... – Disse em um tom quase infantil.

- Ah tudo bem, Grinbelone, mas eu creio que tudo tenha um motivo, sem contar que esse é realmente o único jeito de seguir para o oeste. Agora eu não sei como ele achou que passaríamos, sem nenhuma experiência com essas criaturas. – Pensou Guminus.

- Eu tenho.

Os dois olharam para Val com espanto. Ela já se encontrava de pé e com a sacola nas costas.

- Oh madame! Por favor, dê-me isto.

- Não! Se alguém aqui tiver que lutar a base da força, vai ter que ser você. Eu e meu irmão não conseguiremos e Guminus poderá ajudar de alguma outra forma.

- Mas como faremos?

- Eu já sobrevivi á esse demônio, Grinbelone. Acredite. Não há nada que eu mais tema no mundo, principalmente agora que volto á ter certeza que ele é real. Não sei quando eu vou voltar a dormir em paz sabendo disso, mas temos que passar por essa floresta.

- Muito bem eu irei à frente, porque deve ter muitos lagos no meio dessa floresta e eu sei que tenho o melhor senso de direção. Logo atrás vem Val, Guminus e por ultimo Grinbelone.

- Quando algum de nós quiser falar com alguém não aperte o braço, só dê uma batidinha, para não confundirmos com os dedos deles, se não poderia dar uma certa confusão.

- Ela é realmente organizada, não é? - Disse o Anão, em voz baixa á Charles.

- Nem me fale... Agora vamos torcer para que passemos despercebidos.

Logo após a placa ainda havia uma esguia trilha, que se estirava por uns dez metros. Eles a percorreram ainda com as suas cabeças levantadas, porém os ouvidos já estavam atentos. Porém ao entrarem na floresta, sem perceberem, dobraram-se sobre suas pernas, ficando quase que agachados, ainda ninguém tremia, mas já respiravam com receio.

Os ouvidos estavam atentos.

A floresta não fedia como imaginavam e não era das mais bonitas, mas ainda sim era ecúmena, se esquecêssemos da existência dos seus habitantes. O único problema aparente era a falta de uma trilha para se seguir. Logo Charles teve que usar o máximo do seu senso para continuar seguindo fielmente para o oeste.

Mas ainda sim, posso dizer que eles se desviaram um pouco.

Guminus se surpreendeu levemente com uma certa sensação que se propagava sobre ele mesmo. Ele parecia estar com medo? Ah sim, isso foi confirmado com algumas viradas repentinas da sua cabeça para os lados. E acabou sentindo necessidade de justificar á si mesmo que só estava checando, porém depois que elas se tornavam cada vez mais constantes ele admitiu que estava para si mesmo. Mas não era medo dos demônios ou de morrer, era medo de que uma das crianças pudesse morrer ali. Não seria uma situação muito difícil, ele dialogava consigo mesmo, mas se uma delas se perdesse talvez a paz nunca mais fosse restabelecida em Glastonbury, e uma vez que fossem pegos com o cálice, os futuros de muitos mundos estariam perdidos. Então ele olhou para trás e viu Grinbelone olhando para ele com um olhar de interrogação, ele fez sinal que não era nada e continuou á andar.

Mas ainda sim estavam com ouvidos atentos.

Foi então que Valquíria ouviu um ruído familiar. Não devia ser nada, ela tranqüilizou-se e continuou a seguir o irmão, que acabara de se decidir por virar um pouco á esquerda. Mas então o barulho reapareceu e dessa vez era um pouco mais forte, cada vez que avançavam pelo novo caminho de Charles, ela o ouvia com mais freqüência. Havia algo ali daquele lado, exatamente para onde eles caminhavam, e o barulho era comum demais para Val, indicava alguma coisa que ela não podia se lembrar. Mas ainda sim era algo comum, do cotidiano. Esse novo pensamento á deixou um pouco mais calma.

Ouvidos estavam mais que atentos.

De repente as cores mudaram, elas eram um pouco mais claras era como se dependessem uma das outras. Ela cutucou o irmão e sem nem ver se ele correspondeu, já virou para Guminus e o fez parar. Ainda não estava tão escuro, então Grinbelone também parou. Ela voltou-se ao irmão, que estava com um olhar de interrogação para ela.

- Pare. - Ela sussurrava, olhando para os lados. Vocês estão ouvindo?

Todos sabiam que isso era um comportamento esperado de Val naquela travessia, esperava-se que ela comesse á ouvir coisas que não existissem ou até se recusasse á continuar, mas mesmo assim se dispuseram á ouvir.

Porém nada ouviam.

- É um barulho familiar. Eu não sei o que é, mas não podemos continuar por ali. - Ela ainda ouvia atentamente á sua volta.

- Mas Val, essa é a direção certa. - E assim ele prosseguiu andando e ela decidiu seguir mais um pouco.

O barulho prosseguiu, eles estavam agora numa cerração, não se via um palmo na frente do nariz. Já estava escuro, mas a cerração vinha por algum motivo que ela não conseguia se lembrar, só sabia que tinha total ligação com o barulho.

- As cores dependem uma da outra...

- O que disse Val?

- As cores dependem uma da outra! - Ela elevou a voz. Parem todos, eu sei que barulho é esse. Todas as cores que estão por aqui são muito próximas, sabem por quê?

Eles achavam que o medo a havia enlouquecido, principalmente quando á viram tremer dos pés a cabeça. Guminus com receio de que ela despencasse á qualquer instante colocou sua mão no ombro da menina.

- Porque não passam de reflexos seus tolos... - Ela sorria debilmente. E o orvalho que ficou nas folhas das árvores agora cai e faz barulho, e sabe aonde ele cai?

- Não Val, aonde ele cai? - Charles estava assustadíssimo, vendo os cabelos da irmã cobrirem-lhe o rosto.

- Na... Água. - Todos congelaram, enquanto ela fazia pausas para poder rir, aparentemente sem motivo. Na água... Na água... Advinha onde estamos?

Grinbelone estava horrorizado vendo a cena da madame sendo tomada pela mais horrível força que pode existir, o medo. Ela não

tinha mais controle sobre sua própria cabeça, nem sobre os seus movimentos.

Mas ele agora também estava, com muito medo.

- Na beira de um lago. - Disse ele olhando em volta.

- Muito bem! Muito bem! - Ela dizia batendo palmas e pulando.

Seus sorrisos eram loucos e sem vida, assim que ela começou a pular Guminus agarrou á sacola, e Charles tampou-lhe a boca.

- Val, não podemos fazer barulho... - Ele disse como se estivesse falando com uma criança e destampou a boca dela.

- Arre! Beira de um lago á noite! Uhhh!... - Ria, ria e ela tinha os olhos escurecidos, que Charles mais tarde não soube dizer se era pela loucura ou pelo medo.

- Val! - Ele tampou-lhe a boca de novo, mas sentia os lábios dela se mexerem embaixo de sua mão. Você quer que eles te peguem? - Ela parou. Quer? Hum eu acho que você quer sim. - Ele não sabia da onde tirara coragem para aquilo, qualquer outra criança de sete anos, já teria chorado, mas imediatamente á irmã tirou á mão dele da boca e sussurrou.

- Não... Não deixe Cha... Por favor. - Gaguejava ela, já encolhida ficando quase do tamanho do irmão.

- Certo, então tem que prometer que vai ficar quietinha.

Ao conseguir arrancar suspiros de aprovação da irmã eles decidiram continuar se afastando ao máximo da beira do lago. Todos estavam muito assustados, porém não tanto quando Val. Esta já tinha passado deste estágio, estava á beira da loucura. Guminus e Grinbelone haviam feito um sinal á Charles indicando que tudo ia ficar bem, para que pudesse encorajar o pequeno garoto á seguir, mas eles sabiam muito bem que se acontecesse algo que chocasse á menina, talvez ela nunca mais voltasse á ficar... De certa forma, sã.

Os vultos das árvores começaram á passar por eles com um pouco mais de agilidade, pois Charles definitivamente apertara o passo. Não via a hora de sair dali e livrar sua irmã daquela tortura. Ele a puxava de mãos dadas, até que ele parou de ouvir o barulho das gotas de orvalho caindo no lago e isso o tranqüilizou um pouco, pois deviam ter se afastado, com sucesso, uma distancia suficiente do lago. Mas se Charles realmente soubesse o que seguiria ele nunca teria relaxado por breves momentos. E sim corrido com todas as suas forças para longe dali.

Mas o silêncio ficou pesado demais. Valquíria começou a soltar grunhidos baixinho nas costas dele. Se ele olhasse para trás veria que ela estava quase sentada, com olhos inquietos passando de um lado para outro, com as duas mãos na boca e os ombros encolhidos, ela soltava pequenos gritinhos.

- Calma Val, já estamos quase...

E o quê se pode dizer que foi o momento mais assustador para Charles naquela viagem, aconteceu. Ele de repente entendeu o porquê de não ouvirem mais os orvalhos pingando na água, era simplesmente porque havia outro som que tomava á atenção deles. E era o som de terríveis respirações. As quais Val já estava ouvindo há um tempo.

Ele percebeu isso logo que quatro dedos longos, finos e gelados apertaram seu antebraço. Ele parou de falar. Soltou a irmã e tentou fixar ao máximo os pés no chão. Mas dessa vez não podíamos esperar que ele tivesse nenhuma atitude adulta, pois neste momento Charles era realmente uma simples criança na frente de um tipo de bicho papão. E após a primeira lágrima descer-lhe a face ele fez o que qualquer pessoa faria. Gritou.

Um grito que cortou a noite, que faria qualquer criança correr para a cama dos pais. E qualquer pais deitados em suas camas, correr até o quarto dos filhos para abraçá-los, mas não para confortá-los e sim para serem confortados.

Valquíria congelou onde estava, ela sabia o que estava acontecendo. E sentiu rapidamente um corpo vir das suas costas e correr na direção do irmão. Mas para você entender melhor como tudo se passou a partir de então, eu vou narrar os próximos acontecimentos de uma mente um pouco mais sã, e calma, do que a de Valquíria.

Grinbelone já tinha começado a ouvir as respirações desde o fim do acesso de Valquíria, ou pelo menos desde a parte que ela abaixou o tom de voz. Imediatamente cutucou Guminus para que este também ficasse alerta. Ao ouvir o grito de Charles ele correu em sua direção esperando não ser tarde demais, e ao olhar para frente, viu que madame foi logo segurada pelo Fauno, ou seja, ele *tinha* que ir atrás do menino de qualquer jeito.

Ele continuou a seguir os gritos de Charles pela floresta e logo percebeu que eles estavam correndo ao lado do lago. Mas por que essas malditas criaturas simplesmente não o jogam lá de uma vez? Ele se perguntava. Mas logo deduziu que eles deviam ter um local certo do lago para entrar e este devia estar um pouco longe dali. Ele agradecia muito por isso, quem sabe ainda havia uma chance? Continuou a correr furiosamente e percebeu que se aproximava.

- Grinbelone me ajude! Por favor! - Charles viu que o amigo já estava correndo atrás dele, enquanto tentava se desfazer de dois dos Grindylovs que o puxavam pelos braços.

- Continue falando comigo! - Era a única maneira do Anão saber para onde iam.

- Eles são surdos! Ahh Rápido, rápido! Eles são surdoos! - Charles era arrastado numa velocidade devastadora, mas o Anão também era rápido.

Quando Guminus ouviu isso, ele apressou mais ainda o passo com Valquíria. Desde que os outros dois haviam corrido, ele fazia o possível e o impossível para forçar a menina a continuar. Ele corria dez metros, mas a menina logo se agarrava em um tronco e tinha uma outra convulsão.

Valquíria vomitava de medo.

Até que ele conseguiu ver um dos demônios que puxava Charles, graças a um feixe de luz que a Lua emitia. Rapidamente ele lançou uma flecha, que já estava em sua mão preparada no arco. Acertou. O Grindylov largou do menino, dando mais alguns segundos

de dianteira para Grinbelone, pois o outro não conseguia o carregar sozinho. Mas segundos depois, os dois Grindylows o pegaram pelos pés e continuaram a arrastá-lo. Ouviam-se os gritos de Charles novamente.

Uma flecha passou de raspão pelo Anão, mas meticulosamente acertou o braço de um dos Grindylows. Ele ficou feliz de saber que Guminus estava conseguindo se virar, imediatamente se pôs a correr mais para alcançá-los e quando quase agarrou Charles, aqueles voltaram á ativa.

Quando Guminus olhou para o lado, não achou mais Val. Ele teve soltá-la para poder atirar e ela devia ter fugido. Droga! Precisava achá-la.

- Valquíria! Onde você está? Sou eu Guminus! Vamos, vamos embora daqui! - Ele estava em pânico. Você não quer ir embora? Lembra, você tem um dom. Oras, vamos Valquíria... Por favor.

Ele estava implorando, até que apareceu uma cara na escuridão. A face mais horrível que ele poderia querer ver, uma careta que o fez congelar...

De repente Grinbelone foi obrigado á parar, pois algo o segurou. Quando ele olhou para trás, ele pode sentir um frio na espinha...

Valquíria havia corrido muito entre as árvores, sobre as juntas das duas mãos e dos dois pés. Quem a visse acharia que não teria mais volta a sua sanidade, não em posição de um gorila correndo com os pulsos dobrados no chão e o cabelo na cara. Ela tremia, nunca havia sentido tanto medo, mas de repente decidiu parar de correr. Virou-se para ver onde estava.

A Lua iluminava muito agora. Ela podia ver e ainda raciocinar levemente, podia saber que o lago ficava numa clareira e que ele era enorme. Ela estava numa de suas pontas, pois o lago tinha a forma de um cilindro. Viu Charles ser arrastado por... Meu deus, ela se esgueirou na árvore e cobriu o rosto, soltando um grito abafado. Mas ela precisava continuar á ver, Grinbelone em um momento se deparou com um novo Grindylow. Este era menor, mas eles logo começaram á rolar pelo chão em uma batalha. E ela pode ouvir...

Ouvir atentamente.

Era Guminus que a chamava, e dizia... Oh! Sim, ela queria ir embora dali sim! Ela soltou um novo gritinho e bateu as mãos no ar. Também pode ouvi-lo falar de um? O quê? Dom? Mas já não se lembrava mais...

Então Valquíria viu em sua frente. Esse era maior do que todos os outros, era velho, mas sua cor verde-bile continuava evidente. E então ele fez a pior coisa que ele poderia fazer diante dela...

O Grindylow sorriu. Um sorriso horrível. O sorriso de um psicopata antes de matar sua vítima, o sorriso de um valentão da escola pronto para te bater no corredor. E em todas essas situações você está sozinho, e ele sabe o que fazer, ele sabe o que vai fazer



com você, e ele vai fazer. Porque ele é muito mais forte que você. E não adianta gritar, porque isso só daria mais prazer á ele.

Mas no caso de Valquíria, ele era surdo. E ele ia gostar só de ver a cara dela se alongar, no que seria um grito.

O andar dele mostrava que apesar da idade ainda conservava agilidade. Enquanto se aproximava dela, não tirava em nenhum momento o sorriso do rosto, arrancando de sua vítima, pequenos gemidinhos. Então logo ele começou á grunhir e no meio dos barulhos muito altos - devido ser surdo e ter a língua presa -, que saiam de sua boca, ela identificou palavras.

- *Bah! Não se lembra de mim?* - Ele agachou perto dela, ainda sorrindo debilmente.

Ela balançou a cabeça negativamente, ou quem sabe apenas tentando repelir a criatura.

- *Oh minha pequena, aquele día no lago de gelo... Fui eu!* - Ele começava as frases com uma simpatia aterradora, mas acabava perdendo o controle do seu temperamento e do tom da voz. *Que te seduzi á entrar... Fui eu sim! Rará não pude me esquecer de você. Sabe por quê?!*

Val babava e tentava não olhar pra ele.

- *Porque você foi à única que escapou! Foi sim... E nenhum GrindyLOW! Que se preze, deixa sua vítima escapar.* - Ele havia parado de sorrir.

- *Por...Fa...Vor... Não me le-leve.* - Ela tentou dizer no meio de tanta saliva.

- *Oh! Querida, eu não posso ouvi-la! Sou... rarárá surdo! Mas saiba-ba que não vou levá-la, não... tsc tsc... Só... O seu irmão! Tsc tsc,* - Ele dizia isso bem perto do rosto de Val e estalava a língua freneticamente, a fazendo voltar á chorar. *Rará é vou sim, e não vou matá-lo. Não se preocupe, vou deixá-lo apodrecer comigo! Pra sempre! Tsc tsc tsc...*

E assim ele lambeu o rosto sujo e molhado da menina, antes de dar os seu ultimo sorriso e sair correndo pelo lago.

Valquíria havia urinado nas suas jeans, mas ela não conseguia mexer um músculo, não conseguia nem fechar os olhos. E de repente ela começou a passar a mão, várias vezes, sob onde o GrindyLOW havia lambido no seu rosto, em um pequeno acesso convulsivo de nojo. Então quando eu diria que ela estava à beira da loucura eterna, a ultima gosta de sanidade cai em sua mente. Ela sente uma onda fria percorrer-lhe o corpo inteiro, e pensa do que eu estou com medo agora? E ao refletir sobre o que acabara de lhe ocorrer, ela também percebe que talvez sua sanidade esteja voltando.

Val se colocou de pé e ao analisar á si própria sentiu nojo. Mas não tinha tempo para isso, tinha que ajudar os outros. Como, ela não sabia, mas tinha. Então correu pela margem do rio, e encontrou Guminus em pé com um GrindyLOW morto sob seus pés.

- Valquíria! O que aconteceu?

- Charles. No lago. - Os olhos dela ainda giravam.

Assim que correram mais uns trinta metros encontraram Grinbelone e este tinha amarrado um GrindyLOW numa árvore ao lado.

O Fauno achou melhor matar este também. E sem nem se olharem, correram para onde os outros haviam levado Charles.

Ao longe, viram duas pedras grandes na beira do lago e ali estavam três Grindylows, um ferido e havia um outro muito grande e velho - do qual Valquíria se lembrava bem -, e Charles.

- Val! Me ajude! Por favor! - Ele chorava, ele tinha só sete anos.

- Charles agüente! Eu vou te buscar lá, - Ela havia conseguido chorar de novo. Eu juro.

E com isso eles sorriram para ela e pularam pra dentro da água. Valquíria desmaiou.

Quando acordou, o céu estava iluminado pelas estrelas e já não estavam mais na floresta. Guminus sentia tanto por ela.

- Aqui, pronto. - Ele á ajudou levantar. Já saímos da floresta, está seguro aqui. Vá até ali para tomar um banho e trocar de roupa, qualquer coisa é só nos chamar.

Assim que se lembrou um pouco do acontecido, vomitou de novo.

Depois de feito, Val voltou e encontrou os olhos de Grinbelone, este sorriu para ela. Ela vestia uma saia longa verde, que acabava um pouco antes dos tornozelos, e uma blusa azul.

- Nós sentimos muito madame. Ele cumpriu a missão dele e vamos entender se quiser parar a jornada.

- Grinbelone, meu irmão não morreu.

## Capítulo XII

### A Dança

*“...enquanto ambas estávamos como sementes, eu de carvalho e você de gente...”*

Tanto o Fauno quanto o Anão desviaram seus olhos da menina. Achavam que ela não estava em perfeito juízo, mas também não podiam culpá-la depois de tudo o que viu, ainda mais com o irmão morto, pobre garota...

Valquíria continuou erguida perante eles, não tinha vontade de se sentar, não se lembrava de comer, nem de explicar tudo o que havia lhe ocorrido. Queria só continuar ali sentindo o vento passar pelo seu rosto. Estava tão fraca que tentava se alimentar daquele vento, que a impulsionava á continuar viver. Sentia como se dependesse dele para prosseguir, mas só depois que ele parasse é que ela poderia continuar. Só depois que ele á *abandonasse*, pois ela nunca o abandonaria, estava jurando fidelidade ao vento, o único alimento que ela tinha naquele momento.

Então ele parou, depois de quase meia hora. Valquíria ficou até um pouco despontada, mas logo decidiu que precisava se apoiar em outra coisa e ela estava com sede.

- Preciso de água.

Grinbelone se assustou com a voz de Valquíria, já fazia muito tempo que ela estava ali parada em pé, sem dizer nada. Ele pensava em interrompê-la á cada dez minutos, mas logo sua coragem se dissipava ao olhar para cima e vê-la.

Ele correu até a sacola e lhe deu um cantil.

- Aqui está.

- Obrigada. - Disse saboreando cada gota daquela água, e também se apoiou nelas como motivo de viver. Assim como fez com o vento, jurou fidelidade á ela e se demorou no cantil inteiro, talvez tenha demorado quase quinze minutos nele, mas ela amou aquela relação que assim teve com a água.

Como podem imaginar aquela logo acabou também, desapontando a menina. Não se pode mais esperar fidelidade de ninguém? Pensou Val. E assim que o pensamento se foi em sua cabeça, ela chegou á um pingo de racionalidade e riu daquilo tudo.

- Eu estou querendo fidelidade com o vento é isso? - Ela sorria enquanto indagava aos amigos seus próprios pensamentos. E depois com a água? Quem sabe eu realmente esteja louca, não é Grinbelone?

- Não Valquíria, você sabe muito bem que só está abalada.

- Não Sr. Guminus. Eu sei muito bem que não estou louca, mas também sei que não estou apenas abalada. - Ela ainda sorria debilmente.

- Não acha que tem que nos contar algo? – Por mais que ele estivesse dizendo tudo aquilo, sabia que a menina não estava muito sã, não, aliás, perturbada seria a melhor palavra para descrevê-la.

- Hum será? – Então ela se colocou de pé de novo e começou a rodeá-los. Será que você Guminus não devia me explicar o porquê de eu estar querendo me ligar tanto com a natureza, neste lugar?

- Talvez. – Ela definitivamente não estava louca, apenas perturbada. Bem, seu irmão morreu... – Fez ele de propósito.

- Não.

- Não?

- Não. Ele não morreu.

- E você não vai querer mesmo me contar por que acha isso? – Ela não respondeu, e ele prosseguiu. Então acho melhor você procurá-lo.

Ele havia pego a bolsa de Grinbelone e começava tirar dela, um pequeno amontoado de roupas. Valquíria nem imaginava o que sairia dali e tratou aquele gesto com indiferença. Quando as roupas já estavam em seu colo, Guminus foi desembrulhando, algo que até então não parecia estar ali, e foi então que ela o viu.

O cálice fora guardado ali desde que saíram da casa dos avós, pouca proteção aparente, mas o óbvio e a lógica podem oferecer mais proteção do que qualquer um pode imaginar. E assim que foi tirado daquela trouxa de roupas surtiu efeito em tudo que havia a sua volta.

Grinbelone pegou o arco de Guminus e se colocou apostos para qualquer mudança no ambiente. Val sentiu um arrepio passar-lhe pela nuca, não estava gostando muito daquilo, estava um pouco receosa do que iria acontecer em seguida.

- Pra que isso agora Guminus?

- Oras, que mal fará darmos uma olhada no cálice, temos que ver se está tudo ok, certo?

Ela só assentiu com a cabeça, não estava bem certa daquilo. Quando ele foi erguido por Guminus em sua frente, ela sentiu como se algo a fisgasse por dentro, ela poderia ser erguida trinta metros do chão por um fio imaginário que ira do seu estomago, saindo pelo meio de seu pescoço, era uma terrível sensação. Parecia que o cálice queria tirar algo dela.

Sem dúvida aquele era um objeto muito poderoso.

Guminus saiu, sem olhar duas vezes para Val, em direção à floresta que se erguia à frente. A menina olhou para o Anão que desviou o olhar, e depois olhou para a floresta de trás que haviam acabado de sair. Um calafrio correu-lhe a espinha e este a fez decidir que quanto mais longe dali melhor.

Seguiu o Fauno e o cálice.

Eles andaram por apenas dois minutos e acabaram em mata fechada. Ele parou, virou para trás e olhou para ela. Ela recuou sem perceber o que estava fazendo. Ao passo que ele fez sinal para que ela se adiantasse e sentasse numa pedra a uns metros adiante onde as árvores cediam um pouco mais de espaço.

- Você vai ficar aqui, e vai ver e vai sentir.
- Mas eu não quero...
- Você não quer ser amiga, ser fiel á natureza?
- Oh! Quero.

E assim ele colocou o cálice bem diante dos olhos dela e tudo brilhou muito para Val, e se apagou.

- Eu volto depois menina.

E com isso ele se foi, deixando Val desacordada sob a pedra. Enquanto todos que estavam ali já a sentiam.

É difícil explicar qual era situação psicológica atual de Valquíria. Com certeza havia enlouquecido, mas de uma maneira diferente. Qualquer outra pessoa nunca mais teria sua sanidade de volta, pois tudo o que ela viu e ouviu fora horrível. Sem contar o seu encontro com O Grindylow, onde ele injetou imagens monstruosas na cabeça dela, que a atormentariam para sempre, mas ainda sim ela tinha algum ultimo fio de sanidade escondido em algum lugar de sua mente. Ela não era uma garota qualquer e sim uma guardiã, escolhida por Ele. Logo é fácil dizer que sua força era muito poderosa.

Esse seu ultimo fio de sanidade estava querendo ser notado, e o meio que a mente dela achou para fazê-lo, foi colocando-a em contato com algo. Ou seja, substituindo o amor que tinha para com o irmão, por um amor direcionado para a natureza. Quanto maior fosse o contato que ela tivesse com esta, mais rápido sua sanidade estaria de volta.

Guminus não entendeu muito do que estava se passando, mas ao ver aquela imagem de Valquíria no vento, imaginou que as antigas criaturas da floresta estavam tentando falar com ela. E não havia como negar um fato como aquele, uma raridade de tamanha importância. Apesar dele não estar muito certo de tudo isso, foi muito conveniente o seu feito, aliás, eu digo á você que foi o que manteve Valquíria viva até o ultimo dos seus feitos.

Sons á acordaram. Eram gravetos sendo estralados e folhas se mexendo.

Ao acordar achou que estava tonta, pois o mundo parecia rodar com cautela ao seu redor, as árvores estavam balançando habitualmente, mas assim que abriu bem os olhos pode ver que era só o vento. Então sentou-se com as pernas cruzadas, no colo, em cima da pedra e cantou uma música que já não ouvia há muito tempo. Ela havia a aprendido em um livro quando criança.

- Para que o tremor possa durar... E tornar tua frivolidade em sentimento... Sentes meu poder quando precisas... E depois me darás o esquecimento... \*.

O vento aumentou em volta dela, mas sem se tornar agressivo ele mexeu com todas as folhas á volta da menina, produzindo um som adocicado. Não era um

---

\*Referência ao livro de Kenneth Grahame, O vento nos salgueiros.

simples farfalhar de folhas, era uma música. Uma orquestra inteira, ela chegou a pensar. Havia um som de um tambor ao fundo, que estava iniciando uma sincronia com flautas. Não se sabia da onde a música vinha, só sabia que ela estava em todos os cantos.

O coração de Valquíria batia junto ao tambor, e esperava pacientemente pelas flautas.

A música não parecia ter letra, mas também não parecia ficar na ausência desta. Era como se os próprios instrumentos ocultos falassem. Cantassem.

Valquíria logo começou a olhar para as árvores à sua volta, elas começaram estranhamente a ganhar formas. Feições apareciam por debaixo dos galhos, pareciam estar ganhando narizes, bocas, rugas, olhos, dedos, pés, cabelos e bengalas. E assim que ela se demorou a olhar curiosamente um carvalho, a música foi aumentando levemente, até que algo se destacou do carvalho, assustando a menina. E dele saiu uma mulher. Na verdade era como se ela fosse o próprio carvalho, como as feições que estavam nele até que aquele momento, tivessem ganhado vida e saído da árvore.

A Dríade tinha cabelos longos, porém não velhos. Seus dedos eram cumpridos como o do carvalho que havia saído. Ela tinha as mesmas tonalidades que ele, as mesmas formas, porém era um pouco mais graciosa e assumia uma forma que poderia lembrar a de uma menina, pouco mais alta que Val. A diferença era que ela era o próprio carvalho. Ela era a vida que habitava dentro dele, e ele era vida que habitava dentro dela, ambos fazendo o outro sobreviver. Mas esta podia andar, e agora dançava.

Val ficou maravilhada com aquela linda criatura. Mas sem ter tempo de analisá-la minuciosamente, outras de uma maneira atrevida - ou não - começaram a aparecer. E ela sabia muito bem, o que cada uma delas era.

Ninfas saíram de outras árvores, tinham uma forma mais encorpada, quase gordinha.

Mas aquelas tinham algo de diferente, pareciam ter mais cores e um ar de um pouco menos de responsabilidade. Riam assim que uma nova aparecia. Valquíria gostou delas, queria que elas olhassem para ela, assim poderia rir junto, mas aquelas pareceram nem notar a menina.

Dessa vez apareceram novas criaturas. Eram femininas também, porém muito mais altas e esbeltas. Pareciam não vestir nada, mas ao mesmo tempo não estavam desprotegidas, era como se vestissem um tecido feito de água. Náiades, ninfas de riachos e de fontes de água. Devia haver algum riacho por perto, pensou Val. Elas eram mais sérias e impunham mais respeito.

Então saindo de outras árvores, havia Hamadríades e outras Ninfas.

Todas as criaturas femininas fizeram uma roda em volta da pedra de Val e dançaram com a música. O lugar que parecia pequeno antes, agora misteriosamente cabia todas elas. A música aumentou e todas dançavam, algumas riam enquanto o faziam - Ninfas -, outras já eram mais casuais e só usavam de passos mais longos - Náiades.

Valquíria queria participar também daquela dança e como se a Dríade lesse seus pensamentos, olhou para a menina, e sem emitir nenhum som fez Valquíria perceber que estava sendo finalmente convidada.

A dança se estendeu tanto que Valquíria não soube dizer-me quanto tempo durou. Mas disse-me que á cada nova volta sentia algo se dissolver dentro do seu corpo, como se ela inteira fosse feita de algum material efervescente. Não sabia se era bom ou não, só sabia que estava perdendo algo, algo que era novo ali, que ela possuía há muito tempo, mas que só havia aparecido a pouco, era grande.

Então a música foi ficando cada vez mais lenta e mais baixa, até sumir. Foi então que todas as criaturas ali pararam e se entreolharam, como se fossem cumprimentos ergueram-se às mãos e as rodaram por cima de suas cabeças - como se estivessem quebrando os punhos - e logo pararam.

Parecendo uma festa, começaram a conversar normalmente umas com as outras, e Valquíria se sentiu uma verdadeira intrusa no local. Mas não pretendia continuar assim, ela correu os olhos pelo grupo e se deparou com a jovem Dríade sentada aos pés de alguns arbustos.

- Você dançou muito bem.

Ao não arrancar nenhuma fala ou um gesto da Dríade, com o elogio, Val se sentiu idiota, mas mesmo assim não perdeu as esperanças. Só precisava do comentário certo.

- Aquele é o seu Carvalho? - Disse Val, olhando para a criatura emaranhada no pé dos arbustos.

- Como? - Ela enfim respondeu.

- Aquele, - Disse Val apontando desta vez. É o seu Carvalho? Vi você sair dele.

- Meu Carvalho? - A Dríade se colocou de pé, era pouco mais alta que a menina. Ele não é o *meu* Carvalho! Que insulto! Ele é eu, e eu *sou* ele! Somos um só, uma só pessoa, uma só árvore, um só espírito.

- Desculpe, eu não quis dizer isso, como se ele fosse apenas uma propriedade sua.

- É claro que não! Você não seria tão monstruosa á esse ponto.

- É que eu só queria...

- Chega. - A Dríade não parecia brava. Ouça-me. Não faça perguntas, não me interrompa, aqui e agora, vou te explicar.

Elas sentaram em cima da pedra central, sem atraírem nenhum olhar de qualquer outra criatura.

Cada gesto que a Dríade fazia, era como fosse minuciosamente calculado. Como se toda a vida dela, fosse parte de uma dança onde os tempos eram já coreografados. E ela se saía muito bem, no espetáculo de sua vida.

- Menina, você está no meio, ou melhor, você presenciou e participou de uma reunião esplêndida. Em qualquer floresta viva que você chegue á ver algum dia, ela vai ser habitada pelos próprios espíritos, se por acaso eles lá não estiverem, é porque escondidos estão. Vejo que você sabe que sou uma Dríade filha e mãe do meu Carvalho. Ali você pode ver Ninfas e Hamadríades. Porém do outro lado as Náíades

que todas vêm dos riachos, não são muito mais sábias que todas as outras, mas se colocam de maneira diferente e aparente. E ali temos os Espectros por si só e os Druidas...

Val não havia visto aquelas figuras masculinas antes. Assustou-se ao vê-los, pois de primeiro momento pareciam homens comuns, mas ao reparar bem, viu que os *Espectros* eram fantasmas, literalmente. A Dríade contou muito pouco sobre eles.

-...Mas, menina saiba que você está aqui por um outro motivo. Aliás, você sabe porque está aqui. O seu espírito estava louco. Ou melhor, está louco. E saiba também que você nunca vai deixar de ser assim agora, o que você viu vai te atormentar para o resto da sua vida. Só que terá que aprender a lidar com isso, senão eu também serei afetada. Mais do que já estou. - Ela disse esta última frase em um sussurro.

- Por quê?

- Eu e você somos parte uma da outra. Todas as criaturas de qualquer mundo têm sua outra parte. E não falo de almas gêmeas, eu estou dizendo de um tipo de irmão de mente. Quando você estava sendo feita, o universo dividiu sua mente em duas, ao mesmo tempo em que eu também estava sendo feita. E cada uma ficou uma parte dessa mesma mente criada. Apesar de estarem em corpos diferentes, as duas partes estão sempre interligadas e enquanto ambas estávamos como sementes, eu de carvalho e você de gente, crescemos juntas compartilhando mesmos pensamentos, dúvidas, medos e filosofias. Mas hoje, você compartilha comigo sua loucura. - E esta última frase também fora dita como um segredo, só que em seguida ela gargalhou de uma maneira que assustou Val.

- Por que você sussurra?

- Todos eles não sabem disso. Não sabem que você é minha outra parte, nem sabem que estamos louquinhas! Eles não podem saber, não é assim que funciona, nem assim que funcionaria, eu seria levada... Mas respondendo uma pergunta que você não me fez, só apenas uma das metades sabe quem é a outra ao vê-la. E eu sou à parte ou pelo menos era, a parte consciente. Você foi trazida aqui, para ser purificada. E você foi trazida por você mesma, ou por mim, como preferir. Suas entranhas imploraram para estarem aqui. E aqui e agora, você está. A dança dos espíritos da floresta te purificou, e nos deixou bem mais sãs que antes.

- Meu irmão, quer dizer nosso irmão não morreu. - Val tentou começar a pensar mais rápido.

- Ele é só seu irmão, apesar de eu ter um carinho por ele e misteriosamente me sentir culpada por algum motivo. Ele é só seu irmão. E você precisa ir atrás dele.

- Como?

- O Druida. - A Dríade abriu um sorriso largo para Val, e foi só então que esta pensou que a Dríade era realmente muito nova. O Druida de bordô ali no canto está só esperando por você.

- Eu devo ir até ele? - Disse Val analisando-o e vendo se era perigoso.

- Deve.

- A gente vai voltar a se ver?



- Não sei, quem sabe. Só sei que já nos encontramos, e quando você encontra a sua outra parte não precisa mais voltar ao seu mundo depois de morta. Mas não se preocupe, estamos muito ligadas, para sempre quando for a hora da última luta eu estarei lá com você. Só eu posso te ouvir, mas ainda sim você irá me sentir quando eu morrer.

- Oh...

- Vá até ele, agora. Ou melhor, menina, vai.

Val não pode deixar de sorrir ao ver a última mudança de verbo, desnecessária, da sua outra parte. Havia a adorada, ela era tão diferente dela mesma. Então a abraçou.

A Dríade sendo pega desprevenida ficou estática, pensando em quem já haveria querido abraçar uma Dríade, ou quem já abraçou alguma. Mas assim que Valquíria se encaminhou para o outro grupo, a outra fez uma careta, acabava de chegar à conclusão que não gosta de abraços, mas se a outra gostava... Sorriu.

- Com licença.

Ela só tinha visto o Druida de bordô, de costas. Não imaginava se teria medo dele ao olhá-lo de frente, ou se deveria ter. Mas quando ele virou, mostrou-se ser indefeso, um homem magro de cabelos negros, porém curtos e indefesos.

- Ah! Até que enfim. Vi você conversando com Maga, - Este devia ser o nome da sua outra parte, pensou Val. Não devia conversar com ela, dizem que está ficando louca.

- Não me pareceu. - Tentou disfarçar Valquíria.

- Bem aqui está. - Disse ele entregando um rolo de papel para Val.

- O que é?

- Não sei, mas Naroselvan me deixou. Disse que se aparecesse devia entregá-lo à você, e dizer que ele esperava que você fosse mais forte, mas antes de decepcioná-lo de vez, você teria sua última chance. E olhe menina, falando por mim mesmo, posso não ter certeza absoluta de quem é você, e então não me recrimine por dizer isso, mas ninguém deve desapontar Naroselvan, ainda mais alguém que ele tanto gosta.

- Por que você acha que ele gosta tanto de mim?

- Se não gosta, a odeia. Pois ele fez tudo isso pessoalmente.

- Hum certo, obrigada. Ah! Saiba que são apenas boatos que Maga está louca, nunca vi alguém tão certa em toda minha vida.

- Oh certo. Se você diz... - Disse ele ainda com dúvidas.

- É, eu digo com a certeza de alguém que passou a vida inteira, vivendo ao lado Dele.

E em resposta o Druida ergueu uma de suas sobrancelhas para Valquíria, fazendo ela depois sorrir.

Valquíria foi embora pensando na sua simples mentira, contudo não sem antes procurar Maga. Só ela já não estava mais lá.

## Capítulo XIII

### Irmãos muito parecidos

*“... a menina a sua frente travava uma batalha consigo mesma...”*

Assim que avistou os dois amigos, Valquíria ficou um pouco nervosa sobre como deveria começar a falar com eles, e sobre o que poderia falar. Mas decidiu que eles não eram de nenhum costume o qual não admitiriam loucos – como as árvores – e que antes demais nada, eles eram seus amigos. Ela contaria tudo que conseguissem contar.

Mas na verdade ela contaria tudo o que a sua loucura permitisse contar.

Quando parou diante deles viu que Guminus dormia, mas Grinbelone imediatamente o acordou com três chacoalhadas. Os dois então se colocaram de pé diante dela.

Ela deu início á uma longa explicação, que contava a sua estadia na roda da floresta, ela admitindo ser louca, mas agora bem menos do que estava, então acabou citando a carta do Ele e em como livrou Maga de um péssimo destino na roda.

- Então o Ele te deixou uma carta? – Foi Grinbelone que se empolgou.

Eles estavam muito felizes, por ela estar melhor.

- Acho que é para nós todos, inclusive para Charles. – Disse ela, olhando a floresta onde viu seu irmão pela ultima vez.

- Mas me diga uma coisa menina, - Guminus tinha que fazê-lo. Acho que você não nos contou como sabe que Charles está vivo.

- Oh, Sr. Guminus eu conto amanhã, agora já é de noite. – Ela tinha indícios de medo por todo o corpo, mas eles não comoveram o amigo.

- É Guminus, deixe isso pra lá agora. – Grinbelone, não queria que o amigo estragasse o único momento bom que tinham tido até então, apesar de não saber se era realmente um bom momento.

- Não. Eu não vou atrás de menino nenhum, sem saber se ele está vivo. – E ao ver Valquíria pronta para interrompê-lo, ele continuou. O que é isso agora? Uma menina a beira da loucura vem me dizer para ir em direção á morte, para salvar alguém que eu sei que está morto, e eu vou?

- Você não sabe de nada. - Ela estava de cabeça baixa.
- Oh eu sei sim... - Ele estava conseguindo.
- Não! Você não sabe! Eu o vi! Ele falou comigo e só eu sei como foi horrível!

Então ela deu início a longa e medonha descrição da sua fuga, de Guminus, com seus punhos no chão. Ela disse sobre o encontro com O Grindylow, sobre a sua voz e o que ela dizia. Apesar dela ter acabado chorando e um pouco atormentada, acabou agradecendo á Guminus.

- Você precisava. - E ele a embalou em um abraço.

Mais tarde quando Val julgou já ter forças para levantar dos braços de Guminus, ela percebeu que estava faminta, e devorou em alguns segundos um pedaço de pão com presunto cozido e um tempero ardido que devia ser de Rubia. Ao ter saciado em partes sua fome, ela recorreu ao andar desesperado de Grinbelone, abriu a carta e leu-a em voz alta.

*“Á menina Valquíria, ao Fauno Guminus e ao Anão Grinbelone”.*

- É só isso que tem aí?
- Não Grinbelone, há também um mapa. Mas eu não posso entendê-lo. - Disse ela girando a folha.
- Deixe-me ver. Parece que é subterrâneo...
- O que é isso aqui embaixo? - Guminus se esticava por cima do braço do Anão.
- É um garrancho que... Diz... Grinch.
- Grinch? Grinch como o seu irmão? - Era Val.
- É, acho que ele rabiscou desta forma para caso caíssem em mãos erradas não encrencasse meu irmão. - Grinbelone não estava sorrindo.
- Parece que sim, meu amigo. Agora nós temos que achar o seu irmão.
- Só que temos um outro irmão para achar antes! - Falou ela sem perceber.
- Eu sinto muito madame, mas nós vamos com certeza atrás do *meu* irmão. Primeiro porque se ele foi citado aqui, temos que ir. Segundo a carta não foi dirigida ao menino também, ou seja, o Ele sabe o que está fazendo. Terceiro, seu irmão sumiu á menos de vinte quatro horas, o meu está a mais de um mês madame. Eu quero dizer...
- Ele quer dizer que talvez você possa imaginar que não é a única que perdeu alguém aqui.

Ela lutou contra todo o seu novo instinto que agora abrigava o seu corpo. Ele dizia que ela devia matar aqueles dois que estavam na sua frente, que diziam o que ela devia fazer e onde ela deveria pôr suas emoções. E ela poderia mostrar á cada um deles o que ela faria com elas, porém não o fez. O seu novo instinto aterrador também dizia para ela gritar e fugir dali, fazer tudo sozinha, mas ela não se moveu.

Os olhos de Valquíria Valeinstain começaram á escurecer. Os dois não entendiam o que se passava, só sabiam que a menina a sua

frente travava uma batalha consigo mesma naquele exato instante. Então os olhos clarearam-se e ela com esforço aparente disse.

- Por onde começamos?

E assim mais uma vez ela conseguiu arrancar sorrisos das faces dos amigos, ali eles lembraram mais uma vez o julgamento feito um dia em um lugar muito mais seguro e calmo que ali.

- “Nunca deixaremos de confiar um nos outros, independente da situação que seja. Jamais deixaremos de acreditar nos talentos de cada um aqui. Iremos rir nas horas mais difíceis e chorar nas mais fáceis. Eu juro”.

E em um outro lugar muito mais úmido, um Charles incrédulo repetiu o julgamento na sua cabeça e também desejou com todas as suas forças estar na casa do Guminus novamente.

- Bem, eu não faço muita idéia da onde podemos achar meu irmão, mas podemos ver aonde o mapa começa...

- E algo me diz que é aqui.

- É verdade Guminus, acha que pode nos levar?

E ao olhar uma bússola desenhada no canto do papel, e depois a caligrafia do Ele, o Fauno tomou coragem e disse.

- Talvez, vamos já.

- Mas é de noite Sr. Guminus...

- Temos quem sabe, dois irmãos para resgatar.

Eles seguiram um ao lado do outro para o oeste da floresta que Val dançou. A lua estava cheia o que permitiu que eles enxergassem muito bem, e sem problemas caminharam por onde Guminus indicava. No fundo Grinbelone achava que eles não iam chegar a lugar nenhum, mas ele tinha que dar um voto de confiança ao amigo.

Posso descrever para você, que esses momentos foram os mais difíceis que eles passaram. Para os três amigos tudo parecia estar desandando, achavam que tinha começado quando tiveram que ler o letrado antes da floresta. Então era como se tentassem renascer á todo momento esperanças que já tinha sido apagadas. Á cada novo cenário, á cada novo fato eles tentavam voltar á imaginar que tudo daria certo, que seria tudo fácil, mas não era.

Ela nunca havia lido, o quão era difícil dormir na relva apenas com uma fina coberta, ou que você acordava molhado por causa do sereno, também como nem sempre se comia bem, ou que era difícil arranjar tempo para um banho. Tudo era muito sério e como se não bastasse, eles tinham uma responsabilidade nas costas, e um perigo que corria atrás deles, um perigo que eles nem sabiam o que era ao certo. Mas agora fora isso tudo, eles tinham que cuidar de si mesmos, manterem-se vivos. E nisso não podiam falhar.

O frio começava a ficar mais evidente por onde andavam, Grinbelone já tirara da sacola sua capa. Agora os outros dois não tinham, pois ficara na mochila de Charles.

- Tem certeza que não quer a minha, madame?

- Não Grinbelone, eu ainda estou bem.

Então eles chegaram á um tipo de mini plantação, descrevera Grinbelone. Agacharam há uns três metros de distancia para ver que tipo de criatura vivia ali, se era seguro ou não. Mas como sussurrou Guminus, eles pareciam ser indefesos, pois de qualquer forma tinham uma plantação de vegetais. Ao passo que eles viram um pequeno vulto se esgueirando pelos pés de alface.

- Ei! Com licença.

- Pela mãe do guarda...! Que susto Grinch. Não sabia que já tinham voltado, pensei que fosse só... Mas por que demônios você está vestido assim?

- Como? - O Anão estava confuso. Meu nome é Grinbelone.

- Como disse?

- Grinbelone, você deve conhecer meu irmão Grinch, certo? - Guminus e Val se aproximaram.

- Ai minha santíssima mãe. Venham comigo.

Imediatamente os três se colocaram em fila, e o seguiram.

O Rato andava demasiadamente rápido e sempre apenas nas patas traseiras. De vez em quando parava para cheirar alguma coisa - talvez fosse só para se certificar do caminho - e então caía sobre suas patas dianteiras também. Ele ficava apenas um pouco abaixo dos ombros de Val, era relativamente alto, não dava arrepios na menina, porém também não era gordinho para que ela sentisse vontade de apertá-lo. Seu pelo era marrom escuro.

Em intervalos curtos, ele olhava para trás, como se quisesse ter certeza do que estava fazendo ou com quem estava. Talvez ele achasse que tinha dormido demais na noite anterior, e estava apenas sonhando acordado. Um Anão igual á Grinch, uma menina totalmente humana, e um Fauno por ali. Era tudo muito estranho para ele.

Bem, eles chegaram a uma construção muito estranha, parecida com uma cabana. Ao entrarem Val viu que ela não estava nas melhores condições, suas tábuas rangiam o teto estava esburacado permitindo ver o céu e havia coisas empilhadas por toda parte.

- Não se preocupem, é apenas uma ruína de uma antiga cabana de pesca.

O Rato prosseguiu até abrir um alçapão no canto. Era uma entrada subterrânea, com um tamanho que apenas permitia todos passarem agachados.

- Receio que é melhor a menina ir logo depois de mim, não é seguro para uma dama descer por ultimo, pode se machucar. - Disse o Rato coçando a cabeça.

E Valquíria que estava em ultimo da fila, habilmente passou pelos dois amigos e se colocou á frente de Grinbelone. O Rato acendeu um tipo de candeeiro e voltou á seguir pelo túnel que nos próximos metros permitiu que todos ficassem de pé, porém nunca um ao lado do outro. Depois de poucos minutos caminhando, chegaram a uma estranha visão, era uma porta de madeira, de uma casa comum, para então ele bater quatro vezes, fazendo uma melodia.

Como o imaginado, outro Rato abriu a porta. Este usava uma boina azul escura e tinha o pelo mesclado com um marrom mais claro.

- Mas que diabos, por que você demorou tanto... - E ao ver os outros, o Rato de boina parou de falar, e arregalou seus pequenos olhos.

- Depois explico. - Disse o primeiro, entrando. Por favor, entrem.

Val e Guminus ficaram muito contentes ao ver o interior da toca. Era fabulosa! Grandíssima, aquecida, abarrotada de coisas, muito limpa e tinha o aspecto mais aconchegante que eles podiam sonhar em desejar naquele momento. Porém assim que eles perceberam haviam três Ratos olhando boquiabertos para eles, ou melhor, para Grinbelone, pararam.

- Ham, olá? - Arriscou o Anão.

- Escute, você pode repetir o seu nome? - Era o primeiro Rato.

- Grinbelone.

- De fato não é o Grinch. - Disse o da boina para o irmão, sem tirar os olhos do Anão.

- Não, é claro que não. A voz é um pouco mais grave... - Disse um outro que parecia ter um topete loiro.

- Desculpem, deixe-me me apresentar; meu nome é Grinbelone e eu sou irmão de Grinch.

- Ahhh. - Fizeram os Ratos em coro, Valquíria achou graça.

- Esta é Valquíria Valeinstain e este é Guminus. Estamos todos procurando, desesperadamente, se me permitem dizer, meu irmão.

- Oh, estão no lugar certo. - Disse o do topete. Meu nome é Rômulo.

- O meu é Luís. - Era o que tinha a boina azul.

- E o meu é Paul, sintam-se á vontade. Receio que vão ter que esperar até amanhã, nosso irmão Jorge e o Grinch tiveram que sair.

- Oh, muito obrigado, - Era a primeira vez que Guminus falava, e arrancou grandes olhares dos outros. Podemos esperar lá fora...

- Não! Vocês são amigos, e devem estar viajando há muito tempo. Sem contar que esta noite está congelando, vão dormir aqui! - Gesticulou, demais, Paul.

Os três foram colocados em camas muito quentes e confortáveis. Valquíria ficou sozinha em um quarto, pois não era apropriado para uma dama ficar no mesmo quarto, do que humildes cavalheiros como disseram Grinbelone acompanhado de Luís.

Sentindo um pouco mais de calor, Val foi abrindo os olhos pela primeira vez na manhã. Meu deus! Havia dormido direto, sem acordar nenhum segundo. Vestiu-se, e pensou se ainda não era muito cedo, mas acabou decidindo-se sair do quarto. Logo no corredor ficou parada por algum tempo olhando algumas fotografias. Eles eram realmente quatro Ratos, sempre juntos, rindo, comendo, e logo depois uma foto deles em um tipo de banda?! Ela não pode deixar de sorrir.

- Oh meu deus, eles tem uma banda! - Valquíria definitivamente havia adorado aqueles Ratos, eram muito engraçados, e na maioria das vezes, na opinião dela, sem saberem.

Acabando de atravessar o corredor, sem pensar muito, Valquíria deu com a cozinha e felizmente não era muito cedo, pois já estava todos á conversarem nela.

Um cheiro gostoso achou Val e a atraiu para perto deles. Rômulo e Paul estavam cozinhando e correndo de um lado para outro na cozinha. Ao passo que um jogava uma panqueca para cima, e o outro batia com uma das patas uma pasta vermelha, e tentava agarra a manteiga que caía ao lado da pia. Quando cada um deles já tinha todas as patas ocupadas, tentando salvar as pilhas de coisas que empilhavam e desempilhavam na pequena cozinha, o cesto de pãezinhos estava prestes á cair da pia. Val o agarrou.

- Muito obrigado! - Ela o ajudou com o resto das coisas.

- Parece que começaram cedo hoje. - Tentou ela, parecer simpática.

- Oh sim! Eu e Rômulo geralmente cozinhamos nas manhãs! Mas, vá se sentar, cuidamos do resto. - Disse ele dando uma piscadela para a menina.

Ela se dirigiu á mesa onde estava Luís e Guminus. Disseram que Grinbelone só havia ido se lavar, mas ao acabarem de o dizer ele chegou e se sentou ao lado dela. Parecia que todos tinham dormido muito bem, com certeza os Ratos eram ótimos anfitriões. Quando Paul e Rômulo acabaram de colocar tudo na mesa, a porta se abriu e entraram dois novos focos, para onde toda á atenção fora direcionada.

O primeiro a entrar devia ser Jorge, tinha o pelo bem escuro, e o nariz um pouco mais alongado. De resto era muito parecido com os outros, porém seu olhar expressava pura confusão.

- Até que enfim! Íamos começar a comer sem os dois! - Gritou Rômulo do fogão.

E lá estava ele, parado. Como que para ser estudado pelos olhos recém encontrados e instigados á querer compreender. Certamente, compreender do que ele era feito.

Não se intimidou nenhum momento, continuou a encarar os pares de olhos que iam da ponta do seu chapéu até os sapatos já gastos e molhados, pelo orvalho. Sentia como se os olhares passassem por ele com delicadeza, porém sem pedir licença alguma para fazê-lo. E ao perceber que aqueles olhares já questionavam sua forma física, ou melhor, fora de forma, permitiu-se sentir-se constrangido.

- Hum hum. - Pigarreou ele.

Como se tivessem acabado de serem desencantados, os dois amigos sentados na mesa balançaram suas cabeças e mudaram seus olhares. Não havia mais porque tanta surpresa, ele era Grinch o irmão de Grinbelone, haviam finalmente o encontrado. Talvez as coisas comesçassem a andar agora.

- Oh! - E Grinbelone correu para abraçá-lo, depois de alguns segundo apertando-se e balançando um ao outro para os lados. Grinbelone pegou a cabeça de Grinch e encostou sua testa contra a dele, e depois o irmão fez o mesmo.

Lágrimas envergonhadas desceram pelas faces dos irmãos. Todos ficaram ali parados, sem coragem de fazer um menor ruído o qual pudesse interromper aquela cena.

- Grinch, - Finalmente, o outro falou. Onde esteve? Por que não mandou notícias? - E limpou o nariz na manga.

- Grinbelone, se acalme, vamos sentar e comer enquanto conversamos. Ninguém precisa jejuar por nossa causa, não é mesmo?

Como ninguém respondeu, ficou subentendido que o silêncio era apenas um sinal de que sutilmente concordavam com aquilo.

- Vamos comer. - Finalizou Grinch.

Sentaram-se á mesa, e sem cerimônias começaram a comer o que viam pela frente. Os três primeiros viajantes só haviam comido tão bem quanto ali, quando estiveram na casa de Rubia e isto fazia dias. Ao longo da refeição ficou claro que os Ratos também tinham um ótimo apetite, e apenas depois de alguns minutos foi que Grinch perguntou.

- Um de vocês pode começar á nos contar o que está acontecendo?

- Com sua licença, eu posso.

- Você tem a licença dele. - Disse Grinbelone divertindo-se com suas frases.

E Val - como sempre - deu início á um longo relato dos fatos que aconteceram até ali. Porém acabou omitindo algumas coisas, as quais pareciam ser desnecessárias no momento. Guminus de vez em quando completava alguma informação, pois a memória da menina às vezes se desviava, mas no fim todos estavam com olhos arregalados para Val, surpreendidos por tudo o que eles tinham passado, principalmente pelo fato dela ser uma guardiã. Mas o que tirou grandes exclamações dos fiéis Ratos foi o encontro com o Ele.

- Mas como ele era? Alto? Ele estava exatamente *onde* no rio? - Rômulo quase subia em cima da mesa.

- Quietos, deixe-a continuar! - Era o novo Jorge.

Assim que todos estavam de barrigas cheias e estufadas, Grinch decidiu começar com a sua parte.

- Quando me chamaram no palácio, eu nem hesitei, rapidamente comecei a me arrumar para ir. Mas foi então que recebi uma mensagem de Zéfiros, - E ele parou para ver se todos compreendiam e ao ver que sim, prosseguiu. A qual pedia para que eu não fosse e me dirigisse para outro local. Então, mandei Grinbelone para o palácio, como também fora pedido por Zéfiros. E o local que eu deveria ir, é exatamente aqui, não sei porque tive que ficar hospedado semanas na casa destes meus amigos, não que seja algum infortúnio é claro, mas nem eles sabem. Só sei que tinha que ficar e agora com a chegada de vocês creio que o motivo aparece.

- Parece que você terá que nos ajudar a achar o irmão da senhora. - Concluiu Grinbelone.

- Por onde vocês vão começar? Não por nada, mas é que os Grindylows geralmente ficam debaixo da água...

- E geralmente Paul, o menino tem que ficar á cima da água, pois ele respira. - Disse Grinbelone com uma certa rispidez.

- Ora. Eu só quis esclarecer-me...



- Já dissemos que eles está vivo. - Grinbelone ríspido, ele tinha total fidelidade a menina.

- Ah chega. Andemos logo, o que vocês tem que possa me ajudar?

- Em primeiro lugar Grinch, somos um grupo, ao passo que todos vamos procurar Charles, logo não pense que viemos aqui para te contratar ou algo tipo. Viemos porque nos fora mandado. - Guminus havia se irritado, com a imponência do irmão do amigo. Bem, temos um mapa. Aqui está. O seguimos, e chegamos aqui, agora o resto do percurso como podem ver, parece ser subterrâneo.

- Parece mesmo. - Concordou o outro. Mas não consigo entendê-lo muito bem.

- Bom, então podem parar, porque agora todos vocês vão relaxar.

Grinbelone e Guminus ficaram confusos com aquele comentário de Luís. O irmão da menina poderia estar em perigo e eles os convidavam para o quê? Ouvir musica? Mas ao olharem para Val, e a verem sorrir divertidamente no sofá da sala, para os quatro Ratos, decidiram dar uma pausa. Poderiam pensar no mapa enquanto ouviam a musica.

- Muito bem, nós temos uma banda. - Iniciou Rômulo. Eu toco este tipo de conjunto de tamboril, porém com apenas duas baquetas.

- Uma bateria. - Sorriu Val, mas ninguém ouviu seu comentário.

- Eu vou tocar este Galobé para acompanhá-los. - Disse Grinch, enquanto pegava um tipo flauta, de uma mão só com três furos, finíssima.

- Eu tenho este contra-baixo. - Disse Paul fazendo soar uma de suas notas graves.

- E eu e Luís temos dois violões.

- Parece que temos um baixista e dois guitarristas aqui! - Encantada Val comentou com Guminus.

- Dois o que? - Mas Val não o ouvia mais.

De repente a toca inteira fora preenchida por um som muito gostoso e empolgante, eles logo sentiram vontade de dançar. Era uma musica que falava de amor, desacreditava Val.

Depois de ouvirem cinco musicas com Paul, Luís e Jorge nos vocais, decidiram que era hora de se arrumarem.

Enquanto Val conversava com Guminus sobre como deveriam prosseguir, Luís estava á analisar o mapa em cima da mesa. De repente se esclareceu para ele, mas isso não significava algo muito bom.

- Eu sei para onde vocês devem ir. - Disse ele. Mas devem se sentar porque talvez não entendam.

- Oras, Luís depois de tudo o que eles já passaram, acha mesmo que não vão conseguir guardar algumas instruções?

- Não é isso Grinch. É que talvez não gostem *desta* informação.

- Ah não, diga logo que não serão demônios novamente? - Guminus sentou na frente dele, segurando a mão de Val.

- Não, relaxe Fauno. Rômulo, Paulo! Arrumem a nossa mochila para emergências. Jorge me ajude aqui. Muito bem... Sim Grinch, sim! Iremos com vocês e nem adianta fazer essa cara! Não vamos o

caminho todo, mas até este ponto vamos. – E ele apontou para um ponto do mapa, que ficava perto de um grande quadrado.  
- Ah, entendi. – Era Jorge. Pois é, espero que nenhum de vocês enjoje muito fácil.

## **Capítulo XIV**

### **Ovos podres**

*“...que lhe pareciam tão estranhamente humanos!”*

- Não, não enjoamos. – Ela já estava impaciente.  
- Temos duas saídas daqui de casa. Uma pela qual vocês entraram e outra para emergências que não usamos desde o último inverno, logo não sabemos como está. Mas o que importa é que seguindo por ela, vocês acabariam á apenas alguns metros da cabana abandonada que já viram. Porém logo no meio dela, há outro túnel que não foi nós que o fizemos, achamos que foi uma Toupeira, mas há muito deixamos de achar nisso.  
- Um dia, - Interrompeu Jorge. Há alguns anos, decidimos ir ver aonde dava e descemos, descemos, descemos, até cansarmos. Acho que passamos o que dois dias lá, Paul? Não? Só duas horas? Bom não sei, só sei que quando o túnel acabou tinha um alçapão para o teto, igualzinho ao que vocês passaram para chegar aqui... Não era igual? Ora Rômulo, isso não me importa. O que importa é que ao passar por

ele, tivemos apenas cinco segundos para vermos que estávamos em uma outra casa, mas depois já era tarde demais.

- Por quê? O que acontece lá? - Guminus não estava gostando da situação que se encontravam, preferia ter um pouco mais de controle.

Jorge olhou para Luís, como quem queria pedir conforto ou alguma saída, mas este só lhe assentiu com a cabeça.

- Bem, é complicado para se explicar, mas seria muito pior vocês irem para lá, sem saber o que vai acontecer. - Jorge tentava se organizar ao máximo. Quando vocês passarem pelo alçapão terão cinco segundos de normalidade, ah Luís! Eu não sei como descrever, logo vai ser normalidade! Então, vocês terão alguns segundos de... *normalidade*. Porque de repente tudo se tornará turvo. É como se vocês estivessem muito tontos, e o chão girasse, e as coisas se espalhassem. É tão horrível que vocês não conseguem permanecer em pé. Nós, havíamos apenas estado um metro longe do alçapão então assim que ocorreu pulamos pra dentro, porém se vocês continuassem por lá...

- Achamos que ninguém pode sair de lá vivo. Você acaba morrendo de tão tonto que ficas, logo ficas louco. - Era Paul, que sentava no sofá.

Com essa ultima frase de Paul, houve um maior constrangimento dos três por causa de Valquíria. E ela própria como quase que por alto defesa, reagiu.

- Mas sabem, o meu dom não é da cura? Talvez eu ache uma cura pra isso.

- E se não achar? - Disse Grinch petulante.

- Se ela não achar, daremos um jeito. - Disse Guminus, passando o braço por trás da menina. Mas nós três vamos de qualquer forma, não é Grinbelone?

- Sim, lógico. Tenho certeza que Grinch vai também.

- E nós também. Pelo menos até ai. - Disse Rômulo, jogando a mochila para emergências em cima da mesa.

Então eles se aprontaram e saíram da toca.

Havia passado apenas alguns minutos desde que tinha saído, quando Val se dirigiu a Jorge.

- Como é o nome daquela música que vocês tocaram primeiro hoje?

- Ah, ainda não sabemos... Não conseguimos pensar em nada adequado.

Iam na frente, Grinch, Luís e Paul lado a lado. Depois atrás era a vez de Guminus, Grinbelone e Rômulo, para só depois vir Val e Jorge. Eles tinham um passo apressado, pois os Ratos diziam que o caminho era longo e não deviam perder tempo. Depois de uma longa descida, Grinch se deixou atrasar trocando de lugar com Grinbelone e sussurrou.

- Eu quero saber, e se ela não conseguir achar um antídoto?

- A última coisa que ela precisa agora é de pressão e receber responsabilidade em excesso. - Guminus tentava disfarçar para que Valquíria não ouvisse.

- Acontece que essa “responsabilidade em excesso” são as nossas vidas.

- Chega! Você não sabe o que passamos até aqui. Ou você confia, ou não vem.

Depois disso não se ouviu mais conversas. Eles passaram cerca de uma hora e meia caminhando a passos largos, ninguém pediu por água, ninguém pediu por descanso. Todos se mantinham entretidos sozinhos, pensando apenas em soluções. Com exceção de Valquíria, que trabalhava sozinha para se manter o mais sã possível.

Quando o primeiro grupo parou, todos olharam instintivamente para cima e viram o que esperavam, o alçapão. Houve um pequeno constrangimento coletivo por parte dos Ratos, pois de maneira alguma eles queriam entrar ali, e não iam.

- Bom, vocês realmente devem ficar aqui, para caso acontecer alguma coisa. Talvez possam ajudar. - Val tentou ajudá-los.

- *Vai* acontecer uma coisa, menina. - Disse Paul.

Guminus começou a amarrar os quatro que iam subir, uns aos outros com uma corda, para que não se separassem lá em cima.

Eles se abraçaram, e foi o primeiro momento da viagem em que houve uma despedida realmente triste. A menina não queria se separar de maneira alguma dos quatro. Ainda mais de Jorge.

O alçapão fora aberto e eles começariam a entrar, Val seria a última, logo teve tempo para grandes feitos.

- Chame-a de “E eu a vi parada lá”. - Ela disse a Jorge, mas só teve tempo de vê-lo arregalar os olhos que lhe pareciam tão estranhamente humanos!

Quando ela pegou um impulso e subiu, tentou memorizar o máximo de coisas que conseguiu. Era uma cabana, exatamente como a outra que já haviam estado. Tinha uma mesa á esquerda, algumas coisas penduradas no teto, à porta ficava logo á frente e todas as janelas estavam escuras. O que era estranho, pois ainda era de dia, mas quando ela olhou para Grinch e Guminus eles pareciam estar dançando... Não! Estavam cambaleantes, como se estivessem bêbados, então Grinbelone olhou para ela, com uma expressão que ela sabia o que significava e logo ele caiu no chão. Ela gritou para os ratos.

- Já estão sob o efeito! - O alçapão foi fechado, e tudo ficou turvo.

Tudo duplicava-se na visão dos três. Não conseguiam se sustentar, porém raciocinavam muito bem. Já estavam ali cambaleando há cinco minutos e era uma das piores sensações que já haviam experimentado. Então Guminus sentiu um cheiro diferente, aliás, desde que havia entrado já estava o sentindo. Era adocicado e enjoativo, ele devia esta zozno por causa daquilo... Ah! Era isso.

Imediatamente ele se jogou no chão que se movia como uma gangorra. Tentou ficar ao máximo parado e cobriu com uma das mãos o nariz. A tontura diminuiu, mas não o suficiente para que a ânsia passasse, logo ele procurou Val com os olhos, porém sempre que a achava, perdia-a no meio de tudo que girava.

Val tentava achar algum modo de ficar o mais parada possível, até que ela se encaminhou para mesa ou para as mesas que corriam

pelo seu lado esquerdo. Ao apoiar em uma delas, viu que ela não se mexia, por mais que durante alguns segundos parecesse estar apoiada em nada – pois na sua visão a mesa corria – ela continuava com um apoio. Tudo deveria ser apenas algum tipo de truque. Foi então que viu Guminus sentado no chão cambaleante, com um pano no nariz. Ele parecia até estar se equilibrando bem.

Ela decidiu cobrir o nariz também, para ver se não tinha uma ligação. E o resultado foi positivo, sua cabeça parou de doer um pouco, e imediatamente ela tomou fôlego e abaixou em meio de tudo aquilo até o fim de sua saia. Rasgou um pedaço de pano e colocou sobre o nariz.

Estava quase que com a visão e os sentidos normais, e ao olhar para os dois Anões que – aparentemente – sem motivo nenhum se jogavam contra os objetos e paredes, quase riu. Ela foi até Grinbelone e o segurou.

Ele olhou assustado para ela, mas logo ela rasgou um pedaço de sua saia e o fez com muito custo colocar. Assim que viu ele começava a melhorar, correu até Grinch que havia visto o que ela tinha feito com o irmão e tentava fazer o mesmo, mas não conseguia se abaixar para rasgar a própria roupa.

Ela o auxiliou e ele começou a se sentir melhor, não sem antes vomitar em cima de uns trapos.

Satisfeita ela achou que todos já podiam andar, mas ao sentir a corda a puxando incondicionalmente para direita, pôde ver Guminus sem sucesso dobrar-se pelo chão, correu até ele e tentou entender o que se passava. O pano que ele tinha em volta do rosto não fazia o menor efeito. Então ela rasgou outra parte da sua saia e a amarrou nele.

Minutos depois eles saíam todos da casa, enfileirados e amarrados, com apenas alguns tropeções, mas ao saírem levaram um susto. Estava escuro, escuro como noite. E nem a hora do almoço havia chego, pensava Grinbelone.

- Isto explica as janelas escuras. – Falou Val, tirando o pano que cobria o nariz depois de fecharem a porta.

- Pois para mim não explica nada. – Grinch, tinha o seu humor duro restaurado. E é impressão minha, ou está ficando cada vez mais escuro...?

E ao acabar sua frase tudo ficou breu, como se tivesse escurecido em apenas alguns segundos. Valquíria contorceu-se de medo e pôs-se a chorar.

- Valquíria? – Era Guminus. Calma, veja bem, estamos todos aqui, amarrados por cordas, não se preocupe. Fique paradinha que iremos até você.

E então se segurando nas cordas todos se aproximaram um dos outros.

- Desculpem-me. Achei que fosse... – Então ela decidiu não falar. Na sacola há duas lanternas.

- Já estou pegando, madame. Aqui, pronto. – E ele ascendeu ambas. Fique você com uma e Guminus com outra. Eu tenho uma tocha e fósforos por aqui... Aha. Aqui, segure assim Grinch?! Isso. Pronto.

- Já peguei. Agora vamos ver onde estamos...

E mesmo ainda amarrados, eles se separaram um pouco para poderem iluminar o máximo do local.

- Estamos ainda debaixo da terra.

- Tem certeza Sr. Guminus? – Sussurrando.

Talvez ela tivesse regredido um pouco o avanço mental que havia conseguido.

- Oh, não se preocupe minha querida. Estamos no caminho certo e ainda seguros.

- Eu não sei se eu deveria dizer, mas já dizendo, – Eles se viraram para Grinbelone. Acho que achei uma saída.

A imagem que tinham a frente era tão solene e tão obscura ao mesmo tempo, que os outros três sentiram-se arrepiar dos pés á nuca.

A imagem consistia que no meio de toda a escuridão, via-se a silhueta, em contraluz, do Anão de costas para eles. E mais á frente um túnel se estendia.

- Peguem suas armas, - Ele referia-se apenas ao arco e flecha e as facas. Vamos entrar. Madame, tudo bem pra você?

- Tudo. Vamos ter que andar muito, até eu começar á ficar realmente estranha.

Apesar dos altos e baixos da personalidade de Valquíria e da escuridão do desconhecido que se mostrava á frente deles, eles entraram mesmo assim. E é claro, ainda amarrados.

Depois de andarem cerca de dez metros, ouviram a primeira voz ecoar.

- Que cheiro é esse? – Foi a de Valquíria.

- Parece gasolina, ou algo inflamável. – Acrescentou Grinbelone.

- E vem daqui, - Grinch cheirava um metro acima na parede do túnel. Vamos ver o que é...

E sem dar tempo á todos de impedirem-lhe, ele colocou a tocha no local. Quase que de imediato o lado direito inteiro do túnel foi aceso, por um pequeno feixe de luz.

Ali havia uma calha, que se estendia ao longo do túnel onde devia ter a substancia inflamável. Ao colocar o fogo da tocha ali, acendeu-o por completo.

Apesar de terem se assustado e passado um minuto sem respirar, eles permitiram que Grinch fosse até o outro lado e acendesse lá também.

Agora estavam literalmente no claro. Podiam enxergar muito bem, podiam poupar as lanternas e a tocha, entretanto ainda mantinham-nas em mãos.

O túnel estava numa boa condição, parecia ser usado com freqüência, e isso era o que mais assustava-os.

Quanto mais entravam, mais sentiam novas sensações. A primeira percebida, foi à falta de ar. Perceberam que seja lá pra onde estivessem indo, não era aberto. A segunda foi o cheiro, ou melhor, o fedor que estava impregnando o ar, era horrível, lembrava algo estragado. E mais tarde houve a terceira.

Logicamente todos perceberam juntos, a presença deste novo fator, mas ninguém ousou comentar com a esperança que Val

ainda não tivesse percebido, mas infelizmente ela tinha. Não teria como ela não perceber a umidade no ar, até o seu cabelo já havia mudado um pouco. E isto a deixou um pouco inquieta, mas também decidiu não comentar nada, como se o fato dela não falar, fosse afastar a realidade, ou transformá-la.

Ao passo que eles chegaram em um pequeno buraco onde tinha que apoiar as mãos no chão para poderem progredir.

E assim foi feito.

Logo depois de Grinch ter passado, tudo tinha voltado á ser escuro, e decidiram acender a tocha e poupar as lanternas. Havia mais quatro tochas nas paredes e eles as acenderam, para assim poderem ver que estavam em um saguão e o que se mostrava na frente deles era ao mesmo tempo, assustador e fascinante.

Imagine você, uma porta. Com três metros e meio de altura, feita de pedra mesmo, talhada a mão. Estava trancada.

Decidiram descansar e se desamarrarem.

- O que acham que é? – Perguntou Grinbelone.
- Não faça a menor idéia, meu irmão.
- Parece ter coisas grafadas ao redor dela. – Disse Val sentada em uma pedra, enquanto Guminus desamarrava seus pés.
- Talvez tenha razão madame, está escrito algo em volta dela. – Ele passava a mão por cima dos caracteres. Mas não consigo ler...
- É o tipo de porta de entrada. Como se estivéssemos para entrar em uma cidade ou aldeia. Menina, não gostaria de copiar os símbolos em uma papel para nós?
- Claro Sr. Guminus.
- Temos um enigma aqui. – Disse Grinch se colocando ao lado do irmão. Alguém em sã consciência se diz bom em enigmas?
- Olha em sã consciência eu não sei, mas talvez eu possa ajudar. – Ela nem havia olhado para ele, seu olhar ia da porta para o papel, entretanto por trás de toda aquela expressão concentrada, Guminus pode ver um sorriso. Acabei.
- Então diga-nos madame, o que temos?
- Por mais incrível que pareça eu lhes digo que são letras comuns. Quero dizer, do meu alfabeto.

Todos foram olhar para o caderno.

- Sim menina, e dos nossos também. – Disse Guminus. Agora as consigo distinguir na porta, mas o que diz ai?
- Diz...
- Espere, ouçam isso. – E todos ouviram Grinbelone, que lia algo no chão diante da porta. “É melhor que saiba onde está, entretanto de mais nada adiantará se eu não o avisar”.
- Isso está no chão? – Perguntou ela.
- Está. Mas leia o seu agora.
- Ai está o problema, ouçam: “Pt rvf brvj npsbn obeb qpefn ftdvubs ubmwfa eb wjtbp qpttbn tf pshvmibs nbt pt rvf brvj npsbn ef pvusb dpjtb hptubn efcbjyp eb bhvb tfv difjsp kb qpesf qpefn tfoujs rvfn tbcf buf ef wpdf sds F tf nftnp bttn wpdf rvjtfs fousbs ef vnb dpjtb qpttp uf bwjtbs Bt gmpsf ep nfv kbsejn ufn dpsft dps ef dbsnjn”.

Ninguém disse mais nada.

## **Capítulo XV**

### **O Tapete branco**

*“Levou suas mãos a boca, achou que fosse vomitar.”*

Assim que Val tinha acabado de ler, ou fazer algo parecido com aquela mensagem. Ou com aquela seqüência de letras sortidas, todos ficaram extremamente inquietos sem saberem o que fazer. Ao se colocarem por cima dos ombros da menina, no meio de todas aquelas



sombras provocadas pelas tochas, puderam realmente ter certeza do que ela havia lido.

Assim sentaram-se, todos desta vez, espalhados pelo saguão. Começaram a pensar no que tinham em mãos; para passarem a diante deviam escrever o enigma, ou apenas falá-lo em voz alta, ou até se nele estaria escrito o que deviam fazer.

- São apenas letras aleatórias? - Questionou Grinbelone só por desincargo de consciência.

Mas eles sabiam que não era nada disso, pois havia vezes que uma seqüência de letras se repetia em certa ordem.

Contudo, tudo continuava muito vago.

- Será outra língua? - Fora Grinch, sem saber se a própria pergunta esclareceria alguma coisa para ele mesmo.

Mas a menina foi a primeira a responder, e com a certeza do que dizia. Não podia ser outra língua, não fazia o gênero deste enigma, ela já havia estudado muito sobre eles e sabia que a resposta para aquele devia ser bem simples. Só não sabia qual era ainda.

Já havia se passado cinco dias desde que haviam saído da Inglaterra, e até então já tinham passado por uma série de coisas que havia mudado o perfil psicológico dos quatro viajantes. Mas agora eles deviam aproveitar do que tinham aprendido e presenciado, para colocarem em seu favor.

- Há seqüências que se repetem, não é? - Disse o Fauno para Valquíria.

- Tem sim. Como esta primeira: "pt", talvez sejam artigos... - Ela respondeu.

- Logo, tente substituir. - Ele falou colocando a mão em seu ombro encorajando-a, e os outros dois se entreolharam e foram se aproximando.

- Bom, se eu tivesse que substituir estas letras por um artigo teria que ser; as, os, ou um. Pois são os únicos de duas letras. - Disse ela olhando para eles, como se estivesse explicando seus pensamentos.

- Então? - Grinch estava dando pela primeira vez, atenção para a menina.

- Então que se eu tivesse que escolher, o qual é realmente o que tenho que fazer, eu escolheria o artigo que mais tem relação com estas letras. E seriam... Os. São letras mais próximas de "pt".

Ninguém disse mais nada, e Val viu isso como uma permissão para continuar.

- Vejamos a próxima palavra é "rvf" e isso quer dizer... Que eu estou perdida! - Disse ela com um pouco de humor.

- Calma menina, você mesma já disse que era algo simples. Logo tente achar a linha de raciocínio que você usou para a primeira palavra. Se estiver errado começamos de novo.

- Certo. Obrigada Grinch, vejamos. Se "pt" é Os, "rvf" seria "que", então "brvj" seria "aqui" e "npsbn" seria "moram", "obeb" seria "nada", "qpefn" seria "podem" e "ftdvubs" seria "escutar". - E sem acreditar ela tomou fôlego. Entendem o que acabei de fazer?

- Não. - Foi em unísono.

- Troquei as letras pelas outras letras que vem antes delas mesmas no alfabeto. Obtendo a frase: *“Os que aqui moram nada podem escutar”!*

- Fantástico, querida! Continue depressa.

E então Valquíria não demorou trinta segundos para acabar, e leu a em voz alta.

- *“Os que aqui moram nada podem escutar. Talvez da visão possam se orgulhar. Mas os que aqui moram de outra coisa gostam. Debaixo da água seu cheiro já podre podem sentir. Quem sabe até de você rir. E se mesmo assim você quiser entrar. De uma coisa posso te avisar. As flores do meu jardim. Tem cores cor de carmim”.*

- Simpaticíssimo, não? - Disse ironicamente o nosso Anão.

- É. Como se ajudasse em alguma coisa. - Disse um pouco desapontada a menina, mas ainda orgulhosa do seu feito.

- Mas calma, dê-me aqui. - Era Guminus, que pegou o papel e ficou em pé em cima da mensagem no chão, a qual Grinbelone já havia lido. Agora veremos.

Ele a leu inteira novamente, com a mesma pausa usada por Val, pois aquela fora ótima. Para então a porta estremecer de ponta a ponta.

Guminus se aproximou e empurrou à porta, ela se abriu.

Todos ficaram em pé e olharam para cima, pois só então viram como ela era alta. Não havia dúvidas de que haviam chegado, e o que eles esperavam que fosse um momento de medo, foi substituído por uma leve empolgação.

- Entramos?

- Claro Grinbelone, e o mais rápido que pudermos. O menino deve estar aí. - Disse o Fauno.

- E também não temos outra escolha, pois como diz o poema eles podem ser surdos, mas vêem muito bem. Acho que não iria demorar até esbarrarmos com algum. Sem contar que o olfato deles deve ser muito bom, pois... - Ia dizendo Grinch.

- Pois, tem que compensar a sua surdez.

Os olhares viraram-se para a menina que ainda olhava para cima. Ela finalmente desceu o olhar e encarou todos eles.

- Olha, eu sei o que meu corpo abriga. Sei que isto sempre estará comigo agora, mas também sei que já fui em grande parte curada, e para eu conseguir ficar *quase* inteiramente boa eu tenho que fazer isto. Logo, eu peço que me ajudem ao máximo.

- Estaremos todos juntos, madame.

- Por isso formularemos um plano agora, do que faremos. -Logo disse Guminus diante a formalidade de Valquíria.

E eles começaram. Fora distribuído armamentos para todos; Guminus ainda tinha em mãos o arco e flecha, Grinbelone tinha dois facões, os quais um cedeu para o irmão, e que retribuiu com uma espada. Fora dado a Val uma pequena faca, para caso de extrema emergência.

- Guminus ficará em um lugar alto, para que possa nos dar retaguarda.

Valquíria os avisou do maior dos Grindylows, e segundo a ordem normal das coisas ela que teria que o enfrentar.

Não precisavam ser silenciosos, apenas invisíveis.

- Seremos invisíveis aos olhos deles. Não deixaremos nos pegarem, certo? -Dizia Grinch, como que para se confortar.

- Certo.

- Certo meu amigo. - O Fauno já estava de pé.

- Seremos muito mais que isso... Apaguem as tochas, peguem as lanternas, eu entro primeiro, depois Sr. Guminus, Grinbelone e por último Grinch.

Ao passarem pela porta, Grinch fechou-a como antes estava, pois Guminus havia os prevenido que aquela não devia ser a única saída usada, eles deviam ter alguma outra.

Com lanternas em mãos eles foram percebendo que aquele túnel onde estavam devia ser longo, e isso nem de longe os deixava mais confortáveis, pois se sentiam mais vulneráveis, sem saberem para onde correr em caso de perigo.

Alguns minutos depois o ambiente estava mais úmido, com menos ar e em contrapartida com mais luz. Ficava claro que o túnel se abriria nos próximos vinte metros e eles chegariam ao seu destino.

Assim que o túnel acabou viram que saíram em um lugar alto, com algumas pedras, o lodo estava por toda parte fazendo-os escorregarem. Tinha passagem para tanto para a esquerda quanto para a direita, ao passo que foram obrigados a olharem para ambos os lados, antes de abaixarem, e assim espiarem entre as pedras e verem o que havia lá embaixo.

Valquíria e Guminus sendo os primeiros da fila foram os únicos que se penduraram nas pedras e olharam para baixo.

- Tem dois lá embaixo! - Disse Guminus, voltando, ofegante.

Valquíria estava também arfante, ao seu lado sem conseguir dizer nada.

- Mas eles são pequenos. - Acrescentou de primeira ele.

- Por onde podemos descer? - Perguntou Grinbelone.

- Deixe-nos ver. - Guminus e Val tomaram fôlego e olharam novamente lá para baixo, havia chego mais dois, porém conseguiram ver o que queriam.

- Há caminho por ambos os lados, mas eu aconselharia a vocês descerem pela direita, enquanto eu me dirijo para esquerda e já fico entre aquelas pedras. Assim poderei dar a proteção por cima.

- Está aumentando a quantidade deles lá, - Valquíria falou. Já são quatro.

- Certo desceremos. Menina você vai procurar seu irmão, ok?

- Se a madame quiser, eu fico com ela.

- Não, obrigada Grinbelone, mas você me ajudará mais estando próximo dos que podem me ferir. Atrasando-os, digo.

Ele assentiu com a cabeça, e houve a primeira separação do grupo. Guminus fora pela esquerda se instalar apostos com seu arco e flecha, entre as pedras altas. E os outros três desceram em meio daquelas pedras escorregadias da direita.

Conforme iam avançando, não levantavam mais nenhum centímetro, além do que já estavam agachados. Estavam dobrados, quase que horizontalmente sobre o chão, apenas olhando, a cada novos cinco metros, para trás. Era uma descida muito íngreme, quase vertical e ao passo que eles começaram a se segurar nas rochas. Mas foi então que Valquíria sozinha com seus pensamentos, distraído á si própria sobre diversas situações que poderiam vir a ocorrer, ela escorregou em meio de todo aquele lodo grosso.

Rapidamente Grinbelone se jogou naquela descida escorregadia para tentar alcançar a menina antes que ela se espatifasse no fim, na frente de todos os Grindylovs. Ele a alcançou na íngreme descida com facilidade, pois seus pesos eram parecidos - apesar dela ser bem mais alta do que ele - e assim que ele a segurou pelo braço, fincou sua espada na coluna de pedras do lado. Foi escorregando mais um pouco até perder dois botões de suas roupas, até que conseguiu parar.

Sem dizerem nada, esperaram em silêncio por Grinch que descia com cautela, vendo se ninguém havia os percebido.

Ainda sem se comunicarem, Grinbelone só tocou em Valquíria para ver se ela estava inteira, mas ela logo o parou e disse que estava tudo bem. Prosseguiram.

Eis que chegaram ao fim da tortuosa descida, e ali houve a segunda separação do grupo, pois os dois Anões se dirigiram para a esquerda indo ao pátio onde estavam os quatro demônios já vistos. E a menina ia para a direita onde havia um novo corredor que dava para os interiores. Eles supunham que ela devia achar Charles ali.

- Madame, quando íamos descendo você fez sinal para mim não falar nada. O que foi aquilo? Eles não são surdos?

- Nem todos Grinbelone, não esqueça daquele que já falei para vocês em especial... Parece que ele conseguiu desenvolver isso...

A menina seguia só, agora. Apenas com a sacola de Grinbelone nas costas. Sorte que já não estava mais pesada, ou não, pois teria que procurar mais comida ao saírem dali, ela pensava positivamente.

Não demorou muito para ela encontrar uma primeira fenda na parede do corredor escuro. Esgueirou-se para dentro e vislumbrou uma sala muito grande, sem absolutamente nada dentro, Charles não estava ali.

Continuando a sua caminhada, ela já começava a se sentir cansada, não era fácil caminhar tão agachada o tempo todo. E pensando bem, se eu encontrar algum deles aqui, como vou fugir nesta posição? Vou ficar em pé. Decidiu a menina. Nem dois minutos depois Val achou uma nova sala. Esta era um pouco menor, mas bem escura. Continha algumas rochas com um formato mais liso e certo, deviam ser quase como cadeiras. Ela decidiu entrar ali e verificar.

O cheiro não era bom, assim como o resto do local, lembrava a ovos podres, mas ali então era quase insuportável. Não se via o teto de tão alta que era a sala e ela tinha certeza que estava sozinha. Sacou sua lanterna e começou a olhar com mais cuidado tudo ali estava, talvez conseguisse uma resposta, ou apenas uma pista de para onde ir.

Quando ela iluminou as paredes, não conseguiu evitar um pequeno grito, havia desenhos nelas. Ela sentiu-se como se estivesse voltado ao sítio arqueológico dos Maias que seu pai á levou um ano depois de Charles ter nascido. Via-se agora com nove anos de idade olhando novamente para aquela imensa parede com desenhos na sua frente, e infelizmente os desenhos não se diferiam muito, eram ambos a respeito de um tipo de sacrifício. O sangue de Val congelou.

Na parede dos desenhos Maias estavam desenhadas cinco pessoas presas em uma imensa gaiola. Na parede á sua frente estava desenhada uma pessoa presa em uma imensa gaiola. Aos nove anos ela via outras pessoas levando as primeiras cinco, para uma mesa. Aos quinze ela via outros seres, muito diferentes de pessoas, levando aquela primeira para um buraco. Quando criança precisou perguntar por que elas abriam o corpo de cada uma das pessoas amarradas, nas mesas. Agora, sozinha ela não tinha ninguém pra perguntar o porquê deles rasgarem a garganta da única pessoa e jogá-la no buraco.

Levou suas mãos a boca, achou que fosse vomitar.

Onde estavam os outros? Não importava, precisava ir embora dali, tinha que sair correndo antes que algum deles a pegassem. Agitava-se tanto que todos os cabelos já se encontravam cobrindo-lhe a face, novamente.

Ele já não comia á dois dias, suas pernas estavam fracas e não conseguia pensar direito. Charles tirou os óculos e esfregou os olhos como se esse simples gesto o fizesse acordar do mais longo pesadelo de sua vida. A idéia de que ninguém viesse lhe procurar, ele não cogitava. Tinha fé na sua irmã e nos dois amigos, eles nunca o deixariam na mão. É claro, que tinha o cálice e eles tinham que protegê-lo. Como aquela simples sacola de Grinbelone poderia proteger aquele tão estimado objeto? Quando sair daqui, vou providenciar uma proteção melhor, assim que eles vierem me buscar. - Quando sair daqui... Assim que eles vierem me buscar... - Ele repetia isso, quase que para não esquecer. Será que eles vão me achar?

Ele ouviu um barulho e imediatamente se calou. Havia dois Grindylows conversando logo ali na frente, um deles tinha um grande tufo de algo semelhante a cabelo na cabeça. Eles o faziam quase só por sinais, raramente soltavam alguns guinchos, e enquanto isso seguravam duas luzes verdes cada um. Charles não entendia do que eram feitas, brilhavam sempre intensamente. Até que eles começaram a discutir e a luz do que tinha um tufo maior, voou em direção á Charles, que assim que ela passou por baixo da gaiola a agarrou e deitou em cima dela para tampar a claridade emitida.

O que tinha perdido a luz percebeu o feito um pouco tarde demais, e demonstrou confusão. Devia estar perguntando para o outro se ele não havia a pego, mas o outro levantou a mão e a sacudiu, o que Charles pensou ser um gesto de negação para eles. Quando eles iam começar a discutir, o primeiro fez um gesto para o segundo se calar e virou-se para onde Charles estava. Charles

estremeceu. Eles começaram a andar em sua direção, e o menino imediatamente fechou os olhos como que para fingir um pequeno desmaio. Os dois passaram muito tempo o observando, mas o segundo desistiu e puxou o outro como que para ir embora, e o qual tinha um tufo se rendeu.

Quando ambos saíram, Charles soltou o ar com força e relaxou. E ao levantar-se viu que a luz era um pequeno tubo transparente, onde havia alguns mosquitos néons dentro, pareciam com a luz dos vaga-lumes, mas era um pouco diferente. Porém decidiu por examinar o local em volta; não era uma sala muito grande e ao passar a luz pela parede mais próxima pensou ter visto algo. E ao se inclinar ao máximo para fora da gaiola, viu alguns escritos na parede...

Começou a tremer e a procurar a saída mais próxima. Roia de uma forma doentia todas as unhas de sua mão direita e mordida às vezes algum dedo. Foi então que ela parou e percebeu todas as idéias que estavam lhe ocorrendo. Como poderia abandonar o irmão ali? E os seus amigos que estão arriscando suas vidas por ela? E o cálice como ficaria? E os mundos...

- Aqui e agora eu peço desculpas, Maga. - Ela percebera que fora Maga quem despertou a sanidade dela. Peço que você me guie, preciso achar Charles depressa.

E como que uma resposta imediata para Val, ela levantou a lanterna para a parede e memorizou o máximo do desenho que estava ali. Preparou-se e correu para achar a sala onde estava a gaiola.

- Mas o que... - Charles começou a tentar ler. - *“Meu infeliz viajante, infelizmente tenho algo a lhe contar...”*

Ela corria para os corredores, com a sacola amarrada devidamente nas costas, a lanterna na mão esquerda e a pequena faca na direita. Valquíria passou por várias salas mais nenhuma delas era a que Charles estava. Então ela parou, havia um Grindyflow sentado no chão de costas para ela, e ela sabia o que fazer. Apagou a lanterna.

- *“...Se está aqui, como eu já estive é porque seu fim está para chegar.”* - Charles começou a chorar devagar. *“Se queres saber eu não sobrevivi, mas tem algo que descobri...”*

Ela se aproximou do Grindyflow no escuro e antes que ele se virasse, ela o apunhalou pelas costas. Ele não emitiu nenhum gemido, o que fez ela se sentir melhor. Achou que nunca conseguiria fazer uma coisa destas, mas os livros estão certos, há horas que certas coisas devem ser feitas. Continuou a correr e avistou uma última sala.

- "...Há um ponto fraco, naqueles que moram aqui. Um sino é tudo o que precisas, na hora certa." - Ele parou de ler, pois alguém havia entrado no saguão.

Rapidamente escondeu a luz, mas ao ver a forma que entrou pelo saguão, um alívio que ele nunca havia sentido o invadiu. A forma que ali se precipitava na contra luz, era mais comprida e mais majestosa que um Grindylow.

- Val! - Ele chorava. Val, eu estou aqui! Val, por favor!

Ao ver seu irmão gritando ela correu em uma sua direção.

- Afaste-se Charles! - Ele se jogou para trás, a irmã levantou a faca que segurava e cortou toda força a gaiola feita de ossos na qual seu irmão se encontrava até então preso.

Eles se abraçaram e choraram.

- Você está bem Cha? - Ela passava a mão sobre sua cabeça como que para ver se ele estava inteiro.

- Estou... Estou. Precisamos correr, e os outros?

- Estão cuidando dos Grindylows, para que eu pudesse te encontrar. Grinch veio conosco. - Mas antes que o irmão perguntasse, ela já tomava as rédeas da situação. Você sabe de alguma saída, pela qual possamos se dirigir? Por onde entrou?

- Não sei de nada Val, eu cheguei pela água... Foi horrível. - Val ao ouvir o que ele disse lembrou-se do ocorrido, e sentiu um nó na garganta, nunca mais se deixaria levar pelo pânico.

- Vamos, tome esta lanterna. - Ele tentou recusá-la, mas ela nem percebeu. Cuidado e me siga.

- Espere! Antes de irmos, Val leia aqui...

- Cha, não temos tempo para isto, você não sabe o que vai ocorrer se continuarmos...

- Val, eu sei.

- Não, não, temos que fugir...

- Val...

- Charles! Não!

- Não você Valquíria! Eu sei que eles vão me matar, agora pelo amor de deus, leia isto! E com a lanterna dele, ele iluminou a parede.

- Sino?

- É. Sabe o que significa?

- Não. - Disse ela aceitando de volta a lanterna que havia dado para ele antes. É melhor irmos.

Ele não discutiu, estava desapontado demais para retrucar.

Quando eles se precipitaram para fora da sala, Val olhou para os dois lados e checkou se não havia ninguém. Puxou o irmão na direção á qual ela havia vindo.

Enquanto corriam, Charles começou a olhar as vestes da irmã. Estavam sujas de lodo e rasgadas, principalmente sua saia. Seu rosto também estava sujo de lodo, e seus cabelos desgrelhados. Ela carregava um ar mais maduro, mas seu olhar não espelhava grande equilíbrio, deviam ter acontecido dezenas de coisas com ela e os outros, que saudades tinha daqueles! Teriam tempo de conversar depois, ele especulava.

Foi só ao passarem por um cadáver de Grindylow no chão, que ele reparou na mão direita da irmã suja de uma gosma verde, e em uma faca pequena também. Ao perceber o olhar do irmão ela se apressou.

Quando chegaram onde Valquíria havia se separados dos dois Anões, ela olhou para o irmão que percebeu o que ela queria dizer. Eles voltaram a se falar mentalmente, - A sanidade de Val estava quase por completa em sua mente -. Ao olharem para o grande saguão viram flechas vindo de cima, ela avistou Guminus aparecendo e desaparecendo entre as pedras. Grinbelone e Grinch lutavam no meio do salão com cinco Grindylows, e ao passo de poucos minutos todos os inimigos estavam abatidos no chão.

- Charles! - Era Guminus que havia gritado lá do alto assim que as duas crianças entraram no que havia acabado de ser um campo de batalha.

Os Anões viraram-se para as crianças.

- Madame! Você está bem... E trouxe o menino! - Grinbelone correu até Charles e o levantou no ar. Sabia que estava vivo! Eu sabia.

Valquíria não pode deixar de lembrar-se da discussão que havia tido com Grinbelone sobre o irmão estar vivo ou não, mas logo esqueceu, pois ela estava muito feliz pela aquela recepção.

- A menina se machucou? - Era Grinch indicando a mão suja de Valquíria.

- Oh não, eu tive que matar um, quando...

- Tudo bem menina, temos apenas que fugir.

- Escondam o Charles!

Guminus havia gritado de lá de cima, apontando para uma dezena de criaturas que vinham ao norte deles. Val rapidamente empurrou o irmão para uma fenda e se colocou do lado dos dois amigos.

- O que faremos? - Ela perguntou.

- Tente achar uma saída, enquanto os atrasamos! - Era Grinch. Devem estar irritadíssimos, o que acha meu irmão?

E ao ver os dois amigos rindo, Valquíria foi tomada por um calor que a impulsionou a continuar. Tinha que achar uma saída.

Posso te dizer que o que seguiu foi uma grande seqüência de coisas, das quais no começo foram dando certo. Os Grindylows foram primeiro atacados por Guminus, que conseguiu abater de cara um deles. Logo depois estavam todos travando uma batalha com os dois Anões. Valquíria se colocava por todos os lugares em busca de uma saída, ou escritos nas paredes, mas nada achava e Charles estava bem escondido. Mas até que chegaram muito mais.

Ao descobrirem Guminus lá em cima, por um descuido deste, três correram em sua direção e começaram o atacar, logo ele já não podia ajudar os outros ali debaixo. Mais começaram a atacar não somente Grinbelone e Grinch, como a Valquíria também. Ela tentou subir em uma rocha, para que eles não a alcançassem, mas não conseguiu, só piorou. Pois a altura que estava não podia se soltar, pois seria morte na certa - jogar-se em cima dos demônios -, e não os alcançava com a faca.



Charles vendo a situação da irmã não pode evitar gritar á Grinbelone, e este entendeu.

- Madame! Jogue-me sua faca!

Confiando cegamente no amigo, ela a jogou e imediatamente recebeu no ar a espada de Grinbelone, e fizeram a troca de uma maneira gloriosa. Agora Val podia acertá-los.

Tem que haver um jeito, pensava Valquíria. Aonde o sino se encaixa? Começou a questionar a Charles; "Tem certeza que não se lembra de nenhum sino?! Vamos, tente por favor". Foi então que ela viu o sangue dos Grindylows na sua espada e em sua mão, e teve uma visão, como se tivesse entrado no sangue. Ela viu um sino, e a imagem deste sino, a puxou instantaneamente para o seu quarto na casa dos avós. Por fim ela se viu olhando pela janela e apanhando um sino. Estava escrito algo... Era isso!

Então em sua cabeça gritou para o irmão. Charles agarre esta sacola! O sino está dentro dela. E ela saltou para perto dele e jogou a sacola para dentro da fenda onde ele estava. O menino imediatamente a abriu e se pôs a procurar.

Val voltou ao lado dos amigos.

Espetando-se no meio de tantas coisas na sacola Charles o achou. Era muito pequeno, mas ele tomou cuidado para não o tocá-lo, tinha que ser no memento certo. Mas de repente tudo ficou em silêncio, algo acontecia lá fora.

Todos haviam parado de lutar e nem ousavam continuar, alguém chegava. E todos os Grindylows tremiam em seus lugares, porém ao mesmo tempo sorriam com um sorriso horrendo para os três guerreiros, como que estivessem entre o medo ou a futura satisfação.

Guminus, Grinbelone e Grinch não sabiam o que esperar. Mas Val sabia quem estava por chegar. Fechou o punho com força sobre a espada e pediu para Maga estar com ela.

De trás de todas aquelas criaturas saiu o Grindylow que Valquíria esteve esperando encontrar. Ele ainda não exibia sorriso algum em seu rosto, mas só pelo seu tamanho todos os outros já sabiam que era o qual Valquíria havia se referido.

Ele se dirigiu a Valquíria.

Ele ainda não sabe que não estou mais louca por completo, pensava ela. E isso era uma vantagem.

- *Então você veio até mim! Achei que não viria, achei que fosse fraca demais pra isso.* - Os outros sentiram repugnância ao ouvirem ele falar pela primeira vez. *Oh pequena sentiu falta do irmãozinho? Sentiu?* - Ele gritava e ria pateticamente.

- Senti. - Disse ela numa voz firme, e quando ele viu o modo que ela respondera sua pergunta, a qual ele nem resposta esperava, parou de rir.

Foi então que os outros perceberam que ali estava, quem sabe, o primeiro Grindylow que escutava.

Ele olhou bem nos olhos da menina á sua frente, uma menina que não travava mais batalha alguma consigo mesma. Procurou

qualquer vestígio de loucura em seus olhos, e não achou. Ele podia ver outra coisa...

- *O que será que vejo em seus olhos...*

- Ódio. - Mesmo sabendo que não era isso que ele via, ela enfiou a espada na barriga do Grindylow.

Seu grito foi tão agudo que Grinbelone levou as mãos aos ouvidos. O Grindylow apoiou a mão no ombro da menina e a trouxe para perto. Ela tentou se desvencilhar, mas ele ainda tinha uma força incrível, e levando a boca bem perto do ouvido dela ele disse.

- *Eu mato aquela drí-a-de idiota!*

E ao ouvir isso, Val enfiou com mais força ainda a espada e a retirou.

Ela cambaleou para trás e caiu no chão. Havia feito muita força e havia um corpo morto em sua frente. Todos os outros deram o primeiro indício de ataque, mas antes que eles fizessem algo, um som se ouviu.

Charles aparecera tocando um sino de trás de algumas pedras. E imediatamente todos os Grindylows começaram a agonizar em meio aquele fino barulho.

- Precisamos sair daqui! - Guminus gritava ao lado deles.

- Mas eu não sei por onde! - Dizia Charles sem parar de tocar o sino.

- Havia algo no enigma da porta! Sr. Guminus pegue pra mim o enigma na sacola!

Eles tinham que ficar evitando os Grindylows que gritavam, e corriam de um lado para o outro. Grinch ainda teve acertar dois que tentaram atacar Charles.

- Aqui! *“Os que aqui moram nada podem escutar. Talvez da visão possam se orgulhar. Mas o que aqui moram de outra coisa gostam. Debaixo da água seu cheiro já podre podem sentir. Quem sabe até de você rir. E se mesmo assim você quiser entrar. De uma coisa posso te avisar. As flores do meu jardim. Tem cores cor de carmim”!*

- Ali! Flores cor de Carmim! - Eles ainda não tinham reparado naquele arbusto.

Os cinco correram em direção á ele. Guminus segurando a mão de Charles. Ao atravessarem ele, puderam ver uma escada feita por pedras que se dirigia para o alto. Subiram.

Até que conseguiram sair, estavam todos parados lado a lado, arfantes. Charles já parara de tocar o sino.

E da forma mais delicada que se podem imaginar, eles sentiram os primeiro flocos de neve cair sobre eles. O mundo ficava branco, enquanto a neve os cumprimentava. Não há de existir uma saudação melhor do que aquela.

## Capítulo XVI

### Uma cantoria medieval

*“Mas sou conhecido como Elias, Um violonista impertinente.”*

O final da tarde se aproximava, e eles procuravam um local para acampar.

Depois de instalados, seguiu-se a noite mais feliz que eles já tinham passado até então. Foi acesa uma fogueira, caçado um coelho - que Grinch sozinho o preparou - e boas conversas não faltaram.

Charles contou para eles tudo o que havia passado, e como fora pouca coisa, ele se calou e ouviu a história de seus amigos. Tudo fora contado a Charles e até a hora de dormir ele já estava ansioso por conhecer os Ratos, e já tinha até uma boa amizade formada com Grinch. Aliás, todos eles tinham melhorado sua convivência com aquele, até mesmo Sr. Guminus. Acho que fora devido ao que eles tinham acabado de passar, nada como um bom trabalho em equipe que deixa em jogo as próprias vidas, para criar grandes laços.

A noite que caiu sobre eles era forrada de estrelas, entretanto fria. Usaram pela primeira vez todo o estoque de cobertas que tinham e apesar de estarem em um local seco - pois ali a neve ainda não havia caído -, quando acordaram já estavam molhados, pois aquela, pela manhã, já os cobria, mas nem isso tirou o humor de Val e Charles.

Val acordou com a coberta nova por cima das outras.

Foi acordar seu irmão que também tinha a dele e sem fazerem o menor ruído acordaram os outros três com arremessos de bolas de neve.

- Agh! Que engraçado, da onde vem todo esse bom humor?
- Oras Grinbelone, acorde! - Era Charles.
- Até pare... Mas o que...

- Vamos seu Anão gordo e lento! - Guminus, ria enquanto dava alguns socos nas cobertas do amigo.

Eles comeram o pouco de comida que lhes restava. E os problemas começaram a aparecer.

- Acabou a comida.

- Teremos que ir a direção de um povoado. - Alertou Guminus.

- Não temos muitas roupas de frio, só essas capas.

- Compraremos no povoado.

- É bom acharmos este povoado, que se mostra como a solução de nossos problemas. - Disse Grinch, já levantando acampamento.

Já fazia uma hora que andavam na direção oeste, ao passo que começaram a ouvir uma música. Ela vinha de algum tipo de instrumento de cordas, e havia uma voz a acompanhando. Era um homem, deduziram eles.

Ao avançar um pouco sobre um arbusto Charles pode ver. Um homem estava sentado em um galho baixo, de uma árvore e tocava um tipo de violão.

- É um menestrel, - Sussurrou Guminus. Com um autêntico Alaúde Medieval.

E julgando não haver perigo, eles foram se aproximando, para assim poderem distinguir o que cantava.

- "Eu gostaria que tivesse durado, apenas

Um segundo era só o que eu queria,

Nem com mais de sete mil renas,

Eu teria chegado á você.

Hoje eu sei o quanto fui tolo,  
Achando que eu poderia te ajudar,  
Fazendo mais de mil forros,  
Pra você não se machucar.

Quem diria que as mil alegrias,  
Poderiam enfim acabar,  
Pelos mesmos motivos das frias mãos,  
Que eu te fiz acreditar.

Mesmo depois..."

Então de repente ele interrompeu, pois Charles havia pisado em um galho seco.

Apesar deles não estarem se escondendo, prefeririam que o Menestrel acabasse de cantar, seria falta de educação interrompê-lo. Porém ele fora muito rápido por causa do barulho, e logo ele se virou em direção aos cinco.

- "O que fazem aqui?

Se vão zombar de mim,

Eu quero que corram até o fii-iim...

Dessa estrada!"

- Não, por favor, não estamos nem ao menos rindo do Senhor. - Dizia Val, e a seguir ela apresentou todos.

- Ohh! - E conforme ele prolongou assim sua fala, aumentou e perpetuou o ritmo de seu Alaúde.

“Eu quero me apresentar,

Pois sou o que vocês vão escuta-ar,

Canta-ar, se-em, pa-ara-ar” - Fora quase irritante e desnecessário o modo pelo qual ele prolongou as falas, disse Grinch depois.

Todos ergueram suas sobrancelhas para o estranho. E ele do nada cantou com um ritmo mais calmo, apenas escorregando a mão pelas cordas do Alaúde.

- “Meu nome é Elias Manuel Crocovisk Afonso Cristão Holmes I Guttenberg,

Mas podem me chamar de Elias Guttenberg.

Mas sou tão conhecido como Elias,

Um violonista impertinente.

Mas para rimar como sempre, direi...”.

Houve uma pausa e ele pigarreou.

- “Meu nome é Emanuel,

Um simples Menestrel,

Que almeja o céu,

Com simples asas de papel.

Desculpem-me pelo infortúnio,

Não costumo receber muitos Hunos...”.

- Hunos? - Charles o interrompera. Mas Hunos são os antigos inimigos da...

- “Exatamente, meu jovem de grande mente!”.

- Mas não somos seus inimigos.

- “Eu sei minha cara menina, mesmo sendo tão fina.”

Val não gostou do seu adjetivo e logo pressionou mais o Menestrel para obter respostas.

- Você não pode falar normal? - E assim que ela perguntou, ele fez uma cara de profundo choque, e virou-se com uma batida forte no seu Alaúde, para o outro lado da árvore.

- Oh não, desculpe-nos, adoraríamos conhecer a sua história. - Tentou Guminus.

- “Tem certeza do que quer ouvir?

Mesmo se eu for repetir?

A história, da escória,

É o que vão descobrir.”- Disse ele, os olhando como se quisesse botar medo, mas logicamente só fez as crianças o acharem mais cômico.

- Sim, por favor. - Disse aliviado Guminus.

E então todos se sentaram em frente á Elias Guttenberg. Grinch ficou um pouco mais atrás, para poder apoiar em uma árvore. E com outra escorregada pelo Alaúde ele iniciou.

-“Há alguns séculos atrás,

Aqui era uma terra de grandes castelos,

E só um Menestrel bem sagaz,

Poderia se aproveitar dos grandes farelos.

E eu bardo bonito e robusto,  
Para trabalhar na castelo fui chamado  
E entre um riso e um susto,  
Diverti até o mais calado,

Porém contrariando meus princípios,  
Acreditem, eu tentei hesitar,  
Acabei logo de princípio,  
Por me apaixonar.

Era a mais linda princesa,  
Seu nome não era Teresa,  
E acreditem vossos olhos,  
Não eram dignos, de tanta beleza.

Talvez precisassem de óculos,  
Eu não sei.

Passei noites em claro,  
Profanando seus sorrisos,  
Nada que fosse mais raro,  
Que os nossos segredinhos!

Como podem adivinhar,  
Acabamos por nos apaixonar,  
Mas ela já era comprometida  
E não queríamos deixar nenhuma ferida.

Seu noivo, um homem muito mal,  
Fez-lhe uma proposta indecente,  
Que nem Cabral,  
Poderia acreditar neste tipo de gente!

Ele disse que se ela fugisse,  
Ele mataria seu pai,  
Antes de acabar o primeiro jogo de criquet!

Pobre moça de tanta beleza,  
Pedi minha compreensão  
E eu aceitei com toda destreza,  
Pois sempre tive um bom coração.

Mas continuamos á nos encontrar,  
E corríamos por todo o castelo,  
Mas o vilão teve que adivinhar,  
E acabou com nosso elo.

Perdendo á cabeça,  
Ele matou o pai dela,  
E mesmo com todo vinho na beca,

Ele também se matou na frente dela...

Logo depois, minha amada jamais sorriu,  
E nosso amor não tinha mais vida,  
Mas um dia ela proferiu,  
Que só quando eu cantasse lhe traria vida.

Só que eu não tinha um bom fôlego,  
Para cantar, sem parar,  
E a sua tristeza vinha de novo,  
E eu a chorar.

Foi quando eu fui até a floresta,  
E a feiticeira disse sem pressa,  
Que faria um encantamento,  
E tudo se arrumaria em um momento.

E é assim meus amigos,  
Que eu finalizo minha triste história,  
Que por poucos motivos,  
Eu nunca parei minha oratória.

Desde aquele dia,  
Sempre que vou falar,  
Não consigo deixar de cantar,  
E ainda por fim, lhes digo que não posso morrer,  
Depois de ver tudo se esvaecer,

Virei imortal,  
E este é o meu triste final,  
Aqui sozinho como tal.”

E com o final todos aplaudiram, não com lágrimas nos olhos. Pois havia algumas rimas do Menestrel que não tinham muito nexos, e acabavam dando vontade de rir em todos. Mas por fim não podiam negar que era uma história muito triste.

- Oh eu sinto muito. - Disse Val, e ele só assentiu.

- Há algo que podemos fazer por você, meu caro? - Perguntou Guminus recebendo um olhar de desaprovação de Grinch, e talvez de Grinbelone também.

- “Com falta de alegria para mim  
E para ti,

Tenho o pesar de lhes informar,  
Que será muito difícil me ajudar.”

- Ora, vamos logo e fale! - Disse impacientemente Grinch, cedendo.

- “Só os que vão para o extremo oeste,

Loucos são que nem a peste.” - Cantou ele mais rapidamente, e inclinando na direção de Valquíria, o que a fez rir.

- E o que há no extremo oeste?

- “Oh meu caro amigo

Que ainda nada havia falado,

Te olhando, te olhando assim  
No meio do prado.

Um povoado que esconde um livro,  
Um livro que acham que em outro lugar está.  
Junto á ele meu remédio também se encontrará.”.

Olhando para aquele jovem imortal, eternamente apaixonado, Grinch quase teve grande compaixão por ele. Mas havia algo que aqueles cabelos louros tinham acabado de lhes dizer que o incomodava, mas ele não conseguia identificar o que era... Bom, seja o que fosse ele era bem alto, porém magricela se tivessem que combatê-lo não seria difícil.

De repente Grinbelone interagiu no grupo pela primeira vez, fora os seus contínuos aplausos durante toda a cantoria.

- Pessoal, eu poderia falar com vocês em particular?

Todos se afastaram de Elias, que apenas voltou a se deitar na árvore, e seguiram alguns metros com o amigo.

- Vocês ouviram o que ele acabou de dizer? – Ninguém o entendia. Sobre o livro? Bolas! Há um livro escondido em um povoado, que na verdade acham que está em outro lugar. Logo neste outro lugar deve haver uma cópia! – Sem ter nenhum sinal de aprovação ele enfureceu. Pelo amor de todas as Ninfas, qual é o problema de vocês? É o livro que fora escrito com o Cálice! Todos acham que está no palácio junto com a falsa Nisama, até ela mesma acha que lá está! Mas seus avós devem ter o tirado.

- Calmo ai Grinbelone. O que você está dizendo faz sentido sim, mas só até um ponto. Pode ser, pode ser, mas se alguém tirou o livro de lá não foi Lílian e Henrique, pois estive com eles...

- Eles não podem ter tirado sem você ver? – Sugeriu Grinch, sem se importar com a insinuação, para o Fauno.

- Não. Não o fizeram, tenho certeza, eles teriam me contado.

- Mas e se isso fosse importante demais para contar-lhe?

- E por que então eu soube do Cálice? Cujo é de igual importância se não maior! – Ele estava ferido.

- Sr. Guminus, não é isso que sugerimos. Mas sim, quem sabe se o senhor não teria deixado passar alguma...

- Não menino, eu não deixei. E por que diabos você, Grinbelone, acha que esse é o livro?

Grinbelone fora surpreendido pela expressão do amigo, pois nunca tinha o visto falar assim, mas acordou do susto e respondeu.

- Não sei, ouvi algo parecido lá na cidade. Que teriam levado o livro, ao verem que Nisama estava estranha. Vamos falar com ele.

- Elias!

- “Pois não, querem algum pão?” – E ao ver as expressões confusas dos outros disse.

“Desculpem-me, minhas rimas já estão calejadas.”.

- Aquele livro que você estava falando... Como ele é?

- “Oras bolas, meu amigo Fauno,

Você, eu e eles o conhecemos,

Neste e naquele mundo,



O livro pelo qual vencemos.

O livro dos destinos,  
Onde um dia o Cálice pintou,  
Ah! Pelo o que me lembro,  
Alguém já cantou,

Seria algo assim;  
Um livro que originou outros...”

- Já ouvimos esta. - Interrompeu Val.

- Bom então é isso, nos diga onde é este povoado, Elias.

Então Elias começou a explicar para o Anão como chegar ao povoado, o que foi muito difícil, pois ele tinha que achar rimas com as indicações. E às vezes as rimas que estavam lá só para encher em cantoria, eram entendidas como verdadeiras instruções.

- Mas você disse pela estreita direita! - Gritava Charles.

-“Não, não disse,

Fora você quem viste.

Referia-me apenas a estreita,

Que rima com direita.”

- Oh deus, continue. - Disse ele agora compreendendo.

Por fim, eles conseguiram traçar um bom caminho. Não muito confiável, mas não deixava de ser um caminho. E antes de saírem, Valquíria prometeu a Elias, que ao chegar no povoado daria um jeito de curá-lo e voltariam. Ele apenas acenou. Mas por dentro ele conseguiu pensar; “E ai vai minha ultima esperança”, e nenhuma melodia acompanhou esta frase.

Horas mais tarde, eles andavam conforme as coordenadas de Elias Guttenberg e as dúvidas naquele em que confiaram começaram a surgir a todos. Porém quando estavam prestes a iniciar uma discussão, Charles teve uma crise de ar.

## Capítulo XVII

### O Perdão

*“...algumas regras devem ser quebradas quando tratá-se de perdão.”*

Já fazia muito que elas não ocorriam.

Posso lhes contar que estas foram aterrorizantes, vertiginosas e doloridas.

Ficaram sem saberem o que fazer.

Ficou com medo. E teve dor.

A viagem fora interrompida por uma hora e depois com toda a precaução seguiram, tinham que chegar ao povoado antes do anoitecer, pois se as crises de ar de Charles voltassem, eles não saberiam se ele aguentaria.

- Acho que é porque ele ficou exposto a muita umidade, estes últimos dias. – Disse Guminus, carregando o menino desacordado nas costas.

- Tudo bem, não é a primeira vez que isso ocorre. – Disse Valquíria tentando reconfortar todos, daquela situação constrangedora. Mas também, já fazia um tempo que não ocorria...

- Bom, desculpe-me madame, mas tenho que interrompê-la. O caminho que Elias nos indicou começa a ficar, certamente, muito duvidoso.

- Só agora? – Ironizou Grinch.

- Não meu irmão, eu sei que já estava, mas desta vez eu realmente não sei como prosseguir.

Então todos eles se colocaram em volta do mapa para entender o que aquelas linhas traçadas diziam. Eles tinham feito vários caminhos até chegar a um que realmente parecesse seguro, mas agora a partir de tantas informações não sabiam mais o que seguir.

- Pessoal, - Charles acordara. Eu sei que eu estou mal, mas não dá para esperar os outros que ficaram lá trás? Afinal eles têm que correr para nos alcançar?

Os outros quatro que estavam analisando o mapa congelaram e sem compreender olharam para Charles que dizia tudo aquilo ainda de olhos fechados. E de repente ele os abriu, espreguiçou-se e escorregou das costas de Guminus.

- Oras, mas está todo mundo aqui, então... – E ele olhou para trás e virando-se novamente disse. Vocês não ouvem?

Mas agora todos que até então achavam que o menino estava delirando, o ouviam. Passos ritmados e abafados pela neve corriam na direção deles. Eles não podiam ver seus donos, mas com certeza amigos não eram, pois se não teriam gritado para eles. E afinal eram muitos, e eles não tinham tantos amigos assim.

Rapidamente fizeram uma linha, com Grinbelone na frente, Charles atrás, depois Valquíria, depois Guminus e então Grinch. Começaram a correr um pouco abaixados, todos vestiam suas capas e seus gorros com a esperança que no sol intenso passassem por vertigens. Erro deles, a primeira flecha passa pouco à frente do primeiro Anão, e sem hesitar Guminus grita.

- Corram!

Definitivamente eles corriam agora erguidos sem nem ao menos olharem para trás. Charles ia por enquanto se dando bem, pois tinha recuperado algumas energias, mas começava a se sentir fraco novamente.

Até que Valquíria se arriscou e olhou por cima das costas, ao passo que os viu não acreditou, virou-se para frente desviando de uma nova flecha.

- São os guardas do palácio! - Imediatamente Guminus tirou uma flecha e lançou rapidamente em direção á aqueles.

Acertou e ainda por cima o derrubou, nem podia acreditar.

Mesmo sem conseguir ver nenhuma das faces de seus amigos, ela conseguia imaginar a cara de surpresa que havia passado por elas. Mas nem assim eles pararam de correr, agora fazendo uma curva arriscada, para seguir Grinbelone. E no meio daquela uma lança foi lançada com vigor entre Charles e Val, mas ela o empurrou para frente fazendo-o cair, atrasando a todos. Mas logo Val o colocou em pé e Guminus pegou a lança que estava na sua frente e também lançou contra os guardas sem parar. Acertou novamente.

Agora os cinco viam os guardas correrem furiosamente em sua direção. Até que Grinbelone parou, obrigando todos os outros fazerem o mesmo.

- O que foi? - Disse Valquíria com as mãos nos joelhos.

- É aqui. - Ele estava ofegante também, deve ter sido horrível ter que correr na neve e ainda guiá-los.

- Como assim? - Enquanto olhavam para trás e viam os outros se aproximando.

- Eu não sei... - Disse ele começando a ler as esquisitas instruções de Elias. Vejamos; dobrem no Carvalho de Aquiles, depois corram em direção ao lago fingidor, para então dobrarem na maçaneta de cipós...

- Elias! Vá embora!

Fora uma voz muito alta e muito grossa que disse aquilo e todos olharam para cima sem mexer um músculo.

- Elias! Esta será sua última chance! Tenha paciência!

Val se apavorou.

- Não somos Elias! Por favor, deixe-nos entrar!

Não se ouvia mais nada.

- Somos apenas forasteiros, estamos em perigo! - Gritava Grinch.

- Vamos morrer!

E depois da frase de Grinbelone foram introduzidos como se fosse a uma bolha para dentro de algo que até então não podiam ver. Ao passo que caíram no chão, olharam uns para os outros e se

colocaram de pé. Começaram a olhar o lugar da onde vieram. Era totalmente diferente deste outro, agora já estava era escuro.

Havia um homem alto ao lado deles, olhando para o outro lado que se via por uma camada fina e brilhante. Deve ser por onde passamos, pensou Charles. Então eles se colocaram a olhar também e viram todos os guardas parando enfileirados diante da bolha. Eles estavam a um metro de todos eles, mas não podiam vê-los.

- Elfos! Sabemos que eles estão com vocês! - Era um guarda barbudo gritando em direção ao que se parecia o nada. Estamos do mesmo lado esqueceram?

O Elfo ao lado deles não mexia um músculo, nem sequer olhava para eles. Quando o guarda viu que não dera resultado, continuou.

- É melhor devolvê-los se ainda quiserem alguma proteção real! - Mas via-se que ele já não estava mais seguro do que dizia.

- Proteção real... Estamos vendo quem precisa de proteção. - Resmungou o Elfo para o que parecia ser a si mesmo, e virando de costas para o exterior, já saía andando como se esquecesse da existência dos outros.

Os cinco, que ainda estavam estáticos, a tudo aquilo, saíram correndo atrás do Elfo de uma forma quase cômica, pois ficaram olhando para um guarda, que aparentava estar olhando diretamente para eles e depois levantou a sobancelha, assustando-os.

Ficaram poucos minutos o seguindo em silêncio, quase que só para analisá-lo melhor. Era um Elfo não muito alto, nem muito magro, tinha cabelos castanhos, lisos e compridos, mas ainda sim seu rosto era bem branco, como os de todos os outros deveriam ser. Andava de uma maneira imperial sem se abalar com nada, e é claro tinha suas orelhas compridas e puxadas.

Foi Valquíria que interrompeu.

- Com sua licença, - Ele parou de caminhar. Mas acho que um dos guardas nos viu através da... Hum, bolha.

Ele a encarou pela primeira vez.

- Ninguém pode nos ver aqui, exceto os que já estão dentro, ou os próprios Elfos. Aquele *era* um de nós, que já não é mais. Porém não há perigo, não se preocupem, pois ele não é louco o bastante para trair o seu próprio sangue.

Andaram mais um pouco, até ele voltar a falar.

- Não se pode ver nosso povoado, pois há muito que os Elfos estão sozinhos neste mundo.

- Vocês são inimigos...? - Grinch não sabia exatamente o que perguntava.

- Inimigos de quem Anão?

- Grinch. Digo, eu não sei bem, mas qual é a posição de vocês perante o Ele?

- Somos fiéis. E com certeza ao Naroselvan fomos, sempre, fiéis. O que aconteceu foi uma vergonha. - Ele deu uma pausa. A nossa identidade se perdeu, mas não vão se enganar quanto a isso, pois sabemos de qual lado estamos e a quem combatemos, mas ainda sim há algo que vai nos acontecendo. Já faz um tempo que estamos

cogitando nossas idéias, nossos ideais e nossos hinos. Neles somos descritos há eras como em primeiro lugar, criaturas individuais, logo começamos a questionar se devíamos então ajudar outros... Temos a opção de sermos imortais! Para que da nossa inteligência, analisemos os mundos e conseguíssemos fazer mudanças, mas a partir de tanta dúvida que nos envolve, não sabemos mais se queremos continuar aqui por mais tempo do que deveríamos.

Fora difícil para todos conseguirem compreender do que o Elfo falava, mas parecia a eles que as coisas não andavam bem em todos os lugares. Contudo antes de qualquer coisa eles tinham problemas triviais a resolver, e foi Charles que se preocupou com isso.

- Meu nome é Charles Valeinstain. - Ele se adiantou, e arrancando um olhar surpreso do Elfo para baixo, ganhou o que queria.

- E eu sou Amdir, o qual os olhos vêem ao longe. No que posso ajudá-los?

- Com toda a sinceridade? - Disse o menino, e Amdir assentiu. Não temos vestes de frio, comida, nem abrigo para esta noite.

- É estou vendo ela sua aparência, estás muito fraco, quando foi a ultima vez que comestes bem?

- Para ser sincero, não me lembro.

- E são enviados por?

- O próprio Ele.

- Certo, Grinch. Venham comigo que já está escuro.

Eles andaram através daquele bosque por poucos minutos, até Amdir avisá-los de que pegariam uma pequena balsa e surpreendendo a todos acrescentou que era um rio de águas calmas, onde só habitavam peixes, mais nada.

Logo durante o trajeto, que por sinal deve ter durado apenas cinco minutos, puderam ver dezenas de palafitas se erguendo por todos os lados. Eles eram muito bonitos e bem iluminados, e ao que pareciam eram todos brancos e todos sobre as águas. Alguns ficavam extremamente altos, já outros varavam a superfície.

O rio se estendia sem hesitação por todos os lados, e com uma afirmação do balseiro, eles puderam confirmar que todo o povoado ficava sobre ele.

De repente todos os pares de olhos se ergueram para frente e avistaram o maior e mais bem iluminado, de todos os palafitas. Era quase um Taj Mahal estilo neoclássico, pensou Val e o irmão.

- Estamos em noite de festa, - Era Amdir. Não sabemos ainda se festas são para tolos, ou para estimular afeições, estamos por nos decidir. Talvez seja a última das nossas festas.

E mesmo sem entender todos o seguiram pelas altas escadas vazadas que se erguiam a frente.

Lá dentro ouvia-se música alta e grandes conversas, mas assim que os seis apareceram na porta do grande salão a música cessou e os olhares se encontraram.

- Quem vem lá? - Ouviu-se uma voz dos fundos.

- Amdir, aquele que pela voz que ouve pode ver sua alma.

- E ele vê se a minha alma esta feliz ou não? - Repetiu a voz.

- Ele vê que se esta for à última das festas, todo o povoado estará perdendo um dos sorrisos mais bonitos que nele abrigam. – Gritou de volta Amdar com um sorriso.

E com isso um Elfo gordo, mas não pequeno se adiantou correndo até eles.

- Dulam!

- Amdir! Achei que ficaria de vigilância a noite inteira! – Ele tinha uma voz grossa de quem contava piadas, e ficava-se chacoalhando para frente e apara trás enquanto ria das próprias.

- E ia, mas encontrei visitas... – Ele virou-se para os cinco que ali estavam, e assim que viu o olhar desconfiado do amigo adiantou. Estes são Valquíria e Charles Valeinstain, Grinch...

- Guminus!

- Olá Dulam. – Disse Guminus meio sem jeito.

- E... – Mas foi então que Amdir viu que não sabia o nome do outro Anão.

- Grinbelone. – E as crianças ficaram olhando para ele sem entender, o porquê de toda aquela antipatia e rispidez.

- Certo, eles precisam de vestes, comida e quartos!

- Então, enquanto é providenciado tudo isso, vocês ficam na festa conosco! – Era Dulam sacudindo os braços novamente.

Os cinco amigos sentaram-se à mesa, e começaram a comer felizmente toa a comida que podiam alcançar, apenas Grinbelone que ainda olhava desconfiado para a comida.

- Amdar quem são eles? E por que você os colocou para dentro justamente na época em que estamos?

- Dulam, quando os ouvi achei que fosse Elias de novo. Mas então vi do que se tratava, e vi todos os guardas de Nisama correndo atrás deles.

- Guminus você o conhece?

- Ah, Dulam é um velho amigo, menina. Não se preocupem estamos em boas mãos. E você Grinbelone, dá para relaxar um pouco?

- Sabe como não gosto deles, Guminus...

- Guardas de Nisama? E você ainda os colocou para dentro? Pelas barbas de...

- Ora essa! E desde quando aqueles zumbis estão certos? Garanto que se estavam tentando pegá-los, é porque algo bom estes fizeram.

- Bom isto pode até ser verdade, e o que mais? – Dulam estava curioso.

- O primeiro Anão é simpático e normal. Este segundo não disse nada, deve trazer as magoas do passado.

- Dá para você parar, meu irmão! Há muito que as rixas de Anões com Elfos são esquecidas.

- Mas eles já nos ofenderam muito Grinch, não posso!

- Ora essa Grinbelone! Desde quando você se importa com o que dizem de você? Francamente, é bom melhorar esta cara, pois fomos acolhidos com muito conforto!

- Mas madame! Eles roubaram a nossa autoria por tantas coisas!
- É o que parece mesmo. Guminus é um velho amigo, podemos confiar, mas e essas duas crianças, humanas! Da onde vem?
- Não sei, vi um brilho diferente nos dois, só que na menina há dois. Um bom e outro...
- Negro. É eu vi esta nos olhos dela. Acho melhor levá-los para conhecê-la, o que acha?
  
- Quietos! – Disse ela, arrancando risos de Charles.
- Mas afinal qual é o problema deles?
- Menino, parece que é uma crise existencial coletiva. Eles não sabem exatamente o que fazem. Pode ver que eles decidiram analisar tudo ao pé da letra, e não sabem exatamente o que tem a ver...
- Alho com bugalho!
- Exatamente Grinbelone.
  
- Concordo, mas vamos deixá-los dormir primeiro.
- Ou não, olhe ali. – Apontou Dulam.
  
- Vamos ter que falar sobre Elias também.
- Valquíria, você acha mesmo que temos que ajudar aquele louco?
- Ora essa Grinch, mas é claro!
- Aquilo é um problema? – Disse Charles desviando o foco de atenção para a porta.

Todo o salão voltou a ficar mergulhado no silêncio, como se estivessem prestes a ver a hora em que eles mesmos haviam entrado, só que de outro ângulo. Então as crianças ficaram esperando alguém gritar assim como Dulam havia feito, mas apesar de ser enorme o salão parecia que todos ali sabiam quem era.

- Onde estão os forasteiros? – Era uma voz doce.

E como se tivessem sido chamados na escola, os cinco ficaram de pé.

- Venham comigo, Amdar também.

Os seis saíram da sala, e imediatamente o barulho se fez nela de novo. Quando já estavam todos do lado de fora ficaram olhando para as costas da mulher, para então ela se virar e encará-los.

- É melhor vocês irem descansar agora. – Ela tinha as mãos unidas sobre o peito, formando uma base reta nos braços. Amanhã faremos uma reunião assim que o sol nascer, vocês não podem perder tanto tempo assim. – E ao ver a mão de Guminus levantando, ela o interrompeu. Peço que tenham calma e sejam compreensivos. Tudo que pediram estarão em seus quartos, e assim dormirão em dois quartos, não por falta de conforto, mas sim por questão de confiança de vocês para conosco.

E assim ela se foi.

Amdar deixou Grinbelone, Grinch e Guminus em um quarto e depois Valquíria e Charles em outro. Aliás, que os dois últimos estranharam ser bem maior que o dos amigos. Será que ela sabia quem eram? Veriam amanhã.

Val tinha a intenção de discutir grandes planos com o irmão, mas ele mal deitou na cama, já adormeceu. Ela o olhou com um olhar carinhoso e o cobriu.

Tinha trabalhado tanto em conseguir salvá-lo e desde então não tiveram um minuto de sossego, só agora olhava para ele com calma. Estava com saudades dos avós. Estava com saudades da mãe, achava que pela primeira vez tinha tempo de pensar nisso. Não sabia bem o que fazia ali, nem o porquê, talvez amanhã novas respostas fossem achadas, talvez. Mas tudo era mais grave do que parecia.

Ela adormeceu. Sonhou que corria com Maga de um monte de vaga lumes que cantavam hinos, ela subia montanhas, até que chegou ao Druida de bordô e ele disse para ela acordar...

Val pulou da cama e viu seu irmão debruçado sobre ela, sorrindo a cutucando.

Ela se esticou na cama, tinha dormido bem.

- Já escovou os dentes Chá?

- To escovandoooh. - Disse ele aparecendo cheio de espuma na boca, Val achou graça.

- Já temos que ir?

- Já! - Então ele voltou meio molhado. Bonito aqui não? Encontrei essa sacola, parece bem resistente, vamos colocar todas essas roupas que ganhamos aqui, e então junto com a de Grinbelone teremos duas.

- E a sua mochila?

- Está em péssimo estado.

Enquanto lavava seu rosto, Val pensava em como abordaria o assunto de Elias, precisava obter sucesso no que queria... Um grito.

- O que foi? O que foi? - Ela abriu a porta e saiu correndo.

- Minha nossa! - Era Charles com a janela aberta. Mas que frio!

- Ah Chá, fica quieto! Que susto você me deu.

- Você tem andado muito em alerta Val. - Disse ele zombando da irmã, imitando um zumbi.

- Ha-ha que engraçado, vamos logo que eu já estou quase pronta.

- Quase pronta? Eu aposto toda a minha coleção de arquivos, em ordem alfabética, veja bem; *em ordem alfabética* de plantas, que você não estará pronta nem neste século.

- Nossa Charles, você ainda tem muito que aprender com piadas.

Assim que saíram do quarto, havia um Elfo os esperando na porta, junto a Guminus e os outros dois irmãos. Eles acenaram uns para os outros e seguiram o Elfo.

O povoado todo estava coberto de neve e isso o deixava mais bonito ainda. Os primeiros raios de sol perfuravam a manhã, e tudo parecia encaminhar para um ótimo dia. Sem terem que andar muito, eles já pegaram uma balsa, que servia só para percorrer três metros de água, logo nem balseiro havia, eles simplesmente foram com um impulso, e quando chegaram à outra margem saltaram. Começaram a subir uma escada em caracol e quando acabaram viram-se em um pequeno saguão aberto, com já alguns Elfos.

Encontrava-se sentados em círculo Amdar, a sua direita Dulam, depois a mulher de ontem, mais dois Elfos ao seu lado e depois



havia mais cinco lugares até Amdar novamente, que logo foram preenchidos. Depois que já estavam todos sentados, iniciou-se a reunião.

- Muito bem, eu não me apresentei ontem. Meu nome é Isadora, sou a feiticeira do povoado. Estes que ainda não conhecem são Liamsae e Garlel, dois membros influentes daqui, que estão cuidando de nossos hinos.

A feiticeira tinha longos cabelos loiros, mas sua pele não era tão branca como a dos outros Elfos, já em contrapartida era muito alta ficando praticamente na mesma altura que Guminus.

Ela deu um tempo para que todos se reconhecessem e prosseguiu.

- Eu sei quem são, e então quero então apresentar a vocês quatro. Meus companheiros Elfos, os dois Guardiões de Glastonbury e do Cálice.

Houve um momento de pura tensão no local, todos arregalaram os olhos, inclusive Valquíria e Charles.

- Não precisam temer, - Ela virou-se para os dois. Sei da missão que Naroselvan os mandou, e sei que o Cálice encontra-se nesta sala.

Mais surpresas tomavam conta dos que ali estavam e mais sem entender ficavam os cinco viajantes.

- Estou aqui para dar um rumo a vocês, quase como um pedido de Naroselvan. Podem comer as frutas que aqui estão, enquanto eu o conto tudo o que aconteceu.

Isadora se colocou de pé. Era alta, loira, branquíssima como se nunca tivesse visto o sol, olhos azuis quase brancos, mas suas orelhas não eram tão finas quanto à dos Elfos. Seu longo vestido branco formava um lindo desenho enquanto ela andava em círculo, diante de todos eles. Então ela deu início.

- Como todos aqui sabem, a Nisama que se encontra no palácio de Glastonbury, não é a própria Nisama. É sim uma impostora. Eu apesar de ser imortal, nasci no mesmo ano que Nisama e naquela época todas as criaturas deste mundo andavam bem unidas. Nisama fora batizada aqui, por isso do seu nome élfico, que significa; *Belo amanhecer*. Conheci intimamente ela e sua irmã, bem o suficiente para saber que hoje não estamos lidando com ela, naquele corpo. E melhor ainda para poder saber quando foi que ela deixou de agir sobre ele. Como todos também sabem, Nisama começou a frequentar pubs da cidade, e andar por lugares mal vistos, foi então meus amigos que eu lhes digo o que realmente aconteceu. Seu espírito estava fraco e ela não tinha quase autodefesa, foi quando uma Hag a encontrou. - Isadora parou e olhou bem para Charles. Muito bem, a Hag é um tipo de bruxa, que está em todos os mundos, e em cada um é conhecida de um jeito. Aqui seu nome é Hag, e ela é uma Bruxa obscessora que possui o seu corpo, geralmente para trazer coisas horríveis para a sua vida. Mas uma Hag que possui uma rainha, não tem apenas pequenos divertimentos para fazer. E uma Hag que possui Nisama, que por sua vez possui o Cálice e o Livro do qual todas as linhas de todos os mundos estão traçadas, tem um grande poder nas mãos. Foi quando eu entrei, sabia que quando a irmã de

Nisama tinha morrido as coisas tenderiam a desandar. A irmã era a outra parte de Nisama, e todos sabem que você só deve morrer em um intervalo de tempo muito próximo da sua outra parte, é natural. Pois se uma morrer muito antes, a outra que sobreviveu tende a não aguentar durante muito tempo. E posso garantir-lhes que esta Hag sabia muito bem disso. Logo, eu corri até o palácio, escondida, pois os Elfos já não eram mais bem vistos por si mesmos, e roubei o livro de Nisama, para o bem de todos. E o substituí por outro, uma cópia. Mas quando fui levar o Cálice junto, encontrei o Ele na sala, junto a Lílian e Henrique Pensiven, eles disseram que levariam o Cálice com eles e que eu desse o livro para eles, mas eu não dei. Eu não poderia confiar às duas coisas que controlam todos os universos em um mesmo lugar, ainda não sabia do que aquela Hag era capaz! Então combinamos que eu ficaria com o livro e eles com o Cálice. Ninguém mais deveria saber que Nisama não era Nisama, até o dia certo chegar, pois se não poderia matar o corpo de Nisama achando que estariam matando a Hag, mas na verdade estariam matando única e exclusivamente a nossa rainha. Anos e mais anos se passaram, e os mundos vão se encontrando neste desequilíbrio, vocês crianças, podem por si mesmas lembrar que o mundo de vocês não se encontra nas melhores formas, e viajando por aqui, podem ver que nem tudo vai como o esperado. O que temos que fazer é simples. Temos que unir o Cálice e o Livro e ditar as novas linhas. Para assim conseguirmos matar a Hag.

- Como a matamos? - Charles interrompera.

- Só há um jeito de matar uma Hag, e esta está tão poderosa que nem sei mais se podemos, mas de qualquer forma o jeito seria; entrarem onde a antiga Hag residia, e pegar a sua essência. A essência geralmente está dentro de um objeto, medalhões, anéis, coisas do gênero.

- Certo você vai nos indicar aonde ir?

- Sim, menino. Uma coisa de cada vez. Agora, levarão com vocês o Cálice e o Livro! - E com isso um Livro enorme veio voando rapidamente até parar na mão de Isadora. Vocês entendem que responsabilidade é essa, não é?

- Sim. - Confirmou ele.

- Certo, então agora...

- Isadora. - Interveio Val. Preciso lhe pedir uma coisa.

A Feiticeira assentiu com a cabeça para a menina enquanto sentava-se com o livro no colo. Valquíria podia sentir os protestos de Grinch.

- Querida que a senhora curasse Elias.

- Como?

- Elias, o Menestrel que há muito canta e...

- Sim, sim eu sei. Mas por quê?

- Ele não teve culpa do que pediu para sua mãe. Estava cego pelo amor, e eu acho que algumas regras devem ser quebradas quando tratá-se de perdão.

E aquelas palavras caíram não só sobre Isadora na sala, mas sim sobre Grinbelone também. Que achou que era a hora de fazer o

que nunca havia pensado em fazer. Mas também fazia aquilo por madame, não por eles. Ele pensava.

- Hum-hum, - Todos olharam agora para o Anão. Bem, eu queria pedir desculpas aqui para vocês, hum, Elfos. Quando cheguei aqui eu ainda tinha em mim um sentimento de magoa guardado, mas agora eu não tenho mais. Percebi o quanto fui tolo, guardando todo o rancor das guerras e conflitos passados. Peço o perdão de vocês.

E arrancando olhares surpresos de quatro Elfos, e um divertido de Isadora, Grinbelone corou.

Sua garganta doía.

- Bem, meu amigo eu sinto em lhes dizer que não podemos o perdoar. - Era Amdar. Pois já o perdoamos, que deixemos o passado no passado.

- Tudo bem então. Atendendo ao pedido da Srta. eu libertarei Elias, mas não hoje. - E vendo o olhar de incompreensão de Val, ela prosseguiu. Receio que ainda há uma última missão para o nosso violonista impertinente. - Finalizou ela com um sorriso, e Val ficou satisfeita.

- Bem, aqui está o mapa de vocês. - Era Dulam, entregando-o a Guminus. Até um vilarejo detestável.

- Lá residia a Hag? É lá que teremos que entrar?

- Oh meu menino. Eu lamento te dizer, mas acho que você não entendeu muito bem o que eu disse. Quando eu disse que terão que entrar onde a Hag residia eu não quis dizer sua casa, pois terão que levar consigo.

- Como levaremos um lugar conosco?

- Pois onde uma Hag residia é nada mais, nada menos do que o seu próprio corpo.

## Capítulo XVIII

### Annis Preta

*“...andou até cada um deles em um compasso ora ritmado, ora não.”*

Um cadáver? Valquíria sentiu todos girarem. Charles estava preste a gritar, até que Grinch para o bem de todos se precipitou.

- Abriremos um corpo?

- De certa forma. Deixe-me explicar.

- Por favor. - Interveio Guminus.

- Tudo terá que ser bem rápido e com precisão, do primeiro detalhe que lhe falarei, sentido não tem, mas preste atenção menino que dele vai depender. - E do nada Isadora falava ritmada, e com um pulo saltou de sua cadeira e andou até cada um deles em um compasso ora ritmado, ora não. Quando a alma de uma Hag no seu corpo não está, sua mente com certeza vazia não estará, pois é nela que terá que olhar. Lá encontrará através do seu dom a resposta de onde terão que procurar. Assim entendido, furem, cortem, arranquem, espremam! Façam o que tiver que ser feito para dali tirar um objeto que dentro dele vai estar à essência de um Hag. Mas já os aviso, assim que retirado ela vai saber e buscará vocês até os achar! E a seguir matará todos vocês sem hesitar. Logo assim que retirado o objeto, e com ele estiver em mãos, sangue será derramado e alguém vai morrer. Antes ela do que vocês!

- É melhor vocês chegarem até a aldeia, por um portal. - Era Amdar, após um pequeno silêncio. Já o fizeram alguma vez?

- Oh sim, para vir para cá. - Disse Grinbelone.

- Certo, então, - Isadora voltava ao normal. Receio que tenham que ir.

Pertences foram guardados, comidas descidas goelas a baixo e despedidas foram efetuadas. Sem lágrimas, mas com grandes pesares de ambas as partes, pois todos ali sabiam que depois que os

cinco forasteiros saíssem da “bolha” teriam que correr contra o tempo para protegerem-se e conseguirem concluir o que tinham a fazer com sucesso.

Enquanto caminhavam em direção a uma fronteira ali do povoado, Isadora parou em uma casa e dispensou Amdar e Dulam.

- Gostaria que vissem uma coisa. – E então ela direcionou-os para um palafita um pouco diferente dos demais. Todas essas dúvidas que tem habitado as mentes dos Elfos estão criando algo e está aqui dentro desta casa. O que verão não é real, mas mesmo assim gostaria que analisassem para quem sabe poderem entender melhor.

Ao passo que entraram Valquíria se sentiu entrando na casa de doces, de João e Maria, as coisas tinham formato psicodélico e eram muito coloridas. Havia doces e luas por toda à parte. Ela deduziu que eram os elementos que representavam a loucura. Até ver uma cabra, pastando ali no meio do nada, e em um piscar de olhos a cabra virou um marshmallow gigante. Valquíria não pode conter o pequeno gemido que dera por causa do susto, e acabou chamando á atenção da Feiticeira.

- Eu sei, não há nexos algum ou fio que os una, mas todos os acontecimentos daqui vêm da cabeça deles.

- E por que não da sua também? – Questionou-a Grinbelone.

- É que por minha vez não sou inteira Elfa, sou mestiça. E também como Feiticeira posso escolher outros caminhos a seguir. Mas vamos embora.

Eles da Feiticeira se despediram, e com um pequeno gesto ela os colocou para fora a bolha. Novamente aquela sensação engraçada de passar realmente por uma sucção e já se entreolhavam no chão de uma floresta. Ao olharem para trás não viam nada, mas sabiam que ela ainda estava ali os olhando, e com um sorriso curioso foram seguindo para o oeste.

- É melhor usarmos um portal em uma área um pouco mais aberta. – E ao seguirem Grinch, poucos trinta metros, fizeram uma roda.

Charles e Grinbelone eram os únicos com sacolas, e logo começaram a pensar na aldeia Leicestershire.

Val e Charles mais uma vez sem saberem o que imaginar, concentraram-se na aldeia inglesa de seu mundo. Era estranho alguns dos lugares de dois mundos, de dimensões diferentes, terem o mesmo nome e uma geografia relativamente parecida.

Desta vez demorou um pouco mais do que o *normal*, para então uma gota aparecer sob eles. Quando já estava à altura dos olhos de Guminus puderam ver que era violeta. Ela caiu no chão.

- Muito bem, como da outra vez.

- O que da outra vez, irmão?

- Ah é, desculpe Grinch. Pule as ondas para evitá-las.

- Ah, lógico.

Surgiu uma vermelha e uma amarela, na esquerda de Grinbelone e Valquíria. Começaram a pulá-las. Até que depois de um longo tempo já as pulando sem parar, surge uma violeta bem próxima a eles. Todos já entravam dentro dela, quando Charles ainda estava longe, mas no último instante ele também conseguiu.

Vácuo, lembranças, agonia, impaciência. Tudo se repetia até caírem em um gramado onde o sol ainda nascia.

- Vamos esperar aqui, até o sol nascer.

- Por que Sr. Guminus?

- Não se deve entrar em uma aldeia de Bruxas, sem que elas lá estejam.

- Madame, quando é de noite elas saem e lançam feitiços por toda aldeia para que ninguém entre. Mas quando de dia lá estão, ficam sem proteção, pois acham que estando lá ninguém se atreveria a entrarem suas casas.

- E alguém se atreve?

- Oh não, madame. Claro que não! - Disse ele chacoalhando a cabeça.

- Mas Grinbelone...

- Fale garoto. - Disse ele se ajeitando em uma pedra.

- Nós *vamos* entrar.

E nada fora respondido, o que gerou certo pânico em Charles.

Apenas uma hora se passou até que eles decidissem entrar. E então as dúvidas começaram a surgir com vigor.

- Como vamos saber onde é a casa dela? - Era Charles.

- A única sem fumaça na chaminé.

- Tão simples assim, Guminus?

- Sim, Grinch. Exatamente assim. - Ele começou a arrumar a sacola de Grinbelone. Seria tecnicamente impossível entrarmos na casa dela se ela ainda tivesse ali.

- Como entramos na aldeia?

- Há criaturas, que não são Bruxas andando por lá, mas temos que nos vestir um pouco... Diferentes.

As roupas do Elfos foram colocadas por baixo, pois o frio ainda era grande, as capas que tinham trazido desde o começo da viagem foram colocadas e pela primeira vez sentiram que o fato de elas estarem sujas era reconfortante. Não deviam falar com ninguém, nem olhar para nada. Charles seria levado arrastado por Grinbelone como quase um criado, o único problema era Guminus, pois não se via muitos Faunos resignados por ai. Mas mesmo assim conseguiram dar um jeito no amigo.

De dia, a aldeia não parecia nada assustadora - se não olhasse para as casas -, as ruas e vielas pareciam normais, com várias criaturas começando a circular agora. Eles não se demoravam muito em olhar diretamente para alguém, mas Valquíria se desconcentrou e acabou reparando em uma criatura que andava em sua direção, era quase um duende, mas muito feio e muito sujo, ele tinha as vestes cinzas rasgadas, careca, com um nariz muito comprido. Ela ficara chocada ao vê-lo e quando viu que ele começava olhar para ela com um ar de interrogação ao se aproximarem, rapidamente desviou o olhar, mas não a tempo. Ele ao passar do seu lado gritou em sua direção e chacoalhou as mãos para cima a assustando.

- Ah! - Ela desviou rapidamente para o lado, e apertou o passo atraindo a atenção de muitos.

Andaram muito, viraram algumas ruas e já começaria a ficar estranho para todos que ali estavam, aquela caminhada deles sem

rumo. Então eles pararam em um tipo de feira na frente e Val começou a olhar algumas coisas, como se fosse o seu objetivo, para dar um tempo á mais aos outros, assim poderiam olhar por ali. E obtiveram sucesso, Charles e Grinbelone avistaram uma casa, pela qual eles já tinham passado e definitivamente não saia fumaça dali, só que havia uma pequena mulher sentada na frente da casa.

Com apenas olhares e resmungos eles fizeram um pequeno plano. Grinbelone mandou Charles buscar qualquer coisa ali perto da casa, assim esse poderia ter certeza se era a casa certa.

Cambaleando e atuando muito bem, Charles foi até a casa. Parou como que ao acaso na frente e ficou a olhando. Certamente não havia ninguém ali, contudo por que a mulherzinha estava ali? E foi só se perguntar isso que a resposta se abriu para ele, mais uma vez, como um livro. Ele pode ouvir resmungos da mulherzinha, “Mas que saco, ora essa. Por que eu? Logo eu para ficar aqui? Se ela nem está mais aqui! Tudo por causa daquela sangrenta, cara azul de vespa, da Preta! Se a levou com ela já está muito que bem! Ficar olhando por uma casa vazia, e nem as quinze cabeças de mariposas gordas vou receber!... Que foi pirralho?” e Charles ao ver que ela se dirigia a ele, que ali estava parado ouvindo atentamente, correu se arrastando pelo chão até os outros.

Contou a Grinbelone, depois de uns tabefes que realmente doeram, tudo o que havia ouvido.

- Chega por aqui! Vamos beber! - E Grinbelone levou os outros para o único pub que ali tinha.

Entraram no lugar sujo, mas quieto. Sentaram-se e todos pediram qualquer coisa para beber, com exceção de Charles que ficou sentado no chão, dessa vez resmungando de verdade, sobre por que ele tinha que ser *o criado*.

- O corpo não está lá! - Disse Grinch.

- Preta... - Guminus pensava. É Preta como um nome?

E Charles balançou a cabeça afirmativamente.

- Preta... Preta. Acho que não conheço ninguém com esse nome.

- Nem eu Guminus, como vamos achá-la agora? Levaremos o dia todo e irá anoitecer, e teremos que ir embora.

- Eu sei Grinch, eu sei! Mas... Ah! - Ele não sabia como prosseguir. Não é familiar para *nenhum* de vocês?

- Hum, Preta me lembra apenas uma coisa, mas não tem nada a ver...

- Vamos madame, o que é?

- Não, é sua personagem de contos de fadas do meu mundo e do meu irmão. Então esqueçam.

- Menina, eu não sei se você percebeu, mas todos nós somos quase que personagens dos seus contos de fadas.

Ela olhou para Grinch e sorriu.

- Bem, ok. Ela é uma Bruxa. Acho que é considerada a Bruxa mais assustadora de toda a Europa, sua pele é toda azul escura, ora grande ora pequena, unhas de metal, quase garras, caolha e canibal, acho que esse é o fato mais contribui para o seu “sucesso”. Seus dentes são cumpridos e brancos, para poder comer a carne de suas

vitimas sem problemas. – E Val dizia isso, ainda achando graça, pois era tão improvável!

Mas ela não percebia que a cara dos três amigos na mesa, significava que eles realmente estavam preocupados, e que seu irmão se encolhia no chão.

- Dizem que ela habita os morros de [Leicestershire](#), em uma gruta... – Então ela congelou. Não, nem me olhem assim, é só coincidência. Bem, a gruta ela escavou com as próprias unhas, e que na frente desta há um carvalho, muito grande, velho e podre, com algumas escrituras dos piores encantamentos que podem existir. E se você os lê, pode morrer em um dia. Diz-se que ela sobe no carvalho para vigiar em busca de uma... Presa. – Ela estava começando a ficar mais cautelosa, ao passo que ia se lembrando. Quando ela não está no carvalho, dizem que pode ser vista logo na entrada da gruta, em cima da pilha de ossos da sua vitima, rindo. Um riso louco e sem fim. E... Meu deus, agora me lembrando, sempre se dizia nos livros que ela é uma Hag! Mas eu nunca me importei com essa palavra!

Ao dizer isso Charles deu um pulo e sentou-se ao lado de Grinbelone, que sem perceber se encolheu para o garoto poder sentar. Ele não ficaria mais sentado sozinho no chão.

- Bom, e o nome desta horrenda criatura que certamente me fez gelar o sangue, é Preta?

- Não, Grinbelone. – Agora ela estava começando a acreditar. É Annis Preta.

Todo o silencio havia sido quebrado e as poucas almas que ali se encontravam, olharam para eles. Como se Val tivesse falado um nome proibido.

- Se vocês procuram Annis Preta, devem seguir até a montanha. – Foi uma velha senhora que ficava no bar que disse, sem olhar para eles.

Imediatamente Grinbelone começou a se agitar, e levou todos para fora. Já se passava da hora do almoço eles começavam a ficar com fome, mas não podiam parar agora, precisavam achar uma gruta. Então continuaram andando em direção a montanha que se erguia na frente deles, ali devia se encontrar a Hag, pelo o que haviam entendido.

Entretanto tinha alguma coisa, no que a senhora falou que incomodava Guminus, mas ele não sabia o que era. Depois de mais alguns minutos andando, a ultima casa da aldeia foi passada e eles continuaram andando, quase em passos lentos. Inconscientemente tinham sacado suas armas e se mantinham alertas.

Chegando lá, deviam entrar. Achar o corpo para abri-lo e ir embora o mais rápido possível.

Avistaram o que temiam, mas o que queriam. Ali estava a uma enorme gruta escura com um carvalho, por sua vez imenso e podre. Ao se aproximarem foram diretamente na direção dele, e começaram examiná-lo, lembrando-se do que Valquíria havia falado no pub, Grinbelone teve um reflexo quase involuntário de apontar sua faca para cima de suas cabeças, em direção ao topo da árvore. Mas não havia ninguém lá. Não havia ninguém também na entrada, ela não devia estar em casa, como o esperado.



Charles então viu que tinha realmente algo escrito nas cascas do velho carvalho, dizia... Dizia, algo parecido com *Alpha*...

- Não! Charles, eu não disse que você pode morrer se ler! - Valquíria o tirou dali. É melhor entrarmos logo.

Entraram os quatro primeiros e Grinch foi escolhido para ficar na entrada vigiando. Lá dentro era muito úmido, e não tão escuro, acharam uma escada e por ela subiram, primeiro Charles, Guminus, Val e assim Grinbelone.

Fazia mais frio dentro da gruta, Valquíria sentia seus braços congelarem, mesmo por baixo do cachecol e do casaco. Ali ainda não nevava, mas enquanto falavam, fumacinhas saiam de suas bocas.

- Acho que não vai demorar para começar a nevar por aqui. - Guminus falou enquanto subiam. Seria melhor se conseguíssemos ir embora antes da neve chegar, assim não deixaríamos rastros.

Porém ele disse aquilo desacreditado, e foi também desacreditado pelos três que ouviram. Pois sabiam, que se a Hag quisesse, ela sentiria o cheiro deles á longa distancia.

Foi no topo da escada que pararam e se dirigiram á um tipo de quarto ou outra gruta, onde havia - magicamente - caldeirões e coisas que se pode encontrar em uma casa de Bruxa, mas um pouco mais adiante puderam ver uma cama, que por sua vez não estava vazia. O cheiro no quarto era horrível, mas eles já imaginavam o motivo e agora eles o viam, eis o cadáver da Hag que procuravam.

Não estava apodrecendo, mas também não estava viva. Era como se estivesse toda caramelizada e brilhante ali, e Charles achou melhor expressão.

- É como se estivesse mergulhada no formol...

- Mergulhada no que? - Exclamou Grinbelone.

- Shh!

Estavam frente a quem deviam matar, era aquela mulher a fonte de todos os problemas de todos os mundos. E se ela colocasse as mãos nos objetos que estavam a um metro dela, na sacola de Grinbelone e de Charles seria o fim de tudo.

Contudo quem se apresentava diante deles não era alguém que devesse causar tudo isso. A Hag que possuía Nisama, era uma mulher alta, esbelta e bela. Tinha cabelos ondulados e pretos, que iam até seu quadril. Lábios carnudos, e faces pálidas, pele clara e dedos longos.

Guminus notou que estavam todos muito hipnotizados e decidiu agir.

- Vamos Charles! Entre na mente dela.

Charles entregou a sacola á irmã e mergulhou mais uma vez na mente de alguém adormecido.

Só que desta vez Charles não só ouviu como viu. Se não fosse por um fato no final da viagem, ele talvez nunca mais teria esquecido o que foi entrar na mente daquela Hag. Cujá já tinha uma das mentes mais malévolas que já existiu, e ainda estava passando por uma fase de raiva e frustração. Obviamente o menino veria todas as coisas que nunca desejou ver e ainda elas seriam reais.

A primeira imagem dele foi vários corvos, eles iam e vinham em todas as direções negros como a noite, não o deixavam ver nada, silvando, até que eles se juntaram e obtiveram uma forma. Não eram mais corvos e sim um homem alto de terno, só que ele não tinha rosto, só um pano cobrindo-lhe a cara vazia. Então tudo ficou vermelho, se ouvia berros agora, e choro. Choro baixinho. Ele chicoteava crianças em uma mina, ao que parecia subterrânea. Charles ficou horrorizado.

De repente aconteceu um dilúvio, onde levou casas pelos ares, famílias e animais. E então mergulhando no meio do olho daquele dilúvio - que parecia ter vida própria - via-se uma mulher sentada, sorrindo. Ela pelo menos parecia estar feliz comendo... Um braço! Eram canibais agora, e Charles não podia suportar. Mas ele teve, porque mesmo que se fechasse os olhos ia continuar vendo, toda aquela cena de uma mulher devorando um cadáver humano inteiro. Novamente tudo mudou e ele agora estava em uma fogueira, com varias pessoas em volta, homens e mulher, havia um grande caldeirão e eles pronunciavam palavras que ele não podia entender. Ao fundo via-se uma pirâmide, e antes de ele poder olhar melhor outro grupo chegava. Vestiam-se com túnicas, mascaras e chapéus.

Contudo veio a ultima visão de Charles, uma guerra. E era de uma dimensão como aquela, criaturas estavam sendo mortas; Faunos, Centauros, Anões, homens, animais, eram massacrados por forças malignas. E no comando de tudo isso estava ela, a Hag que possuía Nisama. Ela dava gargalhadas e inclinava sua cabeça para trás ao passo que com um gesto decapitava um animal que por ali fugia.

Preto, tudo ficou escuro e ele viu uma luz se aproximando. De repente achou que havia voltado e estava olhando para o corpo da Hag, mas quando sua visão deu um giro completo ao redor do corpo dela, ele viu que ainda estava em sua mente, então a imagem se focou em seu rosto.

Era o lugar onde estaria o objeto, pensou ele.

Tudo foi focalizado para a bochecha direita dela, e a pele foi ficando transparente, transparente até ele ver um objeto dourado lá dentro. Não soube bem o que era, mas tinha achado.

Voltou.

- Você está bem? Ficamos preocupados Cha.

- Bochecha... Direita. - Ele estava respirando com dificuldade ainda. É lá que está, comecem. Já fiz minha parte.

Os outros três se olharam com os olhos erguidos, sem saberem se ficavam felizes ou nervosos. Como fariam aquilo? E em resposta, Grinbelone arranjou força - ou estomago, na minha opinião - para tirar a sua faca da bainha e se adiantar. Todos já ficaram a postos para correr, pois como avisou Isadora ela sentiria no exato momento em que aquilo fosse arrancado, e viria correndo ao encontro deles.

Quando ele começou a abrir lentamente a bochecha da Hag, jatos de sangue jorraram em todas as direções, fazendo Charles virar

a cabeça de nojo e Val esconder a sua no ombro de Guminus. Mais alguns segundos e o Anão os avisou.

- Achei. Vou tirar. Não olhem, está fundo.
- Você pode ver os dentes?
- Posso ver as caries madame.

E então sem esperar, dali ele retirou e entregou a Val que já estava pronta com um pano.

- Meu deus, olhem! - E esquecendo-se que estavam com nojo, todos olharam para ver do que Grinbelone falara.

A fenda que a menos de três segundo fora aberta naquele rosto, estava se fechando automaticamente, e a carne se auto-regenerando. Parecia que ela iria despertar a qualquer momento, como se fosse uma múmia. Todos se levantaram e ficaram em uma distancia "segura" dela. Quando a face já estava completa eles se olharam e perceberam que já era hora de ir.

E no palácio de Glastonbury, uma Nisama deu um berro de horror e golpeou com força uma Ama que estava ao seu lado. Todos ficaram estáticos enquanto a rainha olhava com os olhos vermelhos para todos, arfante.

- [Leicestershire](#)! Vão rápido! Tragam-me o objeto que eles carregam.
- Minha rainha, - Precipitou-se um guarda com medo da figura que estendia á sua frente. Matamos todos?
- Não será preciso, alguém fará isso por mim. - E ela começou a gargalhar de uma forma louca na frente de todos.

Porém, enquanto eles desciam a escada depararam-se com a ultima coisa do mundo que poderiam imaginar. No meio da escada puderam avistar Grinch debatendo-se a um metro do chão. Alguém lhe tapava a boca, alguém com uma mão azulada, e onde os dedos eram quase garras metálicas. Garras reais, onde na ponta exibiam-se unhas cumpridas e azuladas. Em choque eles não desceram mais nenhum degrau e acompanharam toda a cena que se estendia diante de seus olhos.

A mão confirmava seus piores medos, pois pertencia a Annis Preta. Ela estava ali, viva, em carne e osso em frente a eles. - Mais em osso do que carne, se me permite -. Exibia um largo sorriso em seu rosto ao ver as faces de seus novos visitantes. Estava exatamente do tamanho de Guminus - o mais alto deles -, e assim como que se nem deixá-los respirar como uma boa anfitriã faria, ela girou a mão que segurava Grinch e ele sumiu, fora reduzido a pó.

Eles demoraram um pouco a entender o que tinha acontecido, Grinch não estava mais entre eles. Ela havia o matado, e assim que o fez exibiu uma cara de espanto fingido, como se não tivesse feito de propósito, e depois seus dentes voltaram a serem exibidos em seu largo sorriso, já visto antes.

Então ela deu um primeiro passo na direção deles, assustando-os. Recuaram.

Ela falou.

- Não esperava receber visitas. Não, não hoje. Vi vocês chegando e fiquei me perguntando pra onde iam. E ao vê-los de cima do meu carvalho, entrarem na *minha* gruta, mal pude acreditar! - Ela disse isso juntando as mãos. Almoço! *Mais cedo!*

Os quatro congelaram em cima da escada, como puderam esquecer que como uma Bruxa, e uma legítima Hag, ela podia ficar invisível?

- Pois é, decidi deixá-los entrarem na frente para podermos brincar. Eu ia comer ele também, - Disse ela roçando os pés pelo pó que fora Grinch. Mas ele me pareceu muito carrancudo ali na porta, teria um gosto estranho. Ahhh! Mas quando entrei e vi o que vocês estavam fazendo percebi que não são tão estúpidos assim. Não, não, não. Pois é, infelizmente não poderei deixá-los ir embora com isso, e nem poderia deixá-los ir, afinal ficariam desapontados com a velha Annis Preta... Cara de vespa. - Ela finalizou olhando para Charles que infelizmente entendeu o recado.

Mas antes que qualquer um deles pudesse fazer alguma coisa, a velha Hag deu um bote como um leão faminto. E com um estalo de ambas as mãos, todas as luzes se pagaram, e também, como um instinto de defesa os quatro se separaram - o que eu fico muito feliz em contar.

Guminus jogou-se pela lateral da escada batendo com tudo no chão, mas não sem antes empurrar o irmão da menina escada a baixo, já sendo saltado por Val e Grinbelone correr escada acima. Entretanto a velha Bruxa que não é boba nem nada, sabia que nenhum deles continuaria ali, logo se precipitou pelo final da escada, onde já tinha lido a mente de Guminus, e viu que ele desceria pro ali.

Comer o Fauno primeiro seria muito mais divertido, pois assim as duas crianças - seus alvos principais - poderiam assistir o seu belíssimo feito. Porém o que ela não esperava era encontrar o menino também ali embaixo. Que descontroladamente bateu em suas esqueléticas pernas.

Um baque duro atingiu a Hag e a fez cambalear com força para trás. Charles ao ver onde batera foi tomado pelo pânico e se escondeu de baixo da escada.

Se você tivesse visto o que Grinbelone fez, acharia até cômico, pois este ao subir toda escada se deu conta do que estava fazendo, e se pos a descê-la novamente já totalmente armado e pronto para batalha, fazendo de toda a sua fuga inútil.

Os pensamentos que se passavam na cabeça de Annis não a agradaram muito. Aqueles não seriam tão fáceis assim de capturar, ou tinham muita sorte, ou ela talvez não soubesse com quem estava lidando, o que seria a primeira vez em todas as suas eras de vida.

Um raio de luz verde invadiu a sala, surpreendendo nossos viajantes. E assim que todos se viram na sala, Annis voou para cima de Val, que agilmente desviou para fora de seu alcance. A Hag voava pela gruta, com suas poucas vestes esvoaçando, seu corpo azul esquelético aparecia entre uma investida e outra, e seu rosto cada vez mais assustava as crianças. Seus olhos já começavam a ficar vermelhos.

Ela tinha sede. Ela estava com fome

Guminus corria com Charles, que gritava de horror, de um lado para o outro fugindo, e quando já achavam que poderiam escapar, ela sumiu.

Nenhum deles se moveu, pois sabiam que não adiantaria nada correr para a porta, talvez só fosse pior, pois ali ela estaria. Então ficaram atentos para mais uma batalha. Ela era silenciosa quando queria.

Mas jamais mataria à surdina, e assim apareceu de repente em cima de Grinbelone fincando suas presas em seu ombro. Ouviram-no gritar de dor, mas tão rápido quanto ela, ele cortou parte de sua perna. Ouviram a Hag gritar e sangue azul rolou pela escada da gruta, descendo como se fosse um pequeno córrego.

Infelizmente isso não a derrotou, ela já havia enfrentado coisas piores do que “arranhões” na perna. Quando olhou para a porta, o Fauno e o menino estavam saindo, os outros dois ali ainda estavam. Em um, sua marca já havia sido deixada, seja fisicamente e internamente, agora nela não conseguia tocar. E não entendia o porquê, mas algo ela teria que fazer, algo para reconhecê-la depois e poder acabar seu serviço.

Enquanto corriam, Val amparava o amigo e não olhavam para trás, mas sem esperar as luzes apagaram, porém desta vez foi por pouquíssimos segundos, pois antes de poderem fazer qualquer coisa, elas se acenderam e Val se viu colada, face a face com a Hag. Fora assustador, e sem poder se mexer de ante dos grandes olhos vermelhos, Val a viu colocar a mão sobre seu ombro e ali queimar, para só depois a outra sorrir e sumir.

Val sabia que aquela não sorria pelo o que havia conseguido deixar, mas sim pelo o que havia visto em seus olhos. Algo que antes ela não sabia que pertencia a menina, mas agora sabe.

## Capítulo XIX

### Estrelas de bocejos

*“Logo para fazer-se nada, se precisa do tudo.”*

Já estava escurecendo e eles se afastavam aos trancos da aldeia, sem nem ao menos olhar para trás. iam dois na frente assustados e com a certeza de que havia mais dois atrás, porém sem saber se aqueles encontravam bem. Havia sangue no rastro dos últimos e também havia tristeza.

Longe dali eles se sentaram em mata fechada ao lado de um rio escuro e corrente. Guminus e Charles descansavam armando um acampamento improvisado com o que tinha nas sacolas e fazendo um lanche. Já Valquíria e Grinbelone estavam estirados em cima de algumas pedras arfando sem conseguirem se mexer muito. Mas logo ela se adiantou para ver o ferimento do amigo.

Estava fundo e com um pus esverdeado saindo pra fora. Teve uma pequena ânsia ao olhar, mas logo foi atrás de um curativo na sacola para melhorar a aparência daquilo.

- Espere madame, eu vou até ali lavá-lo primeiro.

E ele se dirigiu para o rio. Sem se despir entrou até a cintura e começou a lavar o ombro retirando a secreção.

Ele parecia atordoado aos olhos de Valquíria, sem rumo e muito triste, e foi aí que de um modo culpado ela se lembrou de

Grinch. Ele estava morto e eles ainda nem tinham pensado nisso, e nem ao menos puderam fazer nada para impedir.

Quando o amigo voltou e se sentou ao seu lado, todos se reuniram ao redor e ficaram de cabeças baixas. Curativo pronto, lágrimas rolaram.

- Está doendo?

- Não madame, está perfeito. Obrigado.

- Oh, sinto muito Grinbelone.

- Sinto muito também. - Charles entregou lanches á eles.

- Meu caro, ele morreu por um motivo nobre, sabe disso.

- Eu sei Guminus, eu sei. Só que eu vou sentir a falta dele, como vou dizer isso lá em casa? ... Guardem meu jantar, vou dormir.

Depois que ele havia se deitado, todos ficaram olhando o sol até ele se pôr, e ficaram mergulhados na escuridão.

- Sr. Guminus?

- Sim, Charles.

- Está tudo bem, certo?

- Sim, está tudo bem.

- Então o que faremos pela manhã? Digo para onde iremos?

- Seguiremos um pouco mais para o oeste e veremos o que nos aguarda. Mas apertaremos o passo. Saindo da aldeia eu vi lanças bem ao norte e os ouvi chegando a passo rápido.

- Os guardas?

- Sim. É melhor dormirmos.

Nada mais foi ouvido naquela noite, e eles dormiram e não sonharam com nada. Apenas submergiram daqueles mundos.

No dia seguinte acordaram bem dispostos, e Grinbelone parecia magicamente melhor, todos tomaram banho no rio - Val primeiro sozinha -, tomaram café da manhã, - principalmente Grinbelone - e seguiram velozmente para o oeste.

- Menina o que é isso em seu ombro?

- Hã? - Ela começou a passar a mão freneticamente, achando que poderia ser um bicho. Aonde?

- Pare, aqui. É um círculo e uma bolinha no meio, você tem desde sempre?

- Não, foi a Hag que fez nela. - Era Grinbelone. Eu vi.

- É verdade Sr. Guminus, mas tudo bem. Não está doendo.

- Hum, veremos para o que serve.

E ao voltarem á caminhar, Valquíria se colocou a olhar a sua primeira marca, Ana. Lembrou-se de Maga, mas não do jeito que queria. Lembrou-se de quando o Grindylow falou dela. Será que ele podia matá-la mesmo morto? Uma dor no peito a invadia, ela era mais que uma irmã sua, era quase ela mesma. Não deixaria nada acontecer.

A vegetação não mudara durante horas a fio. O almoço veio, e se foi sem eles pararem nem um momento, cada um era movido pelos seus objetivos e instintos de sobrevivência, e cada um tinha no que pensar e no que não pensar. No caso de Val, era sobre Annis, no caso de Charles era sobre quem morreria depois.

De repente um vale se estendeu na frente deles. Ele estava vazio a não ser pelas grandes rochas que havia por toda à parte, como se fossem ruínas de alguma antiga civilização. Antes de as atravessarem eles puderam ouvir os guardas se aproximando, tinham seguido seu rastro, então logo se puseram atravessar tudo aquilo com cuidado e de forma rápida.

Já nevava em todo o lugar.

Quando chegaram do outro lado, tiveram que escalar uma grande colina que se estendia pela frente. Com uma corda amarrada em uma árvore do topo, todos seguiram um atrás do outro até o topo. Houve uma coletiva preocupação com Charles, mas ele se mostrou muito hábil em escaladas, mesmo com todos escorregando de vez em quando, na neve.

Chegaram em uma árvore, durante a subida. Não chegaram ao topo.

Tiveram que se equilibrar de uma maneira muito desconfortável e perigosa ali em cima, até Grinbelone conseguir laçar outra árvore mais pra cima. Com o feito pronto eles prosseguiram, mas não sem antes perceberem que todos os guardas tinham chegado ao pé da montanha, e já tinham os visto.

Flechas dos inimigos foram lançadas, e nenhuma acertada. Mas Guminus parou sua escalada um momento, para jogar uma flecha sem mirar lá para baixo, apenas para dar a entender que estava armados, mas depois de lançada puderam ouvir um baque de um guarda, ele havia acertado, mas como?

Ao chegar ao topo descobriram que não havia mais nada. Era o topo mais alto do oeste. Ali era o fim. Eles estavam ao mais extremo oeste que se pode chegar, e não havia mais nada, só um precipício e em breve os inimigos estariam ali em cima com eles.

- O que fazemos? - Desesperava-se Valquíria.

- Calma, tem algo que ainda não percebemos. - Charles mantinha a calma.

Procuraram, procuraram e nada encontraram. Até que um pássaro apareceu e pousou bem perto deles. Esperaram por ele falar, mas nada disse - por medo -. Charles não reconheceu a espécie, pois era roxo de barriga amarela e era bem gordo.

Então um canto bem pausado para um pássaro preencheu o ambiente e todos pararam para escutar o pássaro roxo. De repente Grinbelone congelou e exibiu uma face pálida para os amigos.

- Eu entendi o que ele disse.

- O que?

- Guminus, eu entendi o que esse pássaro disse! Eu entendi sua língua!

E com um olhar de quem havia compreendido, o Fauno contou para eles.

- Deve ser o dom que Valquíria deu á ele, na cabana. Já era tempo de aparecer, estive pensando esses dias quando eles se manifestariam depois que ela nos curou do enjôo que sentimos. Acho que o meu, está interferindo na minha pontaria, nunca mais errei nada.

- E bem, o que ele disse? - Charles estava eufórico.



- Disse que O Grande Tucano das Florestas de Marfim, deve ser como eles chamam o Ele, mandou dizer que estamos no lugar errado, temos que descer em meio daquelas ruínas e achar uma porta.

- Oh meu deus, - Valquíria se pôs a olhar para baixo. Como vamos descer, ele já estão ali na primeira árvore!

- Pergunte á ele meu amigo. Ande! - Guminus gritava.

E com uma dificuldade quase tímida, o Anão se comunicou com o pássaro roxo, em perfeita linguagem. Conseguira a resposta.

- Vamos até aquelas árvores ali na ponta, - Eles já corriam enquanto ele falava. Pegamos estas folhas, e cada um escorregará em uma delas.

Depois de preparados, se olharam.

- Assim?

- Sim madame. - Ele parecia meio perturbado.

- Vamos. Se ele disse isso mesmo, acho que não temos que duvidar.

Ao olharem para baixo viram que precisariam de mais coragem e confiança do que imaginavam, pois parecia um passo para a morte certa. E sem pensar se o amigo havia entendido certo, Guminus se jogou. E Charles o seguiu sem avisar a irmã, depois ela, depois Grinbelone, mas este ainda teve tempo de ver os guardas ali em cima e gritando na direção deles. Tarde demais, pensou ele.

Foi uma descida e tanto. Não tinham controle nenhum sobre a velocidade e Charles saiu em disparada na frente de todos, sendo apenas acompanhado pelo pássaro roxo em um mergulho. Chegando ao fim todos se machucaram fazendo aterrissagens nada confortáveis e totalmente perigosas.

- Andem! Eles já estão descendo por cordas! - Gritara Guminus.

- Temos que procurar uma porta! - Dizia Valquíria mancando.

Mas não fora preciso, pois o pássaro os guiou em um labirinto de rochas, até uma enorme onde se via uma porta bem disfarçada. Ali ele os deixou.

Empurraram, empurraram até conseguirem afundá-la e ao entrarem se depararam com uma figura sentada olhando para eles.

- Não vão fechar? Eles logo mais estarão invadindo aqui.

Sem se olharem todos começaram a fechar larga porta.

Todos após o esforço caíram pela caverna com respirações arfantes. Grinbelone sentiu um alívio por poder soltar a sacola, e Charles que já estava carregando a própria novamente não ficava muito atrás. Ao passo que foram levantando os olhos e analisando uma figura da qual não sabiam se esperavam ou não ver, mas vendo-a agora era um alívio, do qual eles não sentiram em nenhum momento da viagem. Uma parte já havia sido cumprida.

- Bem, bem... Bem. E o que forasteiros como vocês fazem por aqui, em uma tarde como essa?

E como uma resposta ele recebeu olhares preocupados e que mostravam que de nada entendiam.

- Brincadeira! Estava só me divertindo com essas caras de bobos de vocês! Ai ai... - Todos ainda não acreditavam que ele era o mesmo o Ele que tinham encontrado no lago. Creio que tenham conversado com o pássaro roxo, então? Quer dizer, que idéia a de vocês que eu

os faria subir todo aquele monte! Eu jamais exigiria tanto de vocês, meus caros.

- Jamais? – Perguntou Charles, ainda duvidoso se devia.

- Jamais! Por que você acha que em algum momento vocês passaram por algo que não deviam ter passado?

- Ham... Acho que entendo.

- Ham... – Fez ele em uma imitação barata. E qual foi?

- Bom, fez minha irmã sofrer demais.

- E depois creio que ela teve um presente, digo, pode conhecer sua outra parte. Algo que quase ninguém consegue fazer. Mas será que valeu o preço, você pensa? Não sei, oras! Pergunte á ela.

Os olhares foram dirigidos agora á Valquíria.

- Acho que sim, não tenho muita certeza. Só sei que foi um preço altíssimo. – Disse ela por fim, achando que tinha dito a coisa certa.

- Ahh, pois eu vejo que vocês não estão nada satisfeitos! Pois saibam que eu estou. Já tenho o livro e o cálice em segurança. – E em cada mão ele balançou ambos os objetos.

- Mas como você... Zéfiros, os pegou? – Disse Grinbelone estático.

- Eu sei fazer muito bem outras coisas, que não envolva colocar jovens em missões, meu caro Anão. – Disse depois de um a boa gargalhada.

Ele parecia um homem feliz. Um velho magricela, esbanjando vitalidade em seus olhos azuis reluzentes. Nada parecia o abalar, muito diferente daquele que eles conheceram no córrego.

- Zéfiros, você parece mais feliz do que da ultima vez que nos vimos.

- Arriscou a menina.

- Hu-hu, querida. Aquela vez eu não estava bravo, não. Mas é que ás vezes nosso filhos precisam levar umas bordoadas para poderem acordar, sem contar que sem eu ter dito aquilo tudo, vocês nunca teriam feito nada. Logo para fazer-se nada, se precisa do tudo.

Houve uma explosão de palmas empolgadas de Grinbelone, e os outros três vendo aquilo e a cara sorridente do Anão, lembraram de uma tarde há muitos dias atrás e logo começaram a rir juntos.

- Bem, bem... Bem. Muito bem, vejamos... – E ele estalava a língua enquanto pensava, até que ele olhou para Val e ela se mostrava um pouco tensa. Ah! Perdão Valquíria, fiz sem pensar.

Aquilo a lembrava.

- Tem algo para comermos? – Guminus estava preocupado.

- Infelizmente não, meu caro Fauno. Logo terão que esperar, pois ainda há muito para se fazer. Se tudo der certo, comerão no final do dia.

E então todos se lembraram que nem almoço tinham tido.

- Mas voltando ao o que importa, vocês conseguiram manter o Livro e o Cálice em segurança, eu sabia que conseguiriam. Agora, Valquíria passe-me o objeto que tiraram de Naíra, por favor.

- Este é o nome dela?

- Sim.

Agora todos pela primeira vez se permitiram analisar aquele objeto, sem medo. Pois na presença daquele Mago, nada podia os prejudicar.

- Como vêem é um pingente que mostra o oito do infinito quebrado ao meio. Imagino que vocês saibam o quanto insano, ou se preferirem, perturbador é este símbolo, sim, pois quem gostaria de um tamanho desequilíbrio? Oras, às vezes eu me pergunto se eles não aprendem... - E sem saberem do que ele estava falando, continuaram a olhar para ele.

Era verde e dourado.

- Ele tem que ser destruído na frente da Hag, enquanto ela estiver no corpo de Nisama.

- Iremos de encontro á ela?

- Algum problema com isso, Valquíria?

- Nem que eu quisesse. - E ela depois de o dizer, ficou meio receosa se ele aceitaria a brincadeira, mas depois de o ver sorrir, relaxou.

- Mas antes de voltarmos tenho que dizer mais uma coisa á vocês, e vocês fazerem outra. Primeiro, saibam que não conseguiremos encerrar isto sem uma batalha, logo estejam prontos, - E sem dar descanso á eles, prosseguiu. Outra, Charles e Valquíria terão que fazer uma pequena coisinha agora.

Ele apontou para o uma lápide no canto e uma faca.

- Sabem o que é isso?

- É a lápide da casa da vovó e do vovô!

- Isso mesmo menino!

- Mas cadê a profecia? - Charles ainda não havia entendido.

- Ainda não foi marcada. Vocês a marcaram no passado, para que vocês mesmo a vissem no futuro, do qual já viram. E está na hora de marcarem de novo, para que vocês tornem a vê-la quando tudo se repetir.

- Voltaremos no tempo, para deixá-la no quintal? - Era Val.

- Sim. Mas andem, porque não temos muito tempo.

Os dois começaram a talhar na pedra, toda a profecia, mas não era nada fácil. Suas mãos doíam e já começavam a ficar com bolhas, começaram á se revezar mais continuamente. E então Valquíria conseguiu fazer a segunda frase de uma só vez e tirou sorrisos de todos.

- Aha! Aprendam doutores de Cambridge!

- O que madame?

- Esqueçam...

Porém quando estavam na metade, foram interrompidos.

- Temos que ir.

- Mas ainda não acabamos! - Charles estava descansando,

- Azar o de vocês, crianças. Temos que colocar ela *agora* na casa de seus avós.

E com um piscar de olhos, o Ele tirou um frasco azul turquesa de suas vestes e respingou em cima dos dois, tudo girou e as duas crianças só puderam ouvir.

- Não se deixem ser vistos!

Estavam de volta na porta da cozinha da casa dos avós, mas com a lápide nos pés. Correram e a colocaram no lugar certo, segundo Charles disse que a encontrara pela primeira vez.

Ao passo que acabaram, Val ergueu os olhos para casa. Um sentimento de aconchego lhe abateu, não queria ir embora, estava tão perto da onde queria estar todos esses dias, que não podia mais ir embora. Teriam que prosseguir sem eles, ela não queria mais voltar.

- Vamos Val.

Charles foi percebendo que a irmã não queria mais ir, ela se encaminhava em direção a casa. De repente ele viu a avó aparecendo através da porta da cozinha, ela não poderia os ver...

Charles pegou na mão da irmã e disse.

- Pronto, leve-nos.

Tudo girou mais uma vez e eles estavam dentro da caverna.

- Como foram? - Era Grinbelone.

- Deu tudo certo, - Disse Charles tentando disfarçar o quanto à irmã havia ficado estranha.

- Bem, bem... Bem! Vamos então. Visitaremos um amigo meu, antes de qualquer coisa.

Eles saíram da caverna, e ouviram conversas dos guardas á alguns metros, deviam estar fazendo uma busca por toda a área, mas não seria tão difícil passar despercebido por ali, era um labirinto de rochas muito grande.

Ele ia à frente, com suas vestes verdes de veludo. Seguido por Charles, Guminus, Grinbelone e por ultimo Valquíria. - A ordem fora estipulada por Ele -. Quase esbarraram em uma dupla que verificava umas rochas ali perto, mas conseguiram passar. Quando estavam quase na orla na floresta Valquíria ouviu algo atrás de si, como um galho estalando, ela sabia que estava sendo seguida e quem estava atrás não estava nem á um metro dela. Foi passando a mão pela faca de Grinbelone que ainda estava com ela. E no momento certo, ela se virou e apunhalou o homem nas costelas. Ele não gritou apenas desabou no chão.

Os outros quatro viraram para trás assustados e viram a menina com a faca ensangüentada.

- Madame você está bem? - E ela assentiu com a cabeça. Certo, troque de lugar comigo...

- Não. Eu a deixei por ultimo, por isso Grinbelone. Ela é mais silenciosa e tem o ouvido melhor. Mas agora menina, pode vir aqui na frente do seu irmão. - E o Ele se virou e continuou a andar.

Ela não tinha certeza se o Ele realmente tinha a deixado de propósito, ou só se aproveitou do momento. Mas ela não ia deixar um simples guarda a matar, quando estava tão perto de voltar para casa, e Val fincou os olhos nas vestes do Mago, aonde pensou ter visto pela ultima vez o frasco azul reluzente.

Andaram mais duas horas quase se arrastando, até chegarem á alguns arbustos.

- Podem comer destas frutas, são seguras.

E continuaram a caminhada agora, comendo algumas frutas que pareciam mexericas só que eram vermelhas. O sol começava á se por nas costas deles, e a neve não estava tão gelada, devido á falta de vento, mas ainda não havia nem sinal de poças.

O passo era apressado e fez Charles sentir saudades de quando caminhavam sem preocupações. Mas não demorou mais de algumas horas para o Ele avisá-los.

- Chegamos. Eu quero que saibam que este é um grande amigo meu, então tenham respeito por onde pisam.

Sem nem esperar as respostas, o Ele encaminhou-se em direção a casa. Ela era grande, feita de tijolos e com gramados á frente. Saía fumaça pela chaminé, e uma luz estava acesa lá dentro, alguém devia estar cozinhando.

As bocas dos nossos forasteiros encheram de água.

Duas batidas. Nada respondeu. Ele se adiantou.

- Hans! Sou eu, Hexenmeister. - Ouviram passos fortes, porém abafados se aproximarem da porta.

Ao passo que a grande porta de madeira talhada fora aberta, e quem se mostrava do outro lado era um homem de dois metros de altura, loiro, olhos azuis, faces rosada, e com alguns cento e trinta quilos, muito forte. Ele vestia trajes alemães - macacão - e dava para sentir dali onde estavam, o cheiro forte de cerveja. Mas assim que o viram bocejaram.

- Hallo Hexenmeister! Vejo que trouxe amigos... - Ele parou de falar assim que viu as crianças. Minha nossa! Entrem.

O ambiente interno da casa era bem rústico, porém colorido. Zéfiros sentou-se em um dos sofás da grande sala e fez sinal para que os outros sentassem.

- E então, que novidade você me trás Hexenmeister? - Continuou Hans, fingindo não se importa com a presença das crianças.

- Bem, bem, bem. Hans, estes são Guminus, Grinbelone e Charles e Valquíria Valeinstain.

- Oh muito prazer. - E os quatro assentiram com a cabeça bocejando.

- Hans eles são os guardiões e os guerreiros, que há muito você viu entre as estrelas.

E logo após o Ele ter dito isso, todos na sala arregalaram seus olhos, seja o próprio Hans ou os quatro amigos. Para assim uma explicação rápida a respeito de tudo seguir-se, e os amigos ficaram sabendo que Hans devia saber ler as constelações para poder ter visto tudo aquilo no passado.

O alemão parecia estar do lado deles e contra Naíra. Mas a explicação sobre quem ele era veio depois.

Hans era nada mais, nada menos que um Deus - pode-se assim chamar - o qual coloca todas as criaturas das dimensões para dormir á todo tempo. Claro que ele tem ajudantes especiais o auxiliando, mas ele também não é o único a colocar pessoas para dormir nos lugares, infelizmente.

Ah! E não, ele não leva as pessoas que morreram, isto é um trabalho para outra pessoa.

Em seus hinos, dizem que sua voz conforta crianças e as coloca em seus berços, ele é mais uma das imagens do bem. Por isso só de olharem sentem sono quase que imediatamente, pensou Guminus. Mas como quase que uma resposta ao seu pensamento, ele disse.

- Me desculpem por este sono, que estou lhes causando. É que eu acabei de fazer algumas coisas com minhas estrelas de bocejos.

Jantaram, os bocejos diminuíram para a alegria deles. Grinbelone, Guminus e Hans fumaram seu tabaco, e todos se divertiram muito. Ficariam hospedados ali, naquela noite.

Uma canção se seguiu.

- “Enquanto o mar cumprimenta nas rochas, eu me deito ao seu lado. Enquanto o vento acaricia pelas folhas, você se deita ao meu lado. Enquanto as nuvens choram sobre a terra, eu me deito ao seu lado.

É disto que somos feitos, meu bem.

Dormiremos aqui para sonharmos com um futuro melhor.

É disto que somos feitos, meu bem.

Ficaremos intactos até tudo já ter passado.

É disto que somos feitos, meu bem.

Faço de todos os sons, musica para seus ouvidos.

Faço de nossas respirações, alimento para nossas almas.

É disto que somos feitos, meu bem.

De noites já sonhadas...”

E no meio daquela melodia embalada na voz doce de Hans, todos dormiram muito bem acomodados. Para só despertarem na manhã seguinte, mas o sono de Valquíria foi leve, talvez Hans ainda não tivesse visto sua mente bipolar, principalmente agora que Annis havia deixado uma marca nela. Que mesmo que fosse só para reconhecê-la futuramente, continha um pouco da essência da Hag.

A menina levantou-se com o mesmo objetivo de quando fora dormir, como se não tivesse passado nenhum momento adormecida, ela foi na ponta dos pés em direção ao Ele. O qual estava dormindo á poucos metros dela, no chão também. Não estava coberto, mas suas mãos estavam sobre o peito, como se dormisse de braços cruzados.

Precisava pegar o frasco! Era o único jeito de voltar para casa sem ninguém a impedir. Levaria Charles consigo, nem precisaria acordá-lo, o levaria dormindo mesmo, era mais garantido.

Foi se aproximando, agachou na direção dele. Já estava com os joelhos perto do rosto e o rosto perto do dele. E foi erguendo a mão em direção ao seu peito para tocá-lo até que Ele abriu os olhos.

Os olhos azuis dele refletiram nos de Valquíria – também azuis - e a ofuscaram. Cambaleou para trás e ia cair, mas ele agarrou seu braço e a olhou mais fundo ainda em seus olhos, Val adormeceu.

Todos acordaram bem e muito bem dispostos, com exceção de Valquíria que teve uma noite agitada. Quando se lembrou de tudo, um sentimento de vergonha e de incompreensão para consigo mesmo, a invadiu.

- Hum, Zéfiros?

Ele a encarou.

- Desculpe-me, eu não sei o porquê fiz aquilo tudo... Na verdade não faz nem sentido para mim.

- Tudo bem Valquíria. A verdade é que esta marca da Annis deve ter a induziu, eu devia tê-la removido enquanto era tempo. Em parte a culpa é minha, mas eu lamento, pois agora terá que ter duas marcas.
  - Disse ele com um sorriso.
  - Ah! Tudo bem, - Ela retribuiu o sorriso. Se não me fizer mais mal...
  - Não fará, mas tem que lembrar que você já está bem dividida, não acha? Duas marcas, sua outra parte e uma mente bipo...
  - Certo. - Ela o interrompeu.
- E ele passou a mão em sua cabeça. Era uma boa menina.
- Após o café, o Ele ficou estático a mesa, e quando voltou a si olhou diretamente para Hans, que entendeu.
- Quando apareço, Hexenmeister?
  - Ao céu cor de bordô.
  - O que está acontecendo Zéfiro? - Era Grinbelone.
  - O que eu achei que conseguiria evitar, vai acontecer.
- Guminus também entendera.
- Estamos prontos. - Disse.
  - Para o que? - Insistiu Val.
  - Meus caros, não sei se gosto de informar-lhes que é fato que a batalha se aproxima.

## **Capítulo XX**

### **Os Preparativos**

*“Como se encontra os espíritos de uma floresta, quando eles não querem te encontrar?”*

- Onde se usam o que como armas? - Perguntou Charles
- Espadas, arcos, força do corpo, feitiços, o que estiver á seu alcance.
- Respondeu Guminus.

Todos decidiram que tinham que sair naquele exato momento, pois além de tudo Hans precisava sair para algumas missões antes de participar da batalha. Logo os outros cinco saíram da casa, viram Hans partir e ali mesmo no seu quintal traçaram o que fariam.

- Bem, bem... Bem. Eu vou ter deixá-los para fazer algumas coisas, mas não se preocupem na hora não deixarei vocês na mão. Agora, terão que se dividir. Valquíria e Guminus cuidarão para tentar recrutar o máximo de ajuda, para onde Charles e Grinbelone estarão. Vocês dois cuidarão de toda estratégia de guerra, ficarão no acampamento secreto, aguardando todos que chegam, assim poderão estar com tudo pronto para quando Valquíria e Guminus voltarem. Terão exatos dois dias. Quando a manhã deste dia chegar, estejam prontos para lutar. Confio em vocês. - E com isso ele deu

uma piscadela para eles, e se colocou de costas. A guerra tem que ser elaborada em segredo, pois não podemos deixar que Naíra saiba. Vocês dois mandarão todos para Visgo de Fevereiro, fica a meio dia do palácio. Logo abaixo dele, há cavernas subterrâneas interligadas, não usadas há muito. Antigos habitantes de Glastonbury e de seus arredores, vão saber chegar.

- Como chegamos lá, sem passarmos em dias e dias de viagem?  
- Grinbelone, você e Charles viram comigo agora. E Guminus e Valquíria usem portais. Boa sorte, e não me decepcionem.

E sem nem dar tempo a novas despedidas, um fecho de luz passou por Zéfiros fazendo o sumir e sugando os dois amigos.

Ainda não sabiam a quem eles iriam primeiro, a menina disse que era melhor irem até os Elfos, pois estavam mais próximos. Mas o Fauno disse que isso seria indiferente se usassem os portais, e ainda mais que os Elfos eram muito organizados e estariam lá em menos de um dia, tinham que chamar outra pessoa que demorasse mais para chegar, assim daria tempo.

- Precisamos... Precisamos... - Confabulava Guminus. Dos animais! É isso, precisamos chamar todos os animais daqui!  
- E como fazemos isso? - Perguntou Val empolgada.  
- Oh minha querida, fizemos uma amizade que não nos deixaria na mão... - Ele sorria. Os Ratos!

Valquíria mal pode conter o sorriso, iria vê-los novamente! Que saudades estava, e teve tão pouco tempo para ficar com eles, - e ainda ela não estava muito bem - rapidamente começou a limpar o local em que estavam, tirando as folhas e galhos do chão.

Ficaram um de frente para o outro e mentalizaram a toca dos Ratos. Uma gota branca e brilhante apareceu, e eles logo começaram a pular atrás da sua respectiva onda.

Do chão se ergueram e olharam para ver onde estavam. Mal puderam acreditar que estavam em frente à porta deles, Val bateu freneticamente sem parar até um deles abrir.

- Mas que diabos... - Era Paul.

Ela achou que as sobrancelhas dele tinham se erguido tanto, que sumiram de sua face.

- Oh meu deus! - Era um sorriso. Luís! Chame Rômulo e Jorge! Valquíria e Guminus estão aqui!

Abraços foram trocados, exclamações soltadas, e sorrisos e palmas ecoavam pela sala. Houve um momento rápido de troca de olhares entre Jorge Val e depois um forte abraço. Então sentaram no sofá.

- E então, onde estão os outros? - Quis saber Rômulo.

- Hum, temos algumas novidades...

Valquíria começou uma narração sobre a salvação do irmão, e os outros povoados que chegaram depois dali. Informou-lhes - depois de perguntado - que sua saúde já estava melhor e o porquê da nova marca, em seu ombro. Mas então um momento triste os abateu, ela contou sobre Grinch.

Lágrimas rolaram, e enquanto Rômulo ficava perguntando "por que" á eles, Paul e Luís apoiavam as cabeças nas mãos.



- Não podíamos fazer nada, quem dirá ele. – Adiantou Guminus.

Jorge bateu com força na mesa e se levantou, ficava andando de um lado para o outro na cozinha. Mas com metade de uma hora depois, eles já tinham compreendido e estavam mais calmos, a menina conseguiu dar continuidade.

- Precisamos de vocês nesta batalha.

- Oh menina, estaremos juntos com certeza. – Disse Luís pegando a mão dela, e recebendo olhares.

- Precisamos que vocês façam um favor. – Interveio o Fauno. Precisamos que recrutem todos os animais dispostos de Glastonbury, deixem claro o que está acontecendo e quem é Naíra.

- Faremos. – Disse com uma voz forte, Jorge. Tudo em segredo, e nos encontraremos com vocês em um dia e meio no Visgo de Fevereiro.

- E cuidado, - Intervinha o Fauno novamente. Um único animal errado avisado, ela já saberá.

Satisfeitos, mas com peso de deixá-los Valquíria e Guminus se despediram do lado de fora da toca e decidiram que iriam até os Elfos. Quando já se colocavam um em frente ao outro, Jorge gritou.

- Obrigado pelo nome da música! Nós a usamos. – E recendo um olhar de Val que já procurava a onda turquesa, disse. Temos outra que eu queria que você ouvisse, chama-se...

Mas Valquíria ainda olhando para ele sorrindo, pulou dentro da onda, sem poder ouvir o final de suas palavras. Ambos lamentaram.

Quando levantaram-se do chão novamente, esperavam estar do lado de fora da bolha, mas estavam dentro do povoado. Isadora devia ter concedido permissão para eles entrarem, pensou Guminus.

Exigiram a um Elfo que estava de guarda, chamar Isadora, Amdar e Dulam, mas ele disse que aqueles já os esperavam. Tinham esquecido que elfos eram videntes, contudo ao chegarem ao lugar estipulado, houve abraços e comida, mas eles queriam saber tudo que havia acontecido. Lamentaram por Grinch, porém sem lágrimas. Estavam prontos para a guerra e levariam todos os seus guerreiros para o Visgo de Fevereiro naquele mesmo dia.

Estava de noite e Isadora insistiu para os dois dormirem ali, depois saíssem logo pela manhã, já que ela mesma não iria a guerra. Pelo menos não fisicamente, já que ela disse que tinha muito mais utilidade onde estava, e assim poderia ajudar muito mais.

Então como ainda não havia anoitecido, eles decidiram que recrutariam mais alguns seres e depois voltariam para lá e dormiriam.

Charles e Grinbelone abriram os olhos em um local escuro e abafado. Já estavam dentro de uma caverna e o Ele já havia os deixado. Levaram horas para explorarem todos os corredores, mas no final do dia já sabiam como se movimentar ali muito bem. Grinbelone fez uma pesquisa de campo, fora da caverna. E de poucos em poucos minutos trazia informações a Charles que ia registrando tudo em seu computador.

- Grinbelone, por que você não usa isso?

- Mas que coisa estranha é essa?

- É uma máquina fotográfica, serve para tirar fotos. - E vendo que o Anão já estava ficando nervoso adiantou-se. Veja bem, ela coleta imagens e as congela, para que possamos ficar olhando-as depois. Olhe.

E assim sem esperar Charles bateu uma foto do Anão, só que aquele não esperava pelo flash e começou a dar chilique.

- Meu olhos! Oh meu deus, meus olhos! Eu vou morrer, eu-vou-morrer!

- GRINBELONE! Para quieto! - Ele parou. Pronto, abra de novo... Viu? Ta tudo bem.

- Isso foi monstruoso, menino. - Disse ele com uma voz sentimental.

- Calma, agora olhe a foto.

Havia sido fotografada a imagem de um Grinbelone com os olhos arregalados e uma cara de assustado que o Anão nunca admitiria. Charles rolava de rir.

Uma hora mais tarde, Charles já não ria tão freqüentemente e já conseguira fazer as pazes com Grinbelone, com exceção das horas que ele dizia que tinha que ir ao banheiro só para poder rir. Então ensinou como usava o *monstro* ao amigo e ele já saía por todo o terreno lá fora, tirando fotos por todo o lugar e as trazendo para o menino, assim poderiam traçar uma estratégia. Com exceção dos momentos que o Anão se confundia e virava o flash para seus olhos, ao passo que Charles ouvia seus gritos corria em direção ao amigo. No fim, achou melhor fazer uma marca em um dos lados da câmera para o amigo.

Enquanto Charles fazia alguns cálculos de distancia Grinbelone saiu, e ficou encarregado de fazer contato com os pássaros, pois segundo o menino, um ataque aéreo seria muito bem-vindo.

O grupo de beija-flores ficou encarregado de chamar todos que estivessem ao seu alcance, com exceção dos corvos, que de maneira nenhuma ficariam do lado deles.

Quando já estavam no fim da tarde um grupo de ursos pardos chegou e se apresentou diante de Charles, que de primeiro momento ficou muito assustado, mas manteve a postura. E quando o Anão entrou pela porta, o menino pode ver seu olhar também assustado, e relaxou.

- Grinbelone, estes são os guerreiros Tüks.

- Muito prazer, que bom que vieram. - Disse cordialmente Grinbelone.

- Estamos a disposição de vocês para salvar nossa terra. Por onde começamos? - Disse o maior deles.

- Bem, estamos meio sem suprimentos... - Pensava Charles.

- Querem que busquemos comida, é isso? - Disse o maior sem rodeios e vendo a cara do menino, logo continuou. Desculpem-nos menino, mas é que gostamos das coisas diretas.

- E ele não é menino nenhum, ele é um dos guardiões para o seu governo! Logo respeito. - Grinbelone peitava com o joelho do urso.

- Ham, desculpe-me eu não sabia. Bom, Sr. Charles iremos imediatamente, trazer suprimentos para todos que chegarem.

- Obrigado.

Assim os guerreiros Tüks se retiraram e deixaram os dois amigos com seus planos.

Não demorou muito mais para os Elfos irem chegando em alguns grupos. E os dois ficaram felizes em rever Dulam e Amdar, que os informaram do paradeiro dos outros dois amigos. Começaram a acomodar todos nas cavernas, e os dois Elfos foram convidados para juntar-se á eles nos planos de ataque, porém quando os ursos voltaram os Elfos finalmente se desapontaram; eles só haviam trazido peixe, e aqueles que carne não comiam?

E mais que imediatamente depois dos ursos chegarem, vários animais de menor porte apareceram. Entre eles havia; coelhos, macacos, esquilos, uma espécie que Charles não soube explicar, mas mais parecia com um mini urso e pombos - os primeiro pássaros á se apresentarem -.

Logo dois batalhões, um de Elfos e um de Esquilos e coelhos foram mandados fazerem mais coletas de alimento.

Quando tudo já estava arranjado, Charles voltou sua atenção ao mapa, mas sentiu uma leve batida em seu ombro.

- Com licença, mas meu nome é Romeu e estou aqui para lhe servir.

Grinbelone mal conseguiu acreditar que era um coelho cinzento que falava com o menino.

- Hum, certo. Eu sou Charles, este é Grinbelone, Dulam e Amdar. Estamos no comando, assim que precisarmos de algo...

- Não, eu ficarei aqui com vocês. Eu cozinhava no palácio e conheço todos os ofícios que teremos que enfrentar, oferecerei á vocês todas as informações sobre seus perfis.

Romeu fora aceito com grandes sorrisos no grupo. Ele também ajudava na comunicação entre todos que acabavam de chegar, para que não houvesse brigas, e ainda mais útil ainda, ele colocou todos os seus soldados - coelhos -, de vigia o dia e a noite toda nas entradas das cavernas. Mas ainda eram poucos, pensava o nosso Anão.

Valquíria e Guminus haviam corrido até um córrego não muito longe do povoado dos Elfos, e ali ficaram de vigia durante um tempo até verem alguém. Uma Lontra se aproximava deles.

- Você! Com licença! - O Fauno tentava que a Lontra parasse.

- Mas o que é isso? - Ela saiu da água e ficou ao lado dos dois. - Quem são vocês?

- Hum, boa tarde senhora, sou Guminus e Valquíria Valeinstain uma das guardiãs do Cálice.

Mas a menina estava muito impressionada com o tamanho da Lontra para falar, ela tinha a sua altura!

- Muito bem, sou Margaret.

E assim eles deram início aos fatos, e Margaret ficou muito feliz com o que ouvia. Segundo ela, as Amas da Rainha haviam destruído uma de suas casas perto do palácio, sem nem ao menos avisá-la. Seus filhotes quase morreram, mas agora ela convocaria a todos no rio para lutar, já que no meio do campo de batalha passava um córrego largo o suficiente para eles.

Satisfeitos voltaram á Isadora e dormiram em paz.

No dia seguinte, ambos acordaram em meio de poucos Elfos e se despediram as pressas, precisavam continuar recrutando criaturas para a batalha. Só tinham mais aquele dia.

- As árvores nos ajudarão agora, Guminus.

Este sorria para ela, e permitiu-a conduzi-lo através de uma gota verde limão, até aonde tinha visto Maga pela ultima vez. Ao chegarem à pedra, nada encontraram, nem sons ouviram, fora da água perto. - Valquíria reagiu até que bem, ao ver de relance a floresta dos Grindylovs.

- O que fazemos? Como se encontra os espíritos de uma floresta, quando eles não querem te encontrar?

- Menina, por que você não tenta fazer contato mental com Maga? Não se esqueça que vocês são Outras Partes.

E então Val se concentrou e pediu, - quase implorou - para que Maga á ouvisse. E ela ouviu. Poucos minutos depois o carvalho que estava á frente de Val coberto de neve, sacudiu-se um pouco e dele destacou-se Maga. Guminus ficara encantado, havia tempo desde que não se encontrava com uma Dríade, em sua juventude já havia até amado uma...

- Oh Maga! - E ela correu para abraçá-la, o que novamente não fora muito confortável para a Dríade. Que bom que veio.

Mas então a Dríade disse que só pode vir, porque a menina estava ao pé de sua árvore, pois do contrário talvez ela demorasse a chegar. Continuando a conversa Val explicou o que estava acontecendo e Maga deixou claro que todos ajudariam, mas unicamente porque a guerra intervinha-os, pois espíritos da floresta, geralmente não se misturam á estas coisas.

Valquíria agradeceu imensamente e disse para onde eles deveriam ir, e quando já estava se despedindo com peso no coração Guminus interveio.

- Você poderia nos informar onde eu encontro os Centauros e os Faunos dessas redondezas?

- Mas você é um Fauno deveria saber, digo saberia dizer onde eles estão acampados!

- Mas é que já estou fora daqui há um tempo...

- Oh sim.

E ela contou. Seguiram suas instruções e Guminus explicou á menina que precisariam das criaturas mágicas também. Ao andarem duas horas seguidas, já no início da tarde finalmente encontraram o acampamento, mas como já o esperado foram pegos por um Centauro que os levou para quem estava no comando.

Contudo os Centauros e os Faunos não acreditaram, e ficaram mais furiosos ainda por Guminus sendo um Fauno estar fazendo uma armadilha daquela - não me pergunte que armadilha.

- Ela é uma guardiã legítima!

- Não estamos vendo nada nela, aliás, o que vemos não gostamos.

- E o que vêem? - Valquíria não estava gostando de como estava sendo julgada.

- Vejo loucura sem seus olhos...

- Vejo a marca de uma Hag, detestável. - Disseram um Centauro ruivo e um Fauno em seguida.

Então ela explicou o porquê daquilo tudo, e ainda tornou a mostra sua marca de guardiã, mas eles ainda não se convenceram, até que uma idéia lhe ocorreu.

- Pois saibam que eu como guardiã tenho um dom, e o meu se manifesta quando curo alguém. Assim que o feito, o feliz que foi curado terá um dom para o resto da vida, e um dia eu curei Guminus! E hoje ele tem a pontaria mais perfeita que existe.

- Prove! - Disse o chefe.

E uma maçã fora arremessada por um Centauro com toda a força para o alto. Quando ela tinha atingido trinta metros de altura Guminus lançou uma flecha que a abateu sem erro. Todos ficaram boquiabertos com o ocorrido, mas o resultado não fora o esperado pela menina.

- Não acreditamos que foi você que deu isso á ele.

- Mas...

- Não, só há um jeito. Há um Fauno chamado Húmus muito doente aqui, e ele vai morrer em alguns dias. Se você o curar, poderão ir e se o *dom* dele aparecer antes da batalha iremos até vocês e nos doaremos por completo, do contrário, não.

Não havia outra maneira, Val foi ver o doente.

Mais animais foram chegando e o ultimo batalhão de Elfos que chegou trouxe uma companhia que eles não previam.

- Elias!

- "Eu não acredito no que vejo, Não é um periquito, nem um brejo!"

- Quanto tempo Elias! - E sem saber ao certo porque, Charles o abraçou.

O Menestrel sentiu-se feliz e mais calmo, ao saber que eles estavam bem. Também sabia agora, que eram eles a quem Isadora se referia, como grandes amigos que queriam o bem dele.

Ele fora logo escalado para divertir todos que já estavam entediados dentro das cavernas.

E em menos de uma hora, novos guerreiros chegaram e com eles vieram; cavalos, castores, toupeiras, alguns felinos - como onças e leões - e Anões, mas quem realmente alegrou Grinbelone foram os quatro ratos que ali entraram.

- Ratos!

- Grinbelone!

Lágrimas rolaram compulsivamente, pois o nosso Anão era muito parecido com seu irmão, fazendo todos lembrarem instintivamente a perda. Contudo, logo todos se recompuseram e Charles fora apresentado, simpatia a primeira vista. Como ele lembrava a irmã, pensaram todos.

Nenhum dos Anões eram parentes de Grinbelone, mas estavam dispostos a ajudar.

- Só que temos uma infeliz noticia. - Disse um ruivo.

- O que é? - Disse Grinbelone levantando a cabeça.

- Um dos nossos nos traiu. Seu nome é Trotsk, sempre fora muito rebelde, mas achamos que ele poderia se endireitar.
- E não fizeram nada? E o que querem dizer afinal com traiu? - Charles tinha ficado vermelho de raiva, todo o seu trabalho e cuidado não seria jogado fora.
- Ele foi ao palácio avisar do ataque.

Iniciaram a divisão dos batalhões para o dia seguinte.

Estava muito pálido e os olhos já fechados, Valquíria quase sentiu dó dele, mas antes que pudesse percebeu que para curar aquele deveria dar-lhe raiz de mandrágora. Onde arranjará isso agora? O tempo está passando, estamos quase na hora...

- Rápido, preciso de uma raiz de mandrágora.

Os Faunos ergueram suas sobancelhas para ela, mas quando ela intensificou seu olhar na direção deles, logo se colocaram em ação.

Conseguiu fazer o doente ingerir boa parte da raiz, e nada aconteceu. Os nervos de Valquíria estavam à flor da pele e ela mal conseguia respirar. Guminus passou o braço por seus ombros como em um gesto de apoio, e ali ficaram olhando para o Fauno deitado.

O Fauno se levantou e sorriu para todos ali. Um momento de felicidade se abateu sobre todos, mas os Centauros não amoleceram. Disseram que continuariam com sua palavra

Veio uma gota sobre eles, que refletiu nas lágrimas de Valquíria. Era vermelha.

- Val! - Charles a abraçou assim que a viu entrar.
- Oh Charles! Como estão? - Disse ela ainda enxugando as lágrimas.
- Ah estamos indo. Temos uma boa quantidade animais e Elfos, Anões chegaram, mas trouxeram a infeliz notícia de que fomos traídos, acredita? - Assim ele explicou, com a ajuda de Grinbelone, tudo para a irmã e para Guminus. Conheci seus amigos Ratos. - E com isso ele os apontou.

Valquíria foi abraçá-los.

- Pois muito bem, quem está no comando Grinbelone?
- Guminus, fico feliz em lhe dizer que são; Eu, Charles, os Ratos, Dulam, Amdar, agora vocês dois e deixe-me apresentar Romeu. Ele está sendo de grande ajuda.

Todos foram apresentados, e a noite já caía sobre eles. Seria no dia seguinte, e para a grande felicidade de Val as "árvores" tinham comparecido, contudo preferiram ficar do lado de fora, aguardando instruções.

- Ficará assim então, - Charles olhava todos nos olhos, em volta da mesa. Elfos com arcos e flechas ficarão ali acima da montanha, darão o primeiro ataque. No bloco da frente irá os felinos, cavalos e animais mais rápidos. Atrás que venha o segundo batalhão dos Elfos, Anões, árvores e animais menores.
- Temos, poucos guerreiros...
- Foi você que ficou com esta tarefa, menina. - Disse o Coelho inesperadamente.

- Pois saiba, que nem todos que eu chamei vieram! Eu me dediquei á isso, sim. - O Sol começava a nascer. Se alguns... Cumprirem com o prometido...

- Pois nós cumprimos e estamos aqui.

Todos os olhares se ergueram e ali diante deles havia o líder dos Centauros e o Fauno doente.

- Estamos a sua disposição Valquíria e Guminus. Húmus demonstrou seu dom há poucas horas, pode ser meio estranho, mas ele cozinha qualquer coisa.

Valquíria ao ouvir aquilo, nem achou tão ridículo, e se colocou a rir. Lá foi ela abraçar o Centauro.

- Obrigada!

- Bem, - Voltou Charles. Farei algumas mudanças, junto com os felinos irão os Centauros e no batalhão de trás substituindo as árvores os Faunos.

- Então o que eu digo para Maga, Cha?

- Elas farão outra coisa Val.

## **Capítulo XXI**

### **A Batalha Final**

*“...mas o lugar onde a loucura foi criada é outra coisa...”*

Deviam ser seis horas da manhã quando todos já estavam no lado de fora da caverna, prontos para a batalha. Ninguém até então mostrava estar com medo, mas talvez isso seja devido ao fato de que não sabiam ainda o que esperar do inimigo.

Á Valquíria fora concedida uma espada e Charles tivera a honra de ser convidado para montar um Centauro, - algo raríssimo - os dois apesar de jovens entrariam na batalha, pois o Ele já havia dito que não deveriam ficar de fora, eram guardiões.

Todos os batalhões já estavam nas ordens certas, todos já estavam preparados e começariam a marchar imediatamente se um Coelho atônito não tivesse começado a gritar á uns dez metros na frente deles.

- São um exército! Vários! Estamos em número...

- Calma, Meia-noite, - Curioso nome para um Coelho pensou Val. O que aconteceu?

- Oh Romeu, eles estão preparados! É um grande exército.

Depois de uma hora caminhando, Val, Guminus, Grinbelone e o Centauro em que Charles ia montado, estavam á frente do grupo e logo puderam ver o que os aguardava.

Os estômagos dos dois irmãos reviraram.

Um exército tão bem dividido e organizado como o deles se estendia pela frente. Estavam em igual número, mas aquele vestia negro em vez de cores alegres como eles.

Os cinco começaram a tentar distinguir quem era que vinha a frente; parecia haver grandes lobos selvagens na frente junto á animais traidores e ferozes Gnomos.

- Sempre foram tão influenciáveis! - Disse Grinbelone raivoso. Ai de quem os confunda com os Anões.

- Em formação! - Gritou Charles, e o Centauro correu com ele para ajudá-lo.

Os dois exércitos se emparelharam. Não podiam ver as expressões dos inimigos por causa da distancia, mas já estavam prontos para a batalha.

Val correu os olhos pelo inimigo e sentiu vontade de gritar, mas já tinha passado por coisas mais terríveis, não tinha porque querer parar agora. Afinal, havia mundos e mundos dependendo daquilo.

Então correndo os olhos mais uma vez achou o que procurava, e logo mostrou para os amigos que assentiram ao ver.

Era Naíra.

Era Nisama.

Ela trajava negro. Um longo vestido acompanhado de uma capa, também negra. Estava em cima de uma alta rocha para poder comandar todo o seu - aqui entre nós, nojento - exército, dava ordens que pela menina não podiam ser ouvidas, mas acompanhando seus gestos podia ver lobos mudando de lugar e passando as ordens adiante. Uma criatura começou a andar na direção do exército deles, mas Val não conseguia identificar o que era; parecia um lobo muito grande, e extremamente forte, só que andava nas patas traseiras como um homem, e trajava armadura também igual ao um homem. Seu pelo era cinza e seus olhos faiscaram quando chegou mais perto.

- O que é isso, Sr. Guminus?

- Um lobisomem Valquíria, há duas dúzias deles.

- Oh meu deus...

Então ela viu Amdar ir em direção á ele. Caminhavam para o centro da batalha e ao passo que chegaram não se cumprimentaram, porém todos puderam ouvir o Lobisomem grunhir e Amdar nem ao menos se mover. Falaram algumas palavras e viraram as costas.

Amdar voltou e transmitiu algumas coisas para o Centauro com Charles. Como o irmão fez cara de indiferente, ela nem quis perguntar o que ocorreu. E de repente sentiu todo o seu exército se comprimir e bater os escudos, era agora. Filas foram formadas e Charles começou a correr com o Centauro na frente delas.

Ao passar na frente de Val - que estava montada em um cavalo -, ela percebeu que o irmão gritava algumas coisas, mas ela nada



ouvia. Estava surda e apenas pode ver todos saírem em disparada, também foi.

Quando faltavam ainda trinta metros para se chocarem, Charles deu o sinal para os Elfos, que estavam atrás das montanhas, e estes surgiram de surpresa derrubando, com uma pontaria impecável, às três primeiras filas de inimigos. - Uma grande vantagem para eles -, Guminus também acertou os seus, levando palminhas dos Centauros ao lado.

O primeiro impacto foi duro e dolorido, entre os dois exércitos. A menina saiu ilesa dele e também não acertou ninguém, só passou galopando com força entre eles. Ao passo que ela viu várias Feiticeiras e Bruxas à frente, elas batalhavam com alguns Faunos.

Havia duplas duelando, alguns caíam no chão e se levantando, outros não levantando mais. Felinos contra lobos foi o primeiro destes embates que aconteceu. Ursos cuidavam de criaturas um pouco maiores, das quais Valquíria nem sabia que existiam.

Mais à frente ela viu um grandíssimo grupo de Kelpies, - demônios aquáticos, que parecem cavalos com uma crina de junco verde nas costas, atraem pessoas para montarem em si e então as levam para as profundezas -. O aparecimento destes demônios deixou todos que ali estavam um pouco aflitos, mas sem terem tempo de pensar os Ratos já corriam na direção deles e decapitavam um a um. Valquíria sentiu que também precisava fazer alguma coisa em vez de só ficar ali olhando.

Assim que a menina decidiu atacar um búfalo enorme que acabara de matar um dos guerreiros Tüks, - uma péssima escolha, eu diria - dois trasgos enormes saíram do palácio. Ela pode ouvir Naíra gargalhar em algum lugar por ali, e também sentir todos recuarem para trás. Eram grandes e nojentos na opinião delas, e apesar de serem criaturas bobas de quatro metros de alturas. Aqueles eram agressivos e fortes, e sim, com quatro metros de altura.

Mas outra coisa agora fazia mais barulho que os Trasgos, Anões vinham correndo, da lateral de uma das montanhas - que havia em volta -, e não eram amigos. Eram traidores.

Assim que os nossos Anões os avistaram, correram em sua direção. Uma luta pela dignidade de uma raça ia começar ali, e Grinbelone devia estar no meio, pensou Val. Mas ela não o achou.

Machados matavam os inimigos pelas mãos de nossos bravos guerreiros.

Machados matavam nossos animais, pelas mãos dos fortes Trasgos.

Assim que Val conseguiu desviar os olhos dos Trasgos que golpeavam cavalos sem piedade, ela avistou Trevor.

- Maldito, não acredito que também está aqui! - Ela fala sozinha, e para seu espanto ele imobiliza três castores. Covarde, lutando com os pequenos.

Valquíria se lembrou da força que teve para matar os Grindylows e galopou instintivamente em direção ao Texugo, fora tão rápida que ele só percebeu quando ela já estava a dois metros, e assim ela matou o primeiro daquela batalha.

Precisava de mais força no braço que imaginava, teve que parar para descansar depois disso. Mas estava satisfeita e não se sentia culpada.

Contudo, você pode imaginar, que não há como parar do nada em um campo de batalha e descansar, então dois Lobisomens vieram para cima de Valquíria. Ela tentou fugir com o cavalo, mas não conseguiu, teve que pular. Corria, em meio à luta, dos dois e pode ver de relance um sendo acertado por quatro flechas - de prata - de uma só vez, ao passo que Guminus surgiu do lado do cadáver, ela sorriu - ainda correndo -, mas logo parou pois o outro Lobisomem ainda estava atrás dela.

Ele salivava sem parar, e ela achou que ele até sorria. Guminus correu na direção deles. Val começou a perder o fôlego. A criatura foi se aproximando. Guminus mirou e soltou as flechas, só que acertaram uma Bruxa que se colocou na frente - sem perceber - no exato instante. Ela perdia o fôlego. A criatura já estava encostando na menina. Guminus começou a gritar e tentar passar no meio de todos aqueles animais, quando a criatura colocou as garras nos ombros da menina parada. O Fauno tropeçou e imediatamente um cadáver de um imenso lobo caiu sobre suas pernas, ele apenas levantou o rosto...

- Valquíria... - Guminus não ouvia mais nada.

Até poder ver algo que não acreditou, no último instante a menina se virou em um segundo de frente para o Lobisomem enfiou a lâmina de sua espada no seu corpo. O cabelo dela cobria-lhe a face e ela gritava, um grito de dor pela força exigida.

Estava em frente ao seu segundo cadáver, pensou ela. Retirou a espada e viu Guminus caído a uns dez metros, ele sorria.

- Sr. Guminus? - Ela ajoelhou-se ao seu lado e ajudou-o a remover o lobo.

- Pensei que não ia conseguir, querida. Ainda bem que estas são feitas de prata, ham?! - Disse ele apoiando-se na espada dela.

- É, exige força. - Os dois sorriram.

A terra inteira tremeu. Guminus segurou Valquíria para não cair.

- O que é isso, Sr. Guminus?

- Não sei, vamos ver.

E eles agachados passaram por várias Bruxas, que também pareciam estar atordoadas com o tremor. Subiram em algumas rochas e puderam ver do outro lado do vale, um enorme Gigante se encontrava ali.

- De onde ele veio? - Perguntou a menina.

Instintivamente ele agarrou o menor dos Tragos pelas costas e o girou em volta do corpo seis vezes, para assim o arremessar muito longe.

- Gigante um, Tragos zero. - Disse Val animadamente.

- Ali menina... Ha-há! Como presumi! Fora Zéfiros que o trouxe!

Logo em cima do ombro o Gigante, Zéfiros se encontrava sentado balançando as pernas e dando palmadinhas de parabéns na lateral do pescoço dele.

Os dois amigos riam divertidamente daquilo, ao passo que viram o outro Trasgo indo em direção ao Gigante e Zéfiro desaparecendo. E dali se passou alguns minutos e nada de pontos para nenhum dos dois.

- Você viu meu irmão, Sr. Guminus?

- Não menina, é melhor ir procurá-lo.

- E você?

- Vou dar um jeito nessas feiticeiras, depois ajudar nosso amigo. - E indicou com a cabeça o Gigante. Antes que as Hags apareceram, certo?!

- Elas virão?

- Não faço à menor idéia, mas... E não se preocupe com Grinbelone, estive com ele até agora, e se tem alguém aqui que está se divertindo é ele.

Val tentou sorrir, mas não conseguiu.

Charles galopava firmemente em cima do Centauro. Este matou dezenas e dezenas desde que a batalha começou, mas o menino só se escondia, no máximo o ajudava quando vinham dois para cima dele de uma só vez, - o que não acontecia com muita frequência, pois ninguém se aventurava com um Centauro -.

Entretanto houve um momento em que Charles se ergueu no dorso do Centauro um tanto demais, para ver se já era a hora de chamar as árvores, mas antes que pudesse tirar alguma conclusão um Anão se atirou em cima dele e o derrubou do Centauro, este imediatamente sentiu a queda e se colocou a lutar com o loiro Anão.

Havia muitos cadáveres por ali, via o menino. Mais do que imaginava, e o pior é que não eram só inimigos, tinham de seu próprio exército também. Mas olhando apenas aqueles não dava para saber se estavam ganhando ou não. Não tinha como saber se só havia mais cinquenta de seu exército ou quinhentos. E interrompendo os pensamentos de Charles um Hinkypunk jogou-o para trás e começou a avançar.

A sacola de Charles havia aberto, e ele tentava se arrastar para trás sem dar as costas para o Hinkypunk que vinha em direção a ele. Os objetos da sacola começavam a ficarem esparramados no chão e ele com o olho procurava desesperadamente algo que pudesse o ajudar.

O demônio puxou suas pernas para si, e o deixou bem debaixo de seu nariz. Ele parecia estar gostando o momento de matar um guardião, pensou Charles, que apalpava desesperadamente as coisas as suas voltas.

Diabos! Pensava ele, eu sou mesmo um guardião, e não vou deixar mais um *monstrinho* desse me fazer de idiota. E nesse exato momento, ele apanhou algo e puxou para si; era a máquina-fotográfica. Antes que o Hinkypunk enfiasse a lança em seu peito ele tirou uma foto dele.

O monstrinho cambaleou para trás e caiu no chão, gemendo sem parar, como se estivesse com dor de estômago. Não demorou muito para um Elfo aparecer e matá-lo.

Nosso pequeno guardião acabou por ficar ali, esperando que o Centauro voltasse, tirando fotos de todos que chegam para uma luta, até que em sua ultima foto saíra alguém não muito esperado.

- Val?

- Charles! O que você está fazendo?

- Lutando...

- Ah pelo amor de deus, vamos logo!

Ela o levou de volta para o Centauro que começou a se desculpar por ter perdido seu irmão, mas ela virou as costas, pois tinha acabado de ouvir uma voz que não acreditava que fosse.

Rubia estava virada para ela, rindo.

A Bruxa continuava do mesmo jeito do que da ultima vez que a tinha visto, só que agora havia algumas manchas de sangue sobre suas vestes e não pertenciam á ela. As duas se olharam com suas armas empunhadas, sabiam o que ia acontecer, começaram a se rodear como quem se prepara para um combate.

- Oh! Será que eu duelarei com uma guardiã? - Sua voz de deboche era nojenta.

- Isso seria respeito, Rubia?

- Faça-me rir menina! - Disse ela após uma gargalhada. Será um prazer imenso matá-la.

- Acho que não será tão fácil assim.

- E suponho que você ache, que para ti será? Menina, menina tu não sabes que eu estou mais louca do que nunca, não sei do que sou capaz de fazer... - Val sabia que aquilo deixava claro que a bruxa, na verdade estava mais sóbria do que nunca e com isso a menina fez sua parte.

Valquíria jogou os cabelos para trás em uma gargalhada louca, - depois ela pode jurar que devia ser Maga tomando conta dela -, e deixou os cabelos caírem lhe sobre a face.

- Oh Rubia, não creio que você ache que estou muito sã, não é? - Ela viu o receio nos olhos da outra, todos ali tinham medo da loucura.

E nisso dois Kelpies caíram mortos no meio do círculo que elas estavam traçando. As duas olharam para os dois que seguravam duas lanças de madeira. Val ao ver o olhar da Bruxa compreendeu e junto á ela, se abaixou rapidamente e pegou sua lança. Guardaram as outras armas.

- É só o que tem a dizer então, guardiã?

- Dizem Rubia... Que eu agora tenho... Dois brilhos nos olhos!

Ao ouvir aquilo, Rubia deu um berro e foi em direção á Valquíria, ambas começaram a travar uma intensa luta com suas lanças. Nada as impedia agora, e nada de fora as impediria de ir até o fim.

Não se via mais nada, á não ser o movimento freneticamente rápido dos cabos de madeira, ás vezes alguém de fora jurava ter visto mais de três lanças, de tão rápido que estavam, mas de repente ouviu-se um uivo fino por todo o campo. Rubia se afastou da menina e parou. Ali ela percebeu que não ganharia, mas já não importava mais, ele estava ali.

- Do que está rindo? - Val não entendia a Bruxa.

E sem dar tempo á nada Rubia saiu correndo. Val jogou a lança para o lado e já ia atrás da Bruxa, até que no lugar dela aterrissou algo, ou melhor, alguém.

- Erl King! – Gritou a Sra. Castor ao seu lado.

- Quem?

- Oh menina! Aquele em que já foi rei dos Elfos, mau... Seqüestra crianças...

E a Sra. Castor saiu correndo na direção contrária. Val decidiu lutar com aquele que estava em sua frente, mas quando voltou á olhá-lo, ele já lutava com cinco Elfos de uma só vez. Val os deixou, pois parecia que não demoraria muito para os Elfos terem o controle da situação.

O Gigante ainda lutava com o Trasgo, e o primeiro já estava muito ferido, parecia não ter muita experiência em combates. Havia muitos corpos e armas esmagados por ali, mas então Grinbelone e Guminus passaram correndo por Val.

- Aonde vão?

- Oh madame, - Disse ele sem parar de correr. Vamos dar uma ajuda para o grandão ali!

E nisso Guminus colocou a mão no ombro do Anão e continuaram a correr sorrindo. Talvez tudo fosse dar certo, afinal.

Mais acima, em outro nível de rochas, Val viu Naíra soltando raios para todos os lados. Ela acertava de cinco em cinco e logo os matava.

Mas ao se virar para trás, só conseguiu ver dois pares de olhos vermelhos... Apagou.

O desmaio de Valquíria não durou dez segundos, porém quando ela se levantou a imagem que tinha visto ainda flutuava em sua mente. E olhando para frente agora, vendo as coisas se acertarem, teve um susto tão grande quando o outro. Como se tivesse levado um soco no estomago, ela viu...

Os olhos vermelhos estavam na sua frente, e eles pertenciam á uma boca de dentes afiados em uma cara azul, havia apenas um olho, e garras de metal, os cabelos cheios e desfiados exibiam um largo sorriso. Ela havia a achado, não tinha mais como se esconder.

Destino maldito, a menina quase pensou. Uma Hag no meu encalce, e um demônio no de minha Outra Parte, o que eu faço...

Annis Preta estava infinitamente feliz de tê-la encontrado. Não havia parado de pensar em sua presa desde a ultima vez que a vira, e agora nada a impediria.

- O que-que está fazendo aqui? – Gaguejava Val. As Hags não vieram para esta batalha.

- Você não achou que eu a deixaria, não é? – E fez um bico de quem fala com crianças.

- Podem ma-matá-la aqui.

- Tsc tsc, querida. Sou uma Hag, e você sabe muito bem que o único jeito de me matar, é extraíndo de mim, algo que só quando estou fora do meu corpo está. E não é o caso agora, certo?

- Por que você me quer?
- Quando *como* ganho força. Imagina a força que eu ganharia com uma guardiã! Sem contar que quando eu escolho uma presa... Tenho que acabar.
- Sabe... - Val achou que poderia fazer o mesmo que fizera com Rubia. Dizem que eu tenho dois brilhos nos olhos.

A outra gargalhou, a menina havia perdido.

- Querida, eu sei que você tem a loucura dentro de ti. E você sabe que eu já a tinha visto. - Ela não tinha medo daquilo, porque... A loucura Valquíria, é uma coisa que todos temem... Todos. Mas o lugar onde a loucura foi criada é outra coisa... Um local onde você não tem controle de nada... E eu querida, fui não só criada lá, como carrego o máximo que posso daquele lugar... *Comigo*.

Annis era uma das personificações mais íntimas da loucura.

A última palavra da Hag fora dita intensamente, e no meio de sua risada ela desapareceu, mas Val sabia que ela ainda estava ali. A olhando, pronto para atacar. Val olhava para todos os lados em busca de algum sinal, rodopiava sua espada sem sucesso algum.

Charles olhava para todos os lados, o último Trásgo foi abatido, mas ainda restam as Bruxas e animais hediondos. Quando ele avista Val sozinha no alto daquelas pedras, balançando sua espada, ele lê sua mente, e entra em pânico.

Ele assovia. De uma maneira alta demais para não ser com mágica.

Árvores invadem pelas laterais do campo.

Um assovio faz Annis voltar a ser visível, elas se olham. E depois seus olhares se dirigem para o mesmo lugar; Maga está vindo.

Como que por mágica - ou por sensibilidade -, Maga se coloca entre as duas e Annis recua. A Dríade olha com força para a Hag. Esta, antes de qualquer coisa olha para Val e diz.

- Eu vou atrás de você, em qualquer dimensão. - E some.
- Você pode matá-la Maga?
- Não, só Outras Partes juntas, ou melhor unidas. Podem com as criaturas da extrema loucura.

Charles ao acabar de chamar as árvores e os espíritos, se concentrou em Naíra que estava a alguns cinquenta metros dele. Correndo entre as rochas ele já estava em seu encalce e ela não podia vê-lo. Havia uma espada no chão ao seu lado, mas quando foi ferida alguém o empurrou e ele só conseguiu fincar seu casaco no chão.

Ao ver o que o menino havia feito, a Hag no corpo de Nisama estremeceu e puxou com toda a força seu casaco, ao ver quem chegava. Mas por um breve descuido caiu sobre a rocha ao lado de Charles e machucou a perna. Quando os olhos dela encontraram os do menino uma grande Águia chegou e a levou para o palácio.

Dos céus todos puderam ver que Hans chegava. Simplesmente voando ele derramava estrelas - de bocejos - sobre o resto dos

inimigos. E em sono profundo foram caindo, e a batalha acabando. Ainda depois, ele fez a bondade de adormecer por hora, aqueles muitos feridos, até poderem suportar as dores.

O céu estava bordô.

## **Capítulo XXII**

### **O Duelo**

*“Nisama volta á ser Nisama.”*

O som estava calmo e a brisa suave, havia acabado. Os corpos estavam sendo empilhados e os feridos estavam sendo tratados. Os dois irmãos Valeinstain tinham acabado de sentar na relva para descansar, antes de começarem a ajudar mais uma vez.

- Olá.

- Hei Grinbelone! Onde estava?

- Fui arrumar o enterro dos Anões, - Ele sentava-se cansado. Fiquei de cuidar da cerimônia. Tudo bem com vocês?

- Aham. - Dizia ela apalpando algo no seu calcanhar.

- Tudo ótimo. - Disse Charles. Hei Sr. Guminus! - Disse ele repetindo a saudação e fazendo Grinbelone rir.

Guminus veio brincando com um cordão vazio.

- Não acho Naíra.

O espanto caíra sobre os três e eles se levantaram.

- Nem Zéfiros.

- Procurou em todos os lugares?

- Quase. Só não procurei no palácio, menina. - Ele a olhou com as sobranceiras erguidas.

- Porque *sabe*, que eles estão lá, não é?

- Isso mesmo Charles.

- Temos que ir Val!

Os dois se levantaram e viraram-se em direção ao palácio.

- Onde vão? - Ela indagou á Guminus e Grinbelone.

- Com vocês, madame.

- Não, não vão não. Todos precisam de vocês aqui, não haverá nada para fazerem lá dentro. Obrigada, mas nós vamos sozinhos.

Grinbelone abriu a boca para falar outra coisa, mas Charles lhe deu um abraço e falou antes de ir.

- Foi uma bela batalha Grinbelone, ótimo plano hein.

A porta rangeu de forma, quase macabra quando a abriram. O palácio estava escuro e tinham que tomar cuidado para andar, decidiram não acender nenhuma lanterna.

Ao passarem por alguns corredores, indo para a sala do trono, eles depararam-se com um vulto e a poucos centímetros deles, ficaram com medo. Seus gritos foram abafados por uma mão em cada boca.

- Quietos! Temos que ser silenciosos. - Era o Ele.

- O que está acontecendo? - Sussurrou Charles.

- Como vocês demoraram! - Ele fez sinal para o seguirem.

Enquanto o Ele andava suas largas vestes de cor verde flutuavam com o vento, e seu alto chapéu quase batia no teto. Val o achou uma bonita figura.

Ele parou no fim do corredor, as crianças sabiam o que estava do outro lado.

- Bem, bem... Bem. Vamos acabar de uma vez com Naíra, certo? Vocês não lutarão com ela, sou eu que o farei. Mas vocês terão que fazer outra coisa, - E com isto ele mostrou o pingente da Hag em frente seus rostos. Vão ter que destruí-lo na hora exata e tem que ser na frente dela.

- A hora exata é quando ela sai do corpo de Nisama e entra no dela certo?

- Sim menina. E não se preocupem, o corpo dela já esta aqui. Eu o trouxe. Agora assim que vocês o destruírem na frente de Naíra, eu a mato. Muito bem?

- Sim. - Disseram em uníssono.

- Mantenham-se escondidos. E façamos mais uma coisa...



Eles entraram na sala do trono.

Ela só não estava totalmente mergulhada na escuridão, pois havia tochas com labaredas verdes nas paredes. Ao lado do trono havia uma cama com um corpo adormecido, devia ser Naíra. Nisama estava andando de um lado para o outro ali em cima.

Os dois se esconderam atrás de uma parede. E ficaram a observar.

Zéfiros entrou e ela parou de andar. Entrelharam-se, até ele continuar caminhando em sua direção.

- Estava ansiosa pela minha chegada, querida?

- Não se faça de tolo! Você sabe muito bem, que só estou te esperando porque sei que está com você.

- O que? Não sei do que está falando. - Ele parou á alguns metros das escadas do trono.

- Não me encha o saco, seu feiticeirozinho. Eu sei que aquela imprestável da Annis o deixou pegar o pingente.

- Em primeiro lugar, não fui que o peguei e sim os guardiões do Cálice e do Livro. Em segundo lugar você não devia falar assim da Annis, sabe de onde ela vem...

- Como se isso me importasse agora. Ande! Qual será a troca?

- Sinto muito querida, mas não haverá troca. - E vendo a cara de incrédula que ela fez, prosseguiu. A moda antiga?

Ela sorriu.

- Oh, seu feiticeirozinho esperto. Se assim insiste...

Então Nisama rodopiou no ar e assumiu a forma de Naíra. Ainda era o corpo de Nisama - sabiam disso, porque o outro corpo ainda continuava ao lado -, mas esteticamente parecia Naíra. Ela poderia ser muito bonita, se não fosse à crueldade que lhe saía pelos poros.

O Ele cobre-se com sua capa e em um gesto rápido torna-se branco, todas suas vestes.

Raios são lançados da mão da Hag e Zéfiros desvia sem dificuldade alguma. Poderes, jatos de luzes caem sobre os dois e eles continuam o duelo correndo por todos os lados do salão. Ela voa em direção á ele, mas ele a faz descer novamente, ele voa em direção á ela, mas ela também o faz voltar ao chão.

Ela age diferente agora. Cipós saem de suas mangas em uma velocidade incrível e amarram Zéfiros. Ouvem-se as risadas da Hag, mas logo param e se transformam em dois olhos arregalados. Pois o Ele pegara fogo por completo fazendo-a largá-lo. Ele volta a sua forma natural e lança um jato de luz branca em sua direção fazendo-a cair para trás.

Ela se ergue sentando no chão e apoiando as duas mãos no piso frio, faz surgirem gigantescas - e grossas - raízes em baixo do Ele, elas o agarram e jogam-no contra uma parede. Do chão ele levanta e a Hag já estava em pé e voando em sua direção, mas quando ela mergulha sobre ele, Zéfiros se transforma em dezenas de camundongos brancos e dispersa dali. Contudo a vilã se materializa na forma de um imenso gavião negro e corre atrás dos pequenos camundongos.

Os dois voltam á suas formas originais.

Um duelo mental seguiu. Pararam a menos de cinco metros um do outro e assim começaram a se olhar intensamente. Não há como sabermos o que aconteceu, o que um fez com o outro, mas através das expressões que a Hag mostrou entendemos que o Ele parece estar ganhando.

Ele a obrigou a se jogar no chão, ao passou que de repente ela começava a passar a mão compulsivamente em seu próprio corpo como que para tirar alguma coisa. Ilusões. Ela pára e o Ele começa a olhar em volta como se estivesse procurando alguma coisa. Foi a sua vez.

Depois de dois minutos, o Ele com sangue sobre o rosto dá um forte tranco com o corpo e Naíra cai pra traz. Ele se ergueu no ar trazendo dois grandes pedaços do piso com ele, sem que deixasse ela conseguir pensar os arremessou contra ela.

Nisama volta á ser Nisama.

Um novo corpo na sala despertava forte e sem mancar, por ainda não ter lutado.

- Seja bem-vinda de volta ao seu corpo, Naíra.

- Sabe que eu até senti saudades. – E com isso, a bela Hag voa em direção á ele, com uma terrível feição que fez até Zéfiros arregalar os olhos, depois de fazer o corpo de Nisama desaparecer.

Uma nova luta de explosões coloridas – que mais lembravam fogos de artifícios – aconteceu. Eles voavam em círculos e rodopios por todo o salão. E é nesta hora que você me pergunta, onde está Valquíria e Charles?

Os dois irmãos assistiram todo o duelo de trás da parede, a segurança e o medo contraditoriamente se propagavam sobre eles. Mas nem por isso eles um segundo sequer deixaram de acreditar que Zéfiros perderia aquela batalha.

Alguns minutos mais tarde, Val foi sacudida por uma dor latejante no pé, estava sangrando. Devia ter se machucado com Rubia, achou melhor tirar os sapatos e ficar descalça. Estava com uma péssima aparência, o calcanhar inteiro mergulhado em um sangue escuro, mas agora não era o momento.

Charles achou emocionante quando Naíra soltou grossas raízes para cima de Zéfiros, até sentiu-se um pouco envergonhado da pequena parcela de inveja que sentiu dela, naquele instante. Contudo tinha que se concentrar na deixa deles.

- Val! – Disse ele um tempo depois. Ela já voltou á ser Naíra!

- Mas nós temos que esperar a hora certa.

E Charles foi espiar.

Naíra então viu um rosto e percebeu o que tinha que fazer. Ao passo que fez uma encurralada para o Ele, dominou-o com extrema habilidade e sem deixar os dois Valeinstain acreditarem no que viam, ela prendeu o Ele.

- Há! E agora? Onde estão os seus ajudantes? – Foi um pouco fácil demais pensou ela.

- Que ajudantes... Naíra? – Ele estava sentado com uma bola roxa que ela havia feito, em volta dele, arfante.
- Crianças, eu sei que vocês estão aí. Entreguem-me o pingente e eu não o matarei.
- Não entregue Val. – Ele sussurrava
- Ela vai matar Zéfiros! – Ela se levantou e apareceu para a Hag.
- Aha, eis a menina. – Naíra mantinha uma mão em direção ao Ele. Como foi mesmo que você se apresentou pra mim? Ah! Srta. Lewis, suponho?

Valquíria havia se esquecido daquilo.

- Não quer chamar seu irmão? Ele devia querer participar da festinha, afinal você não me parece ter o que quero em mãos.

Charles apareceu um pouco tímido e receoso. Parou ao lado da irmã, mas nem a tocou, sua face expressava uma pergunta, como irão se livrar daquilo agora? Não se atrevia nem olhar para Zéfiros, eles tinham o despontado. Era o que o menino mostrava claramente á Naíra.

Mas surpreendendo Naíra, Val segurou em uma única parte do pingente e o mostrou. Era ela em que estava com ele.

- Oh, então é você mesma que está com ele? Dê-me.
- Não.
- Dê-me.
- Solte o Ele.
- Dê-me já.
- Solte-o.
- Certo, faremos a troca ao mesmo tempo. Ok?
- Val, não. – Charles balançava as mãos.
- Certo.

A Hag estava quase fechando a mão sobre o Ele e Val entregando para ela o colar.

O colar entregue, mas o Ele não.

- Solte-o!
- Ah... Hum, não. Agora...
- É melhor soltá-lo. – Val estava séria e a olhava por cima dos olhos.

Mas Naíra já estava olhando para o pingente, ela tinha conseguido e agora era só uma questão de segundos para ter tudo sobre controle novamente. Mas espere um instante...

- O que é isso? – Disse ela erguendo um pingente de um símbolo do infinito completo na frente deles, não um quebrado.
- Eu avisei. – Disse Val sorrindo.

Charles exibindo um igual sorriso ergueu algo na frente da cara da Hag. Era um infinito quebrado.

- Ah! – Horrorizada soltou Zéfiros, mas antes que pudesse avançar no menino ele jogou o pingente no chão e o quebrou. Não!

Uma pequena aura verde brilhante saiu do pingente e entrou pela boca de Naíra. Seus olhos giraram um pouco e ela começou a tremer.

Zéfiros ergueu sua mão na direção dela, e Naíra desabou por completo. Val chegou até me dizer depois, que se ela não tivesse

morrido com o que o Ele fez, ela o teria só pela batida com a cabeça no chão.

- Bem, bem, bem. Vocês foram muito bem.

- Obrigada! Ela morreu mesmo? – Quis saber a menina.

- Sim. – Ele trazia flutuando, dentro de uma imensa bola azul, o corpo da Hag.

- E agora tudo volta ao normal?

- De certa forma, e não me deixem esquecer de devolver isso para Guminus. – Ele indicava o falso colar.

Ao saírem, a noite caía sobre todos, mas ali estavam iluminados pelas luzes que haviam no povoado.

Rostos ansiosos, e um corpo fora erguido para eles. Aplausos.

Valquíria e Charles puderam ver as faces de Grinbelone e Guminus na multidão, eles sorriam e batiam palmas. O Anão ergueu sua mão em direção á eles.

Até que era uma cena bonita, Ele pensou.

## Capítulo XXIII

### Uma Primavera adiantada

*“...não precisava fazer o menor sentido, apenas rimar.”*

Sorrisos estavam sendo distribuídos. Ao passo que o Ele começou a descer os degraus em direção a todos, e atrás dele foi um saltitante Charles. Valquíria estava pronta para ir atrás do irmão e ver seus amigos, porém tudo começou a sair de foco na sua visão. Algo estava doendo muito.

Quando Charles virou para chamar a irmã seu sorriso se desfaleceu ao vê-la. Val parecia estar ficando tonta como se estivesse perdendo o equilíbrio e sua face estava expressando dor.

- Zéfiros! - Gritou ele, enquanto corria para apanhá-la.

Val viu vários borrões correndo em sua direção e depois não ouviu mais nada.

A primavera havia sido adiantada, segundo Guminus não ficaria bem a celebração ser no inverno. Logo Zéfiros deu um jeito e trouxe a primavera três semanas antes.

Valquíria havia passado mal por causa do ferimento no tornozelo, assim que ela despencou Guminus, Grinbelone e o Ele vieram ao chamado de Charles e a levaram para um lugar mais calmo. Ela fora rapidamente curada, mas acordou apenas dois dias depois em um dos quartos do palácio.

O corpo de Naíra devia ser colocado - a pedido de todos - o mais fundo possível e algumas rochas jogadas em cima. Então o Ele abriu uma grande cratera dentro da montanha que se estendia logo ali e a jogou no fundo, segundo todos para nunca mais ser despertada. Mas eu posso dizer á você, que ainda não havia nascido uma força que pudesse ressuscitar uma Hag, logo eles não tinham com o que se preocupar.

Val não pode assistir estes dois acontecimentos, pois ainda não acordara. Mas quando chegou o dia em que despertou, Charles estava na beirada de sua cama lendo um livro.

- Cha? - Estava se espreguiçando.

- Uhu, você acordou. - Fechou o livro e o colocou de lado. Você ficou dois dias dormindo.

- Meu tornozelo?

- É. Mas não foi nada muito grave, só o sangramento.

Ela olhou e não havia nem ao menos uma cicatriz. Ao passo que ele a avisou dos últimos acontecimentos.

- E haverá uma cerimônia.

- Do que?

- Grinbelone, fora coroado como o melhor guerreiro da batalha e ainda os Anões pediram para ele ser o primeiro rei. Uma vez que o antigo rei era um dos que nos traiu na batalha.

- Que ótimo! - E impedindo ela de continuar, os dois amigos entraram pela porta do quarto.

Houve uma grande explosão de risos e exclamações.

Todos estavam muito felizes e espremidos na cama de Valquíria, mas antes de voltarem ao assunto, ela teve que aturar Grinbelone insistindo se não precisava de nada. Quando o convenceu houve um alívio coletivo.

- E haverá uma celebração para vocês dois.

- O quê? - Exclamaram juntos.

- Sim, para os guardiões. Nada disso teria acontecido sem vocês. - Disse Guminus, como se fosse à coisa mais óbvia que ele já havia dito.

Mas para Valquíria e Charles não era. Ela comunicou-se com ele mentalmente, tinham que conversar sobre aquilo depois.

- Sem contar, que temos motivo para uma grande festa, não madame?

- Oh sim. Deviam vir todos. - Disse ela meio evasiva,

Assim deixaram ela acabar de se recompor e depois se encontraram na sala de banquetes do palácio. Fazia tempo que não comiam decentemente.

O palácio parecia outro, ou melhor, estava idêntico a aquele em que eles viram quando voltaram no tempo. Reluzente, cheio de flores vivas e coloridas, o branco predominava mais e viam-se diversas criaturas circulando por todos os corredores. As Amas e os Guardas pareciam um pouco sem jeito - segundo Charles desde que Naíra morreu -, ainda estavam confusos por terem sido enganados.

Enquanto Val andava pelos corredores sentia a alegria vibrar por ali. Estava tão feliz, tão bem disposta, que não pode deixar de exibir um largo sorriso no rosto, só não esperava esbarrar com quem esbarrou.

- Vejo que alguém está feliz aqui.

- Rainha Nisama? - Val abaixou a cabeça para fazer uma reverência, mas foi impedida.

- Não, não. Alguém que contribuiu para salvar minha vida não se abaixa para mim.

Ela vestia um vestido cor de rosa, suave como seu rosto. Seus cabelos caíam vivamente pelos seus ombros, e ela exibia pura vitalidade e equilíbrio. Ao olhá-la passou uma serena calma para Val.

- Muito obrigada. - Disse ela. Por tudo que fez por esta dimensão, e inclusive por todas.

- Eu... - Mas desistiu. E o Cálice e o Livro?

- Naroselvan já me entregou-os. Na cerimônia os verá e poderá se despedir.

Sem entender Val só acenou e prosseguiu o seu caminho.

O cômodo não estava tão cheio quanto ela esperava encontrar, havia em uma ponta da mesa alguns Castores que conversavam entusiasmadamente com Romeu. Pareciam estar discutindo um tipo de parceria, ela acenou quando passou. E depois dois Faunos estavam em pé logo mais adiante, abaixaram sua cabeça para ela e ela retribuiu. Porém ali estavam, no final da mesa os que queria primeiro encontrar.

- Com fome Valquíria?

- Você nem imagina o quanto, Sr. Guminus. - Sentou-se junto á eles. Encontrei Nisama vindo pra cá...

O café fora maravilhoso, eles comeram até suas barrigas estufarem, com exceção de Charles que continuou mesmo depois disso. Quando já estava no seu quarto pão, todos se rebelaram.

- Meu deus menino, você só tem sete anos!

- E daí Grichbelone? -De boca cheia, claro.

- Não fale de boca cheia Charles! E chega, você vai ficar é com dor de estomago. - Ela foi tirando o seu prato.

- Mash, mash... Val!

- Devemos todos nos vestir apropriadamente para a cerimônia, vocês dois terão roupas em seus quartos. – Disse Guminus ignorando o menino que agora já não mastigava mais.

- Ta bom...

- Oras Charles, não quer ir à festa com esses trapos, não? E também já arrumem sua sacola, pois antes do por do sol partiremos.

Charles e Val foram pegos desprevenidos, teriam que ir embora. Finalmente iriam embora. Mas já não sabiam se queriam ir, e todos os outros? Quando voltariam á se ver? A tristeza se abateu sobre eles de uma forma clara, o resto da gula de Charles desapareceu e ele abaixou a cabeça na mesa.

- Oh meu caros, vocês sabem que tem que ir. – Era Grinbelone debruçando-se sobre a mesa. E seus avós? ... E sua mãe?

- É, nós sabemos. É que sabe... Vamos sentir tanto a falta de vocês! E de tudo isso!

- Eu sei madame, eu sei. Mas todos nós sentiremos a falta de vocês.

- É, mas vocês estão juntos, não é? – Charles parecia quase magoado.

- E vocês também! Sem contar querida, que uma vez Guardiões, sempre Guardiões.

- Teremos que voltar? – Perguntou esperançosa.

- Se for preciso... – Disse Guminus com uma piscadela.

Foram para seus quartos se arrumarem, um pouco mais calmos. Val vestiu um longo vestido bordô e penteou seus longos cabelos castanhos. Não demorou muito para Charles aparecer em seu quarto vestindo uma bata azul medieval, ele até que ficava engraçadinho. Havia trazido a sacola, para ela poder colocar seus – poucos – pertences.

Tinham combinado de se encontrar com os outros dois, embaixo da grande árvore que ficava ao lado de fora do palácio. A festa aconteceria tanto dentro quanto fora. Mas quando iam chegando avistaram outros conhecidos. Só que não conseguiram chegar neles.

- Ora os Guardiões! – Um Fauno que já estava um pouco alegre. O que me contam?

- Hum, teremos uma festa, não? – Disse Val querendo se desvencilhar dele.

- Ahh! – Ele gargalhou. Você é tão engraçada quanto falam mesmo Valfítia!

Ela arregalou os olhos para Charles, que voltou seus olhos para baixo e começou a rir compulsivamente. Por sorte, o Fauno avistou alguns Anões ali adiante e saiu cambaleando em sua direção, conseguiram fugir.

- Rômulo! – Gritou ela ao se aproximar.

- Aha, vejam só quem chegou. – Anunciou Paul, houve cumprimentos e ele perguntou. Onde estão os outros dois?

- Vem chegando daqui a pouco. – Respondeu Charles.

- Paul, onde está Jorge? Só vejo vocês três aqui, não vá me dizer que... – Ela levou as mãos á boca, seria possível ninguém a ter avisado?

- Oh minha Sra, eu lamento dizer... - Paul abaixou a cabeça. Mas Jorge, a esta altura já está... Na sua segunda cerveja, e olha ele aí!

Val olhou para trás e viu o Rato chegando e acenando para o grupo. Ela voltou-se para Paul que se dobrava de rir dela. Uma alegre perseguição começou com Valquíria atrás de Paul gritando lições de moral.

- Ah eu te mato! Sabe que não se deve fazer isso com as pessoas! - Quase o agarrou. Elas *podem* se assustar!

Ele ia mostrando a língua pra ela e correndo. Quando Jorge chegou, e viu tudo aquilo ficou sem entender, mas sorriu.

- O que está acontecendo?

- Paul disse á ela que você havia partido dessa para uma melhor e ela se assustou. - Disse Rômulo.

Depois que tudo estava mais calmo e agora o centro das atenções já era um grande debate sobre qual era a especialidade de raízes de algumas plantas, entre Charles e Luís. Jorge foi até Val - que estava sentada junto aos outros dois Ratos, todos entediados com aquela conversa chata dos outros.

- Então, você se assustou pensando que eu tinha morrido? - Disse ele em um tom divertido, arrancando uma cara de surpresa de Val.

- Mas vejam só...

Entretanto ela não pode continuar porque Guminus e Grinbelone tinham chegado e traziam importantes notícias

- Isadora está aqui e vai libertar Elias! Vamos logo, madame.

Todos eles, inclusive os Ratos se dirigiram para onde Guminus apontava. Guminus ia à frente, atrás Val e Jorge, depois Lanon e Charles ainda discutindo e atrás Rang, Paul girando os olhos para o dois a frente, porém agora tinham Grinbelone com eles perguntando.

- Por Zéfiro, por que eles estão falando disso?

Mas os outros dois só ergueram as mãos como se nem fizessem idéia. Havia uma grande multidão à frente, e passando por ela conseguiram avistar Elias e seu Alaúde, Isadora, Dulam e Amdar.

- Bom dia. - Dissera Amdar.

- Bom dia. - Disse Rômulo.

As crianças abraçaram Elias e ele agradeceu mil vezes com uma mesma frase.

- "Vocês irão para o céu, sem nenhum réu!

Vocês..."

Os Ratos perguntavam o que aquilo significava, ou se fazia o menor sentido. Mas os quatro amigos e os Elfos sabiam que para Elias não precisava fazer o menor sentido, apenas rimar. E essa pensou Val, era descrição mais linda que havia para se fazer de alguém.

- Neste momento, absolvendo-o de todos os seus pecados, cortando um trato selado, e assim esquecendo-se de uma palavra dada, eu fico feliz de dizer á você Elias Manuel Crocovisk Afonso Cristão Holmes I Guttenberg, - Ela exibiu um sorriso. Que deixará de cantar sem parar, para sempre e finalmente poderá encontrar sua amada. Também fico encarregada de dizer que você deixa de ser aqui, Elias um violonista impertinente para ser Elias um violonista eterno. Em nossos corações.



Lágrimas estavam sendo derramadas por quase todas as faces de todas as criaturas que ali estavam. E com uma pequena inspiração de Isadora, Elias, uma criatura tão angelical, tão inocente e simbólica. Foi subindo aos céus, ainda de frente para todos eles. Sorrindo. E perdendo a cor, misturando-se com o céu, fechando os olhos até não poder mais ser visto.

Houve um minuto de silêncio para aquele momento, até Valquíria poder ver que Isadora também soltava algumas lágrimas, ela foi abraçá-la.

- Obrigada Isadora.

E só depois de um longo abraço com a menina, a Feiticeira tirou os cabelos louros do rosto e a encarou.

- Amávamos ele. Mas ele *tinha* que aprender sua lição...

- Ele sabe, não se preocupe. Jamais teve raiva de você.

Uma sorriu para outra, e surpreendendo Val ela disse.

- Sua Outra Parte também está a esperando.

Valquíria virou-se para trás e viu Maga sentada conversando com uma flor, quando foi se despedir de Isadora esta já falava com outro.

- Muito bem, Charles Valeinstain o que me diz de tudo isso?

Uma divertida conversa se passou com Charles os Elfos e Guminus, pois Grinbelone estava com um grupo de Anões e os Ratos.

- Ele disse que queria te matar. - Disse por fim, Val á Maga referindo-se ao Grindylow.

- Mas você não vai deixar, ou melhor, não deixaria isso acontecer, certo? - Disse ela sorrindo. Afinal, eu a salvei daquela nojenta da Annis.

Val sentiu um toque humano em sua Outra Parte, talvez fossem parecidas sim.

- Claro que não. É só gritar se precisar de ajuda.

Risadas foram dadas. Até por Grinbelone e sua família que já sabiam agora de Grinch.

A cerimônia fora linda, Charles e Valquíria foram oficialmente nomeados Guardiões por Zéfiro que encantou a todos com sua presença e suas vestes roxas escuras. E junto a Guminus e Grinbelone receberam homenagens por terem salvado Glastonbury. Guminus ganhou lugar como conselheiro de Nisama. Grinbelone fora coroado herói da batalha, como primeiro Barão da corte dos pássaros e ainda ia ser nomeado Rei.

Nisama depois de ter exibido o Cálice e o Livro, renegou a posse deles e devolveu-os ao Ele, para que ele cuidasse de um lugar mais seguro. Só voltaria a ter contato com eles quando precisasse fazer uma nova profecia. Mas antes de dá-los, fez aquele lindo gesto novamente.

A rainha começou a murmurar uma canção ali em frente de todos, mas só para si e derramou o Cálice pelo Livro. Linhas foram escritas, mas desta vez só ela leu.

Aquele dia, agora ficaria para a história.

A festa seguiu-se e todos foram se despedindo aos poucos. Sentiriam uma imensa falta de tudo aquilo, mas já estava ficando

perto do pôr do sol. E Charles virou-se para procurar alguém e conseguiu o avistar em uma das janelas altas do palácio. Saiu correndo decidido a se despedir, e depois de subir todas as escadas teve que parar para retomar o fôlego.

Ali estava o Ele divertindo algumas crianças, ele havia produzido uma forma de um cachorro - do nosso mundo - e o transformara em uma girafa, depois em uma avestruz, depois em um bonito pavão e por ultimo em um hipopótamo. Todas elas gargalhavam ao ver qual seria o próximo animal, mas ao ver Charles se aproximar ele parou.

- Por hoje é só crianças. - Disse batendo as mãos e transformando o hipopótamo em pó que caiu sobre suas cabeças.

- Ah...

- Ora vamos, devem estar servindo a sobremesa.

E em um passe de mágica elas se esqueceram de tudo e passaram correndo por Charles.

- Olá Guardião. - Disse ele apoiando-se na janela e convidando o menino para se juntar á ele. Estes animais são novos para eles.

- Pode me chamar de Sr. Charles se quiser. - Disse ele divertidamente fazendo-o outro gargalhar.

- Bem, bem, bem Sr. Charles. O que me traz o senhor aqui?

- Vim me despedir.

- Só?

- Não. Queria saber se voltaremos a nos ver...

- Bem, eu já disse que eu estou no seu mundo, só que sobre outra forma...

- Não, eu sei. Digo, nesta forma.

- Eu creio que será possível. Afinal, não é tão rápido resolver um desequilíbrio mundial.

- Que bom. - Disse o menino inocentemente.

- Acho que Guminus já está o esperando.

Então Charles pode ver o Fauno, Grinbelone chamando a irmã que conversava com os Ratos e Nisama.

- É, posso fazer-lhe uma ultima pergunta? - Disse ele olhando para frente.

- Sim.

- Qual é o seu nome?

Nada fora dito, e então ele se virou e o Ele já não estava mais lá. Porém um pequeno papel fora deixado em cima da sacada. Ao lê-lo Charles quase pode ouvi-lo falando para ele.

*Tom.*

Até que fazia sentido pensou ele.

Houve uma ultima despedida com acenos, e os quatro seguiram para um lugar um pouco mais longe para poderem pegar um portal.

Seguia Charles, pois como você já sabe, ele tinha o melhor senso se direção, depois Guiminus, depois Grinbelone, pois como você sabe o primeiro tinha um maior conhecimento para instruir o

menino e o segundo estava em uma posição melhor caso precisasse reagir em um ataque, e depois Val, pois como você também sabe era a mais silenciosa.

Como não há mais necessidade de repetir seus últimos feitos em Glastonbury, não preciso também descrever como pegaram o portal, nem a cor da nossa última gota. Só direi que antes de pularem na última onda, Charles disse.

- Estamos perto de voltar pra casa Val.
- E o que acha disso, Cha?
- Acho que já estamos em casa.

## **Capítulo XXIV**

### **Um passeio no Lago**

*“...mas também gostam de pepinos e chuchus...”*

Tinham voltado a dois dias e os avós mal contiveram a felicidade quando os viram.

Os netos contaram tudo o que havia acontecido, apenas diminuindo com ênfase os fatos muito ruins, pois não queriam deixá-los muito preocupados, principalmente com a história de Val. Mas ainda bem que nem precisavam dizer muita coisa, já que estavam muito diferentes. Porém deixaram seus avós orgulhosos.

Iriam embora no dia seguinte, e havia uma promessa a ser cumprida.

- Vô, você prometeu nos levar ao lago. - Disse Charles.

- Vocês ainda querem ir nesse estúpido lago, mesmo depois de terem sofrido as mais maravilhosas aventuras?

E assim foram.

No caminho Charles pisara em algo que cortou sua sola do pé, mas fora o sangue não tinha nada demais. Continuaram.

Charles e a avó iam conversando sobre as plantas que ele havia visto e sobre aquelas que ali estavam. Os outros dois iam apenas em silêncio aproveitando aquele momento.

A menina estava muito cansada, e todos que havia conhecido não saíam de sua cabeça. Não sabia como ia continuar vivendo aqui sabendo que existe tanta coisa lá fora. A única coisa que a movia era que o Ele havia dito ao irmão; que talvez voltassem, aliás, devia ser muito provável, ela se convenciu.

- Chegamos.

O lago não era muito grande, mas estava cinza e gelado. Preferiram só ficar com os pés na água e fazer um piquenique perto das margens. Tinham esquecido que o Sr. Guminus faria uma falta imensa para seus avós, mas eles disseram que não havia com o que se preocupar, dariam um jeito. Logo os dois irmãos se questionaram se voltariam a ver seus avós depois de irem embora.

Quando estavam todos comendo alguns sanduíches aconteceu algo tão inesperado que Valquíria e Charles nem puderam imaginar.

Do outro lado o lago, uma criatura começou a sair das margens para fora. Ela estava de costas para eles, mas era o suficiente para todos saberem que não era um animal comum.

- Val, você está com o seu livro?

- Não comecem crianças...

- Estou, já ou ver. - Respondeu ela ignorando a avó.

Era do tamanho de Charles, azulada e magra. Parecia só ter olhos, nariz e boca, mais nada. Porém havia algo estranho com sua cabeça como se ela não fosse fechada em cima. Seu corpo era todo liso e viscoso, e o menino estava começando a sentir mais e mais nojo da criatura.

- É um Kappa.

- E?

- E que gostam de sangue, como um tubarão, - Foi então que eles olharam para o pé de Charles. Bom, mas também gostam de pepinos e chuchus...

- Droga, não temos nada disso.

- Pois é, e ah! Se você os cumprimentar eles abaixarão a cabeça, deixando...

- Um líquido viscoso cair e assim morrer. É, já me lembrei.

O demônio os viu e virou-se para eles e começou a vir em sua direção.

- Val você vai?

- Tudo bem.

- Não, não. Vocês ficam atrás de mim...

Os dois olharam para a avó com as sobrancelhas erguidas. Ela não podia falar sério... Ela cedeu.

Quando estava já a quatro metros, Val deu dois passos e antes que ele a atacasse se abaixou e o cumprimentou. Ele exibiu um sorriso e se abaixou também, derramando o líquido e depois desmontando no chão.

- Podíamos ter enfrentado estes em vez dos Grindylows. - Disse Val ironicamente.

Mas quando ela levantou os olhos para floresta, viu outra coisa e soltou um pequeno gritinho.

- Que foi Val? - Perguntou Charles.

- Nada, eu pensei ter visto... Nada.

Todos voltaram a comer, e Val sorrindo pensou no rosto que acabara de ver. Um rosto rosado, com brilhantes olhos azuis e um alto chapéu dobrado graciosamente na ponta, Ele colocou os dedos sobre os lábios e sumiu.

```
<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/"></a><br /><span xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dc:title" rel="dc:type">Uma Primavera Adiantada</span> by <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://hablandoconella.blogspot.com" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Barbara Ganizev Jimenez</a> is licensed under a <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/">Creative Commons Atribui&#231;&#227;o-Uso N&#227;o-Comercial-Vedada a Cria&#231;&#227;o de Obras Derivadas 2.5 Brasil License</a>.
```

## **Epílogo**

Há energias rodando nosso mundo, há forças o impulsionando. E ainda há, junto á tudo isso, pessoas. Não presentes em forma material, mas ainda sim guiando todos nós.

E assim o equilíbrio e paz voltaram a se estabelecer em todos os mundos, mas nenhum ficou para sempre, pois a paz não é eterna. Logo, só nos resta sentar e esperar para ver qual de nós terá que se responsabilizar novamente por uma nação inteira.

Coisas maravilhosas tendem a acontecer, se você acreditar.

